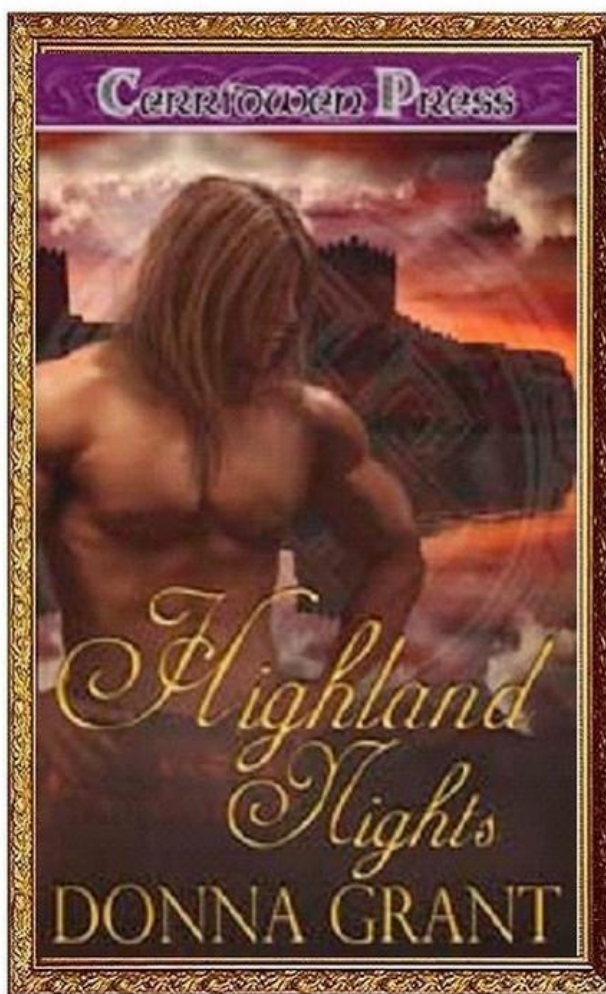
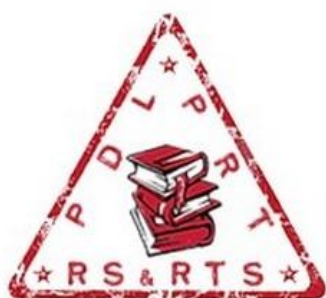
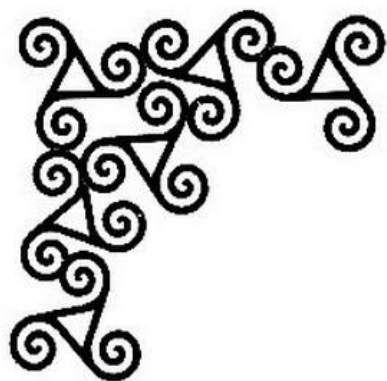
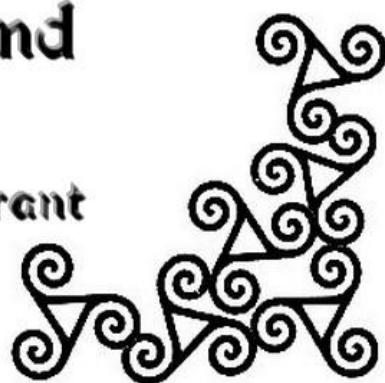




**Série Vale dos Druidas**

**02 - Noites em Highland**

**Por Donna Grant**







**Donna Grant**

**DRUIDS GLEN**



**HIGHLAND MIST** ( DEZEMBRO DE 2009 )


**HIGHLAND NIGHTS** ( OUTUBRO DE 2009 )
 


**HIGHLAND DAWN** ( MARÇO DE 2010 )

**SÉRIE REALIZADA EM PARCERIA:RS & RTS , PRT E PDL**



Pesquisa: Leniria Santos

Tradução: Safire

Revisão: Márcia de Oliveira

Formatação: Cátia Alencar





Um mercenário perseguido por um sinistro passado  
Gregor MacLachlan tem muito que ocultar. Não só tinha feito um nome  
em toda a Escócia como um mercenário, mas ninguém sabia a sua  
verdadeira identidade como o filho do MacLachlan Laird banido de sua  
casa. Gregor ficou satisfeito com sua vida, nunca confiar em nada e  
nunca em ninguém. Até que ele conheceu Fiona ....

Uma sacerdotisa Druida poderosa  
Fiona Sinclair depende de uma pessoa, ela mesma. Ela aprendeu cedo que  
ela estava sozinha no mundo, um mundo que teve suas irmãs e pais. A  
chamada para o Vale dos druidas ainda é forte e é responsável pela  
morte de seu pai. Há apenas um homem que pode ter certeza de chegar  
ao vale, mas pode pagar o preço que exige Gregor, quando isso significa  
deixar a sua liberdade e seu coração?

© Copyright May 2006, Donna Grant

Cover art by Eliza Black and Dan Skinner, © copyright May 2006

ISBN 1-58608-912-9

New Concepts Publishing

Lake Park, GA 31636

[www.newconceptspublishing.com](http://www.newconceptspublishing.com)



**Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, eventos, e lugares são produtos exclusivos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas ou eventos reais é simplesmente pura coincidência.**

Para Mamãe e Papai: Obrigado por me ensinar o amor à leitura e pelo fornecimento infinito de livros. Mas sobre tudo, obrigado por me dizer que podia fazer algo que tinha em mente.

E para Steve te amo, galã!



## Prólogo

Castelo Sinclair, Highlands  
Fevereiro 3, 1607

–Anda depressa – urgiu Fiona a sua irmã maior, Moira.

Moira se deteve e girou tão rapidamente que a chama da vela que sustentava por pouco alcança a Fiona na cara.

–Se não te calar volto para meu quarto e te deixo sozinha.

–Está bem. Prometo-te que não farei mais ruído, mas, por favor, anda depressa. Quero vê-la de novo.

«Ela» era o novo membro da família, um bebê que Fiona só tinha visto por um momento. Agora queria sentar-se e olhar o pequeno e precioso bebê tanto como quisesse. Não incomodaria a seus pais, seria mais silenciosa que um camundongo.

Tampouco lhe havia custado muito convencer a Moira para que a acompanhasse. Teria ido por sua conta, mas não gostava de andar pelos escuros corredores onde algo podia saltar sobre ela. Não é que tivesse passado alguma vez, mas nunca se sabe.

Moira se deteve de novo e a agarrou pela mão. Fiona passou diante dela. Moira não deixaria nunca de atuar como uma sabichona, mas Fiona não tinha tempo de averiguar que se propunha agora. Tinha um bebê que observar.

–Fiona, pare – sussurrou Moira ansiosamente.

Suspirou, esperando que Moira se desse conta que não tinha vontade de jogar.

–Que acontece?

–Ouvi algo, – murmurou Moira e levantou a vela sobre sua cabeça para iluminar um pouco mais o corredor.

Fiona esperou que acrescentasse algo mais, mas enquanto girava para continuar por volta do quarto de seus pais o ouviu também.

O choque de espadas.

–Algo está passando, – gritou Moira agarrando o braço da Fiona. –Vêem. Temos que ir ver nossa prima.

–Que tem que nossa irmã?

–Papai se encarregará dela e de Mãe. Vêem, – ordenou Moira e correu de volta a seu quarto.

Fiona a seguiu, sem fazer um só ruído enquanto corriam descalças. Mas ao alcançar seu quarto ouviram os gritos de suas primas. E a risada de vários homens. Não havia dúvida em sua mente infantil que suas primas não sobreviveriam essa noite.

Não viu como Moira se detinha e se escondia nas sombras, enquanto ela corria para seu quarto esperando poder ajudar a suas primas, até que Moira a empurrou para trás contra a parede.

–Temos que encontrar um lugar seguro, – sussurrou-lhe Moira.

–Não podemos as deixar.

–Recorda o que disse Papai, – disse Moira com urgência. –Devemos ir aos bosques. Agora.

Fiona não entendia por que uns soldados queriam machucar a suas primas, mas não pensou nisso enquanto Moira a arrastava. Não obedecer a seu pai não era uma opção. Manteve o ritmo de sua irmã até chegar à porta secreta que as levaria fora do castelo sem ser vistas.

Podiam ouvir inclusive na passagem os terríveis gritos e sons da batalha que tinha lugar na entrada do grande salão. Quando Fiona se cobriu as orelhas com as mãos e se deteve, Moira a pôs em movimento de novo com um puxão suave. Não voltaram a parar até que chegaram aos muros exteriores. Um lugar onde ninguém as encontraria.



Moira abriu a porta lentamente e olhou fora. Depois de um momento fez gestos a Fiona e correram para o esconderijo que seu papai lhes tinha mostrado em caso de que algo como isto passasse alguma vez.

Chegaram ao lugar, mas tudo no que podia pensar Fiona era em sua pequena irmã.

-Abandonamo-la, - gemeu.

-Não, - Moira sacudiu a cabeça vou voltar por ela.

Mas quando se girou para ir-se, uma sombra caiu sobre elas. Gritaram e ao olhar para cima viram o Cormag MacDougal, o velho amigo e confidente de seu pai.

-Têm sorte de que seja eu que lhes encontrou, - disse enquanto cravava sua espada no chão para limpar o sangue. - Devemos ir. Não há tempo que perder.

-Não, - disseram Fiona e Moira de uma vez.

-Devo ir a pelo bebê, - indicou Moira-. Cuida da Fiona até que volte, - disse e passou por diante do Cormag.

Fiona tentou seguir a sua irmã, mas os fortes braços do Cormag a rodearam.

-Não, pequena. Esperaremos a sua irmã.

Enterrou sua cara no pescoço do Cormag e começou a chorar enquanto esperavam a Moira. O tempo passou e Moira deveria ter retornado.

-Devemos ir, - disse ele, sua ansiedade evidente, inclusive para uma menina pequena como Fiona.

Então, um homem que Fiona só tinha visto uma vez apareceu e atravessou o claro. Era Frang, um homem que seus pais respeitavam e com o que falavam frequentemente.

-Não pode esperar mais, - disse Frang, em voz baixa enquanto olhava os arredores. Seu olhar se posou no Cormag. - leve a Fiona. Sabe o que tem que fazer.

Sem uma palavra mais Cormag girou e foi para seu cavalo.

-Não, - gritou Fiona enquanto se retorcia nos braços do Cormag. Não podia acreditar que sua irmã a tivesse abandonado.

-Shhh, pequena, - disse Cormag.

Ignorou-o e continuaram seus esforços por liberar-se. Sentiu-se aliviada quando conseguiu escapar. Correu para o castelo, mas Frang se interpôs em seu caminho. Agachou-se, e ela correu a seus braços.

-Por favor, - implorou enquanto a sustentava fortemente.

Ele pôs suas mãos sobre sua cabeça e disse umas palavras muito baixas como para que pudesse as ouvir, mas entrou em sonho. Então Cormag a agarrou em seus braços e montou em seu cavalo. Apoiou-a contra ele e Fiona tinha dificuldades para manter seus olhos abertos. Deixou de lutar e fechou os olhos, mas não dormiu.

-Depressa, - disse Frang-. Acaba-se o tempo.

-Como ocorreu?

-Não sei, mas temos que pôr às meninas a salvo. Encontrarei a Moira.

-Que acontece Duncan e Catriona?

Um comprido suspiro. - morreram e levaram o bebê.

-Santo Antonio, - amaldiçoou Cormag-. Sabe onde me encontrar. Mantereí a Fiona segura e a criarei como se fosse minha.

Não houve mais palavras enquanto Cormag açulava a seu cavalo. As lágrimas caíram pela cara da Fiona. Acabava de ter uma irmãzinha e já a tinha perdido. Alguém a tinha levado e matado a seus pais, mas como isso era possível?

E por que não havia tornado Moira como lhe tinha prometido? Como podia Moira havê-la esquecido?

## Capítulo I

Castelo MacDougal  
Terras Altas do Noroeste  
Junho de 1625

-Deve ser uma parva então. É a única explicação que me ocorre.

Fiona ignorou a Bridget, e tentou não pôr os olhos em branco enquanto caminhava em meio dos homens do clã MacDougal. Bridget constantemente colidia com qualquer homem que a percorresse com o olhar, e não entendia por que Fiona não fazia o mesmo.

Mas havia muitas coisas que Bridget não entendia.

-Além disso, continuo Bridget, - não é mais jovem. A quantos homens mais vais rechaçar?

O dia tinha começado tristemente nublado, e parecia que o humor da Fiona seguiria ao sol e ficaria detrás das nuvens. Girou-se e olhou a Bridget. Era bastante bonita com o escuro cabelo castanho avermelhado e os olhos sombreados de âmbar, mas os moços não emprestavam muita atenção.

Poderia ser porque se fazia completamente parva quando um homem estava perto dela. Justamente isso era o que tinha Fiona na ponta da língua para lhe dizer a Bridget, mas por que deveria dirigir sua irritação para a Bridget? Em lugar disso, Fiona se encolheu de ombros e seguiu passeando pelo muro exterior do abarrotado castelo.

-Não encontrei um homem de meu gosto, - mentiu. Não havia necessidade de explicar a verdadeira razão.

-Bom, é uma boa coisa que Tio Cormag te mime em excesso como gosta a ti. Minha mãe diz que ele e a Tia Helen deveriam ter insistido em que encontrará um marido faz tempo. Não deveria importar que não fosse sua verdadeira filha, - declarou Bridget antes de fazer gestos com as mãos e lhe gritar a um moço que a tinha sorrido na semana anterior. -Deve ser porque é a única menina que conheceram alguma vez, - disse sobre seu ombro.

O moço agachou sua cabeça e caminhou com rapidez fora da vista. Fiona não pensava que pudesse agüentar outra conferência sobre «Você deveria estar casada». Era a mesma coisa todos os dias, e não sabia por que se fazia isso a si mesmo. Mas não ia estar sentada como observadora e trazer outra intriga.

Retornava sobre seus passos de volta ao castelo, quando foi apanhada por um enxame de meninos que corriam diante dela. Foi tempo suficiente para que Bridget a alcançasse.

-Se só tentar com um pouco mais de força encontraria a alguém que te aceitasse, apesar de sua idade e dessa tua má língua.

-Bridget, - começou Fiona antes que seus olhos se posassem em um recém-chegado que tinha entrado cavalgando através das portas do castelo.

Em todos seus anos olhando aos homens de seu clã, nunca tinha visto um sentar-se tão comodamente em um cavalo, e com tal controle, como este desconhecido. Ele atirou ligeiramente das rédeas e o cavalo instantaneamente se deteve.

Olhou casualmente ao redor do muro exterior do castelo até que seus olhos vagaram pelo caminho. A respiração lhe entupiu no peito, e a decepção que a encheu porque não a tinha advertido a perturbou mais que Bridget e suas conferências. Logo seu olhar observador voltou com força para ela e a manteve arraigada ao lugar.

Durante um segundo, contemplou-a antes de continuar seu exame do muro exterior do castelo e seus ocupantes. Ela tinha a sensação que estava procurando algo, ou alguém, mas, além disso, estudava as pessoas.

Aparentemente satisfeito, o homem golpeio o cavalo com o joelho e se dirigiu para o castelo. Não tinha posto um kilt assim é que não sabia de que clã era, mas ela apostaria seu traje mais fino que era um Highlander, levasse kilt ou não.

Fiona deixou a Bridget que ainda continuava com seu acalorado discurso, e seguiu ao homem. Intrigava-a, indubitavelmente queria conhecer um homem que podia silenciar aos ocupantes do muro exterior do castelo tão rapidamente com sua mera presença. Inclusive os guardas estiravam seus pescoços para obter uma vista melhor do homem que emanava tal poder.

Acelerou o passo quando o desconhecido deteve seu cavalo antes dos passados do castelo e seu pai adotivo saiu dele. Chegou aos passos quando o desconhecido e seu pai chocavam os antebraços.

Suas palavras foram pronunciadas em um tom baixo e não pôde distinguir nenhuma delas. Estava a ponto de aproximar-se mais quando sua mãe adotiva lhe pôs uma mão no braço.

-Não, menina. Deixa-os ter um momento a sós, - disse quedamente, e quase com desalento. Seus olhos cinzas pelo general brilhantes continham tal tristeza que surpreendeu a Fiona.

Helen e Cormag a tinham criado como dela, e até onde sabia ela não recordava nada da noite em que seus pais foram assassinados e Moira a tinha abandonado.

E não lhes havia dito o contrário.

-Entra no salão, - disse Cormag, gritando o suficiente como para que o ouvisse. Fiona se girou para ele, e sua cara habitualmente jovial estava enrugada com a preocupação.

Seus olhos se transladaram até o desconhecido que tinha causado tal angústia em seus pais adotivos e ficou olhando fixamente, muda de assombro, ao homem ante ela. Quase lhe cai a mandíbula. Nunca tinha visto ninguém tão de aparência agradável.

Seu cabelo loiro pendurava folgado e ondulado justo mais abaixo de seus ombros exceto por duas tranças que foram das têmporas até reunir-se nas costas. As loiras sobranceiras percorriam diretamente por cima dos olhos tão negros como a asa de um corvo. Sua mandíbula estava oculta pela sombra de uma barba, mas Fiona podia ver sua boca larga, através do bigode cheio.

Habitualmente não era aficionada ao cabelo facial, embora a maioria dos homens os luziam, mas neste estranho era devastador. Pudessem ser também pelos músculos que se destacavam em suas pernas embainhadas em couro. O colete de couro e a túnica que vestia lhe permitiram ver seus largos ombros e os braços transbordando músculos e poder pelos anos de treinamento.

Arqueou uma loira sobranceira ante sua inspeção e sustentou a porta aberta para que ela entrasse. Fiona deixou que seus olhos o percorressem outra vez e notou a espada cruzada através de suas costas e o punho de uma adaga na parte superior de suas botas.

-Sente-se, Fiona, - disse Cormag. Seu pai adotivo nunca lhe tinha falado tão bruscamente antes, e se apressou a tomar assento ante a mesa do salão principal.

Quem quer que fora o desconhecido, fazia que a calma de ferro do Cormag se gretasse, e no mundo disso Fiona era suficiente para pô-la nervosa.

Para seu alívio, Helen se sentou a seu lado, mas foi a falta de criados o que a alertou que algo estava a ponto de ocorrer que provavelmente não gostaria.

-Fiona, - começou Cormag depois de esclarecê-la voz. -Este é Gregor. Veio para te levar a um lugar que legitimamente te corresponde.

Seu estômago caiu em picado a seus pés. -O que?

-Nós deveríamos ter dito isso faz muito tempo, - disse Helen enquanto as lágrimas baixavam livremente por sua cara.

Cormag levantou seus tristes olhos marrons para ela.

-Fiona, nós não somos seus pais.

Era isto todo o problema? – Sei. Soube-o sempre.

–Soube? –Helen e Cormag o disseram ao unísono.

Helen franziu a frente. – Nunca disse nada.

–Sei, – disse Fiona. Fizeram tal esforço para que parecesse ser sua filha e eu não tinha desejo de falar do que aconteceu, assim é que guardei silêncio.

–OH, pobre menina, – chorou Helen e enterrou sua cara em suas mãos.

–Independentemente disso, – continuo Fiona e olhou ao Gregor diretamente aos olhos,

–Não vou a nenhuma parte. Estou feliz aqui, e quero ficar.

Para seu assombro, Gregor não disse nenhuma só palavra. Em lugar disso, ele olhou para Cormag que parecia aturdido por suas palavras.

–Fiona, moça, sei que lhe mimamos. Devido a que não fomos bentos com meninos próprios, pensamos em ti como nossa menina.

–Sei, –disse-lhe–. E estarei eternamente agradecida. Não sei o que me teria ocorrido essa noite se não tivessem acudido.

–Foi tão pequena, –murmuro Helen. Nunca esperamos que recordasse essa noite. Tive medo da dor que te causaria se falava dela.

Fiona alcançou a mão da Helen.

–Não se preocupe por isso. Fui muito feliz aqui. Entretanto, não me parto.

–Foi sempre uma boa menina. Nunca tivemos nenhum problema contigo. Estou surpreso de que nos dê um agora. – Cormag se deteve e percorreu com uma mão sua cara–. Entretanto, deve ir com o Gregor.

–Não, – declarou brandamente e se levantou.

Gregor se reclinou e cruzou os braços sobre o peito. Não tinha sabido que esperar quando por fim alcançou as portas do MacDougal, mas não a esta moréia cheia de vida com resplandecentes olhos verdes. Ela tinha apanhado seu olhar enquanto examinava o muro exterior do castelo. Apanhou-o e sujeitou.

Tinha sido o traje verde que tinha posto. Sempre lhe tinha gostado do verde, e tinha querido vê-la mais de perto.

Tinha-o conseguido quando ela virtualmente correu até as escadas do castelo. Seu cabelo escuro pendurando até a metade das costas em uma grossa tranca, mas tinha sido os olhos verdes selvagens o que o tinha mantido cativo.

Quando finalmente tinha afastado o olhar de seus olhos, encontrou um nariz pequeno insolente, um queixo teimoso, e uns exuberantes lábios rosados. Seus olhos também notaram as curvas abundantes que o vestido acentuava perfeitamente. Nunca reparava em mulheres fracas. Gostava que suas mulheres tivessem curvas, e esta certamente as tinha.

Agora, enquanto estava sentado observando a pequena inundação de emoções que cruzavam a cara dela pela notícia que tinha que ir-se com ele, imaginou que seria realmente tentadora para qualquer homem. É obvio, a julgar por sua idade, provavelmente estava mais que casada, e se negou a pensar na desilusão que isto lhe causou.

–Sim, fará-o, –ordenou Cormag–. Não tem opção, moça. Ordeno-te que vá com o Gregor. Foi a promessa que fiz quando te trouxe conosco.

O fogo que faiscou nos olhos verdes quase trouxe um sorriso aos lábios do Gregor. MacDougal podia havê-la mimada, mas esse espírito era inato nela, tal e como estava em suas irmãs.

–E aonde, –disse com um olhar leve ao Gregor–, supõe-se que me levará? De retorno a minha casa?

Gregor se incorporou e falou pela primeira vez. –Ao Castelo MacInnes.

–Por quê? –Perguntou ao Cormag, ignorando totalmente ao Gregor. –Não me casarei com esse latifundiário ao que Gregor me leva, quem quer que ele seja. Disse-te que não quero me casar. Não tenho necessidade de um homem.

Cormag tossiu e dedicou ao Gregor um olhar envergonhado. Gregor inclinou a cabeça a um lado.

-Isso poderia ser difícil considerando que Laird Conall recentemente se casou.

-OH, -disse brandamente e lentamente se afundou em sua cadeira. -me diga por que tenho que lhes deixar?-Rogou a Helen.

Helen percorreu com o olhar o seu marido.

-Sabíamos que este dia chegaria. Estive-te preparando para isto.

-Moça, é seu destino, -disse Cormag, seus olhos misteriosamente chorosos. -Tem que ir.

Gregor sentiu como se entremetesse em uma discussão confidencial de família e desejava poder sair, mas Cormag havia dito que lhe queria ali. Um simplesmente não desobedecia a um poderoso latifundiário como Cormag, mas Gregor fazia as coisas a sua maneira.

-Deixarei vocês três sozinhos para que falem, -disse e começou a levantar-se, mas Cormag colocou uma mão sobre seu ombro.

-Tem que estar aqui, - disse ao Gregor-. Acredito que é melhor que saia com a Fiona imediatamente. A ameaça aumentou. Não tenho desejo de arriscar um encontro.

-Tão ansiosos estão de livrar-se de mim? - disse Fiona, sua voz tremendo de fúria e medo. Gregor queria explicar a necessidade de que eles tinham de partir longe, mas não era sua filha adotiva. Esse trabalho competia a Helen e Cormag. Mas o que importava uma noite mais?

Tinha cavalgado rápido e duro para chegar aqui, retrocedendo para assegurar-se de não estar sendo seguido, e tomando várias rotas diferentes para confundir a qualquer sobre seu destino. Embora não necessitava o descanso, ficaria uma noite pelo bem da Fiona.

Pelos Santos, teria que fazer algo com respeito a esta generosidade repentina que tinha surto em sua vida. Tinha estado bem até que Conall lhe tinha devotado sua amizade, e Glenna recordará a sua irmã morta.

Neste momento, Fiona brigava com a Helen e Cormag, e Gregor sabia que era o momento de entrar.

-Sairemos ao amanhecer. Tem hoje e a noite para te preparar, -disse a Fiona e rapidamente caminhou fora para ver seu cavalo.

Tinha que deixar o castelo e respirar um pouco de ar fresco para limpar a cabeça. Quem sabe o que terminaria dizendo se ficava outro momento. Arranhou os cabelos da barba sobre sua cara. Necessitava um banho e uma barbeada.

Encontrou seu cavalo justo onde o tinha deixado. Morgane, tinha encontrado a égua branca quando era potra e a treinou ele mesmo, em um princípio tinha sido um presente para sua irmã, mas depois de sua morte tinha conservado a égua. Com um assobio suave chamou o Morgane. Trotou até ele e lhe seguiu ao celeiro. Encontrou um posto vazio a suas costas e tirou a cela. Depois de alimentá-la com grão, deu-lhe uma boa massagem.

Pensou no Conall e Glenna e seu amor recém descoberto. Gregor tinha aprendido mais sobre os Druidas, o Fae, e inclusive de si mesmo do que nunca pensou possível no Castelo MacInnes e o Vale dos Druidas.

Quem tivesse adivinhado que se encontraria em posição de fazer uma eleição entre o bem e mau, e que realmente elegeria o lado do bem?

Foi-se do Castelo MacInnes por umas duas semanas, e já sentia saudades a magia que o rodeava. E, se fosse sincero consigo mesmo, admitiria que ansiava ter uma família própria depois de estar ao redor do Conall e Glenna.

Talvez inclusive se aventuraria para sua casa outra vez. Talvez sua família lhe daria a bem-vinda, e talvez seu pai lhe perdoaria.



-A quem estou enganando? Ainda sou um monstro, e escolher o lado bom um tempo não troca o que sou, -disse enquanto recostava a cabeça no pescoço do Morgane. -Sou justo o que meu pai me disse que era. Malvado até a medula.

## Capítulo 2

Gregor se perguntou que pensaria seu anfitrião se preenchia com uma mordaca a boca de sua sobrinha. A moça não tinha deixado de falar do momento em que se sentou a seu lado, e pelo pequeno sorriso na cara da Fiona se deu conta de que ela era responsável por onde o sentaram.

Reprimiu um gemido quando a mão do Bridget tocou seu braço e deixou escapar uma risada estridente. –OH! –exclamou–. Tem os braços tão grandes. Arrumado que são realmente forte.

–Aparentemente muito forte. Pois não estou espremendo seu pescoço.

–Nunca antes tinha visto ninguém de aparência tão agradável. O que precisa fazer uma mulher para obter sua atenção?

–Quererá dizer além de manter a boca fechada?

Outra risada nervosa.

–Fiona nos vigia, mas não precisa se preocupar com ela. Muitos homens pediram sua mão, mas os rechaçou a todos. É evidente que há algo mau nela, –disse em um sussurro.

Gregor olhou ao teto. –Que alguém me salve.

–Freqüentemente me perguntei sobre a Fiona. Ela se mantém à parte.

–Desejaria que fizesse o mesmo.

–aonde a levam? Ninguém me há isso dito. Arrumado que a um convento, não é assim?

–Talvez aí é onde você deveria tomar um voto de silêncio.

–Manter a boca fechada é a melhor coisa que se pode fazer.

–É-o, –disse, aumentando os olhos.

–Acredito que é o melhor. Está-se voltando uma vergonha para os MacDougal. Não me posso imaginar a alguém de sua idade não casada. Isso não é normal.

–O que não é normal é o ritmo ao que se move sua boca. Não a fecham alguma vez?

Bridget estava a ponto de lançar-se a uma nova ronda de bate-papo quando Cormag a interrompeu.

–Basta, Bridget. Acredito que falaste muito aos ouvidos do Gregor.

–Mas, Tio, ele é tão interessante, –exclamou e agitou as pestanas.

–Tem algo nos olhos, Bridget? –perguntou Fiona, com uma expressão de inocência na cara.

Gregor tossiu para ocultar a risada e girou sua cara do Bridget.

–Claro que não, –respondo Bridget. –Possivelmente em realidade se falasse com os homens é possível que encontre a alguém que te interesse.

–Basta! –disse Cormag um pouco mais forte. –Parte a sua antecâmara, Bridget. Devemos falar.

–Falarei com você mais tarde, –murmuro Bridget no ouvido do Gregor enquanto se levantava de seu assento.

Não pôde ocultar um suspiro quando Bridget se retirou. Seu não tão evidente tentou para ganhar sua atenção lhe incomodou como nada mais pôde fazê-lo. Finalmente, podia comer em paz. Seu olhar se encontrou com a Fiona e em lugar do sorriso que pensou que teria, via-se pensativa e um pouco preocupada.

E não foi até que olhou para o Cormag e Helen quando o entendeu. Helen logo que havia comido sua comida, e Cormag só a movia ao redor fazendo sulcos.

Cormag posou lentamente a taça. – Bridget esteve conosco há quase um ano. Minha irmã e seu marido tinham a esperança de que pudesse encontrar um matrimônio aqui.

Gregor inclinou a cabeça, mas sabia que Cormag realmente não tinha desejo de debater sobre o Bridget. Estava adiando a tarefa de fala com a Fiona tudo o que podia.

Por um comprido momento a sala permaneceu em silêncio. Os ouvidos de Gregor ainda soavam do barulho constante da Bridget, mas seus olhos vagaram pelos ocupantes da mesa.

-Fiona, o que recorda da noite em que seus pais morreram? -Perguntou Cormag finalmente.

Os olhos verdes baixaram. -Moira e eu deixamos o castelo e nos escondemos onde Dá nos tinha mostrado.

Moira voltou por nossa irmã recém-nascida. Você veio e esperamos a que retornasse, mas ela nunca o fez.

-Nunca perguntou por suas irmãs-, disse Helen.

Mas Fiona continuou como se não a tivesse ouvido. -Moira nunca voltou, e você me levou para longe.

-É isso todo que recorda? -perguntou Cormag impientemente.

-Recordo ao Frang dizendo que me levasse contigo.

-E quando ele o fez, prometi-lhe te manter segura e te devolver quando chegasse o momento.

Gregor se recostou, intrigado pela história. Tinha ouvido a parte da Glenna, mas nunca tivesse imaginado algo assim.

-Esse momento chegou, -disse Helen, sua voz apenas por cima de um sussurro-. Ensinei-te tudo o que sei dos Druidas e da profecia. Estará preparada.

-Assim é que ela sabe, disse Gregor antes de pensá-lo.

Os olhos verdes da Fiona resplandeceram com fúria. -Sei que sou uma Druida. Sei que tenho um papel na profecia. Por que me ocultariam isso?

Encolheu-se de ombros e cruzou os braços sobre o peito.

-Para que estou preparada? -Perguntou a Helen.

-Para o MacNeil, - Cormag quase cuspiu o nome. -É o homem que matou a seus pais. Ele é parte da profecia.

Gregor tinha que fazer honra a Fiona. Mantinha-se firme nestas circunstâncias, e estava muito agradecido que não se pôs a chorar ou armasse uma careta.

-MacNeil, - repetiu, seus olhos sobre a mesa-. Levou a minha irmã recém-nascida. Recordo ao Frang te dizendo isso. A profecia não diz nada sobre meus pais. Por que os mataram?

Gregor esperou que Helen ou Cormag lhe respondessem, mas estavam ocupados reconfortando-se um ao outro.

-MacNeil veio para te matar a ti e a suas irmãs essa noite.

-Teve êxito em matar a uma de nós. - Seus olhos verdes se elevaram para encontrar-se com ele.

-Realmente, não o fez. As duas garotas que dormiam em sua câmara foram assassinadas, e ele pensou que eram você e Moira. Só recentemente tem descoberto a verdade.

-Está me dizendo que minha irmã recém-nascida sobreviveu? -Perguntou, elevando a voz.

-Sim.

Seu peito subiu e baixou quando sua resposta ecoou nela.

-E onde esteve todo este tempo?

Gregor se inclinou para frente para pôr os cotovelos sobre a mesa enquanto a estudava mais estreitamente. Repugnava-lhe lhe dizer a seguinte parte.

-Com o MacNeil.

-Pelos Santos, - Cormag vaiou enquanto Helen chorava mais forte.

As mãos da Fiona tremeram enquanto tratava de alcançar sua taça e Gregor não a podia culpar. Se Helen e Cormag lhe haviam dito a metade do mal que residia no MacNeil, então tinha todo o direito de estar preocupada.

-Seu nome, -disse depois de beber da taça. -Qual é? -Os olhos do Gregor sacudiram com força a Fiona.

-Glenna. Seu nome é Glenna.

-Casou-se com o homem que é o Laird do castelo ao que me quer levar?

-Sim. - Não perguntou como sabia. Era uma Druida depois de tudo.

Começou a mexer no vestido e baixou os olhos.

-É... é ela... feliz?

-Muito.

Lentamente seus olhos se elevaram até ele.

-Não aconteceu um dia em que não tenha pensado nela e no que aconteceu. Sempre assumi que sofreu a mesma sorte que nossos pais.

-Não posso acreditar que não sabia, -disse ele-. Não lhe disse isso Moira?

Ela se levantou e olhou encolerizadamente fazia ele de acima, seu corpo inteiro tremendo com fúria reprimida.

-Não diga esse nome em minha presença outra vez.

Ele se levantou e a enfrentou.

-Isso vai ser bastante difícil já que é ela quem me enviou para te recuperar.

-O que? -Seus olhos se dirigiram para o Cormag-. Como sabia ela onde estava?

Cormag continuou sustentando a Helen. -Sempre o soube. Blefamo-nos muitas vezes ao longo dos anos.

A cólera se esfumou dela para ouvir isto. Piscou precipitadamente enquanto lentamente assentia com a cabeça. Depois de alguns momentos, voltou-se e se afastou da sala.

Gregor a olhou partir. A declaração do Cormag a tinha afetado muito, e só podia adivinhar como se sentia inteirar-se que um irmão maior sabia onde estava em todo momento, mas nunca a tinha visitado. Devia ser um golpe fatal para um coração.

Essa podia ser a razão para que Fiona tivesse tal ódio para a Moira?

\*\*\*\*

Fiona entrou andando em sua antecâmara e só pôde olhar fixamente as paredes que tinham sido suas durante uns vinte anos. Enquanto a maioria das mulheres desejava deixar suas casas e formar um lar próprio, ela se tinha regozijado da segurança do amor dos MacDougal. Sabia que eles não podiam deixá-la porque tinham que dirigir ao clã.

Seu olhar foi à deriva pela tapeçaria floral que pendurava na parede ao lado de sua cama. Ela e Helen fizeram essa tapeçaria juntas, e encontrou que tinha um talento natural para isso.

Caminhou até a cadeira e a mesa colocada diante da chaminé. Frequentemente se sentava aí e recordava como podia ter sido sua vida se seus pais não tivessem sido assassinados. Sua mente também tinha pensado muitas vezes em sua irmã bebê e o que tinha sido dela. Teve o mesmo destino que seus pais, ou tinha sobrevivido de algum jeito?

Ao menos agora sabia.

Com um suspiro, girou-se para a cama. As cortinas de vermelho sangue penduravam ao redor da cama. Amava tudo nesta antecâmara e desejava com todo seu coração não ter que deixá-la.

As lágrimas picavam detrás de seus olhos, mas não as deteve já mais. Cormag tinha deixado claro que tinha que ir-se com o Gregor, mesmo que tivesse que atar a um cavalo. Helen tinha tratado de lhe dizer que esse era seu destino, mas Fiona a tinha deixado fora, negando-se a escutar.

Todos esses anos tinha pensado que estava a salvo, que seus pais adotivos não podiam abandoná-la, mas o que não tinha pensado sobre eles era que foram fazê-la sair.

Durante anos, brincava consigo mesma por pensar que seu medo pelo abandono tinha diminuído, mas tinha descoberto hoje que esse não era o caso. O medo ao desconhecido a assustava, mas o pior era a possibilidade de encontrar-se com a Moira. Haviam-lhe dito que fizesse a bagagem, mas não acreditava que Gregor encontrasse gracioso descobrir que tinha recolhido sua antecâmara inteira. Conformaria-se com umas poucas vestidas e a tapeçaria, mas não queria pensar nisso agora mesmo. Tinha muita dor por dentro para alguma coisa fazer sentido.

Apartou a um lado as cortinas e subiu à cama. Era sua última noite aqui, e não a arruinaria com palavras daninhas às pessoas que a tinha criado como sua própria filha. Por amor a eles obedeceria, mas ia voltar.

Nada de lágrimas, pensou enquanto o som de uma estremecedora melodia de gaitas de fole a alcançava.

-Nada de lágrimas.

Mas um fluxo constante de umidade se arrastava por suas bochechas e seu pescoço.

\*\*\*\*

-Está seguro de saber aonde se dirige Gregor?

A Sombra grunhiu e se girou para o MacNeil.

-É obvio. Não te dirigi incorretamente ainda.

-Cada rastro que recolhemos do Gregor conduziu a um beco sem saída. Diria que nos faz conduzido mal muitas vezes.

A Sombra riu.

-OH, tem muito que aprender. Sabia o que estava fazendo Gregor. Simplesmente o seguiu para lhe fazer pensar que nos tinha enganado.

-Hmm, -disse MacNeil e se esfregou o queixo Barbudo. -por que não me confiou isso ?

-Não havia necessidade. Não até que averigüei seu verdadeiro destino.

-E como obtive isso depois de todas estas semanas?

A Sombra riu outra vez. -dormiu. Simplesmente visitei seus sonhos.

-Como sei que não memorei outra vez?

-Nunca te mentiria, -disse A Sombra sem incomodar-se em ocultar o sarcasmo de sua voz.

MacNeil atirou com força das rédeas e o bocado raso a delicada pele da boca do cavalo.

-Tratou de matar a Glenna quando sabia que ainda tinha necessidade dela. Prometeu que não a danificaria.

-Isto não se trata da Glenna, e deveria te dar conta disso. Se quiser sobreviver à profecia um deles deve morrer. -Mentiu facilmente. MacNeil nunca sobreviveria à profecia. Tinha sido ridículo quão fácil era conduzir ao MacNeil para uma mentira.

As mãos da Sombra lhe picavam por retorcer o fraco pescoço do incompetente MacNeil. Era uma lástima ter a necessidade de utilizar ao idiota para cumprir seu destino.

-Se tivesse matado às garotas quando matou aos pais isto não seria um problema, -continuou pondo uma ceva ao MacNeil. -E meus planos para liderar a magia e reger a Escócia não estariam em perigo.

MacNeil outra vez sacudiu com força as rédeas fazendo que seu cavalo se levantar em duas patas e desse coice ao ar com suas patas dianteiras. -Diz que é minha culpa que o castelo do Conall não caísse, mas você não pôde matar a Glenna. Sem mencionar as incontáveis vezes que pôde matar violentamente a Moira, mas não o fez. Agora, vagamos por toda a Escócia para matar à outra.

Em um abrir e fechar de olho, A Sombra voou sobre seu cavalo e sujeitou ao MacNeil no chão com uma mão ao redor de seu pescoço. Os olhos do MacNeil se sobressaíram enquanto tentava empurrar a mão ao redor de sua garganta.

-Não me tente, -burlou-se a Sombra enquanto liberava seu agarre. -A coragem de seus homens pende de um fio. Facilmente poderia assumir o mando.

MacNeil o apartou.

-Necessita-me. Se morrer, então você também. -Ele se levantou e se sacudiu o pó completamente. -E embora possa te sentir tentado de me matar, não o fará.

-Não esteja tão seguro, -vaiou a Sombra e apartou a um lado a larga capa negra para montar em seu cavalo. -Crie que sabe muito, MacNeil, mas sabe menos que nada.

-Te apresse, - gritou a Sombra-. Quero estar no castelo do MacDougal ao amanhecer.



### Capítulo 3

Gregor parou em meio da habitação, inclinou sua cabeça para um lado e fez soar seu pescoço. Finalmente tinha se levantado antes que o sol alcançasse seu ponto máximo sobre o horizonte, e não estava em seu melhor humor.

Uma vez mais o sonho o tinha evitado, e tudo porque a música das gaitas de fole o tinha atraído fora do castelo à noite passada e tinha evocado as lembranças de seu clã.

Caminhou do castelo para o celeiro para ver o Morgane. A égua sempre o acalmava. Com seus pensamentos enredados em sua família e a pesada carga de devolver a Fiona ao Vale dos Druidas, ele necessitava um momento de paz.

Enquanto lhe falava com a égua, imaginou os verdes olhos da Fiona cintilando de ira. A viagem de volta para o Conall não seria fácil, e se Fiona era um pouco parecida com a Glenna, e pelo que tinha visto assim era, então ele estaria muito ocupado.

A tranquilidade do pátio se assentou a seu redor como uma névoa espessa enquanto conduzia ao Morgane fora do celeiro. Era a mesma calma que quando tinha sido banido de seu clã, e aquela lembrança era como uma pedra no oco de seu estômago.

Levantou seus olhos e explorou as caras da gente reunida no pátio. Eles tinham vindo a se despedir da Fiona, e sua devoção era evidente pela grande quantidade de gente e seus olhos tristes.

-Cuida-a.

Gregor se girou para encontrar ao Cormag a seu lado.

-Farei-o. Moira pedirá minha cabeça se algo lhe ocorrer.

-Sim. Deve ser muito capaz para que Moira te enviasse.

Gregor não se incomodou em lhe dizer ao Cormag que tinha sido o único disponível. Em troca, assentiu com a cabeça e esperou que Helen e Fiona o alcançassem.

Fiona não lhe deu nem uma olhada quando se parou ante seus pais adotivos. Cormag abriu seus braços e entrou precipitadamente neles.

-Te cuide, moça. Sempre será bem-vinda aqui.

-Não me faça ir, -pediu uma vez mais.

-Deve fazê-lo. Voltará a nos visitar antes que te dê conta, -acrescentou ele com um sorriso enquanto a tirava de seus braços.

Ela se deu volta para a Helen e a mulher mais velha rompeu em lágrimas enquanto compartilhavam um abraço.

-Abre seu coração e te regozije por isso, Fiona, -disse ela e limpou as lágrimas de sua cara-. Recorda que foste benta com poderes por uma razão.

Sem outra palavra, Fiona montou seu cavalo e silenciosamente esperou por ele. Gregor saudou brevemente a Helen e Cormag antes de montar. Eles acabavam de girar seus cavalos para a porta quando um chiado agudo alcançou seus ouvidos.

-Adeus!, - Bridget saudou das portas de castelo. -Espero com impaciência lhe ver outra vez, Gregor.

-Não se posso evitá-lo.

Fiona riu profundamente desde sua garganta. -Acredito que encontrou uma admiradora.

Gregor deu um toque com seus talões no Morgane e trotou diante da Fiona.

-Preferiria comer terra.

Esta vez a risada da Fiona se derramou sobre ele como raios de sol durante um dia frio de inverno. Francamente, não gostou daquele sentimento. Isto só reforçou seu medo, de que estava começando a preocupar-se outra vez.

E isso não podia passar.

Ele se acomodou na cadeira e se concentrou no comprido caminho que tinham por diante. Na única coisa que rechaçou pensar era o fato que eles estavam muito perto da terra de sua família.

Era muito doloroso e trazia lembranças longamente enterradas, que era melhor esquecer.

Jogou uma olhada sobre seu ombro e viu que Fiona ficava atrás. Então aquela misteriosa sensação que tinha quando algo estava a ponto de passar o assaltou. E soube.

Apesar de que tinha tentado evadir a qualquer seguidor de seu destino, MacNeil os tinha encontrado. A viagem ao Vale dos Druidas muito bem podia lhe custar suas vidas.

-Devemos alcançar a casa do Conall logo, - disse e tratou de fazer que sua voz soasse tão casual como era possível. - Não devemos desperdiçar o tempo.

-Desperdiçar o tempo? - cuspiu ela. -me perdoe se esbanjar o tempo, mas estou abandonando minha casa que possivelmente não volte a ver nunca mais. Acredito que pode me mostrar um pouco mais de compaixão. Olhe, - disse ela enquanto parava sua égua-. Não é um lugar formoso?-perguntou e olhou para trás ao lugar que tinha sido sua casa.

Gregor fechou seus olhos apertando-os e atirou das rédeas. Morgane se deteve e sacudiu sua cabeça com agitação. A égua sentia sua urgência e não entendia por que se detiveram. Ele aguardou até que Fiona chegasse a seu lado antes de alcançá-la e agarrar suas rédeas.

-Lamento que tenha que deixar aos MacDougal. Posso entender o que sente, mas suas irmãs lhe necessitam.

Soprou de modo muito pouco elegante. -Não acredito isso nem por um momento. Moira nunca necessitou a ninguém mais que a si mesma. Se pudesse fazer isto se por acaso mesma ela o faria.

O aborrecimento que enlaçavam suas palavras o surpreendeu, mas não era o momento de perguntar a respeito da Moira. Em troca ele acariciou o pescoço de sua égua.

-Compreendo-o.

Os olhos verdes da Fiona se cravaram nos seus.

-De verdade? Por que será que não te acredito? Como pode você ter a possibilidade de saber como se sente que sua família te faça deixar seu lar? -perguntou ela e empurrou brandamente seu cavalo para frente.

-Estaria surpreendida, - disse ele entre dentes. Esta ia ser uma viagem muito, muito comprida. Não a culpava por estar irritada. Diabos faria muito mais se alguém o fizesse deixar sua casa.

Alcançou-a quando chegaram a uma bifurcação no caminho. Sem vacilar ele virou à esquerda para as montanhas. Sufocou uma risada quando a ouviu suspirar e também soube que ela tinha branqueado os olhos.

-O que está fazendo? -perguntou ela-. Cormag me disse que a casa do Laird Conall estava ao oeste. Não seria mais fácil tomar o caminho à direita e nos aventurar através das terras do MacLachlan e MacAllister?

-Não.

-Não? -repetiu ela-. É essa a única resposta que vai me dar?

Soprou enquanto se aproximava. Não tinha passado ainda muito tempo, e ele já queria arrancar o cabelo.

-Essa é a única resposta que conseguirá, - disse ele sobre seu ombro.

-Bem, exijo mais. Está nos levando às montanhas, o caminho é comprido, e penso que deveria me dar uma razão. Sobre tudo depois de informar a Helen e Cormag a respeito da urgência.

Ele tinha tido o bastante. Com um puxão de seu dedo girou ao Morgane para confrontar a Fiona.

-Vai por este caminho porque este é o caminho pelo que eu vou. Esta é a única razão que você necessita.

Fiona olhou airadamente ao Gregor. Soube que estava deliberadamente evitando lhe dizer por que tinha escolhido esta rota, e ela não sabia que a agitava mais. O fato que recusava lhe dizer ou que ela ia ter que viajar pelas ásperas e perigosas montanhas.

Um olhar a seus olhos negros e soube que não ia obter nada mais dele. Enquanto esteve onde MacDougal ele tinha mostrado a paciência do Jó, exceto que ela tinha visto o profundo e arraigada desespero em seus misteriosos olhos.

Mas aquela tristeza não era o que tinha vislumbrado fazia um momento. Tinha sido a mais diminuta insinuação de cólera em que de outra maneira tinha sido um olhar terminante. Gregor podia ser capaz de enganar a outros, mas era uma Druida e podia ver coisas que outros omitiam.

Pulsou a sua égua e a mandou a trotar depois do enfurecido homem. Já tinham começado a ascensão das montanhas. Ela agarrou forte a sua égua e rechaçou olhar para baixo quando escutou o salpicar de rochas enquanto estas caíam.

Viajaram em silêncio por um momento. Não tinha nada que dizer e lhe rogar que a levasse a casa cairia em ouvidos surdos. Começou a perguntar-se se ele se dava conta que ela ainda o estava seguindo.

Alcançaram o topo de uma colina e ela se voltou para dar um último olhar a sua casa quando divisou a fumaça.

-Gregor, - chamou-o.

Em um instante ele esteve a seu lado. - É onde MacDougal.

-Devo lhes ajudar.

A mão do Gregor agarrou seu braço dolorosamente.

-Confia em mim, Fiona. Você não quer ver o que passa aí e isto só aumenta nossa necessidade de alcançar ao Conall.

Ela liberou seu braço de um puxão.

-Nego-me a ficar sentada enquanto meu clã está em apuros. Fique aqui se deve, mas eu não o farei.

Ela movimentou sua égua e a levou galopando caminho abaixo.

Gones eram suas preocupações mais prematuras do que morrer desabando-se sobre as rochas dentadas enquanto ela corria com sua égua descendo pela escarpada costa. Tudo o que lhe importava era alcançar a única família que conhecia. Sua égua tropeçou, mas rapidamente se corrigiu e seguiu sua carreira precipitada para o castelo. Para seu prazer alcançou a base do penhasco mais rápido que quando o tinha subido. Uma vez que os pés de sua égua tocaram a terra plana, Fiona se inclinou sobre o lombo do cavalo e o esporeou a uma carreira.

O castelo entrou em sua visão e ela ofegou pelos muitos homens que invadiam seu clã. Ela virou bruscamente para passar pelas portas quando uma mão a alcançou e arrebatou as rédeas de suas mãos. Não deveria ter estado surpreendida de encontrar ao Gregor a seu lado.

-Quer conseguir que lhe matem?-Cuspiu com os dentes apertados.

-Quero ajudar.

-Como pensa que ajudará? Olhe ao redor. Não há muito que possa fazer.

-Não tenho medo de morrer, - ela exclamou e se deslizou da égua.

Fiona ouviu os passos do Gregor detrás dela. Recolheu suas saias e se lançou à porta de poterna na parede de cortina. Acabava de abrir a porta quando ele a deteve.

-Fará que lhe matem.

-Talvez, mas devo ver se posso fazer algo.

Ela olhou como ele lutava contra algo antes de finalmente ceder.

-Bem. Mas quando disser que temos que nos partir, partimo-nos.  
Sorriu-lhe e se precipitou pela porta. Com a ajuda do Gregor, conseguiram chegar ao castelo sem ser descobertos. Rapidamente, conduziu-o dentro do castelo através das cozinhas.  
Alcançaram o salão principal e se Gregor não a tivesse atirado para trás ela teria deslocado para um soldado inimigo.  
-De que clã são eles? -sussurrou ela.  
-MacNeil, - sussurrou em seu ouvido.  
-Por quê?  
-Isso não importa, disse.  
-Exijo que me diga isso.  
-Bem, já que você o exige, direi uma pequena quantidade de conhecimento. MacNeil está aqui por ti. Para te matar.  
Sua mente se negou a acreditar que ele tivesse conseguido encontrá-la tão rapidamente depois de todos estes anos.  
-Você as conduziu até aqui?  
Ele a fez girar para confrontá-lo.  
-Nunca, é meu dever me assegurar de que ele não. Eu nunca deveria ter deixado você chegar tão longe. Devemos voltar para os cavalos agora. Não posso deixar que nada te passe.  
Esteve a ponto de ir com ele quando ouviu um ruído de algo se rompendo e insultos vindo do salão. Escapou das mãos do Gregor e olhou com cuidado pela esquina.  
-Não, - veio um sussurro a seu ouvido antes que grandes mãos cobrissem seus olhos. - Você não quer ver isto.  
Mas ela já o tinha feito. Sangue. Muito sangue estava derramado sobre o piso do salão que Helen sempre mantinha imaculado.  
-Vêem, - Gregor murmurou com urgência.  
Quando eles se giraram para voltar sobre seus passos encontraram o caminho bloqueado por quatro soldados MacNeil.  
-Há outro caminho?  
Assentiu e correu por um corredor. Gregor ficou detrás dela, e embora ela não o admitisse alegrava-se de que estivesse a seu lado.  
Alcançaram o lado do salão, oculto à vista por uma tapeçaria, quando ela ouviu o bramido de dor.  
-É Cormag,- disse. Deu-se a volta suplicando ao Gregor com o olhar.  
Fechou os olhos e resmungou algo pelo baixo a respeito da Moira e seu contrato antes de assentir com a cabeça. Ela correu para o som do grito de dor e entrou em contato com um soldado MacNeil. Antes que o soldado pudesse alertar a alguém de sua presença Gregor já tinha talhado sua garganta.  
Ela observou ao soldado morto cair ao chão quando Cormag gemeu outra vez.  
-Está no solar. Conheço um caminho pelo que eles nunca nos verão.  
Gregor deu uma cabeçada rápida e seguiu. Apressou-se pelo labirinto de corredores até que chegou ao lugar. Deu-se a volta e olhou ao Gregor antes de apoiar-se contra a parede.  
-Vêem, - Disse ela antes que a parede girasse.  
Se a situação não tivesse sido tão horrível ela poderia haver rido de sua expressão incrédula. Em troca, só teve que esperar um momento antes que seguisse seu exemplo e estivesse parado ao seu lado no escuro passadiço.  
O passo era muito estreito e com ele agora a seu lado, Fiona não podia menos que notar a dura masculinidade de seu corpo. Irradiava poder e autoridade com um pouco mais que um olhar ou um toque. Sua pele se acalorou quando a mão do Gregor tocou sua cara, logo seu pescoço.

-Onde estamos? -sussurrou ele enquanto sua mão agarrava seu ombro.

Esteve agradecida de distrair sua mente do corpo dele.

-Aos antepassados do Cormag gostavam de construir estas passagens secretas por todo o castelo. Encontrei muita delas, mas estou segura de que há muitos mais que não cruzei.

Grunhiu em resposta, o que fez que ela sorrisse abertamente.

-Fique perto de mim. Tenho que sentir meu caminho por estes passadiços, e não quero que chegue a te perder.

Quando lhe havia dito que ficasse perto ela não tinha esperado que se moldasse ao longo da parte posterior dela, nem de pôr sua mão ao redor de sua cintura. Nunca um homem tinha estado assim de perto, e o fato que desfrutasse disso a incomodou enormemente.

Ela se concentrou em sentir seu caminho pela passagem tão rapidamente como foi possível. Encontrou o ponto onde a parede do passadiço girava repentinamente à direita, e onde tinham que seguir para frente.

Estava surpreendida de que Gregor não a tivesse questionado. Agradecidos, chegaram ao final. Tão silenciosa como sempre, a porta de madeira se balançou para eles para revelar outra das maciças tapeçarias da Helena.

-Esta é uma das primeiras passagens que encontrei, e Helena esteve de acordo em esconder a porta com esta tapeçaria.

-Me alegro que o fizesse -disse Gregor e a empurrou detrás dele.

Permitiu-lhe a primeira olhada.

-Está espaçoso no momento. Cormag está ali, mas...

-Sei, - disse e tragou com força. Ela não sabia o que esperava encontrar, quando apartou a tapeçaria para olhar, mas não era encontrar ao Cormag trespassado sobre uma prateleira onde lhe tinham deslocado os ombros de seu lugar.

O sangue manchava a camisa em seus ombros, e tudo o que pôde fazer foi não correr para ele. Gregor deve ter sabido o que ela poderia tentar porque suas mãos rodearam sua cintura.

-Cormag, - sussurrou ela.

Sua cara machucada e sangrenta estava girada para ela. Abriu um olho apenas um pouco devido ao dano. Seu outro olho estava fechado, selado com o sangue.

-Moça? É você? O que está fazendo aqui? -perguntou antes de tossir sangue.

-Vim para ajudar.

-Deve partir. Toda Escócia depende de ti. Onde está Gregor?

Foi empurrada a um lado enquanto Gregor se movia ao redor dela.

-Aqui.

-Você, homem tolo. Tira a daqui. Ele veio por ela.

-Sei. Partimo-nos agora.

Mas Fiona não tinha terminado. Apartou ao Gregor e correu ao corpo moribundo do Cormag. As lágrimas que ela não podia controlar corriam por sua cara.

-Não vá, - pediu.

-Ah, moça, - disse. -Sempre estarei contigo. Agora, vete assim você poderá salvar a outros clãs desta destruição.

-Não, - chorou ela e tratou de sustentá-lo, mas os braços do Gregor a rodearam.

-Tira-a, moço, - ordenou Cormag.

Não era nenhum oponente para a força do Gregor quando a recolheu e a levou ao passadiço. Cormag tinha razão. Ela tinha que fugir e rápido.

Sem nenhum impulso do Gregor ela rapidamente voltou sobre seus passos, mas se equivocou. Quando abriram a porta não se achavam dentro do salão, eles estavam agora na cozinha.

-por aqui, - disse Gregor e a atirou atrás dele ao pátio.

Manteve-se a suas costas enquanto ele despachava a qualquer inimigo que ficava em seu caminho. Estavam passando a choça do ferreiro quando ela ouviu o grito. Gregor estava ocupado lutando com um soldado MacNeil, e ela olhou pela porta de entrada para encontrar outro MacNeil violando a uma das mulheres de seu clã.

Viu a barra larga metálica perto da porta e a recolheu enquanto caminhava para o homem. Levantou a barra em cima de sua cabeça e a enviou abaixo sobre as costas do soldado com toda a força que ela pôde reunir.

O soldado parou seus movimentos ondulantes e se girou para ela.

-Ah, querem uma parte de mim, verdade? -grunhiu-. Vêem então, moça.

Era um grande urso de homem e antes que Fiona pudesse reunir um grito em sua garganta estava sobre ela, subindo a prega de seu vestido. Ela lutou, mas parecia como se ele tivesse a força de vinte homens.

De repente soltou um rugido e se afastou dela. Olhou com assombro como ele agarrava suas costas, e foi só então que ela viu a adaga que me sobressaía dele.

Seus olhos foram à entrada para encontrar ao Gregor parado ali. Fez-lhe uma pequena vênua, e ficou de pé enquanto ele caminhava fora da cabana.

-Briga comigo como um homem, - bramou o soldado ao Gregor.

Um tremor desceu pela espinha de Fiona ante o olhar selvagem que se posou nos negros olhos do Gregor. Ele torceu sua boneca, fazendo dançar sua espada ao redor dele. Com a outra mão fez gestos ao soldado para que se aproximasse.

Fiona logo que teve tempo de piscar antes que Gregor esmagasse o punho de sua espada na cara do soldado, enviando o de joelhos. Então pôs o fio de sua espada sobre o pescoço do soldado e cortou.

Abriu sua boca em shock, mas Gregor já a tinha atirado detrás dele enquanto corria da pequena cabana.

-Entende agora? -perguntou. -Devemos fazer que chegue onde Conall o antes possível.

\*\*\*\*

-Onde diabos está ela? - exigiu MacNeil ao Cormag. -diga-me isso e te darei uma morte fácil.

O sangue borbulhou da comissura da boca do Cormag quando riu.

-Foi-se e você nunca a encontrará. A profecia se cumprirá, e você será enviado ao inferno aonde pertence.

Isto não podia estar passando, pensou MacNeil para si. Como tinham perdido à cadela? Quão difícil podia ser matar a estes Druidas? Os pais tinham morrido bastante facilmente.

Ele estaria aqui logo querendo saber onde estava Fiona, e ainda Cormag não lhe havia dito nada. Se Glenna não o tivesse abandonado não teria nenhuma necessidade do homem, mas agora MacNeil o necessitava mais que nunca.

Com um último esforço, MacNeil agarrou ao Cormag por sua camisa, - diga-me isso e te cortarei rápido. Diga-me isso ordenou.

-Te queime no Inferno, - Cormag pronunciou enquanto a vida se escorria de seu corpo.

-Então, - disse uma voz que enviou calafrios pelas costas do MacNeil-, vejo que falhaste outra vez.

MacNeil se girou para a entrada para ver a encapotada figura. Inclusive depois de todos estes meses ainda não tinha conseguido o nome do homem. A maioria da gente lhe chamava a Sombra, o qual era exatamente o que era.

-Sei que ela partiu daqui recentemente, - respondeu MacNeil e trocou seus pés nervosamente.

-Hmmm, - disse a Sombra enquanto entrava na habitação-. Gregor viajou mais rápido do que antecipei. Tivesse podido estar aqui antes sim não tivesse tido a necessidade de te recolher.

MacNeil se negou a lhe demonstrar à Sombra quanto o aterrava seu tom. Depois de tudo, MacNeil era conhecido na Escócia como o Açougueiro. Esta Sombra deveria lhe temer. Esta coisa que vestia capa negra que protegia sua cara em todo momento.

-Então cavalgaremos para Castelo MacInnes. Novamente.

-Não.

MacNeil ouvia a nota violenta na voz da Sombra.

-Gregor a leva ao Vale dos Druidas. Devemos agarrá-los antes que alcancem aquele asilo.

A risada da Sombra ressonou na habitação.

-Não se dirigirão ao Vale ou ao Castelo MacInnes. Ainda. Tenho um pouco planejado para eles.

MacNeil se esfregou as mãos. O que fora que a Sombra tivesse planejado para o Gregor e Fiona seria definitivamente o mais espantoso.

-Coisa de tempo, - resmungou e olhou para baixo para o corpo morto do Cormag MacDougal.

-Cortem sua cabeça, - disse a seus soldados-. Coloque-o sobre uma lança na casa da guarda. Quero que todos vejam o que acontece com quem se opõe.

## Capítulo 4

Fiona não precisava ver as nuvens para saber que uma tormenta ia estalar de um momento a outro. Durante horas sua alma gritou de dor, ao afastar-se cada vez mais de seu lar, mas ela se manteve em silêncio como sempre fazia quando sofria. Manteve o olhar fixo na terra, mas sentia o olhar do Gregor sobre ela. O dique das lágrimas estava a ponto de romper-se e não ia permitir que ele o visse. Uma gota gorda de água caiu sobre sua mão, e ela atirou das rédeas da égua ficando detrás para que Gregor tomasse a dianteira.

Quando ele esteve o suficientemente longe, levantou seu olhar para as nuvens e invocou à chuva. Gregor amaldiçoou quando o céu se abriu e deu passo à chuva. Manteve-se silenciosa e isolada desde sua saída do clã MacDougal, mas não podia culpá-la. Ela tinha visto como tinham morrido os membros de seu clã e a seu pai adotivo morrendo. Ele não queria pensar no que lhe tinha ocorrido a Helen ou Bridget e rogou que Fiona não o perguntasse. Esperava que se desfizesse em lágrimas, mas se surpreendeu quando ela se manteve em silêncio. Diminuiu o passo do Morgane até que Fiona chegou junto a ele. Ela não disse nenhuma palavra, mas tinha jurado que eram lágrimas o que viu através da chuva.

-Fiona? -Interrogo, perguntando-se se seria capaz de consolá-la. Recordou as palavras que lhe disse sua irmã Anne sobre como consolar a uma mulher afligida. Agora estava obviamente em um desses momentos, mas Fiona era tudo menos uma que se pudesse qualificar como uma moça normal.

-Estou bem. -Escutou-a por cima do retumbar da chuva.

Ele sorriu.

Não estava de tudo bem, mas não ia discutir com ela.

Pelo menos teve o detalhe de envolver-se com sua manta para ajudar a combater o frio. Estiveram em caminho até que seus estômagos rugiram. E em todo esse tempo, Fiona não se queixou por nada. Seu respeito por ela cresceu. Era uma mulher que ele devia manter longe, a toda costa. Entretanto se sentia extremamente atraído por ela.

Ao menos não devia preocupar-se se por acaso ela o chegava a querer. Tinha-lhe deixado dolorosamente claro que não podia suportá-lo.

Afastou-a de seus pensamentos e se concentrou em encontrar a antiga cova. Tinha estado desocupada durante anos, mas não podia ter saber com certeza se não tinha novos ocupantes. Esquadrinhou através da chuva e tiro das rédeas do Morgane. Isso foi tudo. Desmontou e avançou para a entrada da cova. Aplaudiu a adaga de sua bota antes de inundar-se na escuridão.

Não lhe levou muito tempo descobrir que os únicos ocupantes eram uns morcegos no fundo da cova. Assobiou para avisar ao Morgane e a Fiona.

-Estaremos secos aqui dentro durante a noite. -disse enquanto a ajudava a desmontar.

-Vou fazer um fogo enquanto te tira essa roupa molhada.

Ela assentiu e caminhou para o interior da cova.

-Não sabia que era tão grande.

-Há suficiente espaço para que montemos nosso acampamento à direita enquanto atou os cavalos à esquerda.

Levou os cavalos à cova e começou a escová-los.

-Só se mantenha afastada do fundo da cova. Há morcegos.

Riu longamente atrás dele e um calafrio lhe percorreu todas as costas.

-Eu não tenho medo dos morcegos.

-Bom. - disse enquanto se tirava a coberta e o deixava em cima da bolsa dela.

Rapidamente reuniu as madeiras que encontrou dispersada pela cova e se dispôs a acender o fogo.



Em pouco tempo flamejava um bom fogo e Fiona se desprende de sua roupa molhada. Tinha-as pendurado em uma rocha para secar e ficou olhado.

Ele se esfregou o pescoço dolorido.

-Faz isso muito freqüentemente.

-O que? -perguntou.

-Esfregar o pescoço ou fazê-lo soar. Por quê?

Encolheu-se de ombros.

-Que eu saiba é um hábito. Tem fome?

-Tem algum outro hábito? -perguntou-lhe ela, não fazendo caso de sua pergunta.

-Não que eu saiba. Tem fome? Tenho algumas coisas embaladas por Helen para a viagem.

Aceitou o alimento e se abrigou mais perto do fogo.

Ele guardou de novo o alimento em seu lugar. Tirou a camisa e o colete para pô-los a secar, então sentiu seu olhar sobre ele. Um débil sorriso curvou seus lábios. Talvez não o considerasse tão repulsivo como o fazia acreditar. Foi como se lhe lesse os pensamentos porque desviou o olhar. Gregor não seria um velhaco e não o jogariam em cara, provavelmente deveria, mas não se sentia capaz disso.

Empapou-se com a chuva, zangado porque McNeil tivesse atacado ao MacDougal e entristecido porque ele estava perto de sua casa.

O selvagem que seu pai alegava que era estava em repouso esta noite, e francamente, Gregor não estava aborrecido por isso.

Não estava em condições de trocar flechas com a Fiona, e sabia muito bem que a língua da Fiona podia ser afiada, sobre tudo pelo dia que tinha tido.

O crepitar do fogo encheu de tranqüilidade a cova, enquanto seguia caindo água no exterior. A noite ia ser muito larga. Ao menos tinha chegado mais longe do que em princípio tinha esperado.

Fiona não o tinha atrasado como tinha previsto, depois do ataque aos MacDougal.

Perguntou-se quando começaria ela a chorar.

Levantou os olhos e imediatamente o lamentou. O tartán que a mulher levava posta se tinha deixando cair e descoberto um de seus cremosos ombros. Tragou e tentou apartar o olhar quando ela se levantou.

Suas largas pernas esculturais se deixaram ver através da coberta, quando foi comprovar o estado de sua roupa, e o único que podia fazer Gregor era ficar sentado.

Amaldiçoou em silêncio e lutou para recuperar o controle de seu corpo. Seu controle era legendário, e não ia ser uma mulher a que o rompesse. Todo seu esforço para controlar-se evaporou quando ela se agachou e o coberta se separou deixando descoberta sua coxa.

Fiona estava farta de sentar-se em cima da coberta.

Queria colocar sua roupa, mas não queria arriscar-se a agarrar uma enfermidade, porque Gregor a incomodaria.

Um som, como um grunhido, veio em sua direção e quando ela se girou para olhá-lo, surpreendeu-se ao ver que mantinha os olhos fixos sobre ela. Já tinha visto antes esse olhar nos olhos de um homem e sabia o que significava.

Embora lhe encontrasse agradável de olhar, ele não tinha tentado ganhar seu carinho como os outros homens de seu clã.

Pensou que não estava interessado nela, mas Gregor não era de seu clã. Isso a fez recordar ao Cormag e Helen.

Havia decidido ficar sozinha, e assim nunca ninguém a deixaria outra vez.

Entretanto, isto era o que exatamente tinha passado hoje.

Afastou as lágrimas, ainda não estava bem para enfrentar a seus sentimentos.

-Estão secas suas roupas? -sua voz era áspera como se tivesse problemas para falar.

-Não, ainda não. -Respondeu.

O silêncio encheu a cova de novo, e depois de ser despertado por esse horrível sonho da noite anterior, decidiu conseguir um pouco de descanso. Seus sonhos foram proféticos, mas não tinha sido seu clã o que ela tinha visto destruído. Tinha sido outro.

\*\*\*\*

Moira esperava pacientemente ao lado do Frang, o supremo sacerdote Druida, fora do círculo de pedras sagradas enquanto Aimery caminhava para eles. Aimery não era deste mundo. Era um Fae que vivia onde a magia governava.

Ela tinha estado esperando suas palavras durante dias, e sua paciência estava chegando a seu fim. Trocou de um pé ao outro enquanto que ele se detinha e conversava com outro Druida.

-A paciência é uma virtude, - sussurro Frang e acariciou sua larga barba branca.

-Não, hoje não o é. Esperei anos para reunir as minhas irmãs. Ela se deu a volta para o homem que a tinha criado como uma filha e se olhou em seus olhos azul claro.

-Temo-me que não posso esperar um momento mais.

-Mas tem que esperar mais tempo, - declarou Aimery que se reuniu com eles.

Sua cabeça se girou para ele e seus olhos se estreitaram.

-O que sabe?

Os incomuns e brilhantes olhos azuis do Aimery atenuaram-se.

-É muito pior do que tinha pensado. Quem esta ajudando ao MacNeil está utilizando um feitiço conhecido só pelos Fae para ocultar-se a si mesmo.

Frang amaldiçoou e se recostou sobre sua alta fortificação.

Ela olhou de marco em marco ao Frang e ao Aimery.

-Me diga o que ocorreu.

-MacNeil atacou aos MacDougal, - respondeu Aimery.

-E ela... ela... - Moira não podia resignar-se a fazer a pergunta. Se MacNeil tinha capturado Fiona então todos estavam perdidos.

-Meu enviado divisou ao Gregor e a Fiona afastando-se a cavalo.

-Graças aos Santos, - disse ela, enquanto o alívio se apressava através dela.

-Não tinha nenhum desejo de lhe dizer a Glenna que Fiona tinha sido capturada ou morta.

-Glenna desfruta de seu novo matrimônio. Deixa-a estar com isto, - disse Frang, mas tinha um sorriso sabedor em seu rosto.

Moira observou como Frang e Aimery conversavam privadamente, e não podia menos que compará-los aos dois. Frang se via velho com seu cabelo e barba branca, e quando olhava aos olhos parecia ainda mais velho. Entretanto, olhando seu rosto, era difícil adivinhar sua idade. Às vezes parecia jovem como os jovens.

Aimery por outro lado tinha que ser uma das mais belas criaturas nas que ela alguma vez tinha posto os olhos. Era um Fae com seus brilhantes olhos azuis acessos e seu cabelo comprido de linho. Seu corpo era perfeito, até o último detalhe. Embora muitas das mulheres Druida lhe queria, Moira não.

Havia um que sempre tinha capturado sua atenção. Voltou-se e o encontrou de pé detrás dela, como uma estátua tal como sabia que estaria.

O suficientemente longe para não ouvir suas palavras, mas o suficientemente perto para chegar a ela se fosse necessário.

Dartayous. Era um guerreiro Druida, um que velava pelos Druidas, e durante todo o tempo que ela podia recordar tinha estado entre eles.

Tratou uma vez de aproximar-se dele, mas tinha terminado mau e tinha aprendido a lição. Tinha sido seu primeiro amor fugaz, seu primeiro e único se fosse honesta consigo mesma.

Moira tinha renunciado à idéia de ter um marido e meninos. Sua vida estava centrada na profecia. Além disso, era muito velha para um marido agora.

## Capítulo 5

Gregor gemeu à medida que mais a perna da Fiona aparecia fora do tartán. Das pontas dos dedos do pé até a coxa, sua pele resplandecia banhada pela luz. Era um desses momentos estranhos nele que desejava ter poderes, para poder mover a coberta e jogar uma olhada a seu corpo nu.

Seu corpo pulsou com uma necessidade tão forte que quase tremeu. Se o fazia isto com apenas em olhá-la, o que podia lhe fazer se seus lábios alguma vez se tocavam? Em realidade não precisava preocupar-se por isso, porque sabia que ela não deixaria que se aproximar-se.

Colocou a cabeça entre as mãos. Tinha uma forte força de vontade e a exerceu sobre o desejo que crescia rapidamente. Fiona nunca saberia o muito que lhe afetava.

Levantou a cabeça de um puxão quando a ouviu gemer. Pela maneira em que se movia e dava voltas estava a ponto de sair da coberta que cuidadosamente a envolvia.

E isso tentaria até um santo.

-Ah, Infernos! -resmungou e se levantou para despertá-la. Sua nova consciência estava fazendo de sua vida uma pura tortura.

Estava a uns quantos passos dela quando de repente deu um puxão e ficou rígida. Sua preocupação aumentou quando lhe viu o fino brilho de suor lhe cobrindo a frente. Seria que estava por adoecer com febre.

Ajoelhou-se diante dela e estendeu a mão para lhe auscultar a cabeça, mas ela o separou de uma palmada.

-O que estas fazendo? -Estalou.

-Me assegurando de que não esteja doente. Estava com a roupa molhada, - recordou-lhe.

Ela se levantou com toda a dignidade que pôde reunir estando apenas coberta com o tartán.

-Não estou doente. Só tive um... sonho.

-Tem-nos freqüentemente? -Não estava seguro de por que lhe fez a pergunta.

Lentamente levantou o olhar para ele. -Umas quantas vezes ao longo dos anos. Até que recentemente...

Ele observou como ela refletia sobre seu comentário, aparentemente emocionada por algo. Logo, trocou rapidamente o semblante.

-Te volte de costas enquanto me visto, - disse.

-É obvio. - Caminhou para os cavalos. Morgane relincho brandamente e empurrou sua focinheira contra ele. Riu e a aplaudiu na base do pescoço.

-Por que não a ata? - Olhou para o fogo e se encontrou a Fiona já vestida. Encolheu-se de ombros ante a pergunta.

-Não há necessidade.

-Deixará-te à primeira oportunidade que tenha.

-Tenho-a desde que era potra. Não me deixou ainda e sinceramente duvido que hora o faça.

-Será o único que caminhe, não eu, - disse Fiona sacudindo sua juba marrom. Riu longamente e deu outra palmada ao Morgane antes de retornar ao fogo.

-Não conhece esse cavalo ou a relação que temos. Morgane não vai a nenhuma parte.

-Morgane? Usou um nome celta para seu cavalo?

Gregor se esfregou atrás do pescoço.

-Sim. -Ela não precisava saber que tinha escolhido o nome porque a sua irmã, Anne, gostava.

Fiona só podia olhá-lo. Era só uma coincidência que ele escolhesse um nome celta de um habitante do mar e o poder dela era sobre a água?

Quantas vezes lhe havia dito Helen que saberia quando encontraria a seu consorte?  
Quantas vezes lhe disse Helen que seria tão óbvio que ela não o questionaria?

Ela colocou a mão na testa. Helen a tinha instruído sobre os antigos celtas e sua forma de vida assim como também sobre o Cristianismo que agora régia a terra. Quantas pessoas ouviam agora falar dos deuses celtas?

Seu intenso olhar se encontrou com o Gregor. Era arrumado, muito arrumado para falar a verdade. O poder que irradiava dele enviava calafrio a seu corpo. Ele tinha sido o primeiro homem em muitos anos que tinha levado em consideração. Não queria estar interessada nele, mas não podia evitar o que sentia.

«Ninguém disse que tinha que te casar com ele. Toma o prazer que te pode dar, e logo o deixa antes que tenha a oportunidade de te abandonar».

Isso estava melhor. Helen constantemente lhe tinha falado de quão satisfatório podia ser a relação entre um homem e uma mulher.

«Todo mundo merece um pouco de prazer. Não é isso o que Helen me disse?»

Seu olhar seguiu ao Gregor enquanto se levantava e caminhava para a entrada da cova. Gostava da forma em que suas calças de couro abraçava suas pernas, e quando se agachou ela se mordeu os lábios com a vista que recebeu.

Embora não era uma beleza, tampouco era feia. Certamente ele aceitaria uma oferta. Era um homem no fim das contas, e todos os homens adoravam o que acontecia entre um homem e uma mulher na cama.

Ele a tinha cuidado quando o tartán quase lhe cai do corpo. E, se tinha aprendido um pouco com Bridget era como tentar a um homem. Certamente poderia obtê-lo com astúcia.

-A chuva se deteve. Penso que deveríamos partir.

As palavras do Gregor a sobressaltaram já que estava inundada em suas idéias. Olhou para fora e viu o sol detrás das nuvens.

-Está bem.

-Descansaste?

-Sim. Não se preocupe, agüentarei o ritmo, - disse ela e começou a recolher suas coisas.

-Não estou preocupado. Comportaste melhor que qualquer moça que tenha conhecido. Devemos viajar rápido e não quero te cansar.

Ela sorriu com o elogio. Não seria difícil absolutamente lhe seduzir.

\*\*\*\*

Fiona começou a pensar nas diferentes formas que poderia seduzir ao Gregor enquanto cavalgavam pelas montanhas. Era necessário que tivesse algo em que ocupar a mente para não pensar na queda pela ladeira da montanha.

Quando Gregor se deteve no caminho e lhe deu um pedaço de pão, aceitou-o com um sorriso. Seu olhar alarmado quase a faz rir. Não tinha esperado isso, nem esperaria o que ela tinha planejado para depois.

Cantarolou brandamente enquanto comia. Os pensamentos de exatamente como ia seduzir lhe enchiam sua mente.

\*\*\*\*

Gregor se moveu na cadeira de montar. O sorriso da Fiona o tinha perturbado. Por que, de repente, tinha-lhe dedicado um sorriso tão deslumbrante que lhe tinha iluminado toda a cara? Ele pensava que era preciosa, mas esse sorriso a tinha transformado em um pouco tão belo que machucava seus olhos ao olhá-la.

Agora, cada vez que se dava a volta para fiscalizá-la lhe sorria. Qual era seu plano? E por quê? Conhecia muito bem às mulheres o suficiente para saber que estava tramando algo. Pensava acaso distrai-lo com seus sorrisos?

Se era assim, tinha que admitir que estava conseguindo. Já tinha passado um lugar de descanso no que tinha querido deter-se. Não quis dá-la volta e admitir como lhe tinha afetado.

Em lugar disso, viajariam até que se reunissem de novo com o rio. Talvez para então tivesse mais controle sobre si mesmo. Inclusive se isso significava não olhá-la.

\*\*\*\*

Aimery suspirou e esfregou suas têmporas. Que alguém usará a magia Faerie para esconder do Fae não era bom. De fato, era categoricamente espantoso.

Como ia dizer ao seu rei e a sua rainha? Recordou o ensino da profecia e tudo o que ocorreria. Nunca em todas suas interpretações houve menção de um renegado Fae. A menos que fora em um texto oculto.

Isso lhe deu uma idéia, mas a apartou a um lado no momento. Concentrou-se na Fiona e Gregor. Viajavam e se afastavam do MacNeil.

Aimery riu quando se deu conta de onde estavam.

–Está muito perto, Gregor. Resistirá o impulsionei de ver seu clã?

Sabia que Gregor o faria. Gregor era previsível quando se tratava de sua família, mas lhe permitiria Fiona continuar adiante? Agora, isso era algo que adoraria ver. Talvez lhes fazer uma visita estivesse bem.

Estavam tão perto de cumprir a profecia que podia saboreá-la e MacNeil sabia. Só pôr em ordem algumas costure mais e sua raça e a dos Druidas estariam seguras outra vez. E as meninas do Duncan e Catriona Sinclair estariam juntas e felizes como sempre deveriam ter estado.

Depois de ter sido enganado e ter perdido os sinais sobre o assassinato de Duncan e Catriona precisava ressarcir-los. Chorou a perda de seus queridos amigos, e veria a injustiça corrigida de qualquer forma que fora.

Até se significava sacrificar-se.

\*\*\*\*

Gregor divisou a cabana quando alcançaram a cúpula de uma colina. A lua, brilhante e cheia, no céu da noite lhe deu uma vista clara da zona.

A brisa fresca da noite do verão trouxe o aroma de pão recém cozinhado ao caminho. Antes de impulsionar ao Morgane para frente, investigou a zona. Como sempre neste remoto rincão não havia nada, salvo colinas onduladas e os ocasionais rebanhos de vaca e ovelha.

O som da brida da Fiona lhe recordou sua presença e a necessidade de ficar a salvo. Fez um estalo ao Morgane e em silêncio se dirigiu à cabana.

Em lugar da habitual saudação que recebia ao chegar à cabana, um estranho silêncio enchia o ar. Com a mão deteve a Fiona, e agradeceu que obedecesse sem perguntar.

Enquanto desmontava, os cabelos da nuca lhe arrepiaaram, lhe indicando um ataque iminente. Desencapou a espada e girou ao redor, preparado para a emboscada.

Divisou a figura encurvada nas sombras da porta, e baixou a espada.

–Pode sair agora.

A figura escura se elevou lentamente à altura de seus pés.

–Gregor? É você, moço?

–Sim, sou eu, Allen.

–Sempre vem sozinho, – disse Allen e se afastou das sombras. –Não pensei que fossem vocês.

Gregor sorriu a seu velho amigo. Allen tinha estado por aí tanto tempo como Gregor podia recordar, sempre ali quando necessitava algo ou alguém. O cabelo do Allen era branco, ou ao menos o que ficava dele era branco. A idade avançada tinha inclinado

seu corpo, uma vez de orgulhosa constituição, mas Gregor podia dizer do Allen que ainda podia manter-se solo se fosse necessário.

-Trouxe uma mulher comigo, - começou Gregor.

Allen riu. - Já era tempo que sentasse cabeça.

-Meu trabalho é levá-la com suas irmãs. Não é para mim.

-Isso é uma lástima, - disse Allen com um forte suspiro. -Esperava que você tivesse deixado atrás o passado.

Gregor teve que agüentar-se para não suspirar. -Não sabe quem sou e quero que siga assim.

-Está bem, está bem. A traga. Farei um pouco de chá, - disse Allen sobre seu ombro enquanto caminhava arrastando os pés para a casa.

Gregor levantou a mão e fez um gesto para que Fiona viesse. Estava junto à porta esperando-a, mas ela ficou em cima do cavalo.

-O que ocorre?

-Necessito que me ajude a desmontar.

Tomou uma profunda respiração e lentamente exalou. Esta era a primeira vez que pedia sua ajuda, e sabia que realmente não a necessitava. Estava tramando algo com toda segurança.

Com pés pesados cortou os poucos passos que os separavam. Levantou os braços, e ela se deslizou neles e sobre seu peito. E para seu desgosto se encontrou sua boca a centímetros de distância. Seu ágil corpo se ajustou com o passar do dele como se ajustam as botas muito usadas. E seu corpo reagiu a suas curvas exuberantes instantaneamente.

-OH! -ofegou e pôs as mãos em seus ombros. - Que torpe sou. Suponho que foi o comprido viaje. Não me dava conta de quão cansada estou.

Sabia que estava mentindo, mas lhe era difícil pensar com suas mãos sobre ele. Assentiu com a cabeça e a colocou no chão, tão longe como seus braços podiam alcançar.

-Se não tivesse melhor critério, então diria que não pode resistir estar perto de mim, - sussurrou.

Sacudiu-se a si mesmo e se afastou. Não sabia qual era seu jogo, mas ia inteirar e logo.

-Fiona.

-Vais trazer para a moça ou permanecerá aí fora? -A voz do Allen ladrou do interior da cabana.

-Falaremos mais tarde, - advertiu antes de fazer passar à pequena cabana.

Fiona não pôde tirar o sorriso de sua cara. Seus intentos estavam funcionando. Estava mantendo desequilibrado ao Gregor, justo onde o queria. Não levaria muito tempo que ele fizesse o que ela desejava.

-Adiante, adiante, - disse o ancião. Sua cara moréia estava sulcada de profundas rugas, mas seus olhos avelã cintilavam com travessura. A Fiona gostou instantaneamente.

-Olá. Sou Fiona MacDougal, - disse.

-Sempre é um prazer ter a uma dama adornando minha casa, - disse e levou sua mão até os lábios.

-Me chame Allen.

Dedicou-lhe um brilhante sorriso. -Obrigado, Allen. Agradeço que compartilhe sua casa conosco.

-Quando quiserem, - disse Allen e retornou à chaminé. -Há pão tenro sobre a mesa. Entreterá-lhes enquanto faço o chá.

Fiona se girou para a mesa e se encontrou com os negros olhos do Gregor concentrados nela. Enviou-lhe um sorriso e uma piscada, e se sentiu agradada quando lhe viu enrugar, confuso, a frente. Começou a cortar o pão e ofereceu ao Gregor uma parte.

-Esta quente ainda, - disse. Ele tomou o pão, e ela não pôde agüentar a risada que lhe escapou quando viu que se esforçava muito para não tocá-la. - Não vou morder te Sabe?

-Não sei nada disso, -disse, seu tom áspero amortecido só para seus ouvidos. Não pôde responder quando Allen chegou com o chá. Enquanto Allen vertia, ela manteve o olhar no Gregor. Não ia render se.

-Sente-se, moço, - ordenou ao Gregor-. Sou muito velho para estar olhando para cima constantemente. -riu como se isso fora gracioso-. Agora, o que é o que traz para um casal de jovens como vós a estas terras selvagens?

-Nada, - respondeu Gregor rapidamente. Fiona enrugou os olhos, e se voltou para o Allen.

-Em realidade, estamos viajando. Dos quais são estas terras?

-Do MAC...

-Não importa, - Quase gritou Gregor ao Allen-. Deixa-o estar, Fiona.

Ela tomou sua advertência e se voltou para seu chá. Não quis admitir que seu tom tinha machucado seus sentimentos.

-Já deveriam estar casados, - declarou Allen.

Fiona olhou para o Gregor e o encontrou dando um olhar assassino ao Allen.

-O que lhes faz dizer isso?- perguntou ela.

-Olhada-las que lhe destes, - apontou para o Gregor-. As olhadas molestas que ele continuamente vos envia. Vós fazeis um bom casal.

-Você crie assim? -Fiona se negou a olhar ao Gregor, pois estava segura de que as mãos lhe picavam por retorcer o pescoço a ela.

-OH, sim, moça.

-Fiona, - advertia a voz do Gregor. Ignorou-lhe e enfrentou ao Allen.

-Por que acredita que sim?

-Com uma senhora tão entristecedora como você e um homem bonito e forte como o moço aqui, não lhes podem equivocar. Vós pareceis um para o outro.

Fiona reconsiderou suas palavras, e se perguntou se ele saberia que tão verdadeiras podiam ser.

-Arrumado que seus meninos serão formosos, - continuou Allen.

Levantou a vista para olhar ao Allen e jogou uma olhada ao Gregor.

-Allen conhece o Gregor?

Allen se negou a encontrasse com seu olhar e bebeu seu chá em lugar disso. Era Gregor quem tinha que responder.

-Não, não me conhece.

-Perguntei ao Allen, - disse ela. Algo passava. Era quase como se Gregor não quisesse que soubesse onde estavam. Sabia que estavam entre os MacLachlan e a terra dos MacAllister, assim diferença fazia isso?

-Allen, - urgiu-. Conhece o Gregor?

Allen se encolheu de ombros.

-Minha mente é velha, moça.

-Não me podem enganar com essa desculpa, - disse-lhe e esperou que lhe dissesse a verdade.

Allen riu e golpeou o joelho.

-Conseguiste uma investigadora inteligente aqui, Gregor. Que você vigiaria ao redor dela.

-Não tem nem idéia, - ouviu o Gregor queixar-se.

-Então, conhece-lhe?

-Sim, moça, - admitiu Allen. -Gregor passa por aqui cada par de anos.

-E onde é aqui?

Allen olhou para o Gregor outra vez, quem negou com a cabeça de novo. Allen suspirou. –Não estou seguro, moça. É tarde, e meus velhos ossos se cansam facilmente. Moça pode utilizar minha cama.

Fiona levantou uma mão para detê-lo. – Nunca sonharia utilizando sua cama. Posso-me arrumar isso em qualquer lugar. Não lhes preocupem comigo.

Allen cravou os olhos nela durante um comprido momento antes de recorrer ao Gregor e lhe disse, – É melhor que não deixe que esta se vá, moço. É uma das boas, sem dúvida.



## Capítulo 6

Gregor despertou imediatamente. Permaneceu estendido esperando ouvir o som que o tinha despertado. No outro quarto, Allen roncava. Com o menor dos movimentos, Gregor girou sua cabeça até que encontrou a Fiona.

Foi então quando escutou o suave gemido. Levantou-se e caminhou para ela. Era outro sonho. Teria sido estranho exceto pelo fato de que ela era uma Druida, e se Gregor tinha aprendido algo enquanto esteve com o Conall era que nunca se aprendia tudo sobre os Druidas.

Ele se ajoelhou e tocou seu ombro. –Fiona, – sussurrou.

Seus olhos se abriram de repente, mas sua respiração estava agitada, fazendo que seu peito subisse e baixasse rapidamente. Gregor afastou seus pensamentos dos redondos peitos, para o assunto que tinha entre mãos.

–Fiona, – disse ele novamente–. Estava tendo outro sonho.

–Sangue. Tanto sangue, – sussurrou ela.

Ele suspirou. –Temia que, vendo o que MacNeil fez a seu clã, tivesse este efeito. Ela se sentou e sacudiu a cabeça.

–Não o entende. Não eram os MacDougal.

–Então os quais eram?

–Não sei, – disse ela e se esfregou as têmporas–. Cada vez que penso que alcançarei a vislumbrar o desenho do tecido ou algo se desvanecer antes que o possa ver.

–Um sonho profético?

Ela voltou seus preocupados olhos verdes para ele. –Sinto sua dor, seu terror. É tão real.

–Este era pior que o último?

–Sim. Parece que se voltam cada vez mais terríveis.

Observou como ela abraçou as pernas e pôs a cabeça sobre os joelhos. Parecia tão frágil que quase tomou em seus braços para consolá-la.

Quase.

Até que se deu conta que esta era a primeira vez que ela não tinha estado rindo dele ou tratando de tocá-lo. Esta era a Fiona real, a que poucas vezes deixava que alguém visse, e apostaria sua melhor adaga a que estava a ponto de desaparecer sob a zombadora superfície.

Ela levantou seus olhos e lhe dedicou um sorriso.

–Já que está aqui, quer compartilhar a manta comigo?

Ele lutou por não pôr os olhos em branco.

–Estou bem. Volta a dormir.

Sua risada o seguiu pela porta enquanto voltava para sua cama.

\*\*\*\*

Gregor fez soar seu pescoço e passou uma mão pelo focinho do Morgane. Tinha dormido pouco, depois do sonho da Fiona e sabia que ela não tinha conseguido dormir muito mais que ele.

Tinha planejado deixá-la descansar tanto como ela quisesse. Ele precisava alcançar O Vale dos Druidas o antes possível, mas não podia lhe exigir muito enquanto isso.

Quando ela se levantou com o sol e perguntou quando ficariam em caminho, tinha estado mais que um pouco surpreso. Depois de comer uma comida rápida com o Allen, Gregor preparou os cavalos.

Deu a volta e se encontrou ao Allen e Fiona abraçados. Eles se despediram, e Gregor esperou pelo Allen.

–Obrigado, – disse Gregor.

-Quando quiser moço. Você sabe isso.  
-Não sei quando voltarei.  
-Sei. Cuide-te, e cuida bem da moça. Eu não mentia ontem à noite. Parecem um para o outro. Só um idiota a deixaria ir.  
-Ela é algo que eu nunca pudei ter. Não depois...  
-Tem que enterrar o passado, moço. Visita essa tua família. O tempo cura todas as feridas, - Disse com uma expressão séria sobre sua cara enrugada.  
-Não estas feridas. Correm muito profundamente e bem sabe. -Deu-lhe uma palmada nas costas. -te cuide. Voltarei quando puder. Necessita que te traga algo?  
-Somente à moça. Fez-lhe bem a estes velhos ossos. Passou tempo desde que vi uma tão bonita como ela.  
Gregor sorriu e foi montar ao Morgane quando divisou a Fiona ao lado de sua égua.  
-O que acontece?  
-Pode me ajudar?-perguntou com acanhamento.  
Outra vez a risada do Allen o alcançou. Suspirou e caminhou para a Fiona. Sorriu-lhe quando suas mãos a tiraram da cintura.  
Sabia que ela era curvilínea, mas a sensação de sua pequena cintura sob suas mãos fez galopar seu coração. Ficou parado olhando-a antes de dar-se conta que não se moveu e o sorriso de lhe deixou ver que também sabia. Tão rapidamente como pôde, levantou-a sobre a égua.  
Uma vez que montou ao Morgane deram sua última saudação ao Allen e saíram.  
-Vais dizer-me onde estamos? -perguntou depois de um momento.  
-Não.  
-Sei que estamos entre os MacAllister ou os MacLachlan.  
Guardou silêncio, esperando que ela captasse a mensagem e deixasse de lhe fazer perguntas.  
-Conhece alguém mais por aqui?  
Ele deveria ter sabido melhor que queria o impossível.

\*\*\*\*

Fiona recusou lhe dizer ao Gregor quão exausta estava. Tinham viajado todo o dia, e era tudo o que ela podia fazer para manter seus olhos abertos devido à falta de sono. Ela tinha conseguido notar que entravam em um pequeno bosque.  
Perguntou-lhe muitas vezes se precisava descansar. Como lhe pesava ter atuado como se estivesse bem! Deveria lhe haver dito que necessitava um breve descanso, mas Fiona tinha querido impressioná-lo.  
«Melhor será que recupere sua sensatez logo».  
Rapidamente, sorriu quando ele se deu volta e a olhou por cima do ombro. Mas quando ele girou seu cavalo soube que tinha falhado miseravelmente.  
-Algum problema? -perguntou ela com sua voz mais alegre.  
-diga-me isso você.  
-Não sei de que falas.  
Ele amaldiçoou comprido e baixo, e logo sacudiu sua cabeça.  
-Não faça isto outra vez, Fiona. Temos um comprido caminho por diante de nós.  
Não podia olhá-lo nos olhos, porque sabia que tinha razão. Tinha atuado bobamente pela primeira vez desde que era uma jovem moça e se envergonhou disso.  
-Descansaremos aqui esta noite.  
Para sua surpresa, ele desmontou e a alcançou para ajudá-la.  
-Obrigado, - disse e se deslizou nos braços que a esperavam.  
Os braços da Fiona se enredaram quando tratou de sustentar-se nele, e terminou por cair sobre seu peito. Esta era a ocasião perfeita para tentar e seduzi-lo, mas ela simplesmente não estava preparada para fazê-lo.

Retirou-se para desculpar-se e viu o fogo em seus olhos. Ele a sustentou firmemente contra ele. Suas mãos estavam plainas contra seu peito, a sensação do colete de couro sob as mãos fez que lhe picassem com o desejo de tocar sua pele. Seria tão fácil as entrelaçar ao redor de seu pescoço e sentir a textura de seu cabelo.

O fervente olhar do Gregor fez que seu coração saltasse de um golpe. Seus olhos caíram sobre os lábios de Fiona, e ela os lambeu. Ele gemeu e o fôlego dela ficou apanhado em seu peito. Compreendeu que se estava contendo.

E mesmo que levantou a cabeça para receber o beijo ele não se moveu.

-Tem que descansar.

A voz do Gregor penetrou em sua mente e ela apertou seus lábios.

-Sim, farei. - Com cuidado, ele a apartou.

-Descansa enquanto cuido dos cavalos.

Sentou-se sobre um tronco cansado e observou como Gregor rapidamente de maneira eficiente se encarregou de ambos os cavalos. Ele colocou a mão em uma bolsa e tirou uma parte do pão do Allen.

-Come, - ordenou-lhe dando um pedaço do pão e algumas tortas de aveia.

Amavelmente, Allen lhes tinha dado um pouco de vinho e ela com gula bebeu da pele, esperando que atordoasse seu corpo dolorido. Ela elevou a vista ao céu e o viu rajado de brilhante laranja e rosado.

-Sempre me gostaram das postas de sol. -Não disseram nada enquanto comeram e o silêncio a incomodava.

Ele voltou seu olhar ao céu. -São formosas.

-Quão longe pensa que chegamos este dia?

-Mais longe do que tinha pensado, mas não tão longe como tivesse esperado.

Pôs os olhos em branco e riu.

-Pode me dar uma resposta direta?

Uma loira sobranceira se arqueou.

-Fiz-o, moça.

-Dirá-me de quem é a terra em que estamos agora?

-Por que deseja sabê-lo?

-Por que não me diz isso?

-Por que é tão importante?

Riu. Ela não podia evitá-lo. Era rir ou gritar. Ah, o homem era irritante.

-Estou muito cansada para seguir com isto.

-Boa noite então, - disse-lhe.

Ela se atirou ao chão e ficou de lado, usando seu braço como um travesseiro. Dedicou um último olhar ao Gregor enquanto estava de pé olhando pôr-do-sol, a brisa elevava de seu pescoço o loiro cabelo.

Era aquela imagem e o fogo em seus olhos o que mais esperava ver em seus sonhos.

O último som que ela escutou foi o de um mocho perto.

\*\*\*\*

Gregor colocou a manta sobre a Fiona em caso que esfriasse durante a noite. Não podia arriscar-se a fazer um fogo, embora soubesse que lhe tivesse gostado de um.

Deveria ter emprestado mais atenção e notar que estava mentindo a respeito de sentir-se bem. Sua mente tinha estado em sua família. Tinham cavalgado duramente porque queria estar fora de sua terra antes que alguém se desse conta de que estava ali.

Muitas vezes tinha passado a cavalo por aqui e tinha sido capaz de passar inadvertido.

Agora, tinha a Fiona consigo e não podia cavalgar como normalmente fazia.

Estirou o pescoço e rezou para que conseguissem passar sem ser vistos, mas tinha a sensação de que isso não seria assim. O som de um pau rompendo-se atraindo sua atenção. Escutou atentamente, mas não se moveu.

Olhou rapidamente a Fiona. Teria que encarregar-se de quem tratasse de equilibrar-se sobre ele antes que despertasse. Neste momento podia ouvi-los respirar. Eles estavam justo a uns passos detrás dele.

Um lento sorriso de antecipação se posou em sua cara. Se havia algo no que era bom era na batalha, e sempre esperava uma com impaciência.

Em um rápido movimento, desembainhou sua espada e se voltou para enfrentar-se a seus oponentes. Para sua surpresa, eram dois dos membros de seu clã.

-Encontramo-lhe.

Gregor voltou seus olhos para o Malcolm. Tinham crescido juntos e se treinaram juntos, e tinha sido Malcolm quem se assegurou de que Gregor deixasse a terra dos MacLachlan, Malcolm que tinha sido como um irmão para ele e um filho para seu pai. Aquele dia tinha sido ainda mais doloroso porque tinha sido Malcolm quem lhe tinha dado as costas.

-perdeu a língua? - perguntou o moço ao lado do Malcolm.

-Cessa seu bate-papo, Dugus, - vaiou Malcolm. Girou a cabeça para o Gregor. -Nunca pensei voltar a verte outra vez. Deve vir ao castelo.

-Por quê? -perguntou Gregor. - Para ser assassinado diante do clã inteiro? Acredito que não. Se quiser que vá, terá que me superar antes.

-Então o que estamos esperando? - perguntou Malcolm enquanto desembainhava sua espada.

Gregor lhe dedicou um sorriso e fez gestos para que o atacasse. Malcolm elevou sua espada e a baixou de repente sobre o Gregor. Ele empurrou longe ao Malcolm e sacudiu os braços.

Malcolm nunca tinha sido tão bom com a espada como Gregor. Aproveitou o torpe ataque do Malcolm. Quando atacou, Gregor esquivou a manobra e chutou ao Malcolm por detrás, enviando-o ao chão.

A espada do Malcolm saiu voando, e Gregor pôs o pé sobre seu peito para contê-lo. Gregor levantou sua espada e a apontou à garganta do Dugus.

-Nem sequer o tente, moço. Terminará ao lado do Malcolm.

-O que quer que eu faça? - Perguntou Fiona quando se parou a seu lado.

Não sabia que lhe dizer. Não podia lhe permitir ao Malcolm e ao Dugus voltar para clã com a notícia que ele estava aqui, mas não suportava pensar em matá-los tampouco, a pesar que eles estavam aqui para lhe fazer isso mesmo.

-Eu me encarregarei deles, - disse um homem saindo de detrás de uma árvore.

## Capítulo 7

Gregor e Fiona se voltaram e viram um homem de pé detrás dele. Gregor lhe reconheceu instantaneamente como um Fae. O que ele estava fazendo ali era outra coisa.

–Vou responder a suas perguntas em um momento, Gregor, –disse antes de pôr a mão sobre os olhos do Dugus. Depois de murmurar umas quantas palavras ao homem chamado Dugus se voltou e se afastou. Repetiu o processo com o Malcolm.

–Agora, – disse e se tirou o pó das mãos. – Sou Aimery. Vim averiguar sobre vós dois.

Gregor gemeu e voltou a sentar-se no coto da árvore.

–Enviou-te Moira? Tão pouca fé tinha em mim?

–Moira inclusive não sabe que estou aqui, – respondeu Aimery–. E ninguém me enviou. Vim por minha conta.

Fiona não poderia apartar a vista do homem enquanto ele e Gregor falavam. Era formoso. O cabelo de linho pendurava quase até a cintura e parecia brilhar tenuemente, e os olhos resplandeciam com o mais incomum azul.

–O que é?

Voltou-se para ela e lhe dedicou um sorriso amável.

–Tenho o prazer finalmente de me encontrar contigo, Fiona. Não sou deste mundo, como já adivinhaste.

–É um Fae, – disse Gregor intervindo.

–De verdade?–perguntou. –Não pensei que as Fadas fossem reais.

–Somos reais, – disse Aimery. –nos sentemos um momento.

–O que lhe tem feito a esses homens?

–Não se preocupe por eles, – disse Aimery enquanto aplaudia o lugar ao lado dele na árvore cansada. –Não recordarão havê-los visto nenhum dos dois.

Fiona se sentou ao lado dele e olhou para o Gregor que tinha estado esfregando seu pescoço desde que Aimery se deixou ver.

–Não se preocupe pelo Gregory, – murmurou Aimery. –Não está molesto comigo por estar aqui, está molesto por esses homens.

Teria que falar com o Gregor sobre isso mais tarde. Agora mesmo sentia curiosidade sobre o Fae que estava a seu lado, mas somente lhe ocorreu, interrogá-lo.

A risada das Fae soou ao lado dela.

–Pode-me perguntar o que quiser.

–Lêem as mentes?

–É uma das muitas coisas que faço.

–Pode-me ensinar?

O sorriso do Aimery desapareceu.

–Talvez um dia. Agora mesmo precisa concentrar-se no que está por vir.

–A profecia.

–É mais importante que a realize, e tocará a todas as pessoas da Escócia tanto se souberem como se não.

–Mas tenho que ver a Moira.

–Moira é parte da profecia, Fiona. Não pode sortear isso.

Odiou que pudesse ler sua mente. Se só soubesse um pouco para lhe bloquear. Suspirou quando lhe viu arquear uma sobrancelha. Tinha lido sua mente uma vez mais.

–Por que ninguém veio por mim até agora? Por que tenho que saber por seu meio? – Perguntou-lhe e se odiou a si mesmo pelo desejo que estava em sua voz.

–Moira queria que fosse feliz.

A cólera consumiu a Fiona. Levantou-se e começou a passear-se, sem lhe importar que Gregor e Aimery a olhassem fixamente.

–Moira? Para começar, se tivesse pensado algo em minha felicidade não me teria abandonado. Como se atreve a dizer que era por minha felicidade. Ela não sabe uma merda sobre minha felicidade.

–Fiona. –começou Gregor.

Ela se girou rapidamente e lhe enfrentou.

–Não te atreva a falar em nome dela! Ouve-me? Não tem nem idéia do que fez.

Gregor levantou as mãos.

–Não sei.

Ela piscou e derramou as lágrimas que não tinha deixado sair em anos. A fúria foi substituída por velhos demônios que nunca tinham morrido, e a certeza que teria que enfrentar a Moira logo agravava esses medos.

Sem uma palavra para o Gregor ou Aimery se voltou e partiu dando meia volta.

–Deixa-a ir, – disse Aimery ao Gregor quando começou a segui-la. –Há muita cólera em seu coração, e temo que não a apartará. Deve ajudá-la a fazer isto.

Gregor continuou olhando na direção que Fiona tomou.

–E talvez ela possa te ajudar logo a superar os medos que lhe espreitam.

Gregor se voltou e olhou ao Aimery.

–Se mantenha afastado de meus assuntos. Não lhe concernem.

–De verdade?– perguntou Aimery e se incorporou. –me diga. Sabe qual é o poder da Fiona?

–Sim. A água.

Aimery sorriu.

–Escutaste a profecia, Gregor? Toda a profecia?

–Não.

–Então é o momento para que te dê conta de quão importante é tudo. Incluindo seu papel no assunto.

Gregor voltou a cabeça e cravou os olhos no Fae.

–O que?

–Escuta.

«Em um tempo de conquista

Haverá três

Quais ponham fim à linha MacNeil.

Três nascidos nas festas do Imbolc, Beltaine e Lughnasad

Quem destruirá a todos no Samhain,

A Festa dos Mortos.

Um que reluz a forma Druida Legado do inverno

E ao fazê-lo assim marca o início do fim.

Para que o merecedor prevaleça,

O fogo deve perdurar isoladamente para vencer ao herdeiro

A água deve apaziguar à besta selvagem, e

O vento deve inclinar-se ante a árvore.»

Gregor piscou e se sentou sobre o tronco que Aimery tinha deixado.

–Conall foi o que recusou a forma Druida.

-Sabia que te figuraria isso. Que mais pode decifrar? -Pergunto Aimery com o olhar espectador.

-Obviamente, Glenna é o fogo e Conall o herdeiro. Fiona é a água que deve serenar à besta selvagem, e Moira o vento que deve inclinar-se de modo respeitoso ante a árvore.

-Ah, mas os quais são a besta selvagem e a árvore?

Gregor levantou a vista para o Aimery.

-Sabe quem são?

Aimery riu. -Possivelmente.

-As coisas seriam muito mais fáceis se o diz aos interessados.

-Qual seria a diversão disso? Precisa aprender a tomar decisões por ti mesmo. Nós os Fae normalmente nos mantemos à espera e observamos.

-Em outras palavras, diz-me que Fiona e Moira encontrará a seus consortes assim como o fez Glenna.

-Sabia que podia usar sua mente quando quer, - disse Aimery com uma risada enquanto levava os braços ao peito.

-Se um deles comete um engano ou toma uma decisão errônea a profecia não seguirá como estava previsto.

Aimery pensou um momento. -Possivelmente sim. Ou possivelmente não.

Gregor se levantou.

-tive bastante desta enigmática conversação. É pior que todos os Druidas.

Aimery só sorriu enquanto observava ao Gregor afastando-se. Sim, Fiona sem dúvida apaziguaria à besta selvagem do interior do Gregor.

\*\*\*\*

Gregor encontrou a Fiona junto ao rio. Seu comprido corto escuro formava redemoinhos com a brisa enquanto contemplava a água, as estrelas brilhavam intermitentemente no alto. Não foi até que se aproximou mais que viu o enorme funil de água que se elevava sobre o rio.

Observou como se levantava mais alto e mais alto. Transladava-se de uma borda do rio para a outra, a água formando furiosos redemoinhos. O funil logo se dividiu em dois, logo voltou outra vez a dividir-se como se dançasse na água. Os funis diminuíram de velocidade até alcançar um nível apaziguador, e variaram em tamanho agora.

A façanha lhe cativou, e se encontrou com que queria vê-lo mais de perto. Quase tinha alcançado a Fiona quando ela disse.

-Vêm te sentar.

Não encontrou que dizer e se sentou no chão ao lado dela. Tudo menos um funil desapareceu, e logo para seu assombro a água se disparo do centro do funil até aterrisar alguns metros mais lá no rio. Mas antes que pudesse perguntar como o tinha feito, outro disparo de água se abriu a pressão do rio exatamente onde à primeira parte tinha desaparecido.

A água seguiu saltando com o passar do rio. Fiona riu nervosamente a seu lado, e ele não podia deter o sorriso que atirava de seus lábios. Queria-lhe ver a cara, mas não podia apartar os olhos do rio e de seus muitos truques.

A água saltou para ele enquanto o funil lentamente desaparecia no rio. Abriu sua boca para lhe perguntar por que se deteve quando foi golpeado na cara com a água.

Secou a cara com um pano enquanto Fiona se agarrou firmemente os flancos dobrados da risada. Gregor se encontrou rindo bobamente junto a ela.

-Nunca te vi rir, - disse em meio da risada.

-Alegra-me ver que está de melhor humor.

Ela se sentou e se limpo os olhos.

-Graças a ti.

Teve o prazer de ver um sorriso detrás de sua cara.

-O que diz da Moira?

O sorriso diminuiu até que foi apenas visível.

-Não. Preferiria não escutar seu nome de novo.

-Não te abandonou. Queria que estivesse segura enquanto ela retornava ao castelo pela Glenna, - tratou de raciocinar com ela.

-Deixou-me. Não retornou. Nunca se comunicou comigo em todos estes anos. Isso é abandono não importa como se olhe.

Ele suspirou e contemplou a água.

-Não escutaste a versão dela na história. Não sabe o que aconteceu no castelo depois que ela te deixou.

-Teve o tempo suficiente para me explicar isso. Não podia culpá-la por sua maneira de pensar sobre isso.

-É duro ser o menino maior. Sente-se responsável pelas coisas e quando não resultam como se quer, ou espera, sente-se culpado.

-Do que é culpado? - perguntou.

-Tudo o que Moira queria para ti e para a Glenna era que fossem felizes. Essa felicidade finalmente chegou para a Glenna, e para as boas pessoas que lhes criaram. Moira nunca teve que preocupar-se com ti, e queria que você continuasse adiante com essa felicidade.

-Me responda Gregor, - exigiu-. Sobre o que se sente culpado? Por que estavam esses homens tratando de te matar?

-Porque fiz o inconcebível.

Voltou-se completamente para ele.

-Foi exilado de seu clã?

-Sim, - respondeu finalmente.

-Reconheci a manta escocesa que esses homens traziam posta como MacLachlan. Dirá-me a razão pela que foi exilado de seu clã?

Ficou de pé. -Hei-te dito mais que a ninguém desde esse dia. Acredito que é suficiente.

-Ajuda se falas disso.

-Possivelmente poderia seguir seu próprio conselho, - disse ele.

Teve que afastar-se dela. Quase o tinha contado tudo. Havia sentido que era correto fazê-lo, compartilhar a pena que levava desde esse terrível dia.

Mas não podia suportar ver o olhar em sua cara quando se inteirasse do tipo de homem que foi. Isso doía muito mais que qualquer tortura.

\*\*\*\*

Fiona observou ao Gregor afastar-se. Possivelmente tinha razão. Talvez ela devesse seguir seu próprio conselho. Havia-se sentido bem confiando seu temor ao Gregor.

Quando já não desejou arrebatr cabeças com a só menção do nome da Moira, considerou que era suficientemente seguro aventurar-se de novo ao acampamento. Possivelmente Aimery ainda estivesse ali.

Para sua surpresa, Aimery estava sentado sobre a árvore cansada assobiando enquanto modelava um pedacinho de madeira. Ela se aproximou até ficar diante dele.

Então perguntou: - por que vieste?

-Disse-lhe isso. Queria averiguar sobre ti, - respondeu sem olhar para cima.

-Se os Fae forem tão capitalistas como dizem às histórias que há me contando então teria sabido isso sem vê-lo por ti mesmo.

Um sorriso cruzou a cara do Aimery.

-É verdade. Quis me encontrar contigo antes que alcançasse o Vale dos Druidas.

Satisfeita com a resposta, sentou-se ao lado dele.



-Todo o tempo que estive com a Helen e Cormag me ensinaram o caminho dos Druida e como controlar meu poder. Sei tudo a respeito de meus pais, a profecia, MacNeil e os Druidas. Mas não conheço nada de minhas irmãs.

Aimery deixou de esculpir.

-E isso te assusta.

Levantou a vista para o Gregor que permanecia em silêncio.

-Sim, - admitiu-. Estou aterrorizada.

## Capítulo 8

-Está seguro disto? Gregor não tem nem idéia que estamos ainda aqui, - disse MacNeil enquanto ele e seus homens estavam montados perto das terras MacLachlan. A Sombra não lhe tinha revelado nada, e francamente estava cansado disso.

-É obvio que vai funcionar, - disse A Sombra-. Já te hei dito tudo isso. Não precisa se preocupar de como saberá, mas pode estar seguro que o fará.

-vou necessitar mais que isso.

Em uma piscada havia um punhal pressionado a sua garganta.

-Isso é tudo o que vai há obter, - murmurou A Sombra.

MacNeil sacudiu com força sua cabeça longe da adaga.

-Não estou muito seguro que seu plano surta efeito. Depois de tudo, seus muitos intentos contra a vida da Glenna fracassaram miseravelmente.

A Sombra se gabou no ar da noite.

-Ah, MacNeil. Sempre a mesma discussão. Preocupa-se muito.

Mas MacNeil não estava tão seguro. OH, não punha atenção em assassinar, de fato o desfrutava. Mas não tinha tempo para saquear e matar tranquilamente. Tinha uma profecia a que lhe fazer frente e o tempo se acabava.

Se o plano da Sombra efetivamente sortia efeito como pretendia, então Fiona estaria morta em um dia. Só se Gregor se inteirava que seu clã seria atacado apesar de tudo. E seriamente duvidava que esse fora o caso.

\*\*\*\*

Sangue. Havia sangue por toda parte. Cobrindo-o tudo. E os gritos a rodeavam, como se estivessem tratando de lhe dizer algo, lhe rogando que escutasse.

Fiona desesperadamente tratou de ver mais, ver o que causava o derramamento de sangue. A dor da gente a impregnou até que logo que pôde respirar.

Empurrou para afastar-se deles e se encontrou um homem maior atirado nas escadas do castelo enquanto MacNeil estava sobre ele renda-se. Parecia de vital importância que ela reconhecesse ao homem. Concentrou toda sua energia para distinguir algo sobre o homem, e logo...

-Fiona!

Sacudiu com força abrindo os olhos e se encontrou ao Gregor ajoelhado por cima dela, com as mãos sobre seus ombros, sua frente enrugada e os lábios apertados.

-Estava tendo outro pesadelo.

Não era uma pergunta. Ela inclinou a cabeça e tratou de girar-se, mas ele não a deixou.

-Conta-me a -¿Algo más?

-Havia tanto sangue. -Moveu a mão através da frente para enxugar o suor. -Ainda posso ouvir os gritos.

-Algo mais?

Levantou o olhar para ele.

-Vi o MacNeil. Estava sobre um homem nas escadas do castelo onde foi assassinado. Por alguma razão, acredito que se supõe que conheço esse homem.

Ele percorreu com uma mão sua cara.

-Não te podia despertar. Não abria os olhos.

-Sinto muito. - ficou direita-. Todo está bem agora.

-Não, Fiona. Não esta. -levanto-se e começou a passear-se. -Pelos Santos por que não pode Aimery estar aqui ainda?

-Aimery não me pode ajudar e sabe. Diria algo enigmático e o deixaria para que o decifrasse.

Gregor deixou de passear-se e se voltou para enfrentá-la.

-Só que a próxima vez desperta.

Tinha estado preocupado por ela, notou-o. Levantou-se e foi até ele. Agora seria outro bom momento para começar com sua sedução.

Estava de costas a ela observando o bosque. Quis lhe tocar sentir sua força sob os dedos. Depois de respirar profundamente, mordeu seus lábios para cavá-los e passou o dedo por suas costas.

Ele saltou ao contato. Ela não tratou de ocultar o sorriso satisfeito enquanto se situava diante dele.

-Está preocupado por mim. Isso é muito doce, - disse-lhe e o contemplou através das pestanas.

-É obvio que me preocupo. Meu dever é te levar ilesa e segura até o Vale dos Druidas. Dedicou-lhe um sorriso deslumbrante, regozijando-se em seu interior todo o tempo pela forma em que escolheu por seu toque.

-Estou ilesa e sei que me manterá segura.

-É minha responsabilidade. -Apanhou-lhe a mão quando ela tratava de lhe tocar a cara.

-Não resolvi porque seus sentimentos para mim trocaram tão de repente, mas o farei.

-Não há nada de que preocupar-se. Troquei de idéia.

Gregor não tragava nem por um momento. Estava tramando algo. Virtualmente ronronava quando lhe dirigia a palavra, e não acreditava que pudesse ter a possibilidade de voltar a ter suas suaves mãos sobre ele outra vez. Distraía-o com o sorriso mais simples e seu tato o atormentava porque não a podia ter.

-Quando esta mulher interessada terá que preocupar-se com tudo, - disse-. Há ainda algumas horas antes do amanhecer. Tenta descansar.

Conteve o fôlego até que ela partiu dando meia volta. Durante um momento pensou que ela podia voltar a tentar pressioná-lo e trabalhar suas artimanhas nele. Depois de tudo, só era um homem. Estava isolado com uma bela mulher que o tinha intrigado do primeiro momento no que seus olhos a viram.

Mas ela não era para ele. Ele era um monstro, um assassino. Ela merecia algo melhor que gente como ele.

Uma vez que esteve envolta na manta dormiu, Gregor se permitiu baixar o guarda. Estar na terra de sua família lhe tinha inquietado. Desejava ver sua mãe, sentir seu cálido sorriso sobre ele e que suas mãos aliviassem suas preocupações.

\*\*\*\*

O sol se movia a grande velocidade sobre o horizonte quando Gregor ouviu um profundo suspiro detrás dele. Fiona. Contemplo como dormia o resto da noite até que sua cara esteve gravada em sua memória.

Separou-se dela o suficiente para fazer uma viagem à corrente para refrescar-se. Uma breve olhada lhe deixou ver a Fiona despertando sensualmente enquanto despertava de seu sonho. Estava agradecido aos Santos que nenhum outro pesadelo a tinha atormentado.

-Bom dia, - disse e se sentou.

Ele a saudou com um gesto porque as palavras se negaram a sair da garganta. Via-se adorável com o cabelo saindo de sua trança enquanto o sol derrama sua luz sobre ela.

Ela se levantou e caminhou para ele.

-Vou baixar até a corrente para me refrescar. Quer te unir a mim?

Gregor empunhou as mãos para não tocá-la. Não tinha nem idéia de como seu convite o comovia. Se ela a tivesse, então não o tentaria.

Começou a recolher seus poucos pertences quando ouviu o chapinho na água. Não lhe custou muito imaginar seu corpo nu deslizando-se através da água.

Depois de sacudir a cabeça com força para apagar a imagem, chamou o Morgane. Quando terminou de preparar os cavalos, Fiona já tinha retornado. Trançava seu cabelo enquanto se aproximava.

-Sinto-me muito melhor, - disse-. Não é assombroso como um banho pode refrescar a uma pessoa?

Ele se encolheu de ombros.

Sua risada encheu o ar da manhã.

-Meu silencioso guardião. Diga-me tem dormido.

-Não muito. - perguntou-se que lhe tinha feito admitir isso ante ela, mas quando se tratava da Fiona estava desorientado. Levou as mãos ao redor de sua pequena cintura e começou a ajudá-la a montar.

-Conheço algumas ervas que poderiam te ajudar a dormir.

-Não necessito nada.

Cavou-lhe a cara em suas mãos.

-Há sombras profundas sob seus olhos.

Ele esteve a ponto de lhe responder quando o sorriso se afastou de sua cara, franziu o cenho e ficou absorta.

-Tanta dor, - murmurou ela-. Seus olhos estão tão tristes. Pergunto-me por que nunca notei isso antes de agora.

Precipitadamente a sentou em sua égua e ele montou no Morgane.

-Perdemos bastante tempo este manhã, - disse antes de dar uma joelhada à égua e começar um trote.

Concentrado em procurar inimigos e manter segura a Fiona, não tinha tempo de pensar em que lugar se encontravam e que de perto ficava sua casa.

Não foi até que se deteve para o almoço que se deu o gosto de respirar profundamente.

Até agora não tinham encontrado mais homens MacLachlan.

-Cavalgaste como um homem possuído.

Ajudou a Fiona a apear-se e rapidamente se afastou dela.

-Não tem todo o tempo no mundo para chegar até seu destino.

-Não é isso. É sua família, não é assim?

Ele a ignorou e ficou a procurar um pouco de comida.

-Talvez uma torta de farinha de aveia detivesse suas constantes perguntas.

-Por que não visitamos sua família? Estou segura de que teriam muito gosto de ver seu filho, apesar do que fez.

A pouca paciência que tinha, evaporou-se com o último comentário. Girou-se por volta dela rapidamente enquanto os anos de fúria se abriam caminho para a superfície.

-Não sabe nada. Nada, Fiona. Sabe o que significa ser banido de seu clã?

-Significa que você nunca volta.

-Exatamente, - gritou em voz alta-. Se voltar, então serei assassinado.

Ela tomou a torta de farinha de aveia de sua mão e se sentou sem dizer uma palavra na ladeira de uma montanha coberta de erva.

Lamentou ter perdido os estribos, mas ao menos a tinha silenciado.

Morgane o empurrou com seu nariz e lhe aplaudiu o pescoço para lhe assegurar que estava bem. Enquanto mordiscava sua insípida torta de farinha de aveia tinha à vista as Terras Altas.

Nunca se cansava de ver a beleza do acidentado terreno. As nuvens encheram o céu recusando deixar acontecer nem o mais breve raio de sol através delas, mas mesmo assim a terra era impressionante.

Fiona se esqueceu de comer enquanto via o olhar do Gregor sobre a terra. Ele pertencia a esta terra selvagem. Livre de algo ou pessoa. Ele era um Highlander.

Conteve o fôlego na garganta quando ele jogou a cabeça para trás e fechou os olhos enquanto a brisa varria o cabelo de sua cara. As mechas douradas flutuavam ao vento enquanto seu rosto se relaxava e tomava quase um encanto quase juvenil.

Tinha-lhe empurrado muito longe. Entendia-o agora, mas tinha querido ajudá-lo. Esqueceu a torta de farinha de aveia, levantou-se e caminhou para ele.

Sua respiração se deteve por um momento, e teve medo de haver-se intrometido. Entretanto, uma vez que seus olhos se encontraram com esta cena ante ela, não havia maneira de deixar a de olhar por agora.

-Com cada vaivém do vento sobre a erva troca do verde ao ouro e inclusive ao púrpura.

-Magnífico, não?

O amor em sua voz era claro inclusive para uma pessoa surda.

-OH, sim. É glorioso.

-Estava acostumado a vir aqui freqüentemente quando era um menino.

Não se podia acreditar que lhe tivesse contado algo de sua vida. Esperou, com a esperança, de que dissesse mais.

-Deveria vê-lo no inverno quando a neve está recém caída. Nunca poderia me decidir quando eu gostava mais.

Olhou-lhe então. Os negros olhos estavam ainda enfocados na terra ao redor deles, mas não estavam tão tristes como antes. Esta terra, a terra de sua família, aliviava-lhe ao mesmo tempo que lhe agitava.

Se só soubesse o que ele mantinha enterrado em seu interior, possivelmente pudesse ajudá-lo.

Quando levantou o olhar, seus olhos se posaram sobre ela. Olhou-a atentamente durante um comprido tempo como se queria recordar cada centímetro de sua cara.

Ela parecia igualmente encantada. Sua boca larga, cheia a cativou, prometendo prazeres que só podia sonhar. Tinha ouvido as mulheres de seu clã falar, mas as escutar e fazer algo do que realmente não sabia nada era completamente diferente.

Seu corpo queria ao Gregor. E enquanto não implicará a seu coração estaria segura. Não havia nada mau em tomar algo de agradar aonde o encontrará, e tinha a certeza que ele prometia esse prazer.

Antes que sua coragem a abandonasse alargou a mão, agarrou a dele e a trouxe para sua cara. Quando seus dedos quentes, cheios de calos tocaram sua bochecha, fechou os olhos e esfregou a cara contra sua palma.

Aproximou-se um passo mais e colocou as mãos sobre seu peito. O couro sob suas palmas era suave, afresco ao tato. Justamente o contrário do que sentiria ele.

Levanta a cara para ele e sua mão acariciou a bochecha ligeiramente. Baixou a cabeça quando a mão se moveu para sua nuca.

Estava a ponto de ocorrer. Ela finalmente receberia seu primeiro beijo.

## Capítulo 9

Gregor se tornou para trás um instante antes de lhe tocar os lábios com os seus.

-Não.

Fiona riu, mas ele soube que era uma risada forçada.

-Sou tão repulsiva? Os homens em meu clã pensam de outra maneira.

-Sabe que não é feia, - disse ele e caminhou até os cavalos.

-Gregor

-Basta de truques.

Girou-se para ela para lhe dizer o que tinha em mente e a encontrou parada com as mãos nos quadris e uma sobrancelha arqueada.

-O que?

-Quererá ver isto.

De uma pernada chegou a seu lado e viu os cavaleiros cavalgando rapidamente para eles. Não havia nenhuma dúvida que o xale era dos MacLachlan.

-Maldição. Temos que montar.

Quando se deu volta ela já estava montada.

-Por que toma tanto tempo? -Perguntou.

Ele se mordeu a língua e saltou em cima de Morgane.

-Corre, Fiona, - gritou.

-Pensei que Aimery disse que não seríamos incomodados outra vez, - gritou ela sobre seu ombro.

-São homens diferentes. Estes devem ter estado patrulhando e nos divisaram.

-Pensei que os MacLachlan eram amistosos.

Ele se emparelhou com ela e se encolheu de ombros.

-Eu preferiria não averiguá-lo. Quero estar fora da terra dos MacLachlan antes que anoiteça.

\*\*\*\*

Beathan MacLachlan consolou a sua esposa que causava pena.

-Estão seguros que era ele?, -perguntou a seus soldados.

-Sim, Laird. Reconheceria ao Gregor em qualquer parte.

-Ele retornou, Beathan, - gritou Margaret. -Nosso único menino tinha retornado a nós. Agora se foi outra vez.

-Ele estava com uma mulher, Laird. Correram assim que nos viram, - explicou o soldado.

-Foram diante, muito longe de nós para agarrá-los nas colinas.

-Ninguém conhece as montanhas como Gregor, - disse Beathan.

Despediu-se dos soldados e se concentrou em sua esposa. - O encontrarei, Margaret. Prometo-o.

Derrubou-se em uma cadeira diante do lar quando sua mulher se retirou a sua habitação. Se só pudesse desfazer o tempo, trocaria o passado e apagaria as duras coisas que havia dito e feito ao Gregor.

Esse dia, faz já tanto tempo, tinha perdido a seus dois filhos. Um por morte e o outro por desterro.

Tinha-lhe levado anos a Margaret perdoá-lo. Esse dia, quando lhe chegou a notícia que Gregor estava em terra dos MacLachlan, imediatamente tinha enviado soldados para trazê-lo para casa.

Só que as coisas não tinham resultado como tinha esperado. Seu único desejo era lhe dizer ao Gregor que lamentava por não ter estado a seu lado, por não lhe haver acreditado e lhe pedir seu perdão.

-Gregor, meu filho, por favor vêm para casa.

A porta ao castelo se abriu de repente. Beathan ficou de pé e tomou sua espada quando dois homens entraram.

-Quem são vocês? -perguntou.

-Aqueles que impulsionarão ao Gregor a retornar a casa.

\*\*\*\*

Um calafrio percorreu a Fiona. Tratou de esconder o do Gregor, porque sabia que ele pensaria que se adoeceria por estar na chuva, mas ele viu de todos os modos.

-Temos que encontrar refúgio ele gritou, por sobre o rugido da chuva.

Ela assentiu, mas temia que inclusive um fogo não esquentaria o esfriamento que cobria sua alma. Algo terrível tinha passado, mas não sabia que.

Seguiram pelo aguaceiro que subitamente os tinha alcançado. Manteve a cabeça baixa enquanto Gregor observava a ladeira da montanha em busca de uma cova.

Eles cruzaram várias mas tinham sido ocupadas por algum animal ou eram muito pequenas.

Um assobio a fez levantar a cabeça. Ele assinalou a sua esquerda, e ela só pôde distinguir a entrada da cova. A esta hora estava disposta a compartilhar a cova com um animal. O xale com que se envolto para abrigar-se estava completamente empapado, e também sua roupa.

Esperou fora da entrada da cova enquanto Gregor jogava uma olhada. Esteve de volta em um abrir e fechar de olhos e levou seu cavalo dentro da cova. Deslizou-se da égua e começou tirar a sela enquanto ele se fazia cargo do Morgane.

Depois que os cavalos foram cuidados, lhe atirou outro tartán. Ela o agarrou antes que caísse ao chão e lhe dedicou um brilhante sorriso.

-Parece como se sempre estivesse tratando de me despir.

Não fez nenhum comentário, mas ela tinha visto o leve levantamento de seus lábios antes que se deu a volta. Enquanto ele procurava madeira seca, despiu-se apressadamente e se abrigou envolvendo-se com a manta seca.

Por mais que tratou, não pôde apartar o medo que algo terrível tinha acontecido. Ou estava a ponto de acontecer. Se só pudesse entender que era.

Pouca sorte ter poderes de Druida quando não podia usá-los totalmente. Necessitava uma tigela de água, então poderia olhar nele. Não sempre funcionava, mas neste momento tinha que tentá-lo.

O problema era que não queria que Gregor soubesse o que tinha em mente. Tinha que decifrar isto sozinha, disso estava segura.

Necessitava um pouco de tempo a sós, e sabia que só de um modo podia consegui-lo.

Com a manta envolta ao seu redor e um braço fora, encaminhou-se para o Gregor.

Sua roupa de couro se aderiu a ele como uma segunda pele quando se movia. Sua intenção tinha sido aproximar-se novamente, mas uma vez que o alcançou, seu único pensamento era sentir os lábios do Gregor sobre os seus.

Não mais enganos ou artimanhas. Realmente queria conhecer seu beijo, a sensação de seus lábios firmes movendo-se sobre sua boca e sua pele.

Seu corpo se acalorava só de pensar nele. Sabia que teria que proteger bem seu coração, mas se era certo que todos os Druidas tinham a capacidade de encontrar a seu verdadeiro companheiro, então não teria nenhum controle de seu coração.

A não ser que se assegurasse que sua união fora só física e não emocional.

-Fiona?

Sua voz, rica e firme, fez que seu estômago saltasse. Insegura agora de se queria tempo a sós ou tentar beijar ao Gregor, elevou seu olhar e a fixou nele.

Devia haver algo em seus olhos que não tinha sido capaz de ocultar porque ele amaldiçoou e girou sobre seus talões enquanto saía caminhando airadamente para os cavalos.

Com um profundo suspiro se voltou e procurou em sua bolsa. Encontrou a tigela que Helena e ela tinham pintado de negro e verteu água nele. Depois de acomodar-se diante do fogo e com as costas para o Gregor, olhou profundamente dentro da tigela.

Em seguida as cenas de seus pesadelos apareceram frente a ela, mas só em breves vislumbres. Sua frustração aumentou até que logo que foi capaz de controlá-la. Então viu o MacNeil e seu coração se desabou a seus pés.

–Não, – sussurrou ela.

De algum modo, MacNeil era responsável pela frieza que tinha encaixotado sua alma durante as últimas poucas horas. Mas o que podia ter feito ele?

Sabia instintivamente que suas irmãs estavam ilesas, mas isto não lhe ajudava a averiguar a quem tinha prejudicado MacNeil ou tentava danificar.

O relincho de um cavalo rompeu sua concentração. Baixou a tigela e se perguntou o que deveria fazer a seguir. Jogou um olhar sobre seu ombro e viu o Gregor olhando fixamente para fora à chuva.

A desolação que o rodeava a entristeceu. Antes de dar-se conta, estava de pé caminhando para ele.

Ele se deu volta para ela, seus olhos negros estavam cheios de pena e... resignação.

O que fora que tivesse feito deve ter sido horrível para destruir sua vida e provocar seu desterro. Sua dor tirou seu lado compassivo, e pensou que se pudesse afastá-lo um pouco de sua isto pena aliviaria sua própria dor também.

Ele não apartou sua mão quando ela a levou até sua cara. O tato de sua cara sem barbear sob suas mãos era uma sensação que nunca acreditou que gostaria tanto. As costeletas lhe picaram a palma, mas a frieza de sua pele em contraste era embriagadora.

Ela passou sua mão de sua bochecha a forte mandíbula, estudando sua boca todo o tempo. Ele não se moveu, mas podia dizer que seu toque o afetou pela leve rigidez de seu corpo.

Com mais audácia da que alguma vez tinha revelado a se mesma ou a alguém, inclinou-se para ele, desejando, necessitando seu beijo. Seu aroma de couro, a cavalo e sândalo encheu seus sentidos. Suspirou e ligeiramente separou sua boca enquanto seu corpo ia ao encontro dele.

Era todo um homem. Mais homem que nenhum dos que ela alguma vez tivesse encontrado. Voltava seu corpo à vida, a fazia pensar em estar com ele, como só um homem e uma mulher podiam estar.

Estava a um fôlego de ter os lábios dele procurando os seus, quando ele se tornou para trás. Podia haver-se equivocado? Talvez não era seu companheiro, porque seu companheiro nunca daria a volta afastando-se dela. E ele o tinha feito duas vezes.

Gregor tratou de ignorar a dor que cintilou nos verdes olhos da Fiona, mas não pôde. Seu corpo gritava por prová-la, para finalmente saber se ela guardava o néctar dos deuses em sua boca. Antes de permitir-se trocar de opinião, levou as mãos a sua cara e esmagou sua boca na dela.

E então ele provou o êxtase.

A boca dela aberta impaciente pela sua, e a suavidade de seus lábios só estimulou seu desejo de novas alturas. E tudo com um simples beijo.

Quando seus braços o rodearam, não pôde conter o gemido que lhe escapou ante o contato de seu corpo flexível contra seu peito.

Tomou por assalto sua boca como se esta fora sua única oportunidade de provar tal sorte. A disposta aceitação de seu rude e demandante beijo só o fez querer mais dela enquanto suas línguas se batiam a duelo.



Seu fôlego se alojou em seu peito enquanto os dedos dela se entrelaçavam com seu cabelo e delicadamente lhe tocavam o pescoço, enviando tremores por seu corpo.

Ela seria sua morte. Não podia conseguir bastante dela, e quando pensou em baixá-la ao piso para tomá-la, soube que tinha alcançado o ponto de deter-se.

Tratou de apartar-se gentilmente, mas Fiona se negou a deixá-lo ir e pressionou seus lábios contra os seus. Quando sua língua varreu dentro de sua boca, ele quase se rendeu.

Quase.

Atirou de seus braços. O peito dela subia e baixava rapidamente e seus lábios estavam inchados por seus beijos. Não ajudava que seus olhos brilhassem com desejo, e o corpo do Gregor exigia alívio.

Ficar tão de perto dela seria sua queda. Tinha que afastar-se. Deu-se a volta e saiu com passo comprido da cova para a chuva.

Apoiou-se contra um lado da montanha e deixou que a chuva caísse sobre ele enquanto tratava de recuperar os sentidos que tinham girado em um espiral desde que ela começou a tocá-lo.

Maldição, era um idiota por haver-se permitido prová-la. Tinha sabido pelo olhar de desejo em seus olhos que deveria ter fugido. Simplesmente não tinha ido o bastante longe.

Agora com seu sabor ainda sobre sua língua, no único que podia pensar era nela. Por que tinha vindo a ele?

Fechou os olhos enquanto a chuva corria por sua cara e sua roupa já molhada. Não podia negar que ela havia deixado ele meio doido uma parte que pensava que estava enterrada para muito tempo.

Aquela parte que tinha morrido com sua irmã. Mostrou-se a si mesmo, e a seu clã, justo como o monstro que era com a morte da Ana. Por isso foi o que tinha tratado de rechaçar esta missão a que Moira o tinha enviado.

Não tinha nenhum direito de levar a Fiona ao Vale dos Druidas, e certamente não tinha nenhum direito de tomar tais liberdades com um ser que os Fae tinham bento.

Ainda assim, não lamentava o fato de haver-se sentido bem beijando a Fiona. Por um momento seu mundo não tinha sido tão desesperado e estéril. Quase parecia que tinha chegado um raio de esperança, mas isso tinha desaparecido rapidamente quando se separaram.

Deve ser o Druida nela que permitiu a ele sentir tais coisas. Não era real, e ele devia recordar isso.

\*\*\*\*

Aimery se apertou o peito enquanto o frio caía sobre ele. Fixou seu olhar para baixo, sem ver os muitos livros que desordenavam o escritório. Algo maléfico tinha passado, e ele quase podia garantir que era sobre o Ente Malvado.

Apoiou sua cabeça para trás e se concentrou. Era fácil encontrar ao MAC Neil. O homem emprestava a traição e assassinato. Mas o que assustava ao Aimery era aonde MacNeil estava.

-MacLachlan.

Havia um espaço ao lado do MacNeil que sabia pertencia a este Ente Malvado. Outra vez o Maligno usava a magia Fae.

Qualquer que fora o tempo disponível, pensou Aimery, este havia se tornado escasso. MacNeil tinha chegado onde MacLachlan muito antes do previsto, mas não estava preocupado pelo clã do Gregor. MacNeil e o Maligno não fariam nada até que Gregor chegasse.

Isto dava ao Aimery o pouco tempo que necessitava para continuar lendo atentamente os livros. Em algum sitio nestes maciços tomos tinha que haver algo sobre mortais ou Druidas usando a magia Faerie.

## Capítulo 10

Fiona ficou com o olhar fixo, aturdida, no Gregor. Seu coração ainda palpitava grosseiramente, e seu corpo desejava mais dele, mas estava feliz. Finalmente tinha obtido seu beijo e era tudo o que tinha esperado e sonhado que seria.

Tocou os lábios e suspirou. Não só se afastou dela. Não havia escapamento agora. O acharia, porque depois desse beijo nada podia negar que ele era seu consorte.

Com um sorriso na cara que não tinha tido em meses, se deitou comodamente ao lado do fogo e tratou de dormir. Mas o sono a evitou.

Queria assegurar-se que Gregor retornasse e não a deixasse sozinha. Não podia suportar que isto ocorresse. Além disso, era ela quem deixaria a ele.

Justo quando começava a preocupar-se, entrou andando na cova. Deteve-se e se voltou para ela, e precipitadamente fechou os olhos exceto por uma brechinha para podê-lo ver. Durante muito tempo, vigiou-a antes de lhe dar as costas e começar a despir-se.

O couro estava pego a sua pele pela chuva. Tirou-se o colete, e a extensão de pele dourada que se estreitava na cintura causou que lhe fizesse água a boca. Os músculos ondebaram em seu pescoço e nos ombros enquanto se movia, e foi então quando a viu.

A cicatriz percorria da parte inferior de seu ombro direito, em uma curva, até a coluna vertebral. Era uma cicatriz velha pelo que parecia. Ela se esqueceu da cicatriz quando se tirou as botas e começou a baixar a estreita calça escocesa. Sua respiração se entupiu em seu peito pelo que viu.

Justo quando estava a ponto de obter a primeira olhada de seu corpo nu, deteve-se e se deu a volta para ela. Manter a respiração casual e continuar simulando que dormia foi tudo o que ela pôde fazer.

Para sua imensa desilusão, Gregor se decidiu contra despojar-se das calças e se deitou perto do fogo. ia ser uma noite muito larga.

Ela dormiu a momentos. Cada vez que despertava encontrava ao Gregor acordado. Sabia que nunca sobreviveria a outra dura viagem sem descansar e se obrigou a si mesmo a cair dormida.

Parecia que somente tinha passado um segundo antes que despertasse do sono. Ela abriu os olhos para encontrar-se que Gregor a olhava através do fogo.

-Outro? -perguntou.

Ela assentiu e se sentou. A alvorada ainda não tinha chegado, mas o céu cinza não estava muito longe. Não havia necessidade de tentar dormir de novo.

-E suponho que ainda não me contasse sobre isso?

Como lhe podia dizer que ela tinha visto o MacNeil assassinar a um homem, mas não tinha nenhuma idéia de quem era este homem? Soava estranho para seus ouvidos.

-Poderia estar em condições de te ajudar, -ofereceu-se enquanto removia o fogo com uma vara.

Ela pensou em seu comentário enquanto começava a vestir-se. Então teve um pensamento.

-Direi isso se me diz por que foi banido.

-Não.

A resposta foi imediata. Não havia se pensando sua proposição.

-Tem medo de que pense diferente de ti?

-Não acredito, Fiona. Sei. por que pensa que meu clã me desterrou? -Ele se elevou sobre os pés, com uma cólera evidente.

O peso de seus sonhos a curvou, e pela primeira vez em sua vida quis compartilhá-los. Ele estava a ponto de sair da cova quando disse, -Vi o MacNeil outra vez. Ele é a parte central dos sonhos.

Isso deteve o Gregor em seu caminho.

-E, -empurrou voltando-se para ela.

-O que está fazendo ele?

-Matando a um homem. Um Laird de um clã pelo aspecto geral do que vi.

Ela levantou a vista para encontrar um lado de sua boca levantada em um meio sorriso.

-Confia em mim o suficiente para me dizer isso.

Isso trouxe um sorriso a sua cara. Caminhou até situar-se a seu lado na entrada da cova. Com a chuva finalizada do dia anterior, o novo dia amanhecia esplêndido.

O céu era de um rosado escuro enquanto o sol começava sua ascensão. As montanhas emitiam sombras ao redor, fazendo parecer negros monstros gigantesco.

-Sei que não pode entender a razão nem o porquê não quero ver a Moira outra vez, mas isso é parte do motivo de minha desconfiança nas pessoas, - disse.

Ele estava a seu lado com as mãos fechadas detrás das costas.

-Sim. Acredito que o entendo. Eu tampouco confio nas pessoas.

-Que par fazemos, -disse-lhe e lhe sorriu. As lembranças da noite anterior e de seu beijo surgiram nela.

Ele deu um passo atrás.

-Nós, ah, precisamos nos pôr em marcha.

Não discutiu enquanto começava a recolher a bagagem. Não levaria muito tempo derrubar essa parede que tinha construído ao redor de si mesmo. A batalha mais dura tinha sido combatida a noite anterior.

Ele a desejava. Não havia dúvida sobre isso depois desse beijo faminto que tinham compartilhado. Conseguir que o admitisse seria outra coisa, mas não necessitava que o admitisse. Somente necessitava que a quisesse tão incorretamente que se esquecerá de seu pesar.

\*\*\*\*

Aimery riu longamente enquanto se reclinava em uma cadeira com um dos muitos livros em seu regaço. Fiona e Gregor eram tudo um casal como o tinha comprovado por si mesmo. Ela se introduziria com seu delicado poder e logo Gregor se renderia. Nenhum homem podia opor-se um pouco a algo tão belo como Fiona e não cair...

O sorriso que Aimery levava deixou de existir rapidamente enquanto o temor da alma da Fiona penetrava profundamente nele. Havia somente uma pessoa que podia causar esse tipo de temor.

-MacNeil.

Aimery explorou profundamente na mente da Fiona e viu seus pesadelos. Suspirou. Não podia interferir no presente. MacNeil queria a Fiona e ao Gregor, e se supunha que tinha que sentar-se a observar.

Não havia forma que ele se permitisse isso. Até agora, Fiona e Gregor tinham tirado claro algumas costumes, e enquanto se mantivesse longe do MacNeil ele poderia manter fora aos Fae.

Mas isso não queria dizer que não pudesse avistar ao seu exército. MacNeil e o Maligno usavam a magia Fae. Definitivamente uma vantagem sobre a Fiona e Gregor. Somente porque o exército estava ali não significava que interferissem.

Ao menos isso é o que lhes diria ao rei e à rainha se descobriam seu plano.

\*\*\*\*

O sol brilhou radiante e claro ao dia seguinte enquanto Fiona e Gregor seguiam sua marcha para o Vale dos Druidas. Estava exausta, mas se negava a deixar o ver. Não sabia como ele podia resistir e seguir adiante depois de outra noite de pouco sonho, e tinha a furtiva suspeita que tinha passado a maior parte de suas noites assim.

Poucas palavras tinham sido ditas desde que tinha amanhecido, e isso estava bem para ela. Não sabia o que lhe dizer e, aparentemente, ele não tinha nada para lhe dizer. Tinham comido a comida do meio-dia a cavalo, e seu traseiro estava machucado e necessitava um banho quente. Gregor era diferente agora que estavam fora da terra dos MacLachlan. Estava mais depravado, se pode chamar um homem tão selvagem e indômito e poderoso como ele depravado.

–Deteremos logo esta noite, – disse enquanto rodeavam a cupula de uma colina.

Fiona estava muito cansada para falar mas quando divisou o lago debaixo dela sorriu. Conseguiria um banho depois de tudo. Não seria quente, mas um banho era um banho.

Não ficou atrasada depois disso e apressou ao Gregor. Quando ele assegurou o terreno para o acampamento, ela ansiosamente se desceu da égua e começou a tira a sela.

Depois de encontrar um traje limpo, dirigiu-se ao lago. Mas a voz do Gregor a deteve.

–aonde vai?

–A tomar um banho.

–Me deixe jogar uma olhada ao redor antes. Descansa aqui até que retorne, –disse enquanto recolhia o arco e a flecha.

Ela quis estrangulá-lo, mas tinha um bom ponto. Ela se apoiou contra uma grande rocha redonda para aguardar sua volta.

\*\*\*\*

Gregor explorou a área, e quando estava seguro de que não o estavam seguindo, fez o caminho de volta a Fiona. Para sua surpresa, estava profundamente dormida.

Não quis despertá-la. Sabia que ela não tinha dormido a noite anterior. Não lhe tinha enganado, pensou com um sorriso, embora tinha tratado de atuar tão vivaz como sempre.

Morgane relinchou e foi cuidar dos cavalos. Quando terminou encontrou que Fiona estava ainda dormida pelo que fez o caminho para o lago. Um banho soava bem e isso seria um momento ideal para provar-se a si mesmo.

Depois de despojar-se das roupas entrou andando no fresco lago até que a água alcançou seus joelhos. Como a água formou redemoinhos ao redor de suas pernas, as lembranças se apressaram a lhe invadir. Apartou-os a um lado e deu outro passo até que a água alcançou suas coxas.

Tratou de controlar sua rápida respiração acalmando-se a si mesmo, mas não havia controle na irregularidade dos batimentos do coração de seu coração. Com os punhos fechados fortemente se abriu caminho até que a água alcançou sua cintura. Até com a água fresca, o suor escorria sua frente. Os gritos de sua irmã ressonavam fortemente em seus ouvidos enquanto desesperadamente tratava de empurrar as lembranças no oco onde seu coração estava acostumado a estar. Era muito. Nunca nadaria outra vez e precisava dar-se conta disso.

Moveu-se para a água menos profunda e se sentou para começar a lavar-se. Justo quando estava a ponto de terminar viu a água ondear a seu redor.

\*\*\*\*

Fiona estirou os músculos duros de seu pescoço enquanto se endireitava. Não podia dizer quanto tempo tinha dormido, mas pelo aspecto do acampamento Gregor já tinha retornado.

–Agora onde podia estar ele...?

Seu corpo necessitava um banho, assim é fez o caminho para as escuras águas. Ali foi onde se encontrou com ele.

Estava sentado em água pouco profunda e percorria o terreno. Parecia tão solo sentado que quis ir a ele.

Ela se umedeceu os lábios ao ver sua pele refulgindo com a água. Empunhou as mãos quando pensou em como se sentiria enquanto suas mãos se deslizavam pela úmida pele.

Seria a oportunidade perfeita para conseguir sua atenção.

\*\*\*\*

O som de uma risada nervosa chegou ao Gregor enquanto voltava a cabeça. Tudo o que divisou foram uns pés quando Fiona se mergulhou na água.

Procurou suas roupas com os olhos e mediu a distância entre ele e a borda. Tratou de calcular se as podia alcançar e chegar às rochas antes que Fiona rompesse a superfície quando justamente fez isso.

–Por que não me despertou? –perguntou-lhe. Sua expressão era a de uma inocente, mas seus olhos eram algo exceto isso.

Sabia que ela o desejava, mas não havia forma que se rendesse. Ele não teria também isso em sua alma. Ela seria levada a Vale dos Druidas sendo inocente. Negava-se a pensar no que lhe fariam Moira e Frang se manchava a Fiona com sua alma suja.

–O que ocorre? –perguntou enquanto nadava mais perto dele–.Sua voz desapareceu?

–Não, –respondeu–. Vi que necessitava descanso.

Ela sorriu e lhe fez uma piscada e ele sabia que estava a ponto de conseguir todo um assalto de sua parte. Precisava sair da água. Rápido. Antes que seu legendário controle se rompesse.

–Isso foi muito atento de sua parte.

«Aqui vem. Prepare-te!»

Com os braços estirados por diante se deslizou para ele.

–Por que não entra em águas mais profundas? É bonito isto.

De maneira nenhuma sobre a terra verde de Deus. –Tenho certeza que sim.

–Certamente não me tem medo?

Negou com a cabeça, ainda tratando de calcular uma maneira de chegar a terra rapidamente.

Para seu absoluto assombro, ela sujeitou sua mão. Tinha estado tão atento procurando uma saída do lago que não se deu conta que ela tinha chegado a seu lado.

Por vontade própria, seus olhos viajaram pela água para ver se ela estava tão nua como ele, mas tudo o que encontrou foi o delicioso inchaço dos peitos dela visíveis através da escura água.

Seria tão fácil render-se e tê-la. Desejava-a e ela o desejava. Por que deveria permitir que um pouco tão insignificante como sua inocência o detivera? Certamente isso não a detinha ela.

Ele apertou seus olhos fechados e silenciosamente amaldiçoou. Era o monstro que seu pai lhe tinha chamado. Deveria ter mais força que pensar em ceder às necessidades e cair tão baixo. Nunca teve problemas colocando a uma mulher em sua cama.

Certamente levaria quantidades imensas de controle manter Fiona longe dele até que a entregará a Moira e aos Druidas, então podia encontrar uma garota agradável, desejosa de esquentar sua cama durante o próximo mês.

–Gregor?

Sua voz, suave como a seda e ligeiramente rouca, rodeou-o. Ele abriu os olhos para encontrá-la muito perto.

«Controle! Grandes quantidades de controle!»

## Capítulo 11

Ela atirou de sua mão.

-Vamos relaxar na água enquanto possamos. Nadar um pouco não machucará a ninguém.

-Não!

Gritou Gregor mais forte do que era sua intenção mas obteve sua atenção. Ela deixou cair sua mão e se encolheu de ombros. Sua mão se moveu sinuosamente e agarrou a cadeia de seu medalhão.

-O que é isto?

-Um medalhão que me deu meu pai.

-É formoso.

-Obrigado, -disse e partiu dando meia volta.

-Deveria voltar para o acampamento.

-Por favor fique e fala comigo.

Ele não tinha nenhuma eleição no assunto se não queria partir antes que ela. Resignou-se ao feito de estar na água durante algum tempo. Entretanto, podia aproveitar-se bem, pensou com um sorriso interior enquanto ela se voltava. A água corria em gotinhas por debaixo de suas costas. A cor nata de sua pele resplandecia pelo sol da tarde, e apostaria sua melhor adaga que ela sabia igualmente a nata. Seu cabelo se desfez da trança ao flutuar tentadoramente na água. Ele quase chegou a tocar um fio escuro, mas se deteve a si mesmo a tempo. Ela nadou profundamente no lago e embora lhe gritou, continuou nadando. Seu medo ameaçou elevando-se e estrangulá-lo enquanto lutava por refrear suas emoções.

-Fiona!

Finalmente ela se girou e lhe sorriu.

-Qual é o problema?

-Volta.

-Assustei-te?

Não lhe respondeu, mas esperou até que ela esteve mais perto dele.

-Não vá tão longe.

-Sou uma grande nadadora, Gregor. Não tem nada de que preocupar-se. Sem mencionar que tenho o poder sobre a água, -disse. Logo se deteve e ficou olhando.

-Estava preocupado por mim. Por quê?

-Simplesmente não o faça. Por favor, -chiaram os dentes.

Olhou-lhe durante vários segundos.

-Está bem.

Logo, para sua comoção, ela começou a banhar-se.

-O que estas fazendo?

Sua risada encheu o ar.

-O que te parece que faço? -Continuou ensaboando seus magros braços, e justo quando pensou que ela ficaria de pé, deu-lhe as costas.

-me diga o que fazia antes que os Druidas lhe enviassem por mim.

Não queria dizer-lhe mas se deu conta de que ela seguiria até que o dissesse.

-Realmente não quer sabê-lo.

-Por quê?-Perguntou sobre seu ombro-.Trocará minha percepção de ti?

-Sim.

-Por que não me deixa decidir isso?

Suspirou. Ela era como um enxame de mosquitos que persistiriam em te perseguir por mais que tentasse evitá-los.

-Sou um mercenário.

Silêncio. Tinha esperado que não trocasse sua opinião dele, mas talvez era melhor que o fizesse. Então a sedução que ela tinha em mente cessaria.

-Espero que lute por boas causas.

Ele se sentou em silêncio aturdido por um momento quando registrou suas palavras. Ao descobrir que era um mercenário não o tinha feito, sua seguinte declaração o faria.

-A guerra não é nunca uma boa causa, e é o dinheiro o que me interessa.

Deteve seu banho e lhe olhou por cima do ombro.

-Arrumado a que isso trocou sua opinião de mim, -disse sarcasticamente. Ela negou com a cabeça.

-Não teria pensado isso de ti. Não parece esse tipo.

-É assombroso como o passado determina a vida.

-Por causa de seu desterro, quer dizer.

Girou a cabeça afastando dela. Não podia olhá-la nos olhos. Quando ela disse isto, fez que sua eleição parecesse um pouco prática e estúpida.

-Por que então tomou esta tarefa?

O que lhe dizer? Atrever-se a lhe dizer a verdade, que queria provar-se a si mesmo que não se tratava de dinheiro, mas sim queria fazer algo que fora correto?

-Porque Moira me pediu isso, -disse. Era em parte a verdade de todos os modos.

-Como chegou a conhecê-la?

Tinha perguntado despreocupadamente, mas sabia quanto lhe havia sido franco. Durante um momento, observou como continuava lavando-se.

-Estava no lado equivocado de uma guerra. Glenna e Conall me ajudaram a ver isso.

-Assim, eles ajudaram.

-Sim.

Enxaguou-se e se girou para ele.

-Em outras palavras, MacNeil te contratou.

Seu coração se apertou com suas palavras. Foram ditas brandamente, mas com pesar.

-Sim.

-Por quê?

-Porque ele estava disposto a pagar. Essa é minha forma de vida. Não vou orvalhar o com bondade porque não há nenhuma. Nunca quis saber por que alguém liberava uma guerra. Ia com a pessoa que me pagava mais. Sou hábil no que faço e os homens pagam esplendidamente por me ter em seus exércitos.

-Mas é bom ou não teria ajudado a minha irmã e Conall. Apesar do que pense de ti mesmo, é a verdade.

Suas palavras lhe deixaram estupefato. Como podia pensar isso dele? Apenas lhe conhecia. Estava tão ensimesmado com sua declaração que não se deu conta que ela estava fora da água até que o chamou por seu nome.

-Desfruta do pôr-do-sol.

Ele se girou sobre si e olhou por cima das montanhas ao céu. O sol se afundou detrás das sólidas montanhas e tinha convertido o céu em um vibrante púrpura e ouro. As nuvens salpicavam o céu convertendo mais escuro o púrpura enquanto o lago refletiu um céu dourado.

Era um pôr-do-sol das que se viam só uma vez em toda uma vida e a gente deveria desfrutá-lo com alguém. Muito mau era estar sozinho. Como de costume.

\*\*\*\*

Fiona contemplou o pôr-do-sol do acampamento. As palavras do Gregor a tinham perturbado, não havia dúvida, mas também sabia que era um bom homem que tinha sido expulso do curso correto. Uma boa mulher o poderia situar nesse curso.

-Mas não eu.



Ele voltaria logo. Tinha decidido o desenvolvimento de sua artimanha enquanto nadava e não havia retorno. Teria-lhe. Esta noite. E tinha justo o adequado para lhe fazer cair de joelhos. Ou ao menos esperava que o faria.

\*\*\*\*

Gregor entrou no acampamento sem olhar a Fiona. Queria fazer um fogo mas sem o refúgio de uma cova não sabia se podiam arriscar-se.

O fato de que MacNeil não os tivesse seguido lhe preocupava. Estavam na rota mais curta para a terra dos MacInnes, de modo que, na verdade, MacNeil deveria estar rastreando-os. Onde diabos estava ele de todos os modos?

Acertou a divisar um lugar na saia de uma montanha onde poderiam fazer um pequeno fogo e ainda podiam estar ocultos.

-Procurarei um pouco de comida, -disse e agarrou seu arco e flecha.

-Vou começar fazer um fogo, - ouviu sua resposta enquanto partia dando meia volta. Seu pai lhe tinha ensinado bem. Rastreou os coelhos e apanhou três deles. Quando retornou ao acampamento morria de fome e esperava com ilusão a comida.

-Apanhei três lebres, -disse enquanto caminhava até o acampamento e se deteve em seco.

Fiona estava junto a uma grande rocha com uma perna sobre ela enquanto e se inclinava toqueteando seu sapato. Uma grande quantidade de perna era visível a seu olhar, e ele avidamente a devorou com a vista.

-OH, bem, -quase ronronou.

Gregor afastou o olhar longe dela e se dedicou a limpar aos coelhos. Todo o tempo ela cantarolou e levou adiante uma conversação unilateral da que ele se negou a formar parte.

Colocou os coelhos em cima do fogo para cozinhá-los e se tirou o pó das mãos, a boca lhe fez água ao pensar na comida. Endireitou-se e se voltou para encontrar a Fiona diante dele.

-É um caçador perito, não é assim? -Perguntou-lhe e seu dedo percorreu seu braço.

Seus músculos se moveram nervosamente por decisão própria e enviaram calafrios a sua pele com seu toque. Maldita seja, mas ela era difícil de resistir.

-Ponho comida na mesa.

Ela se mordeu o lábio e o olhou através de suas pestanas.

-Ah sim, que humilde.

-Eu, ah, preciso explorar ao redor do acampamento outra vez.

Tinha que escapar dela. Tudo seu sangue se acumulou em sua virilidade por sua cercania. Nunca tinha perdido o controle como agora e era um pouco embaraçoso.

-Estarei esperando. -Lhe piscou os olhos e se sentou ao lado do fogo.

Sem olhar para trás quase correu do acampamento. Esperou até que soube que os coelhos estariam cozinhados antes que voltar para acampamento.

Não lhe falou enquanto começava a comer, e Gregor nunca se precaveu de quão atrativa podia ser uma mulher comendo. Não provou sua comida quando a olhou lambendo os sucos da carne, sua língua rosada se movia para fora para lhe tentar.

Seus lábios se envolveram ao redor de uma parte de carne e tudo o que pôde pensar era em sua boca sobre sua virilidade. O suor lhe cobriu o corpo enquanto tratava de concentrar-se em comer em lugar da boca da Fiona, mas era impossível. Quando não o pôde suportar mais, levantou-se para enterrar os ossos.

«Só volta para acampamento e te deite. Não lhe dirija a palavra, não a olhe. Só fecha os olhos e durma ».

E essa era sua intenção até que chegou ao acampamento e a encontrou junto ao fogo envolta em um tartán. Estava a ponto de lhe perguntar se estava doente quando ela deixou cair a manta a seus pés.

Gregor sentiu como se alguém lhe desse um murro na barriga. Fiona estava ante ele em toda sua gloriosa nudez. Era magnífica, e seus olhos absorveram tudo de suas largas pernas, os quadris cheios, a magra cintura, e os seios que encheriam suas mãos indubitavelmente.

Essas mãos que lhe picavam por tocá-la, ver se ela era real ou uma visão que sua mente tinha criado para burlar-se dele. O arco e a flecha lhe caíram das mãos, e sua espada logo os seguiu.

Seus pés começaram a caminhar para ela e seus olhos encontraram sua cara. Mechas de escuros cabelos caíam soltos e cheios ao redor dos ombros e baixavam até alcançar a cintura. Quando cortou a distância entre eles viu o tom escuro de seus mamilos. Endureceram sob seu olhar, e soube que não havia volta atrás agora.

## Capítulo 12

Fiona conteve o fôlego e esperou que Gregor partisse longe, mas quando ele lhe se aproximou, começou a respirar outra vez. Seu olhar lhe percorreu o corpo, e o sorriso que atirava da comissura de seus lábios fez que o corpo da Fiona saltasse com antecipação.

Caminhou até deter-se ante ela. Então, caiu de joelhos e lhe rodeou a cintura com os braços. Ela o envolveu com seus braços e fechou os olhos brevemente enquanto saboreava o momento.

Ajoelhou-se com ele e viu o desejo em seus negros olhos. O triunfo flamejou dentro dela. Não a tinha evitado e ela estava em controle. Ficaria assim, também.

-Sabe o que está fazendo? -perguntou-lhe enquanto passava uma mão por seu cabelo.

-Sim. Não pergunte sobre isto. Somente aceita e te permita sentir.

Ele se inclinou para frente e mordiscou sua boca enquanto suas mãos a atraíam contra ele.

Ela começou a lhe tirar o colete. Suas mãos avançaram por seus amplos e musculosos ombros, e percorreram suas costas aprendendo a senti-lo. As mãos dele vagavam por toda parte enquanto sua boca a levava ao êxtase com seus beijos. Ela inclinou sua cabeça para trás quando sua boca se moveu desde sua mandíbula a seu pescoço.

-Hmmm. Realmente tem sabor de nata.

Ela sorriu ante suas palavras.

-Eu? É assim como uma mulher se supõe que sabe?

Levantou sua cabeça e a empurrou para trás até que esteve estendida no chão.

-Só você, - disse quando se elevou em cima dela.

-E você ainda tem as calças postas.

Ele riu e o som esquentou seu coração.

-É certo, mas posso remediar isso.

Ela se apoiou em um cotovelo enquanto ele se despiu e atirava seu medalhão no montão. Seu corpo não a decepcionou. As pernas eram tão musculosas como o resto de seu corpo, mas foi sua virilidade o que lhe chamou a atenção.

Estava parado direito e alto e a chamava. Nunca tinha visto um homem nu antes, mas sabia que nenhum homem se compararia com o Gregor. Não lhe deu tempo a olhar enquanto seu corpo cobria o seu.

-Não estava olhando realmente, -disse ela.

-por que olhar quando pode tocar?

Ela levantou suas sobancelhas ante seu direto convite, mas de todas as maneiras o fez ficar de lado. As mãos dela vagaram sobre seu definido peito e seu abdômen enquanto o cabelo de seu peito se ondulava sob seus dedos.

Quando sua mão desceu de sua cintura a sua volumosa coxa ele não o impediu. Sua mão se deteve timidamente antes de tocar sua virilidade. Podia sentir o calor de seu membro, e isso a intrigava ainda mais.

Mordeu-se o lábio e conseguiu tocá-lo. Tinha uma textura sedosa, e saltou a seu toque. Tomou fôlego e gemeu quando ela passou a mão sobre seu pênis e seu testículo.

-Pelos Santos, - gemeu ele-. Eu nunca pensei que seu toque podia me fazer isto.

-E o que é o que faço? -Fiona desejava saber como o afetava.

Seus olhos ardiam quando se posaram fixamente nela.

-Você me acende. Tudo o que posso fazer é não tomar agora mesmo.

-Então tome, -ofereceu quando a emoção a invadiu para ouvir suas palavras.

Ele grunhiu e a atirou em cima dele.

-Não deveria haver dito isso, -disse antes que sua boca esmagasse a sua.

Embora a ameaçou tomando nesse preciso momento, não o fez. Suas mãos eram cuidadosas, insistentes enquanto acariciavam seu corpo, aprendendo suas curvas e lhe dando a ela quantidades inexprimíveis de prazer.

Quando as mãos do Gregor encontraram seus peitos e os apertaram, ela ardia por mais, e o deu quando seus lábios se moveram sobre seus mamilos. Ela gritou de prazer e arrastou suas mãos através de suas costas.

Ele chupou até que ela pensou que morreria de prazer. Um gemido escapou quando suas mãos correram para baixo por sua pele até que alcançaram a união de suas pernas.

Seu fôlego se entupiu em sua garganta quando o olhou e encontrou seu olhar ardente sobre ela. Ela levantou uma mão e passou um dedo sobre sua sobrancelha.

-Não pare, -disse ela.

Seu pequeno sorriso enviou um zumbido de excitação através dela. Aquela emoção se esquentou quando seu dedo roçou sua parte mais sensível. Seus quadris se elevaram para sua mão, silenciosamente rogando por mais de seu toque.

Não a decepcionou. Seu dedo escorregou dentro dela enquanto seu polegar começou a dar voltas ao redor de uma parte que Fiona não sabia que poderia sentir intenso prazer. Antes que ela soubesse, sentiu algo que ia crescendo.

Então, a mão do Gregor a deixou. Estendeu sua mão fazia ele só para senti-lo estendido sobre ela.

-Está-me matando com cada gemido que nasce destes deliciosos lábios, -sussurrou antes que sua boca reclamasse a seu em um beijo.

Sua língua se deslizou dentro de sua boca e ao redor de sua língua enquanto seus quadris se balançavam contra as dela. Fiona envolveu os braços ao redor de seu pescoço ao mesmo tempo em que ele começou a lhe chupar a língua.

A sorte a tinha aturdido e desejosa, necessitando mais. Não podia conseguir bastante dele. Quanto mais a tocava e beijava e mais queria dele.

O coração lhe dizia que o detivesse antes que fosse muito tarde, mas seu corpo recusava escutar. Estava mais à frente do ponto de preocupar-se com outra coisa que não fora as sensações que corriam por ela.

Ela não perguntou quando a fez rodar sobre seu estômago e começou a colocar beijos ao longo de suas costas e pescoço. Levantou-a sobre seus joelhos e a atirou para trás contra seu peito enquanto suas mãos agarravam seus peitos.

Seu corpo se concentrava em suas mãos assim que ela não sentiu seu joelho lhe separando as pernas até que seu membro roçou seu centro palpitante. Seus lábios beijaram seu ouvido enquanto uma mão atirava de seus quadris com força contra ele.

-Esta é sua última possibilidade de trocar de idéia, -sussurrou-. Diga-me que pare.

Agarrou-lhe a mão e a colocou na união de suas coxas.

-Não quero que pare.

Gemeu e deslizou um dedo dentro dela enquanto sua outra mão beliscava seus mamilos. Seu corpo estava alarmado de prazer e ela pensou que não poderia conseguir algo melhor que isto.

-Tão quente e molhada, -disse Gregor entre os beijos que colocava sobre seu pescoço.

A respiração da Fiona era baixa e pesada como o sentimento que crescia dentro dela. As mãos do Gregor agarraram seus quadris e não pôde manter-se direita. Caiu para diante sobre as mãos e o ouviu grunhir detrás dela.

Gregor pensou que exploraria. Ela era tudo o que tinha esperado e mais. Havia-lhe dito que se ela queria que se detivesse o faria. Não sabia como, mas o tiria feito se ela o tivesse querido. Para seu grande alívio queria que ele ficasse.

Agora o esperava. Não sabia o que devia vir depois, mas seu corpo sim.

Dirigiu a ponta de seu membro contra ela. Seu gemido e o impulso de seus quadris contra ele quase o fizeram derramar sua semente.

Deslizou-se mais dentro dela até que alcançou sua barreira. Esta era a parte que ele odiava, a razão pela qual fugia das inocentes.

-Fiona, -ele começou, mas ela o deteve.

-Sei o que deve vir. Por favor, não me faça esperar. Necessito-te.

Suas palavras tiraram a besta nele. Tomou seus quadris para mantê-la quieta e empurrou nela transpassando a barreira.

Um pequeno ofego escapou dela ante sua intrusão. Quis lhe dar tempo a seu corpo para adaptar-se, mas seus quadris começaram a mover-se contra ele. Não pôde fazer nada mais que mover-se a seu ritmo.

Fechou os olhos empurrando mais e mais duro nela. Estava tão perto do bordo que pensou que não poderia esperá-la, mas recusou permitir o prazer sem levá-la com ele.

Inclinou-se sobre ela e encontrou seu botão de prazer. Ela começou a gemer quando seus dedos se moveram em círculos sobre ele. Antes que Gregor se desse conta se apertou ao redor dele. Então se deixou ir inundando-se profundamente dentro dela.

E pela primeira vez em sua vida seu corpo percebeu algo mais que a liberação puramente física. Sua resposta por volta da Fiona o deixou com uma emoção em seu coração que não tinha experiente durante anos.

Calor.

Com suas emoções feitas um torvelinho ele não pôde pronunciar uma palavra. Com agradecimento, ela não requereu nenhuma. Ela se deu volta e o fez baixar ao seu lado.

Atirou-a aproximando-a contra ele e pensou no que acabava de experimentar.

-Foi justo como imaginei que seria, -resmungou ela contra seu ombro.

Gregor piscou para as estrelas sobre sua cabeça e se perguntou se ela se dava conta que isto trocava as coisas entre eles.

## Capítulo 13

Os olhos do Gregor se abriram com força com o gritou. Levou-lhe um momento dar-se conta que vinha de seu lado. Deu-se a volta e olhou para baixo para ver a Fiona nas garras de outro pesadelo enquanto as lágrimas rodavam pela cara.

O medo estendeu as garras em sua barriga enquanto ficava de joelhos sobre ela.

-Fiona, -disse e amavelmente a sacudiu.

-Não, -ela elevou a voz e apartou com força suas mãos.

-Fiona, desperta.

Não respondeu a ele assim que se sentou e atirou para seu regaço. As lágrimas molham seu peito enquanto a balançava.

-Por favor, acordada, -murmurou e limpou suas lágrimas. Enquanto ele percorria com suas mãos seus olhos ela os abriu. -Fiona?

-Quero que se detenham, -disse e enterrou a cabeça em seu ombro.

Ele a envolveu com seus braços e a apertou fortemente. Se tivesse esse poder, então ele tomaria esses sonhos para si, mas não tinha nenhum poder.

-O mesmo sonho? -Perguntou.

Ela afirmou com a cabeça.

-Vi mais esta vez.

-Quanto mais?

Levantou a cara para ele.

-Vi o MacNeil afundar a espada nesse homem sobre as escadas do castelo. MacNeil ria enquanto o fazia, e era como se ele estivesse olhando a alguém ou algo, mas não pude ver quem.

-É isso todo que vira?

Se ele pudesse ajudá-la a encaixar estes sonhos então talvez se deteriam.

-O homem sobre as escadas tentava me mostrar algo.

-Alguma vez o viste?

Ela subiu fora de seu regaço e se incorporou.

-Não. Parecia importante, entretanto.

Ele se elevou para manter-se ao lado dela.

-Fiona.

-Sei o que quer me dizer, -interrompeu-lhe-, mas não desejo discutir o que aconteceu ontem à noite.

-Mas troca tudo.

Deu-se a volta para ficar frente a ele.

-Não troca nada. Absolutamente nada.

Gregor não podia acreditar na frieza que viu em seus formosos olhos verdes. Não havia nenhuma emoção ali e isso lhe assustou. Ela tinha sido nada mais que pura emoção do primeiro encontro. Poderiam os sonhos lhe fazer isto?

Não a deteve enquanto ela se dirigia para o pequeno fogo que tinha diminuído. Os primeiros raios de luz do sol alcançaram seu nível máximo sobre as montanhas, e então se deu conta que tinha dormido a maior parte da noite.

\*\*\*\*

Simplesmente o ignoraria. Ao menos isso é o que se disse a si mesmo que faria, mas Gregor era difícil de ignorar. Cada vez que lhe olhava, podia sentir seu duro corpo debaixo de suas mãos e via seus negros olhos brilhantes de desejo.

Não tinha mencionado sua apaixonada noite desde essa manhã, e ela estava realmente feliz por isso. Embora queria tirar de sua mente a lembrança do prazer assombroso que

Gregor lhe tinha dado, não pôde. Não com os sonhos acoissando-a. Não viu a paisagem que passava enquanto centrava sua mente nos sonhos.

Este recente tinha sido o pior até agora. Se só tivesse visto o que o homem tinha tratado de lhe mostrar. Queria falar com o Aimery, mas não sabia como chamar um Faerie para ela, e era pouco provável que Gregor soubesse isso.

Só teria que suportar os sonhos até que ela alcançasse o Vale dos Druidas, então talvez ali poderia aprender a resolver o que era o que os sonhos tratavam de lhe mostrar.

-Tem intenção de me ignorar todo o dia?

A voz do Gregor se entremeteu em seus pensamentos. Levantou a vista para lhe encontrar virado sobre a cadeira de montar enquanto a observava.

-Não te ignoro.

-Perguntei-te duas vezes se precisa descansar.

Mordeu os lábios enquanto ele se elevava sobre as rédeas. Não desejava machucar ao Gregor, mas justo o estava fazendo um tanto agora mesmo.

-Estava pensando.

-Sobre os sonhos? -Perguntou. Seus olhos se suavizaram.

Ela assentiu e tiro da égua para deter-se quando o alcançou. A bondade em seus olhos a perturbou. Supunha que ele não devia atuar desta maneira. Supunha-se que se ocuparia de seus assuntos como se nada tivesse ocorrido nunca.

Por que estava sendo tão amável?

Não ajudava o fato que ansiava puxar sua cabeça para baixo para um beijo, ou sentir seus fortes braços envolvendo-a contra ele. Oferecia-se a ser sua força, mas ela não podia permitir isso.

Tinha os olhos nublados com as lágrimas por seu dilema, mas ela viu que a mão dele alcançava sua cara. Afastou-se dele e quis gritar quando viu a comoção que brevemente sacudiu seus olhos.

Uma vez mais, seus olhos recuperaram o olhar que tinham a primeira vez que lhe viu. Sem vida. Nenhuma emoção residia nele agora, e ela era a causa disso.

Quis chamá-lo e lhe explicar, mas sabia que não serviria de nada. O dano parecia.

Durante o resto do dia, ele não a olhou enquanto cavalgava firme e rápido através do campo. Queria que ele a ignorasse, e sem dúvida obteve seu desejo.

\*\*\*\*

Aimery se passou uma mão pela cara. As coisas não estavam resultando como deveria, e tudo por causa da Fiona e seu temor a ficar sozinha.

-O que é isto? -Perguntou uma voz feminina.

Ele abriu seus olhos para ver a Moira de pé a seu lado. Antes que pudesse responder Glenna se elevou por cima.

-Aimery? -Perguntou Glenna-. Está algo desconjurado? Fiona não está machucada?

Ele negou com a cabeça e levantou uma mão quando viu vir mais perguntas.

-Fiona e Gregor estão muito bem. No momento.

-Há algo que possamos fazer para lhes manter seguros? -Perguntou Moira.

-Devem fazer isto por sua conta, -explicou-. O mal que está ali fora ganha força.

Glenna começou a passear-se.

-Não posso resistir a isto. Por que não pode ajudar?

-Pela mesma razão não ajudei a ti e ao Conall.

Ele se situou e pôs suas mãos nos ombros da Glenna para detê-la.

-Você e Conall precisavam fazer as coisas por vós mesmos ou não estariam aqui agora.

-Mas se Fiona estiver em perigo?

Ele suspirou.

-Três de vós seguirão estando em perigo até o momento da profecia. Não há nada que possa fazer sobre isso, mas esse é o motivo pelo que lhes demos seus poderes.

-Você não pode ajudar a Fiona, mas por que não podemos nós? -perguntou Moira.  
-Há muitas coisas que a atormentam a ela, Moira, -disse Aimery-. Ela e Gregor têm uma comprida viagem por diante, mas se o fazem agora então as coisas resultassem bem.  
-Como que se o fizerem agora? -Perguntou Glenna-. Se algo ocorrer a Fiona, então a profecia não chegará a passar.  
Aimery sorriu.  
-Farão agora. Isto eu prometo. Não deixarei que MacNeil ou o Maligno lhes danifiquem nem a ela nem ao Gregor.  
-Gregor é seu consorte, não é assim? -Perguntou Moira.  
Aimery assentiu.  
-Agora dirijamos nossos pensamentos à batalha que terá lugar com o MacNeil uma vez que Fiona nos alcance. Temos muito para preparar. Onde se escondeu Fang?

\*\*\*\*

Fiona queria rodear com as mãos a garganta do Gregor e apertá-la. Fortemente. O muito besta incluso no se deteve para descansar essa tarde, e estava tão exausta que logo que podia sustentar-se. As nuvens de tormenta se reuniram durante todo o dia e se adaptavam a seu humor perfeitamente. Justo tinham descoberto uma cova quando o trovão retumbou ruidosamente na distância. Ela se fez cargo de sua égua, e tirou algumas tortas de farinha de aveia de sua bolsa para comê-las ruidosamente. Não pediria ao Gregor comida. Não reconheceu que ainda estava com ele enquanto acendia um fogo, então se dirigiu para seu cavalo. Tinha sido um dia exausto emocional e fisicamente, e além tudo o que queria fazer era dormir. Depois de levar a última torta de farinha de aveia à boca se tendeu de lado utilizando um braço como um travesseiro. Tratou de permanecer acordada para tratar de ver o Gregor, mas seus olhos estavam muitos pesados.

\*\*\*\*

Gregor tirou a cadeira de montar do Morgane e se voltou para encontrar-se a Fiona dormida. Era o melhor. Parecia-lhe cada vez mais difícil manter suas mãos e olhos longe dela. Voltava-lhe louco, mas ela se arrastou como um verme dentro dele e tocava os sítios que não tinham sido tocados da morte da Anne. Um olhar da cova mostrava a crescente tormenta. Se tinha sorte poderia encontrar, uma lebre pequena ou dois antes que a chuva chegar. Depois de recuperar o arco e a flecha jogou um olhar mais a Fiona. Odiava despertá-la somente para avisar a de que ia caçar. Caminhou da cova e nunca viu o Morgane lhe seguir.

\*\*\*\*

-Sozinha. Estava sozinha outra vez, e isto aterrorizou a Fiona. O que tinha feito para que Moira a abandonará uma vez mais?  
Uma vez mais, Moira lhe prometeu retornar, e ao igual a antes, Fiona estava esperando a volta de sua irmã. Entretanto, Moira nunca retornou.  
Fiona correu rapidamente até o castelo, decidida a encontrar a Moira por si mesmo. Vagou pelo solitário castelo, chamando a qualquer que pudesse ouvi-la. Mas não importa como forte chamou ou como de longe a buscava, Moira nunca apareceu. Estava sozinha.  
Logo divisou a loira cabeça da Moira subindo rapidamente as escadas para a antecâmara de seus pais. Fiona correu tão rápido como suas pernas de cinco anos pudessem ir. Alcançou a antecâmara de seus pais para encontrar porta aberta.



O medo a abandono enquanto caminhava para a porta. Até que examinou a antecâmara vazia. Ninguém estava ali. Todos a tinham abandonado. A risada da Moira ecoou ao redor do castelo agora vazio.

Fiona despertou com seu primeiro sonho. Tinham passados anos desde que esse sonho a visitasse. Limpou o suor da frente e se perguntou porque esse sonho a tinha incomodado outra vez. Podia ser porque estava a ponto de enfrentar a Moira depois de todos estes anos?

A necessidade de sentir os braços do Gregor lhe envolvendo-a fez buscá-lo pela cova. Não o encontrou em nenhum lado. Apartou a um lado o pânico quando se precaveu que ele estaria procurando comida. Riu de si mesmo e caminhou para a entrada da cova. A chuva finalmente tinha chegado.

Não podia dizer quanto tempo tinha dormido porque a tormenta fazia difícil julgar a hora do dia.

Sua égua relinchou ao lado dela. Fiona se voltou e divisou à égua a uns dez metros dela. Caminhou para o cavalo e aplaudiu seu pescoço.

–Sinto não te emprestar tanta atenção como faz Gregor com sua égua, mas tenho minhas razões, –disse-lhe à besta.

O cavalo a empurrou com o nariz. Fiona sorriu e acariciou ao animal outra vez. Não foi até esse momento quando notou que Morgane se foi.

Gregor a tinha deixado.

O terror se envolveu com férreos grilhões ao redor dela. Outra vez tinha sido abandonada, justo como sempre temeu. Não era estranho que mantivesse a distância com cada pessoa e de todos por igual.

Sem pensar, lançou-se sob a chuva torrencial e correu em busca do Gregor. Negava-se a deixar-se abandonar de novo. Se alguém tinha que abandonar, então seria ela.

\*\*\*\*

Gregor amaldiçoou. Entre a deslumbrante chuva e Morgane lhe seguindo, não tinha tido êxito com a caça. Felizmente, tinha descoberto ao Morgane detrás dele antes que se aventurou muito longe da cova. Depois de que a amarrasse a uma árvore, o céu se abriu e tinha deixado escapar a chuva.

Estava a ponto de retornar à cova quando divisou ao javali. Estava a somente uns poucos metros dele e culpou à chuva de não ter escutado ao animal.

Teria sorte se saía vivo agora. Depois de um rápido olhar ao seu redor, divisou um ramo baixo pendente. Se ele o cronometrava perfeitamente, então poderia alcançar a árvore antes que o javali o alcançasse. Isso, se o ramo o mantinha.

Um olhar atrás do animal demonstrou seu pior medo. O javali o tinha divisado e estava a ponto de ir à carga. Não era momento de perguntar-se se o ramo o manteria. Ele saltou e se agarrou ao ramo enquanto o javali deixava escapar um chiado. Logo que levantou seus pés no momento em que o javali o alcançou.

Uma vez que esteve a salvo na árvore, riu pelo desço do javali. Até que divisou algo correndo para ele.

–Não pode ser, –resmungou.

Mas o era. Fiona corria através da chuva, e se dirigia diretamente para o javali.

## Capítulo 14

Gregor amaldiçoou outra vez, esta vez muito mais forte.

–O que no nome dos Santos estava fazendo ela aqui fora?

Asseguraria de lhe perguntar depois de que a salvasse do javali. Muito mau era que não tivesse uma lança, pensou.

Não foi até que o javali se girou para a Fiona quando se deu conta de quão perto estava ela do bordo da montanha. Se o javali arremetia contra ela, então ambos se precipitariam pelo bordo.

Tinha que chamar sua atenção. Gritou a ela, mas não lhe podia ouvir com o rugido da chuva. Um olhar para baixo lhe confirmou que o javali a tinha visto e agora era sua presa.

Gregor arrojou uma perna sobre o ramo e saltou precipitadamente ao chão. Se era o suficientemente afortunado, então poderia ser capaz de chamar a atenção da Fiona.

Mas havia um montão de «sis» envoltos.

Enquanto corria para ela, montante uma flecha em seu arco e rezou para que seu tiro fora certo. Justo quando tinha o disparo preparado ouviu a Fiona gritar enquanto o javali correu frente a ela.

–Fica quieto, –murmurou enquanto enfocava ao javali.

Soltou a flecha e o javali chiou agudamente pelo ataque. Gregor soltou um suspiro de alívio quando o animal caiu a um lado. Correu rapidamente para a Fiona e o javali, mas quando alcançou o lugar onde tinha estado Fiona, foi-se.

A chuva tinha diminuído bastante e se deu conta de sua fuga. Sem outro olhar ao javali a perseguiu. Merecia uma explicação e Por Deus que ia dar.

Maravilho-se pela velocidade com a que correu. Sua cólera pelo perto que esteve ela de morrer estimulou a ir mais rápido.

–Fiona, –chamou, mas continuou como se não lhe tivesse ouvido.

Duas vezes mais lhe gritou, mas seu ritmo era impecável. Com as pernas mais longas, não lhe levou muito tempo alcançá-la. Envolveu seus braços ao redor dela e girou sobre si para que o peso da queda recaísse nele quando a atirasse ao chão.

Ante seu absoluto assombro, ela começou a gritar e a lhe golpear. Agarrou-lhe os braços que lutavam até que ela esteve de barriga para cima e ele montado escarranchado sobre ela. Ainda gritava e tratava de lhe chutar.

–Basta, –rugiu-lhe-. Esta louca?

–Não me abandonará, –chiou com os dentes apertados.

–Te abandonar? –Então se deu conta do que ela tinha pensado. Com a marcha do Morgane havia assumiu que a tinha abandonado.

Ele soltou suas bonecas e se arrasto fora dela. Embora ela continuou golpeando-o com os punhos sobre o peito atirou dela até seus braços. Sabia como o medo podia anular o bom julgamento, e seu pânico lhe demonstrou como governava sua vida.

–Não te abandonei, Fiona. Nunca te abandonarei.

E para seu assombro, deu-se conta que a última parte era certa. Depois que sua cólera foi mingando e jazeu branda em seus braços, levantou-a e a levou a cova. A chuva era agora uma névoa ligeira, mas tudo o podia pensar era lhe tirar as roupas molhadas. Se lhe deixava.

Uma vez que estiveram dentro da cova, colocou seu corpo ao lado do fogo e lhe alisou para trás o cabelo que se pegava a sua cara.

Ela levantou os verdes olhos até ele, e ainda se podia ver o medo neles.

–Não te abandonei, –repetiu-. Fui caçar e Morgane me seguiu.

–Estava segura de que me tinha abandonado, –disse entre o tagarelo dos dentes.

–Vais adoecer.

Antes que pudesse mover suas mãos para começar a despi-la, ela cavou sua bochecha e o sob a cabeça até seus lábios. Seu corpo reagiu instantaneamente a seu doce toque. Desejava-a mais agora que quando tiveram sua primeira vez e temia que isso sempre seria o caso.

Mordeu-lhe os lábios, e logo moveu sua língua ao longo deles. As mãos entrelaçadas em seu cabelo molhado e agilmente arranhou seu couro cabeludo.

Os calafrios baixaram rapidamente por seu corpo com seu toque. Tirou-lhe o vestido que se moldou à pele. Depois que ela esteve nua, suas mãos começaram a soltar a estreita calça escocesa, e não podia tirar a roupa rápida o bastante.

Caíram juntos à terra com os lábios e as mãos frenéticos pelo toque e o sabor. A mão dela se deslizou entre os corpos e encontrou seu duro membro, dolorido. Com um toque que parecia conhecer todo seu desejo, sua mão o levou a semelhante estado que quase sucumbe e culmina ali mesmo.

Mas ele queria mais da Fiona. Enquanto sua mão operava sua magia, movendo-a entre suas pernas e a encontrou úmida e lista. Deslizou um dedo dentro dela e se regozijou quando a ouviu respirar agudamente.

–Necessito-te agora, –ofegava ela.

Gregor não estava tratando de negar-se a ela, não quando a necessitava da pior maneira possível. Elevou-se sobre ela e situou sua virilidade onde a ponta descansou contra sua abertura de mulher. Puro céu lhe esperava, mas se perguntou se merecia prová-lo outra vez.

Fiona esperou que Gregor a enchesse, mas ele continuou olhando-a. Ela não podia esperar mais por ele. Subiu as pernas e as envolveu ao redor de sua cintura. Com um sorriso, ela o atraiu com as pernas ao mesmo tempo em que levantava seus quadris.

Deslizou-se nela ardente, duro. Era tudo o que recordava da noite anterior e mais. Pôs seu corpo selvagem pelo desejo e transmitiu a uma fome que não acreditava que em toda a vida seria saciada.

Estava surpreendida quando ele enterrou sua cabeça no pescoço e deixou escapar um gemido baixo. Ela se apertou ao seu redor, e ele vaiou enquanto se levantava sobre os cotovelos.

A paixão que estalou em seus olhos lhe enviou uma emoção através do estômago. Nunca se imaginou que alguém a pudesse desejar como ele o fazia.

Sua mente perdeu a pista de tudo exceto de seu corpo e do que lhe estava fazendo, quando Gregor começou a empurrar duro e rápido. Um desejo tão intenso que pensou que exploraria se elevou através dela.

O suor brilhou em seu corpo. Ela afundou as mãos em seu comprido corpo enquanto sua boca a tocava. O beijo imitou seu ato sexual, e ela ofegava quando ele levantou a cabeça. Seu toque era diferente de qualquer prazer que ela conhecia ou provavelmente alguma vez conheceria. Era seu consorte não importa quanto ela tratasse de negá-lo.

Mas lhe deixaria. Não tinha outra opção.

Afastou esses pensamentos deprimentes enquanto a tensão crescia dentro dela. Estava tão perto da sorte deliciosa que lhe proporcionava.

Logo, antes que ela compreendesse seu mundo se inclinou e seu corpo se convulsionou ao redor dele. Fechou seus olhos e deixou que a sensação a envolvesse enquanto Gregor empurrava plenamente nela, tocando seu ventre. Sua cabeça caiu para trás e ele gritou seu clímax.

Sujeitou-o quando se derrubou em cima dela. Jazeram juntos depois de seu ato de amor. Ela nunca havia sentido tal paz e não quis arruiná-la com palavras. Quando ele se levantou, ela se assegurou de que pensará que estava dormida. Devia ter sortido efeito pois ele se deu a volta e a atraiu a seus braços justo como a noite anterior.

Seu último pensamento enquanto o sono a vencia era que isto nunca poderia voltar a passar. Seu coração já se estava afeiçãoando muito.

\*\*\*\*

O céu da manhã estalava em tons rosa e púrpura. Uma manhã gloriosa depois de uma tormenta, mas Gregor sabia que esse era o clima temperamental nas Highlands e não o queria de nenhuma outra maneira.

Não tratou de falar do ato de amor que compartilharam ele e Fiona outra vez. Tinha melhor critério. O que lhe preocupava era o medo da Fiona. Possivelmente o ultrapassava a ele e, com a reunião com a Moira logo, sua preocupação se duplicou. Moira era a raiz do medo da Fiona e podia ser a causa desses pesadelos.

Sua frente se enrugou enquanto pensava na forma tão pacífica que tinha dormido. Com a Fiona entre os braços, não teve problema para encontrar o sono, mas não estava a par de se ela tinha tido outro pesadelo. Não deveu tê-la pois lhe olhou com o espírito alegre esta manhã enquanto lhe dedicava um sorriso antes de caminhar até sua égua.

Caminhou para ela para ajudá-la com seus arreios. Procuraria alguma razão para tocá-la de momento, e pelo sorriso sabedor em sua cara, ela se deu conta disso também.

Depois de montar ao Morgane, olhou a Fiona outra vez. Suas mechas escuras estavam soltas livremente e de maneira selvagem esta manhã e lhe gostava. Seu corpo surgiu à vida simplesmente olhando-a, mas calcou abaixo seu desejo e deu uma joelhada ao Morgane para que trocasse.

A manhã passou a toda velocidade enquanto fez bom tempo através das montanhas. Quando chegaram à cascata, fez alto e se apeou.

–É belo, –ouviu o ponto de vista da Fiona.

–Sim, é-o. Este sempre foi meu lugar favorito. É muito tranquilo.

–Estamos nos detendo?

Contemplou-a enquanto o sol brilhava fora de seu cabelo. Ah, era uma beleza.

–Queria encher nossos odres. Se precisar descansar, então podemos.

–Estou bem. Digo que sigamos adiante se pudermos.

Ele inclinou a cabeça e se dobrou para encher a pele quando suas palavras o detiveram.

–Que caminho vamos tomar?

Voltou-se para onde ela olhava. Havia dois caminhos, um a cada lado da cascata. Depois do dia em que tinha sido banido de seu clã, nunca tinha tomado o que estava à direita outra vez.

–o da esquerda, –disse e se inclinou sobre a água. Fiona ficou sem fôlego, e ele sacudiu sua cabeça para ela.

\*\*\*\*

Fiona ficou com o olhar fixo no Gregor não dando crédito ao que via quando seu medalhão se deslizou fora de seu colete de couro. Tinha-a levado um momento mas recordou onde o tinha visto antes.

–O homem de meus sonhos. Levava um justo assim.

Levantou o olhar para o Gregor e encontrou sua frente enrugada. Como não tinha recordado isso depois de ver o medalhão do Gregor quando nadaram?

–Quando viu isto?

–Ontem à noite.

–Não disse nada, –acusou enquanto se endireitava.

–O sonho só me mostrou ao homem que puxava de um medalhão do interior de sua camisa.

Mordeu-se o lábio, assustada por dizer as seguintes palavras.

–Gregor, é seu clã depois do qual vai MacNeil. Essa é a razão pela qual não nos segue.

–Ele não sabe qual estava acostumado a ser meu clã.

–Aparentemente sabe. E vai matar ao Laird.

Cravou duramente os olhos nela durante um comprido momento, enquanto lutava consigo mesmo.

-Só são sonhos o que está tendo. Não significam nada.

-Sempre tive sonhos proféticos. Pode que ainda haja tempo de ajudar a seu clã se dermos a volta.

Olhou com assombro como Gregor montava ao Morgane e tomava o caminho da esquerda da cascata.

-Não tenho um clã, -disse-. É melhor que recorde isso no futuro.

-Não posso acreditar que vás deixar ao MacNeil matar a seu clã e não fazer nada a respeito.

Quando ele continuou cavalgando, ela sacudiu com força a sua égua ao redor.

-Não posso, e não desejo estar sem ajudar quando sei que lhes posso ajudar.

-Desterraram-me, -rugiu-. Matarão-me no ato.

Ela levantou a vista até que encontrou uma colina por cima dela.

-Eles não lhe inquietam, Gregor. Pensa em seu pai e sua mãe. Não merecem sua ajuda?

Ele não disse nada, só devorou do Morgane à redonda. Esperou durante um momento, mas ele não retornou. Como pôde estar tão equivocada a respeito dele? Tinha pensado que era um bom homem, mas devia ter estado equivocada. Um ruído detrás dela a fez girar-se em torno e descendendo pelo caminho estava Gregor. Cavalgou até ela e se deteve.

-Prometi a Moira e a Glenna que te levaria até o Vale dos Druidas a toda pressa.

-E o fará. Depois de um pequeno desvio.

-Não acredito que te dê conta de qual é o jogo. MacNeil quer que eu te leve até os MacLachlan. Ele tem a intenção de te matar.

-Ele pode fazer um intento, - disse ela e chutou a sua égua, mas lhe agarrou as rédeas.

-Não posso voltar.

-Nem sequer para salvar a sua família?

-Não querem que um assassino retorne ao clã, apesar de sua motivação.

Seu estômago caiu a seus pés com um ruído surdo. Um assassino? Gregor? Certamente estavam equivocados.

-A quem reclama que assassinou?

-A minha irmã.

## Capítulo 15

Fiona simplesmente ficou olhando. Ela abriu a boca, mas se deu conta que não sabia que lhe dizer.

A risada dele a surpreendeu.

-Inclusive você não sabe que dizer a isto.

-Não acredito que o tenha feito, -declarou ela.

-Está segura? -Olhou-a com dureza-. Não, não acredito que o esteja. Dirigiremo-nos ao Vale dos Druidas, -disse e girou seu cavalo para a cascata pelo caminho da esquerda.

Tinha que pensar rápido, pará-lo. Tudo em lhe dizia que deviam ir onde os MacLachlan. Agora.

-Teria querido sua irmã que lhe desse as costas a sua família?

Ele atirou das rédeas e se deteve. Ela esperou que dissesse ou fizesse algo, mas o tempo passava sem nenhum movimento ou som de parte dele.

Então, Gregor girou lentamente ao Morgane e a olhou.

-Date conta disto. Se formos onde os MacLachlan, pode morrer.

-Não morrerei. Recorda que sou uma Druida com poderes. Posso cuidar de mim mesma.

Ele assentiu com a cabeça e cavalgou diante dela girando para tomar o caminho pelo lado direito da cascata.

Ela se alegrou por sua vitória, embora fora pequena. Se se apressassem poderiam alcançar ao MacLachlan antes que MacNeil.

\*\*\*\*

A Sombra riu com regozijo e se esfregou as mãos. Seu plano tinha funcionado, tal como havia dito que o faria.

-Do que está tão contente? Grunhiu MacNeil quando se sentou a seu lado.

A Sombra olhou aos soldados MacNeil que se formavam redemoinhos ao redor deles no salão. Ele Laird MacLachlan lhes tinha dado a bem-vinda, embora todos sabiam que não tinha querido. Eles tinham tomado à hospitalidade do MacLachlan, e permaneceriam até que Gregor chegasse.

-Estou preparado para que uma mulher es quente minha cama, -queixou-se MacNeil.

-Não estaremos aqui muito tempo.

-Por quê? -Perguntou MacNeil inclinando-se perto-. O que é o que sabe?

-Meu plano funcionou. Gregor e Fiona se encaminham para aqui como o falamos.

A boca do MacNeil caiu aberta enquanto o olhava aniquilado.

-Como sabe isso?

-Porque sei. Não me faça perguntas, -ordenou que-. Tenha a seus soldados preparados para a batalha. Quando Gregor chegue ao topo da colina quero que veja seu clã sendo arrasado.

-E Fiona?

-Encarregarei-me dela, -prometeu a Sombra

\*\*\*\*

Gregor sabia que se estava encaminhando a sua própria morte; já fora por seu clã ou pelo MacNeil, morreria. Não era nenhuma novidade. Poderia ter contínuo cavalgando para o Vale dos Druidas se Fiona não tivesse mencionado a Ana.

Fiona tinha tido razão. Sua irmã não lhe teria deixado afastar-se de seu clã. Sua própria morte não importava. O que importava era manter a Fiona a salvo e levá-la aos Druidas.

Se só soubesse como chamar o Aimery, mas o Faerie provavelmente não lhe ajudaria de todos os modos.

Jogou uma olhada sobre seu ombro para a Fiona. Estava agüentando bem o duro rodeio. Detiveram-se brevemente, mas não lhe tinha dirigido nenhuma palavra.

Tinha sido um alívio, porque não podia deixar de pensar em seus pais, e em vê-los outra vez depois de tantos anos.

–Quanto tempo aconteceu desde que viu seu clã?

Sua pergunta o fez suspirar. Ele tinha temido que ela comesse a escavar em busca de respostas.

–Muito tempo.

–Quantos anos tinha Ana quando ela... quando ela

–Foi assassinada por mim? –Terminou por ela–. Quase dez verões.

–E você? –Perguntou brandamente enquanto ficava a seu lado.

–O bastante maior para saber o que deveria ter estado fazendo.

Seu firme olhar o fez compreender que ela seguiria até que conseguisse sua resposta.

–Eu tinha dezesseis.

–Tão jovem.

–Não realmente. Eu tinha enormes responsabilidades para minha idade.

–Quanto falta para que estejamos outra vez em terra dos MacLachlan?

–Dois dias. Um dia e meio se cavarmos duro.

–Então cavalguemos duro, – disse ela e taloneou sua égua em uma carreira.

Seguia surpreendendo-o. Nunca sabia o que diria ou faria depois, mas guardava coisas interessantes. Também quase o fazia acreditar que acreditava ser inocente.

Quase.

Não falaram o resto do dia. Inclusive quando pararam para passar a noite, ela imediatamente se tombou e dormiu. Gregor não se aventurou longe do acampamento enquanto caçava algo para comer. Não queria uma repetição da noite anterior. O medo dela tinha sido evidente. Não tinha estado assim de assustado desde da morte da Ana.

Depois de que limpou e cozinhou a codorna, despertou a Fiona.

–vais necessitar sua força, –disse e lhe deu um pedaço de carne.

Ela assentiu e tomou o alimento devotado. Ele comeu devagar e a observou. Se a situação não fora tão drástica encontraria bastante divertida o fato de que ela comia com seus olhos fechados. Não havia mais que terminado sua comida e já estava outra vez dormida.

Cobriu-a com seu xale e se sentou para cuidá-la durante a noite. Seus olhos não se cansavam de olhar a esta misteriosa mulher, que as tinha enganado para encontrar o caminho para sua alma.

\*\*\*\*

–Algo está mau, –disse Moira.

Olhou ao Frang e Glenna enquanto se sentavam no Vale dos Druidas.

–Posso-o sentir. Fiona e Gregor se estão dirigindo para o perigo.

Glenna suspirou com desalento.

–MacNeil.

–Sim, é MacNeil, –disse Aimery entrando em círculo de pedra.

–Onde estão? –Perguntou Moira. –Não posso simplesmente ficar parada aqui sabendo que ela está em perigo.

Frang pôs uma mão sobre seu ombro.

–Gregor a manterá a salvo.

Ela olhou para o Aimery.

–Não há algo ali que você possa fazer?

–Não permite aos Fae meter-se nos assuntos dos humanos.

-Essa é uma mentira, -disse Glenna. -Os Fae se meteram quando nos deram nossos poderes.

-Pode que seja assim, -disse Aimery e se afastou. Deu dois passos e então desapareceu. Moira queria gritar. Isto não podia estar passando. Não quando estavam tão perto da consumação da profecia. Dartayous entrou em sua linha de visão e um pensamento jogou raízes. Ela deu um passo para ele quando Glenna caminhou frente a ela.

-Sei o que está planejando e não te deixarei fazê-lo sem mim.

Moira olhou para baixo, a sua irmã menor. Glenna podia ser pequena, mas seu poder era grande, como já o tinha averiguado MacNeil.

-Então vêm.

Dartayous estava parado em sua posição de guerreiro, com os pés separados e as mãos pendurada soltas a seu lado, assim poderia agarrar qualquer de suas numerosas armas em qualquer momento.

-Desejo falar contigo, -disse-lhe Moira. Seus olhos azuis a olharam agudamente antes que ele assentira levemente. Ele estendeu seu braço para que ela e Glenna caminhassem primeiro.

Uma vez que estiveram fora do círculo de pedra e no bosque circundante, Moira se parou.

-Preciso te pedir um favor.

Sua escura sobranceira se disparou ante suas palavras.

-Você me pediria um favor ?

-Não tenho eleição, -resmungou, odiando pensar que pudesse rechaçá-la. Tomou um profundo fôlego e começou outra vez. -Fiona está em perigo e não posso permitir que nada lhe passe.

-Em outras palavras, -disse Dartayous-. Quer ir atrás dela, e me necessita para te ajudar.

-Sim, -disse Glenna e deu um passo adiante. -Você sabe quanto importante é a profecia, Dartayous. Não nos ajudaria?

-Faria-o, mas não acredito que seu marido o passasse.

-Conall não precisará sabê-lo nunca.

-Seriamente? -Disse uma profunda voz detrás deles.

Moira e Glenna se giraram e encontraram ao Conall parado com os braços cruzados sobre o peito.

-E que me haveria dito, minha senhora algema?

Os olhos da Moira se lançaram a Glenna que tragava visivelmente. Glenna sorriu a seu marido e disse,

-Não sei o que te haveria dito e não importa agora. Virá conosco?

-Você não vai a nenhuma parte, -declarou Conall.

-Aimery e Frang lhes disseram tanto a ti como a Moira que ficassem aqui. Não ajudarão ter aos três Druidas mais poderosos dispersos pela a Escócia quando o tempo da profecia está aqui.

-Nós voltaríamos antes, -disse Moira.

Dartayous caminhou até parar-se ao lado do Conall.

-Você não sabe isso, Moira, e não podemos arriscá-lo. Só te levarei a algum sítio se Frang ou Aimery me ordenam isso.

-E se trato de partir sozinha?

-Então te deterei, -disse rotundamente.

A ira brotou dentro dela. Só Dartayous podia trazer tal emoção nela. Só ele podia fazê-la odiar tão forte.

-Não é de assombrar-se que não possa estar parada perto de ti, -disse e se foi.

Glenna olhou partir a sua irmã, logo se voltou para o Dartayous.

-Não a escute. Está zangada e não sabe o que está dizendo.



-Moirá não se zanga, -disse ele.  
-Está zangada. Quer que Fiona esteja a salvo, e está disposta a fazer o que for para assegurar-se que ela o esteja.  
-Que é pelo que fui posto como seu guardião. Farei o que seja para mantê-la aqui, -disse antes de afastar-se também.  
Glenna se girou para o Conall.  
-Por que Moira o odeia tanto?  
-Só o tempo o dirá. Vêem. Tenho algo que desejo discutir contigo.  
-Seriamente? O que é?  
-Tenho que falar de algo em nossa habitação, -disse com um malicioso brilho em seus olhos.  
Ela riu e o rodeou com um braço.  
-Tem possivelmente algo que ver com nossa cama?  
-Sim. Como soube?  
-Não sou um Druida por nada.  
-Bem, isso é realmente prático, -disse e tomou entre seus braços enquanto caminhava para o castelo.

\*\*\*\*

Fiona abriu os olhos para encontrar ao Gregor observando-a.  
-Esteve sentado ali toda a noite me olhando?  
Deu-lhe um sorriso que parou seu coração.  
-Talvez.  
Ela bocejou e se estirou. Depois de levantar-se viu o céu voltando-se rosado, assinalando o amanhecer.  
-Me dê uns momentos e estarei pronta para partir.  
Depois de aliviar-se, salpicou-se um pouco de água de seu odre na cara. Rapidamente passou os dedos por seu cabelo enredado e o trancou. Quando voltou para acampamento Gregor já tinha selado ambos os cavalos.  
-Pronta? -Perguntou, enquanto lhe ajudava a montar sua égua.  
-Sim.  
-Então vamos, -disse e se balançou em cima de Morgane.  
Fiona observou a facilidade com a qual Gregor passava pelas rochas das montanhas. Tinha na ponta da língua lhe perguntar quando foi a última vez que tinha percorrido este caminho, mas sabia que não lhe responderia.  
Embora não tivesse falado de seu desterro outra vez, ainda não podia acreditar que tivesse matado a sua irmã. Queria conhecer a história, saber que passou, mas qualquer parvo poderia ver que ele tinha os lábios selados sobre aquele tema.  
Não podia culpá-lo. A ela ainda não gostava de falar da Moira, e o que lhe incomodava era muito pior que ser abandonada por uma irmã.  
Caminhou bem por diante dela, e este era muito estreito para que andassem lado a lado, o que permitiu a sua mente vagar sobre tudo o que tinha passado desde que ela tinha deixado sua casa.  
O que sim sabia era que Gregor era um homem bom. Inclusive se realmente tinha matado a sua irmã, tinha trocado. Ele estava perto de ser a única pessoa em quem realmente confiava e isto a incomodava até o infinito.  
Seu coração era algo que tinha que manter fechado, desse modo não seria ferida outra vez. Mas a tristeza do Gregor atirava de seus sentimentos.  
Uma coisa que poderia fazer era mantê-lo afastado dela. Fazer o amor tinha sido incrível, mas faria o que estivesse em seu poder para não permitir que passasse outra vez. Com ele sendo seu companheiro, ela arriscava tudo estando perto dele.

Se não punha atenção a isto, seu coração escolheria sem seu conhecimento e tudo estaria perdido. Seria abandonada outra vez.

Nunca.

Uma vez que eles alcançassem o Vale dos Druidas se asseguraria de não voltar a vê-lo nunca mais. Esta era sua única opção.

-Fiona, -Gregor a chamou sobre seu ombro quando se deteve.

Ela chegou a seu lado onde o caminho se alargava um pouco. Um olhar a sua cara e soube que não lhe ia gostar do que ele tinha que dizer.

-Tenho que ir.

## Capítulo 16

-O que?

Gregor sabia pela amplitude dos olhos da Fiona que não tinha esperado suas palavras.

-Não posso me arriscar a pôr em perigo sua vida.

-É seu trabalho me levar até os Druidas.

-Sim. Viva. Será mais seguro se ficar aqui.

-Não, -declarou ela e chutou à égua para continuar caminhando.

Gregor suspirou e levantou os olhos para o céu. Como fico apanhado com a mulher mais teimosa de toda a Escócia? Fez trotar ao Morgane diante da Fiona e se deteve lateralmente no caminho. Havia muito pouco espaço para que ela o bordeasse.

-Me escute, -disse com sua voz mais severa. -Voltarei por ti.

-Não vou dar essa oportunidade. Necessita-me.

Sobressaltou-se quando ele ouviu o desespero em sua voz. Não podia negar o medo nela, e era um asno por pô-la assim mas era por seu bem.

-MacNeil te quer não posso lhe permitir que ponha suas mãos sobre ti, -discutiu.

Ela cruzou os braços sobre o peito e levanto o queixo.

-Esqueceste que tenho poderes?

-Não, não o tenho feito, mas isso não vem ao caso.

-É exatamente o caso. Posso-te ajudar, -disse com os olhos cheios de ansiedade.

Ele suspirou e se esfregou a parte posterior do pescoço, mas a dor continuou. Com um puxão cruel de sua cabeça lateralmente fez estalar seu pescoço e o repetiu ao outro lado.

-Isto é a guerra, Fiona. MacNeil mesclará as pessoas inocentes com seus soldados assim é que não usará seus poderes. Não é um homem estúpido.

Ela não tinha nada mais que dizer, e a desolação em seu olhar lhe queimou. Ajudou-a a baixar a uma cova que sabia que estava escondida detrás de uma das grandes rochas redondas.

Depois de que matará a uma lebre e acendesse um fogo, ficou de pé e a olhou. Não lhe havia dito outra palavra. Odiava seu silêncio.

-Nunca pensei que pensaria isso.

Queria que lhe gritasse ou lhe discutisse, mas que não atuasse como se não existisse.

-Voltarei logo que possa, -disse ele.

Ainda assim se recusou a lhe olhar. Ele suspirou e caminhou para a entrada da cova.

-Fique aqui, Fiona. Se em três dias não retornei, então te dirija para a cascata e tomada o caminho da esquerda. Encontrarem o caminho aos Druidas.

Esperou que ela dissesse algo, quando não o fez ele saiu da cova. Havia uma dor estranha em seu peito que se negou a reconhecer, e como qualquer outra emoção que ele tinha, separou-a de um empurrão abaixo na escuridão onde seu coração estava acostumado a residir.

\*\*\*\*

Fiona estava contente de que Gregor não tivesse visto as lágrimas que lhe caíam pela cara. Não podia acreditar que a tivesse deixado, apesar de que disse que ia voltar. Só uma mulher estúpida se sentaria e lhe esperaria.

Estava a ponto de deixar a cova quando se deu conta de que tinha medo de seguir sem ele.

Isto é ao que tinha tido medo. Não tinha o desejo de lhe necessitar ou lhe querer. As lágrimas correram mais rápido para baixo de sua cara.

Se o fazia muito pensar sobre isso e se deitou. Só era o meio-dia, mas logo se encontrou por fim dormida vencida pelo pranto.

O sonho começou quase imediatamente. Viu o Gregor lutando contra os soldados MacNeil enquanto ele estava de pé nas escadas do castelo ao lado de seu pai. Logo um homem que levava uma capa deu um passo atrás do Gregor e lhe cravou uma larga adaga com força nas costas.

Gritou e se sentou. Apesar do que disse, tinha que lhe seguir. Não podia permitir que seu sonho se fizesse realidade. Gregor não morreria, não se lhe podia ajudar.

Depois de encharcar rapidamente o fogo e selar a sua égua se montou e saiu correndo atrás dele. Só havia transcorrido algumas horas assim é que justo lhe poderia alcançar a tempo.

Ela não queria pensar na possibilidade de perder-se já que não lhe tinha perguntado como chegar a seu clã, mas esperava que o caminho que lhe viu tomar conduziria para ali. Negou-se a pensar o que aconteceria não encontrava o caminho.

O sol tinha começado sua descida e ainda não havia rastro do Gregor ou de seu clã. O temor começou a invadi-la. Estava perdida. Nunca alcançaria ao Gregor agora.

Seguiu o caminho, rezando com cada curva do caminho para encontrar ao Gregor ou a seu clã. Enquanto arredondava uma curva atirou de sua égua para pará-la quando encontrou o caminho bloqueado. Dois homens estavam na rota, bloqueando seu caminho.

O medo começou a elevar-se nela até que advertiu seus brilhantes olhos azuis. Eram Fae. O alívio a alagou enquanto ela se precaveu de que poderiam ajudá-la.

-Conhecem o caminho para os MacLachlan? -Perguntou.

Aimery bruscamente deu um passo desde atrás dos homens.

-Olá, Fiona.

Ela suspirou e lhe dedicou um pequeno sorriso.

-Aimery. Estou tão contente de que este aqui. Preciso saber o caminho ao clã MacLachlan.

-Sabe o que ocorrerá se for? -Sua voz sombria deu a ela um momento de vacilação.

-Sabe o que ocorrerá se não o faço? -Perguntou ela.

-Sim. O sei.

Sua resposta não era o que ela esperava.

-Então sabe que devo ir.

-Então cuidará do Gregor?

-Salvou minha vida. Devolvo-lhe o favor, -respondeu, esperando que fosse suficiente.

Aimery sorriu e negou com a cabeça.

-Não me pode mentir. Vejo em sua alma. Sua vida seria mais fácil se deixará de te mentir a ti mesma.

Ela tinha tido suficiente. Não havia tempo para uma conferência.

-Vai me indicar o caminho ou não?

-Chegaste muito longe. Volta para trás e toma a bifurcação esquerda que passaste, -disse enquanto lhe dava as costas.

Ela olhou sobre seu ombro para o caminho, e quando se voltou os três Fae se foram.

-Lógico, -resmungou e deu a volta a sua égua.

Se não se perdia de novo e cavalgava rápido alcançaria aos MacLachlan antes do amanhecer. Apoiou-se sobre o pescoço da égua e murmurou em sua orelha.

-Se por acaso souber a forma de me levar até o Gregor, então por favor me leve. Não tenho muito tempo.

A égua soprou e saudou com a cabeça acima e abaixo. Fiona se endireitou e aplaudiu o pescoço da égua.

-Vamos então, -disse e pôs o cavalo rapidamente.

Fiona não sabia quanto tempo esteve cavalgado ou se tinha se perdido. As estrelas cintilaram em cima dela e enquanto as nuvens não cobriram esta lua iluminou seu caminho. Sabia que o cavalo estava cansado e começou a preocupar-se outra vez.

Certamente deveria ter alcançado aos MacLachlan a estas horas. Calcou abaixo seu medo e continuou cavalcando. Não foi até que bordeou a crista de uma colina quando descobriu o castelo debaixo dela.

Não poderia dizer muito a respeito disso, mas estava mais preocupada com qual castelo era este. Desmontou e guiou a sua égua fora da crista da colina. Não faria nada para ser divisada.

Uma vez que atou à égua ao ramo de uma árvore, avançou a rastros mais perto do castelo. Estava a três metros de um dos soldados, mas não podia divisar seu manto. Sua sorte chegou quando outro soldado saiu andando mantendo uma tocha. Da escassa luz que a tocha arrojava divisou a saia escocesa.

Não era um MacLachlan.

\*\*\*\*

Gregor desejava estirar os músculos duros. Tinha estado na mesma posição desde princípio da tarde. Uma vez que alcançou o castelo, tinha explorado a área e aos ocupantes. MacNeil e outro homem estavam dentro do castelo, mas Gregor não viu nenhum dos soldados.

Onde estavam eles?

Com uma breve observação, sabia que a seu pai não gostava de MacNeil nem o outro homem ali, mas não os tinham tirado patadas. Que diferente estava seu pai.

Alarmou-se de ver as cãs lhe cobrindo a cabeça em lugar de seu habitual marrom escuro. As rugas infestavam sua cara e seus olhos estavam afundados.

Gregor se estremeceu por essa fugaz visão de seu pai, e se perguntou como estaria sua mãe. Trataria com isto mais tarde, refletiu. Agora mesmo, precisava esconder-se até que os soldados do MacNeil aparecessem.

Enquanto se manteve nas sombras, Gregor se dirigiu para o castelo. A madeira estava ainda empilhada da mesma forma, e se era afortunado seu velho esconderijo ainda estaria ali. Tomou certo tempo, mas conseguiu mover uma parte da madeira e se rendeu a si mesmo no oco.

Não só tinha uma vista perfeita da parte dianteira castelo, mas também poderia ver a entrada da casa do guarda. Se MacNeil ou seus soldados tentavam algo, então ele estaria ao lado.

Isso tinha sido aproximadamente faz dez horas. Seu ventre retumbou com fome e suas pernas apertadas com dor por estar dobrada contra seu peito. Desenterrou outra parte de pão que tinha roubado da cozinha e começou a comer. Seria um tempo comprido até o amanhecer quando supôs que as tropas do MacNeil chegariam.

Acabou-se o pão quando ouviu gritos fora da porta do castelo. Um dos homens de seu pai a abriu e dois dos homens do MacNeil cavalgaram até dentro. Gregor se mordeu o interior de sua boca ante a estupidez do soldado da casa do guarda. O MacLachlan não acreditava que MacNeil expor uma ameaça porque somente tinha a dois homens com ele, mas não conheciam o MacNeil como o conhecia ele.

\*\*\*\*

Era um MacNeil. Fiona estava congelada enquanto os dois soldados riam e brincavam a respeito de quão fácil era acessar ao castelo MacLachlan.

Ela conteve o fôlego quando um dos soldados se apoiou na parede do castelo, somente a uns centímetros dela. Se não tomava cuidado, então seu planejamento seria em vão.

Lentamente retrocedeu afastando-se dos soldados até que pôde fazer o caminho até sua égua. Com agradecimento, viu a égua que estava ainda ali. Fiona não sabia para quando MacNeil planejou seu ataque, mas esperaria.

Soltou seu cavalo e o aplaudiu na garupa. Não queria que eles vissem sua égua pela manhã. Depois de que a égua se escapou, Fiona engatinhou em meio das duas árvores

onde crescia um arbusto. O arbusto ofereceu seu amparo assim como também uma vista do castelo. Agora, tudo o que tinha que fazer era esperar.

## Capítulo 17

MacNeil tomou um grande gole de sua cerveja enquanto examinasse o vestíbulo dos MacLachlan. O Laird deixava em claro que queria que partisse mas ele não se foi e o havia dito.

Ainda seus olhos viajaram até seu companheiro. Ele estava sentando sozinho diante da chaminé, sua capa escura pulverizada ao redor dele. A Sombra. MacNeil bufou e bebeu mais cerveja.

Os dedos do MacNeil lhe picavam por ir à batalha. Se tivesse sido a sua maneira teria atacado essas débeis, patéticas desculpas dos Highlanders ontem, mas A Sombra o tinha detido.

E para que? Pelo Gregor?

Ele não dava nenhuma merda se por acaso Gregor presenciava a destruição de seu clã ou não. Gregor tinha que chegar muito em breve, pensou MacNeil com um sorriso satisfeito interiormente.

-Agrada-lhe a cerveja, Laird MacNeil?

MacNeil girou a cabeça para encontrar-se à esposa do MacLachlan, Margaret, de pé junto a ele.

-Agradaria mais com uma mulher.

Ela endireitou suas costas enquanto o falso sorriso abandonava sua cara.

-Se uma das mulheres quer, então tome, mas não forçará a nenhuma.

-Deveria ter melhor critério que lhe dirigir a palavra a um homem dessa maneira, - gritou e golpeou sua taça em cima a mesa.

-Acredito que deveria ir-se a sua antecâmara e dormir a Mona da cerveja, -disse MacLachlan enquanto chegava a seus pés. -Não lhe permito que lhe falei com minha esposa dessa maneira.

MacNeil riu e esteve a ponto de lançar-se sobre a mesa depois do velho Laird quando uma mão o agarrou fortemente do ombro. Não precisava olhar para saber que era a Sombra.

-Acredito que o Laird está no certo, MacNeil. Sua antecâmara o esta chamando, -disse a Sombra e o empurrou para as escadas. MacNeil ficou em marcha para as escadas e pensava em qual mulher queria em sua cama quando a voz da Sombra o alcançou outra vez.

-Recorda o que Lady MacLachlan disse. Nada de forçar às mulheres.

A fúria surgiu dentro dele pela audácia do homem. MacNeil se deteve e deliberou sobre a conveniência de lhe despojar a cabeça à Sombra ou não. Depois de tudo, era simplesmente um homem, e os homens podiam morrer.

Mas que antes de se infundir de coragem para dá-la volta, os cabelos da nuca lhe puseram de ponta, e teve a inconfundível sensação de que a Sombra sabia o que tinha estado pensando. Ele continuou subindo as escadas para sua antecâmara e se esqueceu do assassinato ou das mulheres.

A Sombra esperou até que MacNeil esteve fora da vista antes de voltar-se para a Margaret e Beathan.

-Por favor lhe perdoe. Não agüenta bem a cerveja.

Margaret sorriu e se inclinou de modo respeitoso e abandonou o vestíbulo. Beathan começou a passear-se.

-Durante dias permaneceram aqui como meus convidados, e esperei pacientemente para que me digam que é o que lhes trouxe para os dois aqui. -Beathan se deteve e se girou para ele. -Acredito que já é tempo de que me diga isso.

A Sombra sorriu.

-Descobrirá tudo amanhã pela manhã, Laird. Dou-lhes minha palavra.

-Espero que sim, porque se não o faz, meus homens lhe darão escolta fora de minhas terras.

Permitiu-lhe ao velho Laird sua ameaça. Depois de tudo, amanhã estaria morto, e o que se o desdenhava? Ele se inclinou de modo respeitoso e deixou o vestíbulo, com a intenção de assegurar-se que MacNeil permanecesse em sua antecâmara durante a noite. Seria próprio do MacNeil fazer algo imprudente e estúpido e conseguiriam que os “escoltassem” a eles esta noite.

Para seu alívio, MacNeil estava convexo desgarbadamente através da cama, dormido. Mas só para estar seguro, enfeitiçou a porta para que ninguém pudesse entrar na antecâmara e para que MacNeil não pudesse sair. Ao menos até manhã quando ele desatará ao MacNeil e a seus soldados.

\*\*\*\*

Aimery fez um sinal para que seu exército de soldados se estendesse ao redor das colinas circundantes passando por cima o castelo MacLachlan. Ficariam escondidos e vigiariam para que Fiona não estivesse em perigo, mas no momento que MacNeil ou o Maligno pusesse suas mãos nela, enviaria o seu exército a destruí-los.

Só esperava que não fosse assim. Fiona sabia como usar seus poderes, e além disso poderia esperar que ela o usasse para salvar ao Gregor.

Um vento forte soprava no próximo lago e lançou fios de cabelo a sua cara. Tirou uma tira de couro pequena e recolheu o cabelo para seu pescoço e o atou completamente. Queria ter a vista limpa para a batalha.

O olhar fixo do Aimery encontrou o horizonte. O céu negro deixou passo à cinza. O tempo famoso estava perto.

\*\*\*\*

Fiona suspirou e tratou de esfregar a dor de seu pescoço. Antes que soubesse o que estava fazendo tratou de fazer estalar seu pescoço. Justo quando estava a ponto de deter-se, escutou um forte pop e a dor diminuiu.

-Não é estranho que ele estale o pescoço todo o tempo, -disse enquanto olhava a um lado e a outro do caminho.

O rosado e o púrpura honraram o céu enquanto o sol começava a elevar-se. A apreensão encheu seu corpo. A batalha seria hoje, mas onde estavam os soldados do MacNeil?

Sua pergunta foi respondida ao momento quando a terra firme se estremeceu com centenas de cavalos que foram a grande velocidade para o castelo. Olhou para o castelo, e em lugar de encontrar-se aos soldados MacLachlan na porta, encontrou-se a dois homens MacNeil.

Algo já tinha ocorrido dentro. Não podia decidir-se se ficar onde estava, ou fazer o intento de entrar no castelo.

E onde estava Gregor?

Seu terror aumentou até que tremeu por isso. Nunca tinha estado nesta situação antes. O que ocorreria se fosse algo mau?

«Já o fez. Gregor te disse que permanecesse na cova por uma razão».

Ignorou sua consciência e estudo sobre seu ombro onde esperava que o exército do MacNeil estivesse a cavalo. Não tinha muito tempo até que a linha detrás dos soldados fossem cavalgando para o castelo MacLachlan.

-Preciso entrar, -murmurou para si mesmo.

\*\*\*\*

Gregor manuseou a adaga de sua bota. Era um disparo claro ao soldado MacNeil que guardava a casa do guarda, mas isso era muito logo para alertar a qualquer sobre sua



presença. Precisava esperar pacientemente e eliminar ao maior número possível de uma vez. Seus ouvidos captaram uma voz que nunca pensou ouvir de novo.

-Mãe, -murmurou enquanto tratava de girar a cabeça para poder vê-la.

Infelizmente, ela estava na cozinha. Devia estar ao lado da janela para que ele pudesse ouvi-la. Ali não havia nenhum engano com o temor de sua voz enquanto lhe falava com um criado sobre as comidas do dia.

Fechou os olhos contra o desejo que lhe apunhalava lhe perfurando o peito. Todo mundo amava a sua gentil mãe, e o fato de que ela temesse algo lhe dizia que as coisas foram mal dentro.

Cada osso de seu corpo lheurgia a que procurará a sua mãe, mas não o podia fazer. Se o fazia, então se destruiria todo o plano de ataque que tinha. Inclusive com a possibilidade de não vê-la nunca, ficou enraizado no lugar. Seu pai e a segurança de seu clã era seu objetivo final.

Nunca precisariam saber que ele esteve ali.

\*\*\*\*

MacNeil riu bobamente e se esfregou as mãos uma com outra enquanto estava em cima da torre. Seu exército tinha chegado. Tudo o que ficava era lhe dar o sinal para invadir o castelo.

Um som chegou a ele, e se girou e se encontrou ao MacLachlan. Quase sorriu aos dois grandes soldados que flanqueavam ao velho Laird.

-Não parece muito feliz esta manhã.

MacLachlan entrecerrou os olhos e cruzou os braços sobre o peito.

-Disse a seu amigo ontem à noite que se não me diziam esta manhã o que vocês estavam fazendo aqui, pediriam lhes que partissem.

-antes de tomar o café da manhã?

-Se fosse necessário. Fui um homem paciente, mas não por mais tempo. Eu não gosto da idéia de ter ameaçado a minha família ou meu clã em modo algum, -declarou ele.

MacNeil respirou o ar da Highland.

-Inteirara-se logo. Diga-me, quando foi a última vez que falou com seu filho?

MacLachlan visivelmente trocou de cor.

-O que tem que ver isso?

-Bastante realmente, -disse A Sombra enquanto se aproxima da torre.

Os soldados do MacLachlan deram um passo mais perto de seu Laird. Ele deixou cair seus braços e disse, -Meu filho... está... morto.

-Sente saudades já que trabalhou para mim como mercenário durante um tempo, -disse MacNeil ao Beathan e se regozijou quando a frente do ancião se enrugou.

-É estranho o que o exílio de um clã pode lhe fazer a um homem.

-O que quer? -Exigiu MacLachlan.

MacNeil deu um passo para o Laird até que esteve nariz com nariz.

-Estamos chegando a isso. Acredito que você tem que nos seguir.

Para sua surpresa, MacLachlan e seus dois homens lhe seguiram voluntariamente enquanto ele lhes guiava fora do castelo para o muro exterior. Uma vez ali, voltou-se a olhar ao MacLachlan.

-Você acredita que tomou precauções para proteger a seu clã, para mantê-los a salvo das uvas sem semente e vilãos?

-Sim, -respondeu.

-É obvio. -riu MacNeil.

-Falhou, -disse e assinalou as porteiras. MacLachlan e seus soldados ficaram sem fôlego com a vista dos homens MacNeil cavalgando a toda velocidade para eles.

-Quer saber o que nós queremos? -MacNeil lhe perguntou.

-Queremos ao Gregor.

MacLachlan girou seus zangados olhos marrons para ele.

-Não está aqui.

-Ele estará aqui, -disse A Sombra. -Posso senti-lo já.

\*\*\*\*

O coração do Gregor corria incontrolavelmente a toda velocidade. Seu pai estava com o MacNeil e com um homem que levava posta uma capa negra. O que fora que estivessem lhe dizendo a seu pai o tinha aborrecido pois ele se estremecia visivelmente. Mas quando assinalaram para as porteiras, Gregor soube que lhe estavam mostrando algo a seu pai. Não tinha tempo para perguntar-se o que era esse algo para que sentisse a terra firme tremer.

-Cavalos. Montões deles.

O sangue do Gregor bombeou tão ruidosamente através de suas veias que podia ouvi-la. Era quase a hora. Finalmente teria sua oportunidade com o MacNeil.

O som de um grito o sobressaltou. Levantou-se sobre seus cotovelos e tratou de ver o que estava passando. Não foi até que ele viu seu pai quando começou a correr para o castelo, pois sabia que era sua mãe.

-Não, -gritou ele, mas ninguém o escutou. O clã inteiro MacLachlan gritava enquanto tratavam de fugir de quão soldados chegavam. Os sons dos meninos chorando e os gritos dos soldados quase afogavam por completo o som dos cavalos.

Em segundos, os soldados MacNeil trovejaram de fúria através da casa do guarda. Os soldados MacLachlan estavam bem treinados, mas não tinham nenhuma possibilidade contra os numerosos MacNeil.

Gregor havia visto suficiente. Ele estava a ponto de atirar da corda que tinha pacote a madeira e fazê-la cair com estrépito sobre os soldados MacNeil, mas então o impensável ocorreu.

MacNeil e o homem vestido com uma capa trouxeram para seus pais para situá-los diante do montão de madeira. Não havia nenhuma forma de escapar agora e não machucar a seus pais.

Apertou fortemente os dentes enquanto vigiava aos homens com quem ele tinha crescido ficar reduzido diante de seus olhos enquanto sua mãe soluçava.

Mas era seu pai quem lhe preocupava mais. Seu pai sempre tinha sido um homem que outros não se atreveriam a desafiar e agora parecia como se estivesse a ponto de sofrer um colapso de um momento a outro. Como se tudo isto foi simplesmente muito para ele.

Quando MacNeil lhe colocou a ponta de sua espada sobre a garganta de sua mãe, Gregor pensou que ele morreria. Ele se mordeu em interior de sua boca até que saboreou o sangue para evitar gritar. Não lhes serviria de nada a seus pais se ele fosse descoberto agora.

Mas foi as seguintes palavras do MacNeil o que deixou frio seu sangue de repente.

-me diga onde está Gregor, MacLachlan, ou lhe cortarei em tiras sua garganta.

\*\*\*\*

Fiona agachou à cabeça enquanto os soldados MacNeil trojavam a seu passo e correram fazia as porteiras. Até por cima do som dos cavalos ela pôde ouvir às pessoas gritando e chorando.

-É uma matança, -disse em voz alta enquanto as lágrimas se acumulavam em seus olhos.

Ela não tinha podido salvar a seu clã, mas poderia ajudar a salvar ao Gregor. Depois de que o último dos soldados tivesse passado, engatinhou fora do arbusto e correu rapidamente para o castelo. Ninguém lhe emprestou atenção enquanto a batalha acontecia ao redor dela.

Foi bastante fácil alcançar a casa do guarda, mas uma vez que entrou no muro exterior do castelo, não sabia aonde ir. O caos reinou enquanto os homens combatiam e as mulheres e os meninos trataram de esconder-se.

O sangue se derramava incessantemente na terra ao redor dela. Seu coração silenciosamente gritou pela gente do Gregor, mas apartou a um lado sua pena e esquadrinhou o muro exterior do castelo. MacNeil foi fácil de divisar, mas o que a incomodou foi o outro homem que estava ao lado dele.

-O Maligno, -murmurou.

Os dois homens estavam de pé com suas espadas enquanto MacNeil tinha a sua sobre a garganta de uma mulher. Quando ela viu a cara do homem soube que eram os pais do Gregor a quem MacNeil retinham. Mas onde estava Gregor?

Ela esperava vê-lo lutando, mas não o via por nenhum lado. Tinha-o julgado mau? Tinha fugido em lugar de dever ajudar a seu clã?

## Capítulo 18

-Não virá. Estava equivocado.

A Sombra suspirou e apertou seu punho em vez de golpear MacNeil que choramingava por tudo. Acaso não se dava conta que Gregor já estava aqui?

-Está aqui. Posso cheirá-lo.

-O que?, -perguntou MacNeil e olhou ao redor-. Então onde está? Tenho uma espada na garganta de sua mãe.

-Está esperando.

-Equivoca-te, -declarou MacLachlan. -Gregor sabe que voltar significaria sua morte.

-O que? -Perguntou Margaret-. Gregor está aqui?

-Silêncio, mulher, -disse MacLachlan a sua esposa.

A Sombra riu em silêncio.

-Sim, minha senhora, seu filho está aqui. Fizemo-lo vir.

-Por quê?, -perguntou MacLachlan-. O que tem isto que ver com o Gregor?

-Tudo, -vaiou MacNeil-. Não só me traiu se não que ficou do lado dos Druidas.

Margaret sacudiu sua cabeça.

-Não há mais Druidas na Escócia.

A Sombra lhe aproximou. Ainda era uma mulher bonita apesar dos muitos verões que tinha visto. Seu cabelo loiro estava rajado de branco, e seus olhos eram de cor cinza embotada, mas apostaria que tinham sido azuis alguma vez.

-Sempre houve e sempre haverá Druidas na Escócia, -disse. Deu-se volta ao MacNeil.

-É a hora.

A Sombra o ouviu rir quando fez gestos a seus soldados para agarrar ao MacLachlan e Margaret. Tinha havido suficiente bate-papo. Ele conhecia o modo de fazer sair ao Gregor de onde se estivesse ocultando.

Uma vez que alcançaram os degraus do castelo, reparou e olhou ao redor do pátio.

-Temos que nos apressar, MacNeil.

-Não, -gritou este enquanto arrastava ao MacLachlan sobre os degraus.

-Hei sustenido minha língua enquanto nos sentamos aqui. Quero saborear isto.

Ele girou seus olhos ao MacNeil.

-Não estamos sozinhos.

MacNeil empalideceu e olhou ao redor do pátio.

-Eu não vejo ninguém.

-E tampouco o fará. Não querem ser vistos.

-Onde vai?

A Sombra se voltou e olhou para trás ao MacNeil.

-Te divirta, mas esquece a Fiona. Reunirei-me contigo no lugar acordado.

\*\*\*\*

Gregor se esforçou por ouvir as palavras intercambiadas entre o MacNeil e o forasteiro. Embora sabia que eles o estavam procurando, esperando-o para fazer um movimento, esperou e escutou.

Sua mãe era sustentada por dois soldados do MacNeil, e seu pai agora tinha a folha do MacNeil contra sua garganta. Gregor olhou ao redor do pátio e viu que seu clã tinha apresentado uma boa luta.

Havia muitos soldados inimigos jazendo mortos ao lado dos homens MacLachlan. Desejou ter ao Conall com ele. Assim poderia liberar a seus pais enquanto Conall ajudava aos homens de seu pai que ainda brigavam.

Sua atenção retornou para o MacNeil quando ouviu gritar a sua mãe.

\*\*\*\*

Fiona se deslizou entre duas cabanas quando encontrou a um pequeno grupo de homens lutando contra os soldados MacNeil, que necessitavam ajuda, deu um passo para eles e divisou um amontoado de chuvas. Uma rápida olhada ao redor a levou a encontrar muitos mais.

Tomou um profundo fôlego e pôs toda sua raiva e cólera na utilização de seus poderes. Para seu alívio, ouviu um assobio quando a água saltou das nuvens e se elevou diretamente no ar.

Com uma onda de sua mão chamou a água. Esta se reuniu diante dela, no alto.

A esta hora, tinha ganho a atenção de soldados assim como da maioria dos MacLachlan que estavam perto.

Quando um soldado decidiu não lhe emprestar atenção e seguiu lutando, ela dirigiu sua mão para o soldado. Uma corrente da água saiu disparada e se envolveu ao redor do braço direito dos soldados como uma esposa de ferro. Antes que qualquer deles pudesse piscar ela teve a todos os soldados MacNeil atados.

–você fiquem e a suas famílias a salvo, –disse aos homens MacLachlan.

Ela se girou e encontrou a um soldado gritando por ajuda. Não sabia quanta água ficava e não quis tentar lutar até que realmente soubesse. Com um simples pensamento teve um jorro de água fechada ao redor da boca e a cabeça do soldado.

–Isto deverá acalmá-los até que eu considere outra coisa, –disse-lhes enquanto começou a afastar-se.

Voltou-se e os olhou. Não tinham sido notados pelos outros ainda. Agitou sua mão à esquerda e os seis soldados foram levantados e movidos à parte de atrás de uma cabana.

Fiona soltou um fôlego. Isto tinha ido bem, pensou. Até que ouviu um grito de mulher. Deu-se a volta e viu os pais do Gregor sobre os degraus do castelo.

–Não, –disse e correu para eles.

\*\*\*\*

Era o momento.

Gregor esperou até que o soldado MacNeil que lutava contra um de seu clã retrocedeu até a madeira, então atirou a corda. A madeira caiu rodando e esmagou ao soldado.

Gregor saltou de seu esconderijo. Ignorou a urgente dor de suas pernas tidas cãibras por estar tanto tempo imóvel. O grito de sua mãe se repetia como um eco em sua cabeça enquanto corria para o castelo.

Seu pai recolheu a espada que MacNeil tinha arrojado aos degraus. Apenas seu pai agarrou a espada, MacNeil atacou. Seu pai lutou corajosamente, mas era mais velho que MacNeil e já não se movia tão rápido como estava acostumado a fazê-lo.

A espada do MacNeil fez um corte ao braço direito de seu pai e sua espada caiu ruidosamente sobre a escala.

–Não, –gritou Gregor quando MacNeil levantou sua espada.

Seu pai se deu volta e o olhou. Gregor olhou com atordoamento como MacNeil afundava sua espada no estômago de seu pai. Ainda enquanto seu pai se desabava sobre os degraus ele manteve fixo seu olhar sobre o Gregor.

Seus pés não se moveram o bastante rápido enquanto observava o sangue de seu pai derramado na escada do castelo. Assim não era como seu pai se supunha que morreria. Quase tinha alcançado os degraus quando algo o golpeou nas costas. Ele caiu ao chão e rapidamente se parou para ver um homem que o esperava para lutar.

Não tinha tempo para isto, pensou com ira enquanto tirava sua espada. Depois de estirar seus braços, caminhou para o soldado. Se queria uma luta, então certamente a obteria.

Gregor levantou sua espada e bloqueou um talho antes que girasse e caísse de joelhos. Ele rodou para frente e ficou de pé de um salto a tempo para parar uma estocada a seu tórax.

O soldado se desequilibrou e caiu ao chão. Gregor saltou para evitar ser talhado através de sua acne. O soldado se parou e atacou.

Gregor fez girar e balançou sua espada para o soldado. O soldado ofegou e agarrou seu peito quando o sangue brotou entre seus dedos. Não esperou que o soldado morresse, se não que correu para o castelo.

Parou-se em seus passos ante a vista que teve em frente.

-Não pode ser.

-Ah, mas é, -mofou-se MacNeil.

-Não é assombroso o que aterrissa em seu regaço quando o deseja o suficiente?

Gregor levantou seus olhos a Fiona e perguntou,

-Por quê?

-Por que sabia que poderia ajudar, -respondeu ela com segurança.

-E tudo o que conseguiu foi que lhe apanhassem, -gabou-se MacNeil.

Fiona não pôde olhar ao Gregor aos olhos uma vez que viu sua desaprovação. Ser apanhada não era o que tinha planejado, mas quando viu seu pai lutar contra MacNeil, ela sabia o que aconteceria.

Precipitou-se para o pai do Gregor esperando salvá-lo e MacNeil a tinha agarrado. Ele tinha mantido uma adaga contra sua garganta assim que ela não gritaria ao Gregor enquanto lutava.

O pátio se foi silenciando à medida que a maioria do clã MacLachlan escapava dos soldados. Fez a sentir-se melhor saber que MacNeil não tinha matado a esta gente como lhe teria gostado.

-Do que te ri? -gritou MacNeil em seu ouvido.

Seus olhos encontraram ao Gregor. Teve muitas vontades de relaxar seu cenho franzido, mas não havia tempo para palavras. Tinha que atuar e rápido, ou todos poderia estar perdido.

MacNeil cravou a adaga contra sua garganta, desenhando uma gota de sangue.

-me responda, -disse entre dentes.

Ela ignorou a espetada de dor.

-Estou-me rindo porque não pode ganhar.

-OH, eu ganharei, -disse MacNeil.

-Tenho a ti e não há nada que você ou suas irmãs podem fazer a respeito. A profecia nunca se cumprirá.

-Nunca diga nunca. Isto voltará para te atormentar, -advertiu-lhe ela enquanto seus olhos se posavam sobre a mãe do Gregor e os dois soldados que a sustentavam.

Enquanto MacNeil soprava em seu ouvido, usou sua magia para tirar a água de um barril próximo. Dividiu a água em dois correntes e as formou como uma lança enquanto as mandava para os soldados.

Cada lança de água os golpeou no peito. Eles se derrubaram mortos aos pés de Lady MacLachlan. Sua alegria durou até que MacNeil bramou sua fúria e deslizou a adaga através de seu braço.

Uma espetada ardente a cegou quando viu o fluxo de sangue emanar de seu braço. Fracamente, como se viesse de um comprido túnel, ouviu alguém rugir e pensou que poderia ter sido Gregor.

Antes que o pudesse localizar, MacNeil pôs um trapo sobre seus olhos.

-Não pode usar seus poderes se não poder ver, verdade? Não quereria fazer mal a gente inocente, -disse com uma risada.

Fiona queria gritar. Tinha arruinado sua possibilidade de liberá-los a todos. Mas se asseguraria de que MacNeil não lhe fizesse mal.

-Sei o que pensa, -sussurrou ele em seu ouvido enquanto a conduzia aos pés dos degraus do castelo.

-Duvido disso.

Apenas as palavras abandonaram seus lábios ela ouviu o som inequívoco de uma luta de espada. Gregor.

Um dedo passou por sua bochecha e ela se retirou, sabendo que era MacNeil.

-Sei o que fará todo o possível para sobreviver, mas tenho algo que te fará trocar de opinião. Não pergunte.

-E o que poderia fazer possível isso?

-Gregor e seus pais. Se não quiser que eles morram contigo, morrerá sem lutar.

Isto não podia estar passando. Por que Gregor tinha permitido ser pego outra vez?, Mas ela sabia. Ele tinha jurado a Moira e os Druidas que a manteria a salvo.

\*\*\*\*

Gregor queria apagar com uma bofetada o sorriso satisfeito da cara do MacNeil. O bastardo sabia que ele não permitiria que Fiona fosse capturada e não seguiu-la, por isso deixou ao soldado que ganhará e tomará sua espada. Com o que ele não tinha contado era com o MacNeil retendo a sua mãe e a seu pai ferido.

Ele recusou olhar a seus pais. Não queria ver a condenação que sabia estaria em seus olhos. Outra vez, tinha assassinado. Indiretamente, mas o tinha feito de igual modo.

E, só por um momento, Fiona lhe tinha feito acreditar que era um homem bom. Que idiota era. A gente como ele não podia trocar. Uma maçã podre, sempre será uma maçã podre.

Nunca antes tinha querido tanto matar a alguém como quis matar ao MacNeil. Quando tinha visto o sangue que brotava do braço da Fiona, todo pensamento coerente tinha escapado, salvo um matar ao MacNeil. Mas MacNeil tinha usado sua cólera contra ele. Cada soldado sabia que não podia deixar-se governar por suas emoções, e tinha cometido exatamente esse engano.

Agora estava pagando por isso. Não só veria a Fiona morrer, se não que também teria que explicar a suas irmãs e aos Druidas por que tinha falhado.

Se conseguisse sair vivo.

E não queria pensar em seus pais. Até agora eles não lhe haviam dito nada, e esperava que isto ficasse assim. Elevou a vista de sua reflexão para encontrar que MacNeil os estava levando para a água.

Não passou muito tempo antes que estivessem parados na borda do grande lago. MacNeil suspirou e disse, -penso que é irônico que Fiona mora pelo mesmo elemento que controla.

A mente do Gregor corria com as palavras do MacNeil. Certamente não ia fazer o que pensava que ia fazer. Os soldados do MacNeil, todos eles com suas espadas e molas de suspensão apontando para o Gregor, rodearam-no. Estava impotente de fazer algo exceto observar.

Então a voz de sua mãe alcançou seus ouvidos.

-Ah, Beathan. Eles vão a afogar.

O estômago do Gregor se desabou a seus pés enquanto olhava fixamente a seu inimigo mais temido, a água.

## Capítulo 19

Não!

Gregor se negou a acreditar nas palavras de sua mãe. Certamente MacNeil não se atreveria. Ele deu um passo para a Fiona mas sentiu uma espetada da ponta de uma espada em seu peito.

–Onde pensa que vai? –perguntou MacNeil. –Poderia ser que você não gosta da idéia da Fiona afogando-se nas mesmas águas onde matou a sua irmã.

–Bastardo, –grunhiu Gregor–. Como diabo descobriu isso?

–Foi realmente fácil. Surpreenderia-te de como os homens começam a falar uma vez que estão bêbados pela bebida.

Esta não é a forma em queria Gregor que Fiona se inteirará do que tinha feito, mas agora era muito tarde. MacNeil queria que ela conhecesse os detalhes e não havia nada que Gregor pudesse fazer para lhe deter.

–diga-me isso contínuo MacNeil enquanto rodeava a Fiona–. Lutou muito Anne?

–Se mantenha forte, Gregor, –disse seu pai detrás dele.

MacNeil jogou para trás a cabeça e riu.

–Desterrou-lhe e se negou a admitir que tinha um filho, agora quer lhe dar conselho?

–Deixa-os fora disto, –disse Gregor–. Fizeram o que acreditaram que tinham que fazer.

–Sim, –esteve MacNeil de acordo–. Teria feito o mesmo com um filho que assassinou a minha filha. O que quero saber é por que, Gregor? Ela era mais jovem que você e não uma ameaça.

Gregor se mordeu a língua para manter sua cara sem mostrar nenhuma emoção. Estaria condenado antes que lhe permitir ter sabor do MacNeil como isto o afetava.

MacNeil golpeou ligeiramente o lado plano da adaga contra a palma da mão.

–Mais jovem e uma moça, assim não era uma ameaça para ti absolutamente. A menos que ela te visse o que é verdadeiramente. Diga-me Gregor, matou a alguém e ela te viu?

Gregor fechou os olhos quando ouviu sua mãe ofegar. Ele transladou seu olhar ao MacNeil.

–Pelos Santos, pagará suas mentiras.

MacNeil riu outra vez.

–OH, então possivelmente foi simplesmente a negligência que matou a Anne. Deveria estar orgulhosa de seu filho, minha lady, –disse e se voltou para a mãe do Gregor. – Suas matanças são legendárias nas Terras Altas. Muitos Lairds pagaram altamente seus serviços. Estou seguro de que lhe contará tudo sobre eles se o pedem.

Gregor foi rápido deixando cair o último fio de seu controle. Não sabia quanto mais disto poderia suportar. Pensou que tinha enterrado tudo isto tão profundo que nunca lhe tocara outra vez. Deveria ter tido melhor critério.

–Bem, acredito que é o momento, –disse MacNeil e lhe tirou a atadura dos olhos a Fiona.

Gregor não a olharia. Não pensou que pudesse estar de pé para ver o ódio em seus olhos.

Esta era a mesma razão pelo que tinha recusado lhe contar algo sobre a Anne e sua morte.

–Recorda o que te disse, –ouviu o MacNeil lhe dizer a Fiona antes que a levará para um bote e a colocava no interior.

O coração do Gregor começou a golpear. Esse tinha sido o mesmo bote que Anne tinha usado o dia de sua morte. A cara da Anne surgiu à luz de suas lembranças. Sorriu picaramente a ele com seus brilhantes olhos azuis e seu cabelo loiro enquanto a situava no bote pequeno.



Ela o tinha adorado e o tinha seguido a todas as partes. E ele a tinha matado. Que classe de irmão fazia isso?

–diga-me isso Gregor, –disse MacNeil enquanto ele ia situar-se ao lado dele–.Como se sente saber que escolheste o lado equivocado esta vez? Não deve me haver traído.

–Fiz o correto. É um estúpido se pensar que pode matar a Fiona.

–Estava acostumado a pensar que era meu melhor homem. O único com quem poderia contar para fazer os trabalhos sujos e os faz bem. Como pude estar tão equivocado a respeito de ti?

Gregor se encolheu de ombros.

–O que não entende é que se trata de algo que não pode vencer te opondo. Seu companheiro não está aqui para te ajudar. Alguma vez se perguntou porque escapou? Sua mente correu a velocidade pensando em alguma forma de salvar Fiona, mas como seu bote remava mais à frente e mais à frente fora dele, suas opções se converteram em poucas.

MacNeil chegou até situar-se diante dele e pressionou um dedo no peito do Gregor.

–Suas palavras não me assustam. Fiona morrerá, e a profecia se desvanecerá em um nada.

–O que impede a Fiona salvar-se a si mesma?

–O pensamento de ti e seus pais mortos.

Gregor tinha pensado que MacNeil poderia utilizasse um pouco parecido, mas tinha querido assegurar-se. Girou-se e olhou a seus pais. Sua mãe tinha rasgado parte de seu vestido para pôr sobre a ferida de seu pai para deter o fluxo de sangue. Isto tinha ajudado, mas a não ser que lhe conseguissem alguma atenção logo morreria.

Os olhos de seu pai se encontraram com os seus, e Gregor sabia que seu pai faria o que for para ajudar. Sua mãe lhe sorriu através das lágrimas, e lhe deu a coragem que necessitava para fazer frente ao que estava por diante.

MacNeil se burlou quando ele se voltou para ele.

–Como se sente, Gregor, ao ver seus pais depois de todos estes anos e sabendo de que será responsável por suas mortes também?

Gregor ficou silencioso e manteve os olhos sobre a Fiona.

–Tive suficiente destes jogos, –MacNeil grunhiu e se deu a volta em torno para olhar para o lago. –Agora, –gritou ao soldado que remava o bote da Fiona.

O soldado se deteve, ficou de pé e empurrou a Fiona sobre o lado do bote. Gregor reagiu instantaneamente. Deu-lhe uma cotovelada ao soldado diretamente no flanco e tomou a espada. Com a espada em sua mão direita, baixo com sua esquerda e recuperou a adaga de sua bota.

Os quatro soldados se equilibraram sobre ele imediatamente. Ele chutou a um no joelho e escuto os ossos ranger enquanto o soldado se desabava ao estou acostumado a gritando. Para surpresa do Gregor, um dos soldados acabou com a vida do homem ferido.

Gregor se equilibrou sobre um e o deixou sem equilíbrio. Enquanto outro homem o atacava, Gregor lhe deu uma patada ao soldado cansado na cara. Lançou sua adaga ao outro e lhe viu cair ao chão antes que ele se desse a volta para o último.

–Não é rival para mim, –disse-lhe ao soldado. –te salve e vete daqui.

Os olhos do soldado oscilaram para o MacNeil.

–Não, –gritou e levantou sua espada.

Gregor se equilibrou e se dobrou. Ele sentiu sua espada afundar-se no meio do peito do soldado. Seu olhar voltou para seus pais, e se surpreendeu de encontrar-se com que tinha matado a seus dois guardas, embora seu pai não tinha bom semblante.

Deu um passo para eles, mas seu pai lhe deteve.

–Salva à moça. Podemos falar quando voltar.

Gregor se voltou para o lago. Não havia sinal da Fiona. O bote que a tinha levado quase tinha retornado à borda, e mais dos soldados do MacNeil foram nele. Não podia matá-los a todos de uma vez e salvar a Fiona.

Entrou no lago com um só pensamento, Fiona. A água acabava de alcançar suas coxas quando ouviu os cavalos salpicar no lago.

\*\*\*\*

Fiona emergiu à superfície. Situou-se em cima da água como se fora terra sólida e examinou o açougue ao redor dela. MacNeil se tinha retratado de sua promessa. Deveria ter sabido que ele o faria, mas havia sustentado um farrapo de esperança.

Não passou muito tempo até que ela encontrou ao MacNeil. Ele se afastava do lago a cavalo e com seus homens. Ao que parece, ele pensou que ela estava morta.

Precisava encontrar ao Gregor. Quando lhe divisou brigando contra dez soldados a cavalo sua cólera arrebentou a pressão. Levantou para cima uma parede gigante de água e o lançou contra os soldados MacNeil. Pouco antes que a água os tragasse, arrojo fora do perigo ao Gregor.

Uma vez que viu que os soldados estavam profundamente dentro do lago frio, acalmou a água. Gregor se apoiou sobre seu cotovelo e sacudiu com a cabeça. Seus olhos a encontraram, e lentamente se levantou. Ela rapidamente caminhou para a borda e foi até seus pais.

-Moça, como o mundo lhes honrou para que caminhem sobre a água? -Pergunto-lhe o pai do Gregor.

-Estarei mais que feliz de lhes dizer isso meu Laird, mas só uma vez que estejam curados.

Ele tossiu e o sangue partiu a esquina de sua boca.

-Meu nome é Beathan, e não haverá cura para mim. Gregor?

Fiona se moveu para que Gregor pudesse estar ao lado de seu pai. Ela ajudou à mãe do Gregor a tentar sufocar o fluxo do sangue da ferida de seu marido.

-Sim, -disse Gregor.

-Há tanto que precisa ser dito. -Beathan se deteve enquanto tinha outro acesso de tosse. -Muitas vezes enviei aos homens para te trazer para casa.

-Por quê? -perguntou Gregor.

-Porque não deveria ter sido banido. Deveríamos ter permanecido a seu lado.

-Mas eu a matei.

-Foi um acidente, filho.

O coração da Fiona lhe doía pelo Gregor, e quando Beathan o chamou filho, estava passando apuros por reter as lágrimas.

-Está em casa agora, - disse isso sua mãe é quanto único importa.

-Só deveria deter ao MacNeil e não o fiz, -disse Gregor e tratou de levantar-se, mas a mão do Beathan lhe deteve.

-Perdi a dois filhos esse dia, e o lamentei desde que saiu por essas portas. Quero morrer sabendo que voltará e tomará seu lugar como Laird deste clã.

Gregor piscou. Tinha ouvido bem a seu pai? Olhou a sua mãe e lhe viu o brilhante sorriso através das lágrimas.

-O que acontece o resto do clã?

-Anulei o exílio uma semana depois de que te partirá. Meus homens lhe estiveram procurando após.

Gregor não poderia dar crédito a seus ouvidos. Todo este tempo ele poderia ter estado com sua família, e em seu lugar tinha perdido tantos anos. E estava a ponto de perder a seu pai.

-Retornará? -perguntou seu pai.

Gregor levantou os olhos para a Fiona. Ela fez um pequeno movimento com a cabeça, e ele sabia o que tinha que fazer.

-Há uma coisa que tenho que terminar, logo retornarei.

-Então vá e termina sua missão.

Gregor encontrou seus olhos empanando com lágrimas. Rapidamente piscou para afastá-las.

-Voltarei. -Olhou a sua mãe-. Juro que o farei.

-Melhor que seja assim, -advertiu-lhe antes abraçá-lo-. Agora vete, -disse ela.

-O Clã está chegando. Levarão o seu pai ao castelo.

Gregor olhou para o castelo e viu as pessoas MacLachlan caminhando para eles. Deteve-se e alargou sua mão a Fiona.

-Um momento, -disse ela e correu para tirar um pouco de água do lago. Retornou e se ajoelhou ao lado de seu pai e se deteve sobre sua ferida. Lentamente verteu a água sobre a ferida e murmurou algumas palavras.

Ela se levantou e se deu a volta para o Gregor.

-Fiz tudo o que pude. Se o atenderem rápido, viverá.

Ele assentiu com agradecimento. Ela sorriu e começou a afastar-se. Deu-se a volta para seu pai e se ajoelhou.

-Sobrevive, Pai, -disse.

Seu pai lhe ofereceu seu braço e chocaram os antebraços.

-Vete, -insistiu ele.

Gregor assobiou e Morgane e a égua da Fiona trotaram para eles. Era hora de levar a Fiona até o Vale dos Druidas.

\*\*\*\*

Aimery observava enquanto Gregor e Fiona cavalgavam pelas terras dos MacLachlan. Tinham conseguido manter-se com vida. Sabia que levaria mais que o torpe planejamento do MacNeil para lhes fazer dano.

Houve umas quantas vezes que esteve a ponto de fazer sinais a seu exército para transladar-se, mas o clã MacLachlan lhe tinha assombrado com sua coragem e sua tenacidade. E tinha sobrevivido a um assalto com o MacNeil.

Se todos os seres humanos fossem mais como os MacLachlan em vez de ser como os MacNeil!

Fez sinais a dois de seus homens para que seguissem ao Gregor e a Fiona. Dois mais foram detrás o MacNeil, mas se suas suspeitas eram corretas MacNeil e seus homens uma vez mais desapareceriam.

\*\*\*\*

-Importaria de te explicar?

Aimery se deu a volta para sua rainha.

-Sua majestade, -disse e se inclinou de modo respeitoso-.O que gostaria que lhe explicasse?

-OH, alto-, disse Rufina e arrojou o comprido coto, dourado sobre seu ombro. -Sabe muito bem do que falo. Agora, me responda.

Aimery se endireitou e olhou de frente a sua bela rainha.

-Traje ao exército aqui no caso de. O companheiro do MacNeil usa magia Fae.

Sua frente suave se enrugou.

-Isso não é possível. Todos os Fae prestam contas, e todos nós sabemos que os humanos não podem aproveitar nosso poder.

Aimery esperou para que ela continuasse. Tinha um melhor critério que interromper sua maneira de pensar. Enquanto ela pensava, percorreu-a com o olhar.

Todos os Fae se viam similares na altura e no peso. As fêmeas eram magras e estreitas de quadril, enquanto os varões eram também magros mas com músculos bem definidos. Todos os Fae tinham algum tipo de cabelo loiro e intenso e antinaturais olhos azuis que facilitavam divisá-los.

Sua rainha devolveu sua atenção a ele.

-Tenho que falar com o rei. Prepare-te, Aimery. Será chamado ao tribunal em pouco tempo.

-Sabem algo sobre o companheiro do MacNeil então?

-Talvez, -disse e desapareceu.

Ele suspirou. Se ele conhecia seu rei e a sua rainha seria chamado a seu lado muito em breve, mas antes precisava retornar ao Vale dos Druidas.

Com um movimento de sua mão, seus soldados retornaram a seus postos a todo o comprimento de Escócia.

## Capítulo 20

–Néscio.

A Sombra sujeitou um ramo próximo que estava sobre o chão do bosque e a partiu em dois. Era isso ou romper o pescoço ao MacNeil. MacNeil se encolheu de ombros e seguiu comendo-a codorna.

–Fiona está morta. A profecia se acabou.

–Não está morta, imbecil.

–É obvio que esta. Vi-a cair no lago e não sair, –disse MacNeil enquanto a comida saía de sua boca. A Sombra refreou sua fúria com grande esforço.

–O Fae dotou às três garotas com poderes. Qual crie que é o dela?

–Não sei, –disse MacNeil com indiferença enquanto seguia comendo. Então olhou para cima. –Um momento. A água.

–Sim, esse é. Então, crie que a água a poderia matar?

MacNeil deixou de mastigar e levantou o olhar.

–Não pensei nisso.

–Exatamente. Algumas vezes não pensa. Não é estranho que Glenna pudesse escapar de ti. Também tenho que me perguntar por que todo mundo está tão apavorado de ti.

–Não sou conhecido como o Açougueiro por nada, –disse MacNeil e se incorporou sobre seus pés. –E não sou um idiota. Necessita-se engenho para apropriar-se dos clãs como o faço eu.

–Destrói-o, MacNeil. Isso não se considera genialidade. Isso somente consegue suficientes moedas para pagar aos homens para que lhe sigam, –disse e partiu dando meia volta antes de matar ao MacNeil ele mesmo.

Estava furioso e desesperadamente necessitava uma válvula de escape. Se só o Fae se manteve afastado então podia ter matado a Fiona, mas não podia lhe dar a oportunidade ao Fae de apanhá-lo. Seu plano era apanhá-los a eles.

Especialmente um em particular, pensou com um sorriso.

\*\*\*\*

Fiona esperou que Gregor dissesse algo, mas adivinhou que bem podia ser que caíssem primeiro as estrelas do céu. Inclusive agora, enquanto preparavam o acampamento para a noite não a olhava.

Havia tanto que queria lhe dizer, mas não sabia se ele daria a bem-vinda a alguma coisa. Independentemente, já não podia suportar mais o silêncio.

–Gregor, eu...

–Vou em busca de um pouco de comida, –disse e partiu dando meia volta.

«Bem, que vá bem».

Suspirou e se colocou comodamente sobre uma áspera rocha. Ia ser uma noite muito larga a este passo. Certamente havia alguma forma de chegar a ele, pelo menos que a escutasse. Incomodou-lhe que Gregor nem sequer se preocupou de se estava ferida. É obvio, com seus poderes, a água a tinha curado e se levou tudo rastro de sangue. Sua carne estava ainda rosada onde a adaga tinha talhado abrindo seu braço.

Curava-se bem logo que ficaria alguma cicatriz visível. Trocou-se de traje rapidamente já que sua manga também tinha sido talhada. Antes de deslizar-se no outro traje rasgou um pedaço da parte inferior do vestido quebrado e o enrolou ao redor da ferida em processo de cura. Quando Gregor retornou com um urogallo e ficou a limpá-lo, soube que ele se encerrou a si mesmo e se apartou dela. Levantou-se e caminhou para ele. Quando esteve detrás dele e ainda não se deu por informado, colocou-lhe uma mão em seu ombro.

Ele imediatamente se esticou e se deteve. Seu coração se rasgou em duas pela culpa e a vergonha que sabia que levava. Não importava quanto o tentará, não podia apartar a um lado a necessidade que tinha de ajudá-lo.

–Sinto não ter permanecido na cova, –disse, não sabendo por onde começar. Ele assentiu e voltou para sua limpeza.

–Acreditei que poderia ajudar.

–Quase lhe matam.

Ao fim, pensou ela. –Mas não passado. Sabia que MacNeil não poderia me matar.

–Não soube tal coisa, –gritou Gregor e jogou no chão sua adaga enquanto se levantava.

–Tem alguma idéia de quão assustado estava?

Suas palavras a golpearam igual a uma barra de pão velho. –Por quê? Porque lhe teria falhado a Moira?

–Porque tive medo de haver falhado a ti, –disse finalmente.

Deu um passo para ele mas o retrocedeu. Custou-lhe um grande esforço não lhe deixar ver como a machucavam suas ações.

–Pelo menos já não estas proscrito de seu clã.

Deu-lhe as costas.

–Não sabe nada, Fiona.

–Seus pais querem que retorne. Estiveram-lhe procurando durante anos. Não há muito que entender.

Suas costas ficaram rígidas com suas palavras, mas ela não tinha terminado ainda.

Caminhou até enfrentar-se –vais ser o Laird dos MacLachlan.

–Não. Retornarei como prometi mas só para me assegurar que meus pais estão bem.

–Não te entendo. Tem tudo o que sempre quis. Por que lhe está voltando as costas agora?

–Não espero que o entenda, –disse e partiu dando meia volta.

Fiona cravou os olhos no urogallo ao meio limpar. Precisava fazer algo para queimar sua ira, e o urogallo era tão bom como qualquer outra coisa agora mesmo. Além disso, precisava comer. Não foi até que o urogallo esteve cozinhando quando levantou a vista e viu o Gregor caminhando com grandes passos para ela. Nem sequer a olhou quando se serviu do urogallo.

«Maravilhoso. Como vou penetrar através de suas barreiras agora? E para que quero fazê-lo ainda? Supõe-se que o vou deixar recorda?»

Recordava-o bem, mas não deteve seu coração por querer reparar o dele. Comeram em silêncio. Não se incomodou em lhe dizer boa noite quando se deitou. Queria ficar sozinho, então lhe deixaria sozinho.

Todo o caminho até o Vale dos Druidas se fosse necessário fazê-lo. Somente esperava que chegassem em um par de dias. Tinha na ponta da língua lhe perguntar que tão longe tinham que ir, mas rapidamente trocou de idéia.

Não necessitava um inverno na Highland para sentir o frio proveniente do homem ao outro lado do fogo.

\*\*\*\*

Gregor ansiava saber se a ferida da Fiona se estava curando. Esqueceu-se do assunto até que tiveram acampado e tinha divisado a manga rota e ensangüentada. Quando tinha retornado de caçar ela se trocou e não se queixou de nenhuma dor. Depois que a viu tentando curar a seu pai, podia supor que ela tinha a capacidade de curar ao igual a Moira.

Com tudo o que tinha ocorrido não podia dormir e em lugar disso observou a Fiona. Sua elegante beleza lhe machucava os olhos ao olhá-la. Ela sabia quase tudo agora, e não entendia por que ainda tinha desejos de lhe falar. Podia ser que lhe tivesse lástima.

«Não quero a piedade de ninguém. Nem sequer da mulher que pode comover o coração de meu peito»

\*\*\*\*

Aimery caminhou fazia a corte de seus reis sem ver outros Fae que se alinhavam nas paredes com a esperança de obter uma audiência com os governantes.

Tinha esperado sua chamada, e não estava surpreso quando recebeu ordens para comparecer imediatamente. Depois de percorrer a larga sala do trono se ajoelhou diante deles e pôs seu punho direito sobre seu coração.

–te levante, Aimery, –disse o rei. Aimery se incorporou e notou que tanto o rei como a rainha estavam preocupados.

–Está tudo bem?

–Me alegro de que viesse diretamente, –disse Theron e olhou para sua rainha. Rufina estava de pé, seu comprido traga prateado abraçava seu corpo.

–Vêem, Aimery. Devemos falar em privado.

Esperou que o rei seguisse a sua rainha antes de ir detrás deles. Levaram-no a uma habitação detrás dos tronos. Tinha estado nesta habitação muitas vezes.

Não era tão opulento como a sala do trono. Não havia cadeiras de ouro para que os governantes se sentarão, ou qualquer dos numerosos artigos luxuosos que revestiam o palácio. Em lugar disso havia uma singela mesa e seis cadeiras. As paredes não estavam pintadas com murais da história Fae, em lugar disso estavam cobertas de um suave azul para relaxar aos ocupantes. Era nessa habitação onde os governantes podiam ser eles mesmos e falar em privado com alguém.

Uma vez na habitação, ambos os governantes se permitiram mostrar suas emoções. Aimery se assombrou por ver a expressão dolorosa na cara de seu rei.

–O que ocorreu? –Perguntou enquanto olhava a um e ao outro. A mão da rainha se estremeceu enquanto levava uma taça a seus lábios.

–Algo que tinha esquecido.

–Ao igual a todos, suponho, –declarou o rei e se desabando em uma cadeira.

Aimery continuou de pé enquanto esperava seus nervos estavam em tensão tão apertados como podiam está-lo. Quis lhes gritar para que falassem, mas sabia as conseqüências horrendas que ocorreriam por uma ação tão impulsiva. Em lugar disso, despreocupadamente apertou suas mãos detrás das costas e esperou.

Sua rainha não o manteve à espera muito tempo. Apartou seu comprido cabelo loiro de seu ombro e se sentou ao lado de seu marido.

–Foi algo que me disse o que me fez me deter a pensar... um velho incidente que faz anos. Faz tanto tempo, de fato, que todos nós assumimos que ele estava morto.

–Isto tem algo que ver com alguém usando a magia Faerie? –perguntou Aimery.

–Sabe tão bem como eu que somente um Fae pode usar nossa magia, –disse o rei e se passou a mão pela cara. Aimery não podia dar crédito a seus ouvidos.

–portanto, este renegado Druida é um de nós?

–Meu irmão, de fato.

–o conte a história, –disse Rufina brandamente e bebeu de sua taça.

Theron inclinou a cabeça e fez um sinal para que Aimery se sentasse a seu lado.

–É uma história que jamais deve passar ao esquecimento, e uma que nos poderia custar tudo.

Aimery se manteve quieto enquanto seu rei lutava consigo mesmo e a rainha caminhava de cima abaixo pela pequena habitação.

–Meu irmão sempre quis o poder, –começou o rei de repente enquanto se tirava sua capa branca e se levantava.

–Realmente estava na sucessória já que ele era maior que eu.

O silêncio encheu o quarto. Aimery se inclinou para frente.

-O que aconteceu?

-Meu pai se deu conta da profecia.

-Como envolve isto a seu irmão?

Reina-a se situou ao lado de seu rei.

-A profecia inteira passou ao esquecimento. Isto tomou algum trabalho, mas conseguimos encontrar o documento original, tal como foi escrito.

Aimery sentiu nos pulmões como se a garra de um dragão os apertasse.

-Qual a profecia?

O rei levantou os azuis olhos fazia Aimery e disse:

«Em um tempo de conquista

Haverá três

Quem ponha fim à linha MacNeil.

Três nascidos

Nas festas do Imbolc, Beltaine e Lughnasad

Quais destruirão a todos

No Samhain, a Festa dos Mortos.

Um que reúna a forma Druida

Legado do Inverno

E ao fazê-lo assim marca o início do fim.

Para que o merecedor prevaleça, o fogo

Deve perdurar assiduamente para vencer ao herdeiro

A água deve apaziguar à besta selvagem, e

O vento deve inclinar-se ante a árvore.

Mas se o tirano vive outra vez

A magia secreta do Fae

Será descoberta para que todos a contemplem

Para que o tirano herde o reino,

Então ele deve tomar o lugar do nobre

Quando se unirem os três poderes;

E dessa forma dominará eternamente».

Aimery estava sentado em silêncio enquanto o impacto da profecia caía a seu redor.

-Quem é o tirano e o nobre?

-Durante muito tempo, ninguém sabia. Meu pai se negava a acreditar que qualquer dos Fae se envolveria no mundo do homem, mas a profecia foi muito clara a respeito.

Reina pôs a mão no ombro do rei e disse, -não foi até que o velho rei foi assassinado que se fez evidente de quem era o tirano.

-Seu irmão, -disse Aimery.

O rei assentiu.

-Nenhum de nós acreditava. Todos nós sabíamos que queria governar ao Fae e também o mundo do homem. Embora uma vez vivemos com a humanidade, não durou muito.

-Seu irmão foi condenado porque assassinou ao velho rei, -disse Aimery enquanto recordava os ensinamentos da juventude.

-Sim, foi encarcerado.

-Onde? Não pode trazer-lo de volta?

Theron riu amargamente.

-Foi arrojado à escuridão aonde ninguém o seguiria.



Aimery tomou fôlego. A escuridão era um lugar que o Fae evitava. Era o esquecimento. Uma vez que entrava, nunca saía.

-Vimo-lo entrar na escuridão, -disse a rainha e se estremeceu.

-Essa parte da profecia foi logo esquecida desde que o tirano já não estava aqui para levá-la a cabo.

-Se o Maligno for seu irmão, como pôde sair?

O rei suspirou.

-Não sei. Teve milhões de anos para estudar uma forma de sair.

-Conhecemos quem é o nobre?

Seu rei e sua rainha sacudiram suas cabeças. Ia-lhe custar muito trabalho.

-Devo retornar com os Druidas. Este anexo da profecia os ajudará.

-Não, -gritaram seus soberanos.

-Ironicamente, não tem permissão para dizer-lhe disse sua rainha.

-Na verdade, permitimo-nos compartilhar mais com eles do que deveríamos

-Queremos deixar nosso mundo tal como é. O Fae não permanece com eles, - acrescentou o rei.

Aimery se submeteu e começou a marcar o passo enquanto sua mente corria a toda velocidade.

-Qual é então o papel do MacNeil nisto?

-Meu irmão necessita um sacrifício. Alguém tão malvado que tomaria os poderes misturas dos três Druidas para destruí-los.

-O que devo fazer?

-Mantenha-se vigilante, -disse sua rainha.

-nos deixe saber se algo troca. Os Fae já falharam.

\*\*\*\*

À terceira noite silenciosa do Gregor, Fiona estava a ponto de gritar. Mas na verdade era com a melhor intenção. Com cada minuto de seu silêncio, fazia que lhe abandonar fora muito mais fácil para ela. Aparentemente, não queria ter nada que ver com ela, mas não lhe permitiria que a abandonasse primeiro.

Não. Despediria se tal e como sempre o tinha previsto. Nada a poderia dissuadir de seu curso agora.

Não tinha o desejo de pensar no futuro já que não tinha um clã ao que retornar. Nem a idéia de ficar com os Druidas a atraía pela Moira. Talvez ficaria e visitaria a Glenna durante um tempo. Logo... ela veria o que aconteceria.

A idéia de indagar em seu próprio futuro tinha cruzado por sua mente, mas não o queria saber. Aprendeu faz muito tempo que algumas vezes era melhor não saber o que ia ocorrer.

Este era um desses casos.

Jogou uma olhada por cima do fogo e viu o Gregor afastando-se. Outra vez. Todas as noites desde que tinham deixado aos MacLachlan ele tinha desaparecido. Não sabia aonde ia nem por que mas sabia que não a deixaria sozinha. Ele fez um juramento e o cumpriria, disso estava segura.

Observou-o até que a escuridão o tragou. Algo lhe disse que chegariam ao Vale dos Druidas logo, muito em breve. Amanhã possivelmente.

E logo o que?

Então se concentraria na profecia. Todo o resto passaria ao esquecimento.

\*\*\*\*

Gregor se apoiou contra uma árvore e vigiou a Fiona. Tinha-lhe surpreendido e aliviado, com seu silêncio dois dias passado. Não tinha sabido o que lhe dizer. Tinha medo de ver em seus olhos o ódio para ele por ter matado a sua irmã.

Sabia que ela queria conhecer a história, mas antes morreria que contar-lhe. Era uma coisa que ela não precisava saber, não importa como nem com que força ela indagará. Amanhã chegariam ao castelo do Conall e ao Vale dos Druidas. Perguntou-se como reagiria Fiona quando se enfrentará a Moira. Não terei que ser um Druida para saber que Fiona não lhe pediria que ficasse a seu lado. Era uma mulher forte que não necessitava a ninguém.

Muito mau era que a necessitasse tão desesperadamente que doía.

Percorreu sua cara com uma mão. A vida sempre se ocupava do inesperado, especialmente para ele. Pensou em seu pai e nas palavras que intercambiaram, mas nenhuma quantidade de palavras poderia desfazer a morte da Anne.

Não havia forma de que pudesse ser o Laird de qualquer clã depois do que tinha feito. Tinham tido razão ao lhe desterrar.

-vais pensar sempre desse modo?

Gregor se girou rapidamente para encontrar-se ao Aimery apoiado com um ombro na árvore.

-O que?

-vais pensar sempre que merecia ser banido?

-Provavelmente.

-Só um parvo faria isso.

-Então suponho que sou um parvo, -disse Gregor e voltou a apoiar-se contra a árvore. Aimery chegou a seu lado.

-Não vai nem sequer a perguntar por que estou aqui?

-Estas aqui para me atormentar.

Ele riu.

-Não. Vim a te dizer que grande batalha capitaneou com os MacLachlan!

Gregor se encolheu de ombros e manteve os olhos na Fiona.

-O que crie que passará uma vez que alcancemos aos Druidas amanhã?

-Acredito que ela chegará a conhecer suas irmãs e se esquecerá de mim, -disse Gregor.

-O que vais fazer?

-Não pensei nisso.

-vais ser o dobro de parvo se a deixa ir, -advertiu Aimery.

-Não é teu assunto.

-De verdade? Lamento não estar de acordo, montanhês

Gregor se enfrentou ao Fae e chiaram os dentes.

-Não posso deixar algo que nunca tive.

-Ambos são tolos, -disse Aimery, o desgosto enrugava sua cara.

-Só mantenho a Fiona segura. Isso é tudo o que peço.

Aimery lhe olhou fixamente.

-É isso todo que quer? Há alguma outra coisa que queira mais que a nada? Algo que te assusta muito inclusive para pensá-lo?

Gregor se retirou. Como o descobriu Aimery? Inclusive ele não se permitiu pensar nisso, nem sequer em seu sonho.

-me responde, Gregor?

Ele tragou e olhou ao Fae. Embora morreria por renunciar a esta única e só oportunidade, negou com a cabeça.

-Só quero que se mantenha a salvo.

-Então, me encarregarei disso uma vez que a leve com os Druidas, -disse Aimery com resignação.

Em uma piscada, Aimery se tinha ido.

Gregor quase o chamou para que retornasse, mas decidiu que tinha tomado a decisão correta. Como diria ao Aimery que sabia que Fiona se fechava frente a ele?

Soaria como um parvo doente de amor.

Fiona estaria muito melhor sem ele. Além disso, não tinha nada que lhe oferecer, a ela, uma poderosa Druida. Ela era todo o bom e justo deste mundo, e só porque ele tinha eleito o lado correto desta vez não se apagavam seus pecados.

Depois de manhã, deixaria a Fiona com os Druidas e nunca olharia para trás. Tinha suas lembranças. Era suficiente. Tinha que sê-lo.

\*\*\*\*

Fiona não sabia quanto tempo tinham cavalgado essa manhã. Quando ela despertou Gregor tinha estado de um humor de cão, e com o pouco sono que tinha conseguido seu humor fazia jogo com o dele.

Notou que deixavam as montanhas e se abriam passo sobre algumas colinas. O verde exuberante do vale lhe fez pensar em sua casa com os MacDougal. Jogava terrivelmente de menos mas seriam vingados.

Rodearam a crista de uma das colinas maior e divisou um grande lago. Ela atirou das rédeas e se deteve. Estava aqui. Finalmente tinha chegado.

Aproveitou esta oportunidade para olhar ao redor. A sua direita estava um grande bosque, e soube que esse era o lugar onde estavam os Druidas. A música suave encheu seus ouvidos. O Druida a chamava e sua alma a apressava a que se apressará para eles. Quando abriu os olhos se encontrou ao Gregor olhando-a. Abriu a boca para falar, mas ele rapidamente se deu a volta e estalou ao Morgane.

Olhou-lhe cavalgando longe dela, mas não estava lista para lhe seguir. Esta cena era sua primeira do Vale dos Druidas, e ia desfrutar de cada instante dela. Justo quando estava a ponto cavalgar detrás do Gregor, seus olhos se encontraram com a pedra cinza de um castelo.

-Glenna, -disse.

«Moira».

Depois de todos estes anos devia enfrentar-se a sua irmã maior. Havia muitas coisas que queria lhe dizer a Moira dada a oportunidade, mas não tinha o desejo de fazê-lo diante da Glenna. Haveria tempo. Sabia que Moira encontraria esse momento.

Antes de trocar de idéia, ela pôs à égua ao galope e alcançou ao Gregor. Mas com cada passo de seu cavalo se atendia seu estômago retorcendo-se em nós. A apreensão se apoderou e se negou a deixá-la ir. Teve que agarrar a crina da égua para deter o tremor de suas mãos.

Quando passaram por cima de uma pequena colina e o castelo surgiu à vista, nauseia-a se apoderou dela e quase perde o café da manhã. Em pouco tempo, teria que fazer frente a tudo do que se negou a falar. Não havia volta atrás agora.

Era uma boa coisa que ela não soubesse que eles estavam tão perto a noite anterior, porque lhe teria ocorrido alguma razão para atrasar sua chegada. Um grito se elevou de uma das torres da casa do guarda. Estava o suficientemente perto agora que podia ver às pessoas correr ao longo dos parapeitos. Uma mulher, em particular, chamou sua atenção. Seu comprido corto escuro fluía detrás dela enquanto entrava correndo ao castelo. Podia ser essa Glenna?

-Gregor, -um grito veio da casa do guarda enquanto se aproximavam.

Ele saudou por resposta e continuou cavalgando, não lhe dedicando a ela outro olhar. A pesar da dor que causava seu silêncio, ela sabia que era o melhor.

Mas Gregor passou ao esquecimento enquanto ela cavalgava pelas porteiras do muro exterior do castelo. A gente perambulou ao redor deles enquanto um homem alto, musculoso com comprido corto negro caminhava a grandes passos para elas com um brilhante sorriso.

-Bem-vindos, -disse quando os alcançou. Girou para a Fiona e a ajudou a desmontar.

-Deve ser Fiona. Sou Conall, o marido da Glenna.

Fiona se inclinou para um lado e procurou entre a multidão a sua irmã menor.

-Agora sai. Quis assegurar-se de ter o melhor aspecto para ti, -disse Conall.

-OH, -disse, não escondendo sua desilusão.

-Mas Moira está aqui.

E em sua linha de visão deu um passado a única pessoa que ela podia ter vivido o resto de sua vida sem ver outra vez.

## Capítulo 21

Fiona se voltou dando as costas a Moira e tratou de controlar sua agitada respiração. Ela não tinha esperado encontrar a Moira tão logo. O instinto de correr estava invadindo-a. Os dedos da Fiona estavam apertados em sua saia e lentamente levantava os tecidos para não obstaculizar sua fuga.

-Fiona?

Ela levantou seus olhos para ver uma pequena e bela mulher de pé frente a ela. O ondedado e escuro cabelo caíam quase até os quadris da mulher, e não houve nenhum engano naqueles olhos castanhos.

Fiona piscou para afastar as lágrimas ante a lembrança dos olhos de seu pai e lhe deu um grande sorriso à mulher.

-Você deve ser Glenna.

Antes de dar-se conta, Glenna voou e a envolveu em um apertado abraço. O calor rodeou o coração da Fiona e o impulso de correr desapareceu. Glenna estava a salvo e feliz. Depois de todo este tempo!

Glenna saiu de seus braços e se secou as lágrimas.

-me perdoe. Eu sabia que choraria, mas tinha esperado poder me conter.

Fiona ria com sua irmã quando Conall se aproximou e pôs um braço ao redor da Glenna.

-Estou seguro que você e Gregor quererão descansar. Vêem dentro e nos ocuparemos de suas necessidades antes que os Druidas lhe chamem.

Começou a seguir a Glenna, mas o cenho franzido do Conall chamou sua atenção. deu-se a volta e se encontrou ao Gregor montando ao Morgane.

-Onde vai? -Conall lhe perguntou.

Gregor se negou a levantar os olhos enquanto esfregava o pescoço da égua.

-Tenho coisas das que preciso me ocupar.

Fiona se deteve a tempo para não lhe pedir a gritos que ficasse. Baixou a vista para encontrar a Glenna que a olhava de uma maneira estranha.

-Vêem, disse Glenna. -Deixemos que os homens falem. Nós as três irmãs temos muito de que nos pôr à corrente.

Mas Fiona não se moveu.

-Não tenho nenhum desejo de falar com a Moira.

Havia dor nos olhos da Glenna quando viu sobre o ombro da Fiona para onde estava Moira.

-Mas ela é nossa irmã.

-Há coisas que aconteceram do que você não sabe nada. Estou aqui pela profecia e por ti. Isso é tudo.

Fiona esperou sentir a Moira detrás dela e escutar sua voz. Em troca, Glenna assentiu com a cabeça e lhe indicou o caminho para o castelo.

Fiona suspirou. Tinha um breve indulto antes que ela tivesse que enfrentar a Moira.

\*\*\*\*

Gregor observou a Fiona afastar-se sem olhar atrás, para ele. Tinha esperado que ao menos lhe desejasse boa viagem. Talvez lhe agradecer por trazê-la a salvo.

Mas outra vez ele era o idiota.

-Importaria te explicar? -disse Conall a seu lado.

-Não.

-Não pode partir ainda.

Gregor olhou para baixo, ao único homem que o tinha chamado amigo. Tinha uma dívida com o Conall por fazê-lo ver o que estava bem e o que estava mau, e essa dívida nunca seria paga.

-Se me necessitar, só diga-o.

-Realmente te necessito, -disse Conall. -Agora, baixa lhe dessa égua e vêem dentro a descansar.

Gregor vacilou. Algo não estava bem. Tinha a ligeira suspeita de que Conall acabava de enganá-lo.

-Para que me necessita?

-Sempre existe a necessidade de homens extras para qualquer ataque surpresa que MacNeil pudesse levar a cabo.

-E...-Gregor incitou ante o silêncio de seu amigo.

Conall se encolheu de ombros.

-Necessito ajuda para reconstruir o celeiro.

-Eu sabia que estava de muito bom humor para ter a alguém ameaçando ao clã, -disse Gregor e desmontou. -Sou um guerreiro, não um construtor.

-Está bem. Ensinarei, -disse e aplaudiu as costas ao Gregor.

\*\*\*\*

Moirá deu a volta e saiu do pátio. A comodidade do bosque e o círculo de pedra acalmariam a dor da atitude cortante da Fiona.

Alcançou o nemeton, um claro sagrado no meio do bosque, e se ajoelhou ao lado do montículo faerie. As lágrimas corriam por sua cara. Tinha tido muitas vontades de ter a suas irmãs juntas outra vez, e não tinha pensado nunca que as coisas não poderiam ser felizes entre elas.

A última vez que tinha visto a Fiona tinha sido a noite do assassinato de seus pais quando deixou a Fiona para voltar pela Glenna. Poderia Fiona ter alguma má disposição para ela porque não a tinha levado de volta ao castelo?

Sentiu uma comichão repentina na nuca. Olhou sobre seu ombro e descobriu ao Dartayous. Alguma vez a deixaria em paz?

-Parte, -disse-lhe.

-Você não está em condição de estar sozinha.

-De verdade? -riu e elevou a vista para o brilhante céu azul e as nuvens inchadas que foram lentamente à deriva-. Está-me oferecendo um ombro sobre o qual me apoiar? -perguntou e o olhou.

Ele ficou rígido e estreitou os olhos antes de girar sobre seus talões e partir. Se havia algo que ela podia fazer bem, era irritar ao Dartayous.

-Ele tem razão e você sabe.

Moirá elevou a vista para encontrar ao Aimery de pé ao lado do montículo faerie.

-Só quero passar um momento a sós.

-Adverti-te que Fiona podia estar zangada.

-Não esperava que estivesse tão zangada que me desse as costas, - disse Moirá e apagou outra lágrima que se escapou.

-Não te renda. Necessita-te mais do que pensa, -advertiu Aimery.

Quando Moirá levantou os olhos ele se foi. Estava finalmente só para derramar as lágrimas que não desejava que ninguém visse. Enquanto se deixava levar pelo pranto, não se deu conta que estava sendo observada. Pela única pessoa que não queria que visse sua debilidade.

Dartayous.

\*\*\*\*

Fiona sabia que Glenna queria perguntar o que tinha passado no pátio, mas para lhe dar crédito, não tinha falado uma só palavra sobre isso. De fato, Glenna tinha saído do passo conversando de algo exceto da Moira enquanto se encarregava das bebidas.

Quando Conall conduziu ao Gregor ao salão, Fiona não se surpreendeu, tinha suscitado que Conall não permitiria que Gregor partir tão rapidamente.

–Como esteve a viagem? –Perguntou Conall uma vez que eles tomaram assento na larga mesa do salão principal.

–Bem, –ela e Gregor responderam ao unísono.

Ela viu como Glenna e Conall intercambiavam olhadas.

–De que foi isto?

–Porque podemos dizer que algo passou realmente, –disse Glenna. –Mas se não ter desejos de falar disso, nós o entendemos. Queria tomar um agradável e quente banho?

Fiona quase saltou da cadeira.

–Sim, seria maravilhoso.

–Providenciarei isso imediatamente, –disse Glenna e se afastou.

–Então, –disse Conall apoiando os cotovelos na mesa. –Hão-nos dito que você já sabe da profecia e seus poderes.

Assentiu com a cabeça e tomou um gole da água fresca que Glenna tinha colocado diante dela. A contemplação do salão a deixou impressionada. Ricas tapeçarias e muitas armas adornavam as paredes. Este era um salão onde todos eram bem-vindos, e que estava cheio do amor.

Recordou a seus pais adotivos. Inclusive embora tinha tratado de manter a distância deles, tinha sido impossível. Tinham muito amor entre eles para ser deixado fora. Sabia isso agora, mas era muito tarde.

Levantou a vista para ver o Gregor, Conall e Glenna olhando-a.

–O que? –perguntou.

–estive te chamando, –disse Glenna. –Parecia estar muito longe.

–Estava-o, –respondeu Fiona e olhou à mesa.

–Seu banho está preparado.

Fiona saltou ante a possibilidade de afastar-se do Gregor. Estar tão perto dele e saber que nunca o veria outra vez era mais difícil do que se imaginou. Sorriu ao Conall enquanto seguia a Glenna e enviou um breve olhar ao Gregor. Nem sequer lhe jogou uma olhada.

O rechaço lhe picou, mas não deveria fazê-lo. Eles não se haviam dito nem duas palavras o um ao outro desde que tinham deixado aos MacLachlan.

–É melhor que ele parta agora.

–Disse algo? –Glenna deu meia volta e perguntou.

Fiona sacudiu sua cabeça.

–Só estou cansada da viagem.

–Então este banho quente deveria te fazer bem. Estou segura que tudo parecerá diferente uma vez que descanse.

O fato de que Glenna tivesse uma perspectiva tão positiva sobre tudo a surpreendia. Por isso ela tinha sabido, Glenna tinha sido criada na mais horrível das circunstâncias. Como poderia ela ser tão feliz? Não podia ser devido ao Conall. Ou se?

Seus pensamentos se agitavam enquanto Glenna a levou até acima pela escada a um comprido corredor. A habitação estava luxuosamente decorada. A cama estava coberta de veludo azul escuro com um baú bastante grande aos pés. Uma mesa e duas cadeiras frente à chaminé e uma tapeçaria mostrando uma batalha de alguma classe pendurava sobre ela. Uma tina grande de madeira foi colocada em um ângulo ao lado do lar e o vapor se elevava da água.

A Fiona gostou da sensação da habitação imediatamente, e não podia esperar para entrar na água. Assim que Glenna tinha mencionado um banho, Fiona havia sentido cada partícula de sujeira sobre seu corpo e sua roupa.

–Terei seu vestido limpo para ti, –disse Glenna e lhe ofereceu a mão.

Fiona tragou. Nunca lhe tinha gostado de ter a alguém com ela enquanto se vestia ou despia. A uma muito temprana idade se ocupou de se mesma em todos os aspectos. O abandono da Moira a tinha feito dependente de uma só pessoa. Dela mesma.

Deu- as costas a Glenna e a toda pressa se despiu e se deslizou na água. Deixou cair o vestido a seus pés e esperou não ter ofendido a Glenna.

–Peço-te desculpas, –disse Glenna. –Devi retornar depois pelo vestido.

Fiona tratou de lhe dizer que tudo estava bem, mas Glenna elevou uma mão para detê-la.

–Sei que não nos conhecemos a uma à outra, mas quero que isso troque. Moira e eu passamos por duros momentos ao princípio, mas somos muito próximas agora.

Fiona começou a esfregar seu pescoço até que se deu conta do que fazia e retirou a mão.

São Michael! Já agarrei os hábitos do Gregor.

–Somos irmãs e fomos separadas pelo destino, –seguiu Glenna inconsciente do caos dentro da Fiona. –eu gostaria que depois da profecia permanecêssemos perto.

–Não posso fazer nenhuma promessa, –disse Fiona e se afundou sob a água. –Sobre tudo no que a Moira concerne. Vim porque tinha que fazê-lo e porque tinha que ver com meus próprios olhos que foi você.

Glenna sorriu e secou seus olhos.

–Me alegre de que esteja aqui.

–Eu também, –admitiu Fiona. –E te prometo que chegaremos a nos conhecer.

Glenna sorriu intensamente. –Te deixarei com seu banho então. Há alguns vestidos no baú para ti para que te vista até que eu possa limpar este e seus outros vestidos.

Antes que Fiona pudesse dizer outra palavra Glenna se partiu. Com um comprido suspiro Fiona deixou que a água quente a envolvesse. Talvez isto ajudaria a aliviar a dor no peito assim como aliviava seu corpo cansado.

\*\*\*\*

Gregor apertou as mãos e tratou de aparentar como se as palavras do Conall não o tivessem afetado.

–Está sequer escutando? –perguntou Conall.

–Estas quase gritando. Não posso menos que te ouvir.

–Então por que não diz nada?

Gregor girou seu pescoço até que o ouviu soar, –não há nada que dizer. Meu dever era trazer Fiona aqui. Fiz-o.

–Mas há mais da história.

Maldito o homem.

Conall suspirou ruidosamente e se tornou para trás em sua cadeira.

–Pensei que fôssemos amigos.

–Somos, –assegurou-lhe Gregor.

–Mas ainda não confia em mim.

–Esse é o problema. Confio em ti mais que em qualquer homem desde...

–Desde? –incitou Conall.

–Desde que deixei meu clã.

Conall se passou a mão pela cara.

–Por todos Santos! Espero que um dia sinta que pode me dizer que aconteceu. Nada do que possa dizer me fará pensar em ti mais que como um amigo confiável.

Se só isso fosse verdade.



-O que pensa da Fiona?

Gregor quis pôr os olhos em branco.

-É tão má como ela com as perguntas. Penso que ela é... agradável.

-Passou algo entre vocês dois?

Um montão. -Chegamos a nos conhecer o um ao outro. É uma mulher muito forte que pode cuidar-se de si mesma. Não me necessita ou a ninguém a seu lado para viver.

-Uma verdadeira mulher das Highlands.

As palavras do Conall parecia sal em uma ferida.

-Sim. Fará a algum homem muito feliz.

-por que não pode ser você esse homem?

Gregor examinou os olhos cinzas do Conall.

-Se você pensar isso, então é um idiota maior do que pensei. Você sabe o que eu sou. Não sou apto para ser o marido de nenhuma mulher.

-por que não deixa a Fiona decidir isso? -perguntou Conall com um olhar satisfeito em sua cara.

-Se não o notaste, nós não falamos desde que chegamos. Para ser honesto, não nos falamos em quatro dias. Pergunte-lhe o que pensa de mim, e ela lhe dirá isso.

-O que aconteceu para que ela deixasse de falar?

Gregor bebeu um comprido gole de cerveja antes que ele dissesse, -Averiguou uma coisinha de meu passado.

\*\*\*\*

-O que fazemos agora? -perguntou MacNeil enquanto se sentava no lombo do cavalo. Eles estavam parados na montanha que dominava pelo alto o castelo do Conall e aos Druidas.

-Esperaremos. Nossa hora se move, -disse a Sombra. -Permanece perto, mas fora da vista. Não quero que ninguém te veja.

-Posso me encarregar de qualquer que tropece conosco.

A Sombra se deu volta e o olhou airadamente.

-Idiota. Se os Druidas souberem que está aqui, eles se assegurarão de te sujeitar até o tempo da profecia.

MacNeil não pôde lhe sustentar o olhar. Baixou os olhos.

-Bem. Assegurarei que não sejamos vistos ou encontrados.

-Bom. Quando precisar virei por ti.

MacNeil observou ao homem afastar-se. Em todo este tempo ainda não lhe tinha visto a cara. A Sombra. Isso era tudo o que eles alguma vez lhe tinham chamado, era tudo o que ele queria ser chamado.

-Estúpido nome, -queixou-se e mandou que seus homens continuassem.

Ele lhes encontraria um lugar oculto de modo que nem ainda a Sombra pudesse encontrá-los. Mas sabia que isso não era verdade. A Sombra tinha sido capaz de descobrir coisas que os homens normais não podiam.

E aí foi quando MacNeil compreendeu que não tratava com qualquer homem.

Negou-se a pensar mais nisso, porque se o fazia a Sombra o averiguaria. Não, ele o manteria oculto. Nunca pensar nisso, ou falar disso. Talvez então ele teria uma jogada sobre a evasiva Sombra.

Seus olhos seguiram à Sombra quando caminhou para o topo da colina. A Sombra elevou seus braços sobre sua cabeça e começou a cantar algo.

MacNeil soprou. Mais magia. Provavelmente ocultando-os de modo que ninguém tropeçasse com mais de cem soldados.

## Capítulo 22

Fiona se aventurou no salão depois de seu banho. A água tinha feito maravilha para refrescar seu corpo e sua alma. Tinha rebuscado no arca de sua câmara e tinha encontrado um traje de cor granada.

Instantaneamente se tinha apaixonado pela cor, e uma vez que o pôs duvidou que alguma vez o tirasse de novo. Encaixava-lhe à perfeição com as mangas um pouco largas somente. Não obstante, o bordo do pescoço e da prega estava acentuado com uma preciosa trança em nata e ouro. Em definitiva, tratava-se de um vestido próprio para a realeza.

Enquanto permanecia de pé na parte baixa das escadas e observava às pessoas que enchia a sala, quase lamentou de ter saído de sua habitação. Estava a ponto de devolver-se a ela quando divisou ao Gregor.

Seu cabelo loiro ainda estava úmido pela recente lavagem, e sua barba se foi. Sobressaltou-se por sua cara aposta e bem barbeada. OH, sabia que ele era bonito, mas lhe ver vestindo uma estreita calça escocesa e uma camisa açafão sem mangas enquanto estava sentado ao lado do Conall com uma taça na mão a deixou aniquilada. Em sua mente, ele era um guerreiro. Nada mais e nada menos. Mesmo que ouviu seu pai lhe pedindo que assumisse o controle como Laird, ela nunca imaginou assim.

Agora, ante ela, estava um homem como ele que deveria ter sido. Bem-vindo e amado, pois estava claro que o clã do Conall sentia ambas as coisas pelo Gregor.

Sua boca se abriu involuntariamente enquanto uma pequena menina de cabelo escuro subia no regaço do Gregor. Ele acariciou o cabelo da menina e lhe dedicou um brilhante sorriso. O tipo de sorriso que não podia negar-se a um menino.

Sua reação para a menina trouxe lágrimas a seus olhos. Ela estava passando apuros para não as derramar enquanto a garota envolvia os braços ao redor do pescoço do Gregor e lhe dava um abraço.

–Essa é Ailsa, a filha do Conall, –disse Glenna enquanto chegava ao lado da Fiona.

–É formosa. Até daqui posso ver que ela tem seus mesmos olhos.

Glenna riu.

–Assim é como a descobri.

–Descobriu-a? –Perguntou não segura de ter ouvido corretamente.

–Sim. Mantinham-na oculta do Conall depois que sua mãe morreu no parto. Não obstante, uma vez que a mostrei ao Conall, ele a conservou ao seu lado.

Fiona se umedeceu os lábios e se enfrentou a sua irmã.

–Você gostaria de ter meninos?

–OH, sim, –disse Glenna enquanto os olhos lhe brilhavam intensamente. –E espero um dia ter um meu.

–Estou segura de que o terá. As pessoas que se amam como você e Conall merecem muita felicidade.

Glenna sorriu e assentiu com a cabeça.

–Alegra-me ver que une a nós para jantar. Estou também muito feliz por que escolheu esse traje de noite. Esperava tanto que você gostasse. –Tomou a mão da Fiona e a levou para o soaço.

–Como poderia não amá-lo? É delicioso.

Glenna diminuiu seus passos e se inclinou perto da Fiona.

–Um dia logo vais ter que me dizer o que há entre você e Gregor.

Fiona ficou rígida.

–Não há nada entre nós. Absolutamente nada.

–Não importa o que diga, –disse Glenna com indiferença enquanto alcançavam o estrado. –Mas não pode mentir a um Druida.

Fiona se encontrou sentada ao lado da Glenna e felizmente longe do Gregor pois ele se sentou ao lado do Conall. O que não tinha previsto era a chegada da Moira.

A respiração lhe obstruiu nos pulmões quando Moira atravessou as portas e se dirigiu para o soalho. Fiona sabia que não importava quão difícil era mas ela rezava para que Moira não fora para jantar com eles que pois seria um engano. Para piorar as coisas, o assento ao lado dela não estava ocupado.

–Pensei que seria bonito que estivéssemos todos aqui, –disse Glenna.

Fiona não poderia olhar a Moira, assim olhou a outra parte. Só para encontrar os olhos do Gregor sobre ela. Sabia que desaprovava o que tinha feito no muro exterior do castelo, mas ele não sabia o que Moira tinha feito a ela.

«Deixa-o que critique. Por que lhe deveria preocupar de todos os modos? Ele não era nada para ela».

«Mentirosa. Ele é seu consorte».

Consorte ou não, não podia confiar em um homem como ele. Era um vagabundo que não permanecia em um lugar muito tempo. Inclusive admitiu que não ia ser o Laird dos MacLachlan. Só poderia assumir que a razão se devia a que não desejava estar pacote.

A pesar do fato que nunca lhe tinha dado uma razão, era o que era. Um guerreiro. Quão único tinham em comum era que não necessitavam a ninguém além deles mínimo para sobreviver.

Quando Moira ocupou o assento ao lado dela, cada fibra do corpo da Fiona lhe disse que se levantasse e corresse, mas não tinha o desejo de ofender a Glenna e ao Conall pela segunda vez. Fiona se sentou rígida como um poste e manteve o olhar para diante por medo de enfrentar-se com o Gregor outra vez.

–Não me posso acreditar depois de todo este tempo que estejamos todas juntas, –disse Glenna felizmente–. Somos uma família de novo.

Se Glenna advertiu de que nem ela nem Moira estavam de acordo com sua declaração, não o mencionou.

–me fale sobre seus pais adotivos, Fiona, –disse Glenna. –Estava tão feliz de saber que eram boas pessoas.

–Os McDougal eram pessoas excelentes e bons amigos de nossos pais.

–Eram? –perguntou Conall.

–Logo que Fiona e eu partimos de clã MacDougal, MacNeil os atacou, –respondeu Gregor por ela.

–Não deve dizer isso Glenna repreendeu a Fiona. –Estou tão causar pena.

Fiona inclinou a cabeça e piscou rapidamente pelo ataque de lágrimas que as palavras da Glenna trouxeram. Ela então se voltou para o Conall.

–O que aconteceu? –Perguntou ele ao Gregor.

–Quase alcançaram a Fiona antes que eu o fizesse. MacNeil e seu exército saquearam e mataram como em todas suas incursões.

–Sobreviveram Cormag ou Helen?

–Não, –sufocou-se Fiona.

Gregor deslizou seu olhar para ela antes de voltar-se para o Conall outra vez.

–Fiona retornou quando viu a fumaça. Conseguimos entrar no castelo sem ser vistos e encontramos ao Cormag.

–Não pôde lhe salvar?

Fiona cravou duramente os olhos no Gregor enquanto esperava sua resposta.

–Não, –respondeu Gregor finalmente. –Tinham-lhe torturado para obter informação sobre a Fiona. Não estou seguro como conseguiu manter-se vivo tanto tempo.

–E Helen? –perguntou Glenna.

Fiona nunca tinha encontrado a sua mãe adotiva mas pela expressão do Gregor e a sacudida de sua cabeça, era melhor não saber o que tinham feito a ela.

-Ele não estava sozinho, -disse Gregor depois de um momento de silêncio.

-A mesma pessoa encoberta que tratou de matar Glenna e Ailsa? -perguntou Conall através dos dentes.

-Sim.

Glenna se inclinou para frente e ansiosamente perguntou a Fiona, -Viu-o? Sua cara? Que aspecto tem?

-Até com os MacLa...

-Ele manteve posta o capuz, - falou Gregor sobre ela.

Fiona estreitou seu olhar sobre ele. Por que Gregor não contava sobre o ataque aos MacLachlan? Certamente essa informação seria útil.

A menos que não quisesse que eles soubessem de seu clã e de seu exílio.

A verdade a golpeou como um aríete. Ela sabia pela única razão de ter estado ali. Apostaria seu melhor traje a que ninguém sabia nada do passado do Gregor. Ainda não sabia exatamente o que tinha ocorrido com a irmã do Gregor e duvidava que alguma vez o chegasse ou seja.

Gregor queria manter seus segredos guardados. E os guardaria enquanto ele permanecesse fora de seu assunto com a Moira. Ele pareceu entender seu silêncio e inclinou rapidamente a cabeça.

Quando Fiona se sentou, encontrou-se com que Glenna, Conall e Moira os olhavam atentamente a ela e ao Gregor.

A este ritmo, seus segredos e os do Gregor não estariam guardados por muito tempo, pensou enquanto recolhia seu garfo e o cravava nas cenouras e a codorna assada.

Com tanta comida deliciosa se esqueceu que Moira estava sentada a seu lado até que começou a fazer comentários sobre a volumosa comida. O sorriso morreu em seus lábios quando olhou os olhos verdes da Moira.

-Fiona, -começou Moira.

Baixou o olhar antes que Moira pudesse continuar. Como pôde esquecer-se de quem estava sentada a seu lado?

-cedo ou tarde terá que me falar.

Tinha na ponta da língua lhe dizer exatamente o que pensava desse comentário, mas guardo silêncio. Era a única maneira de lhe fazer frente a Moira, porque se começava com sua acalorada discussão não sabia dizer quando se deteria.

Depois de manter tal cólera dentro durante dezoito anos havia muita em seu interior.

-Por favor. Somos irmãs, -disse Glenna enquanto se apoiava perto. -sonhei com este momento onde todos estão sentados juntos. Isto não é como imaginei.

Fiona tinha tido suficiente.

-Não sempre se consegue o que queremos, Glenna. Assim é a vida.

-Não tem que ser assim, -disse Moira. -ouvi que podia estar zangada comigo. Não estou segura do por que, mas estou disposta a averiguá-lo.

Fiona se sentia apanhada. Quem tivesse sabido que sua chegada a este lugar para encontrar-se com suas irmãs a faria isto? Queria gritar e chorar ao mesmo tempo. Suas emoções estavam trancadas em seu interior como um nó que a confundia muito para pensar corretamente.

Isso era por culpa do Gregor.

-Não, -murmurou. Não podia ser por culpa dele, tinha que ser culpa da Moira. Seu olhar foi atraído para ele, apesar de tentar não olhá-lo. Ailsa estava outra vez em seu regaço. A bela menina se via cômoda e ele se mostrava contente por tê-la ali.

Não apartou o olhar quando os olhos do Gregor a encontraram. Seu olhar se manteve fixamente, como se tratará de lhe dizer a algo, mas ela não podia ver nada além do desejo de seu próprio corpo. Fez-se difícil permanecer em sua cadeira. Inclusive

enquanto Glenna e Moira continuavam falando, ela não as ouvia. Sua atenção se centrava no Gregor e na lembrança de seu ato de amor.

Ela o devorou enquanto a imagem de seus olhos negros cheios de paixão e desejo cintilou em sua mente. Tinha-lhe dado prazer antes de tomar o seu próprio. Inclusive a maneira em que havia meio doido seu corpo tinha sido quase reverente. Sua gentileza e paixão trouxeram calor a seu corpo incluso agora.

O que estava mal nela? Nunca em todos seus anos tinha sido ela tão emocional. Devia deter-se. Agora.

–Com permissão, –disse e se levantou de sua cadeira. Não podia sair da sala com a suficiente rapidez.

Gregor viu sua despedida e se debateu consigo mesmo por um momento antes de soltar a Ailsa e seguir a Fiona. Não falou enquanto se apressava pelas escadas.

A atitude silenciosa da Fiona lhe tinha incomodado desde sua chegada. Não parecia cômoda aqui e lhe preocupava. Não queria ser um estorvo para ela, mas queria ajudá-la. Tinha estado em seu sangue desde essa primeira noite em que se uniram seus corpos.

Seus olhos a buscavam por onde quer que ia. Se ela estava perto, ele encontrava impossível fazer outra coisa além de olhá-la. Que lhe tivesse ignorado só fortaleceu sua determinação de manter-se a distância.

Ficou porque Conall o pediu e porque Conall era um amigo. Não tinha amigos, assim a um como Conall se asseguraria de conservá-lo.

Assim, em lugar de sair e pôr tanta distância como podia entre ele e Fiona, ficou. Mas se asseguraria que não fora por muito tempo. Só o suficiente para terminar o celeiro e ver que Fiona chegasse a um acordo com suas irmãs.

Além disso, dos conselhos que Aimery lhe tinha dado, Fiona encontraria a seu consorte justo como Glenna fazia. Francamente, não tinha o desejo de estar aqui quando isso acontecesse. Era bastante duro saber que não a podia ter agora, mas isso seria impossível uma vez que ela descobrisse a seu consorte.

Perguntou-se por que Conall lhe havia dito onde estava a antecâmara da Fiona, mas agora se alegrou disso. Tinha fugido tão rápido que não a tinha podido encontrar.

Agora, enquanto estava ante a porta da antecâmara teve sérias dúvidas de sua prudência. Ela não queria nada de parte dele, mas ia passar por toda classe de inferno só para assegurar-se de que estivesse bem.

–O que estas fazendo aqui?

Voltou-se e encontrou a Fiona a seu lado.

–Vim para saber de ti. Correu pela sala tão rápido que imaginei que algo estava mau.

Ela suspirou e apartou as mechas de cabelo, que se tinham solto da trança, fora de sua cara.

–Só precisava tomar um pouco de ar.

–Você não gosta de estar aqui?

–Me alegro por fim de ter chegado a ver a Glenna, mas...

–Podia haver ido sem ver a Moira, –terminou por ela.

Levantou a cara e lhe dedicou um pequeno sorriso, amarga.

–Sim. Não o posso evitar.

–Entendo-o.

De repente o vestíbulo onde eles estavam estava muito concorrido. Soube no mesmo instante em que se encerrou em si mesma. Quando apareceu a língua saiu e lambeu seus lábios rapidamente ele teve que deter-se a si mesmo para não tomá-la entre seus braços e beijá-la.

Refreou seu crescente desejo e tratou de pensar em outra coisa além da sensação de sua suave pele sob suas mãos, os suaves gemidos quando se deslizou nela, e seus gritos de prazer quando a levou a êxtase.

Observou a expressão de sua cara e não havia engano, havia desejo ali. Podia fingir que era imune a ele, mas não o era.

As palavras não foram necessárias quando cada um deu um passo para os braços do outro. Em todos os anos com mulheres, nenhuma tinha feito que seu corpo faria cócegas com apenas pensar nela. Mas Fiona fazia exatamente isso, e o assustava mortalmente.

Esmagou seu suave corpo contra ele e devastou sua boca. Sua língua se bateu em duelo com a dela, que se deu totalmente a ele enquanto seus braços se aferravam a seu pescoço e ombros.

O sangue golpeado ruidosamente em seus ouvidos enquanto ele a empurrava contra a parede e pressionava sua dolorida virilidade na união de suas coxas.

-Gregor, -cochichou-lhe na orelha.

Ele quase morreu a causa do prazer que seus lábios lhe davam enquanto foi do pescoço até a orelha onde lhe mordeu brandamente o lóbulo.

-Se não entrarmos em sua antecâmara logo, vou fazer o aqui mesmo, -disse-lhe. Ela sorriu brilhantemente e se aproximou para abrir o ferrolho da porta. Foi tudo o convite que necessitou. Carregou-a e a levou através da soleira, detendo-se só o suficiente para fechar a porta com o pé.

Não deu uma olhada na antecâmara enquanto a colocava sobre seus pés. Era tudo o que ele queria agora mesmo, e faria quase algo por tê-la em seus braços só uma noite mais.

-Jurei que não deixaria que isto voltasse a passar outra vez, -disse ela com um triste sorriso.

-Sou muito difícil de resistir.

Ela levou a cabeça para um lado e elevou uma escura sobrancelha.

-Talvez.

-Ou talvez se, - disse enquanto lhe acontecia a mão pela cara-, sabe que somos bons juntos.

Enrugou a frente profundamente e se afastou dele.

-O que te disse Conall? -Perguntou.

-Conall não me disse nada. Por que pensa que ele me diria algo sobre ti? -disse.

-Conall perguntou por nós, não é assim?

Estava desesperada. Tinha que deter esta tolice e retornar até onde estavam.

-Fez-o, mas lhe informei que não havia nada que dizer. Não tem de que preocupar-se.

-Não o entende, -chorou ela e lhe deu as costas. -Nunca devia ter me entregue a primeira vez.

Gregor estendeu a mão para tocá-la mas se deteve. Seja o que seja o que a estava incomodando, consumia-a. Ela não tinha desejo de lhe procurar alívio.

-Lamenta ter feito o amor comigo.

Seu silêncio foi toda a resposta que ele necessitou. Saiu da antecâmara antes de fazer o ridículo maior. Amigo ou não, ele já não podia ficar mais aqui. Amanhã pela manhã informaria ao Conall sua decisão.

\*\*\*\*

Fiona esperou. Tudo o que Gregor precisava fazer era tocá-la e se acomodaria em seus fortes braços. Necessitava-o agora mesmo, necessitava-lhe mais desesperadamente do que estava querendo admitir.

Quando escutou a porta da câmara fechar-se, nunca se sentiu mais só em sua vida. Se não estivesse toda Escócia em perigo, ela nunca teria vindo.

E nunca teria conhecido ao Gregor.

Essa era a essência da questão. Gregor. Perguntou-se se alguém se negou alguma vez a seu consorte e o que lhe tinha acontecido a eles. Inteirar-se-ia amanhã quando fora a visitar os Druidas.

O sono seria difícil com seu corpo ardendo pelo Gregor, mas o dirigiria. Não tinha opção.

A risada na sala lhe chegou de abaixo. O amor e a felicidade enchiam este castelo. Infelizmente nunca se permitiria compartilhar nada disso.

## Capítulo 23

Fiona respirou o ar fresco da manhã enquanto se encontrava nas escadas do castelo. As nuvens enchiam o céu ameaçando chuva, mas era ainda uma bela manhã com o sol penetrando através das densas nuvens.

–Está preparada?

Voltou-se para a Glenna. Tinha chegado o momento de ver os Druidas.

–Sim.

Enquanto foram de caminho, encontrou-se com que Glenna as guiava para a entrada de uma cova. Com sua chegada ontem, ela não tinha tido muita oportunidade de olhar ao redor do muro exterior do castelo, mas certamente teria notado uma grande cova.

Ela se deteve. O espaço escuro que surgia ameaçadoramente adiante lhe trazendo lembranças da noite em que se assassinaram a seus pais. Não lhe tinha gostado de andar pelo vestíbulo fracamente iluminada, e sempre Moira tinha falado caminhando com ela.

–Assustei-me disso a primeira vez, também, –disse Glenna.

–Não estou assustada. Só recordava.

–Estava aterrorizada, carinho, – disse Conall a Glenna enquanto ele subia andando.

Fiona se voltou para encontrasse ao Conall e ao Gregor ao lado delas. Glenna não disse nada sobre que eles as acompanhariam.

–Mas não era da escuridão, –contínuo Conall.

–Sabe ao que ela tinha medo, Fiona?

Perguntou com um grande sorriso.

Glenna juguetonamente lhe deu murros no estômago.

–Eu o direi, toco. Só o deixa pior do que era.

Voltou-se para a Fiona.

–Tinha medo às aranhas.

–Tinha? –riu Conall bobamente. –Ainda o tem.

–Estou melhorando.

Glenna se levou os braços ao outro lado de seu peito e levantou o queixo.

–As aranhas? –Perguntou finalmente Fiona.

–Sim. As odeio. Todas essas patas. –Glenna tremeu e esfregou as mãos sobre os braços.

Conall suspirou ruidosamente.

–Suponho que isso significa que iremos pela rota mais larga.

–Assim é, –disse Glenna e tomou o braço da Fiona.

–Tinha que fazer referência disso, Conall.

Fiona olhou sobre seu ombro ao Conall que sorria amplamente enquanto golpeava nas costas ao Gregor. Precisamente o que estavam fazendo eles aqui?

–Como dormiu a véspera?”

–Maravilhosamente, –mentiu- Fiona a Glenna. Os pensamentos sobre o Gregor a tinham mantido acordada a noite inteira.

–Bem. Estava preocupada com ti.

Fiona tragou saliva. Glenna tinha estado preocupada com ela?

–Por que?

Glenna a olhou como se repentinamente lhe tivessem crescido chifres fora de suas orelhas.

–Porque está em lugar que não deseja estar, porque perdeste a sua família adotiva, porque sei que há coisas que lhe incomodam, e porque é minha irmã.

Fiona nunca se havia sentido tão humilhada em sua vida.

–Inclusive depois da maneira em que atuei no jantar.

–É obvio, –disse Glenna. –O que seja que esteja entre você e Moira pode solucionar-se.



-Não quero que se solucione.

-Jamais?

-Durante muitos anos vivi com a cólera em meu coração, Glenna.

-Exatamente. Por isso é que precisa tirá-lo fora para que possa ser feliz.

Feliz. O que era isso exatamente? Escuto como Glenna descrevia sua vida enquanto atravessaram andando as porteiras. Sua atenção se desviou do tema das palavras da Glenna quando divisou o bosque.

Quando Glenna a dirigiu nessa direção Fiona quase saltou pela alegria. Sabia quem vivia nesse bosque. Os Druidas.

Embora Helen tivesse sido uma Druida e lhe tinha ensinado tudo o que sabia, tinham tido que manter sua identidade em segredo. Aqui, no Castelo dos MacInnes, todo mundo sabia o que ela era e inclusive a aceitavam.

Mas sabia que isso era único porque o clã MacInnes tinha escondido aos Druidas durante séculos.

A música que ela ouviu ontem a alcançou outra vez. Deteve-se e escutou um momento.

-Formosa, verdade? -Perguntou Glenna. -Me calma.

Fiona assentiu porque as palavras se tornaram entupir em sua garganta. A música abrandou sua cólera e a equilibrou um tanto.

-Quis te trazer ontem, mas sabia que necessitava descanso.

Fiona não podia a não ser sorrir pela forma em que Glenna desfrutava da vida. Como pôde MacNeil criar a esta pequena e encantadora criatura que era sua irmã? Certamente tinha sido enganada.

-O que? -Perguntou Glenna.

-Está tão feliz e cheia de vida.

Glenna sorriu e agachou sua cabeça.

-E te pergunta como posso ser eu algo semelhante e ter sido criada pelo MacNeil?"

Fiona esperou até que Glenna levantou a cabeça.

-Sim.

Seguiu o olhar da Glenna e a encontrou cravando os olhos no Conall.

-Foi ele. Ele o fez. Ele e Moira me transformaram no que sou hoje. Ele nunca perdeu as esperanças comigo, mesmo que queria que o fizesse.

Ela observou como Conall levantou o olhar de sua conversação com o Gregor enquanto o homem lentamente caminhava para elas. Sorriu a Glenna e lhe soprou um beijo.

Fiona partiu dando meia volta e olhou para o bosque, mas essa imagem do Conall soprando um beijo a sua irmã se gravou em sua mente. Poderia ter isso, também. Tudo o que tinha que fazer era abrir seu coração ao Gregor.

Seria tão fácil.

«E a dor me matará quando ele se vá».

-Vamos. Não posso esperar para que conheça todo mundo, -disse-lhe Glenna e a urgiu para as árvores.

Fiona se alegrava de esquecer-se do Gregor e de seus falsos sonhos. Tinha outras coisas nas que concentrar-se.

Logo que entraram no bosque, a calma a alcançou. A magia encheu o ar só à espera de ser posta em liberdade. Helen lhe tinha falado deste lugar, mas realmente estar aqui agora e experimentá-los era assombroso.

Correu detrás a Glenna através das árvores sentindo-se mais jovem e mais despreocupada que em anos. A risada da Glenna foi seu guia enquanto serpenteava através das gigantes árvores.

Justo quando divisou a Glenna se voltou e olhou sobre seu ombro. Gregor a seguia de perto, mas foi a dor que viu em seus olhos o que a molestou.

«Fiz isso. pus essa dor ali».

-Vêem. O círculo de pedra está justamente aí diante, -gritou-lhe Glenna.

Fiona apartou a vista do Gregor e se deteve. A tranquilidade se foi e seu coração se encheu outra vez de confusão. Ela os seguiu enquanto Glenna e Conall atravessassem correndo as árvores.

Seu amor era tão fortemente, tão verdadeiro, que nada o podia romper. Estavam atados nesta vida e na seguinte. Para sempre.

Logo Fiona rodeou uma árvore e chegou ao lado da Glenna e Conall. Ante ela estavam os círculos de pedra maciços que sua mãe adotiva lhe havia descrito.

–vê-se exatamente como me disse Helen que seria, –disse Fiona e estendeu a mão para tocar uma das pedras.

Pela esquina de seu olho, ela viu o Gregor aproximar-se para reunir-se com eles. Apesar do que ela queria sentir, estava feliz de compartilhar isto com ele. Depois de tudo o que tinham suportado, era justo que ele estivesse ao lado dela.

Glenna suspirou felizmente.

–Entremos.

O olhar da Fiona deixou a Glenna para retornar às pedras. Nesse breve tempo, um véu tinha sido levantado e se podia ver dentro do círculo.

O círculo albergava a centenas de Druidas de todas as idades dos mais jovens até os mais anciões. Era puro paraíso dentro. Enquanto fora do círculo estava nublado com o aroma da chuva no ar, dentro o círculo o sol brilhava.

Entrou quando Glenna a puxou do braço. Foi então quando advertiu ao Aimery ao lado de um velho. Ao menos pensou que ele era velho pela barba bastante branca e o cabelo, mas enquanto caminhava mais perto viu que não era tão velho como pensava. Sua pele não estava enrugada e seus olhos azuis não estavam descoloridos. Poderia não ser velho, mas sua alma o era.

–Bem-vinda a casa, Fiona, –disse com um sorriso amável. –Estivemo-lhe esperando.

Recordou-lhe instantaneamente.

–Obrigado, Frang.

–Ah, então me recorda?

–É que a lembrança é que aparentava mais idade, –respondeu Fiona enquanto inclinava a cabeça ante o Supremo Sacerdote Druida.

–estive tratando de conseguir que me diga sua idade desde que vim aqui pela primeira vez, –disse Glenna.

Frang dedicou um pequeno sorriso a Glenna e retornou a Fiona, salvo que olhou detrás dela em lugar da ela. Gregor.

–Dá um passo adiante, Gregor, –pediu o supremo sacerdote.

Fiona não poderia ocultar os calafrios que a percorreram enquanto Gregor caminhava a seu lado e a roçava com o braço ao passar.

Quando ela levantou o olhar se encontrou ao Frang com os olhos cravados nela.

–Fez bem sua tarefa. Sabia que foi o homem adequado para trazer para casa a Fiona, –disse-lhe e deu ao Gregor uma bolsa pequena.

Ali não havia confusão no atraio das moedas.

–Foi pago? –Perguntou ao Gregor.

–Disse-te que fui enviado para te trazer aqui.

–Mas nunca me disse que foi pago, –discutiu.

O fato de que ele não a olhasse só fez que se zangará mais.

–Não importa, –disse Frang e deu um passo para ela. Envolvendo com seu braço ao redor de seu ombro.

–Vêem. Há muitas coisas que precisamos discutir.

Permitiu-lhe levar-lhe logo que sua mão a havia meio doida, uma parte de sua cólera se desvaneceu.

–Como fez isso?

Riu e a guiou através das muitas rochas redondas do interior do círculo.

-Nada te passa inadvertido.  
 -Não me vai dizer isso.  
 -Helen te ensinou bem.  
 Riu em silêncio e se rendeu.  
 -Helen foi uma professora excelente.  
 -Mostrou-te a maneira de controlar seus poderes? -Fiona assentiu.  
 -A uma idade muito temprana, de fato.  
 -Sabia que eram as pessoas corretas para te criar, -disse com um sorriso.  
 -por que não me acolheu como fez com a Moira?  
 Deteve-se e a olhou.  
 -Tudo ocorre por uma razão, Fiona. Um menino gasto ao círculo não é motivo de intrigas, mas dois? Não havia maneira de trazer para as duas.  
 -Assim que o abandono da Moira essa noite era por uma razão?  
 -Ela não te abandonou.  
 Fiona queria gritar.  
 -Por que deve brigar todo mundo comigo? Estava ali.  
 -Querida dizer que você foi com os MacDougal, mas basta dessa conversação. Vamos falar de outra coisa, -disse Frang. -me fale do Gregor.  
 -Trouxe-me aqui, -disse e se negou a dizer mais.  
 -Ele é seu consorte. Sabe isso, mas nega a ti mesma e a ele.  
 Levantou com força sua cabeça para ele.  
 -Como sabe isto?  
 -É fácil de ler. Suas emoções se parecem com as da Glenna, estão ali para que o mundo as veja. Se a gente souber o que olhar.  
 Sua sabedoria fez pouco para apaziguá-la.  
 -Não aprova que o negue como meu consorte.  
 -Sabe que não o faço. Nunca deve negar a seu consorte.  
 -Por quê? Certamente houve pessoas que o fizeram.  
 Frang suspirou e se sentou uma pequena rocha redonda.  
 -Sim, houve-o. Não acredito que vá gostar de te o que vou lhe dizer.  
 Ela esperou que continuasse.  
 -A confusão que sente só aumentará. Nunca estará contente com nada nem ninguém.  
 Desejará a morte e te voltará maliciosa.  
 -tratei com isso a maior parte de meus dezoito anos. Estarei bem.  
 Vigiou-a com cuidado.  
 -Se o crie assim.  
 -Fiona, -chamou Glenna.  
 -Vete com sua irmã, -disse-lhe.  
 Fiona se apurou a ir para a Glenna. Estava segura que se tornava se inteiraria de mais do que queria.  
 Frang observou a Glenna partir. Tinham um duro caminho diante deles. Nunca se imaginou que estivesse tão amargurada.  
 -por que não lhe diz o que ocorreria ao Gregor se não lhe reconhecer como seu consorte?  
 Frang não se voltou para o Aimery. Sabia que o Fae tinha estado ali todo o tempo.  
 -Não era o momento. Precisa inteirar-se lentamente. Apressá-la seria um engano grave.  
 -Algo está acontecendo.  
 Seu tom alarmou ao Frang. Girou-se para o Fae.  
 -O que é isso?  
 -O Maligno está perto. Muito perto e o Fae falhou.  
 -O que?

-Minha rainha foi difícil de alcançar. Vigia você mesmo, Frang. Tenho a impressão de que este futuro a ponto de ser trocado.

## Capítulo 24

Gregor estava parado longe do Conall e Glenna. Gostava de estar com os Druidas e a experiência da magia que eles viviam, mas sentia que não devia estar aqui.

Percorreu o lugar com a vista e observou a Fiona enquanto caminhava para a Glenna. Frang estava não muito além dela, e se perguntou sobre que tinham discutido. A única pessoa que ele notou ausente era Moira.

Seus olhos exploraram a área até que captou um brilho de cabelo loiro quase branco antes que desaparecesse detrás de uma das pedras gigantescas. Moira estava dando tempo a Fiona para que conhecesse os Druidas sem ela perto.

Procurou a Fiona e a encontrou metida em uma conversação com a Glenna. Fiona não o tinha querido aqui hoje. Tinha sido dolorosamente óbvio quando entrou no pátio. Ele e Moira tinham algo em comum, e talvez ele poderia ajudar a Moira.

Se ele pudesse ajudar a reconciliar a Moira e Fiona antes de partir, então sentiria como se ele tivesse obtido algo. Encaminhou-se inadvertidamente e se dirigiu aonde tinha vislumbrado a Moira. Seu cabelo comprido, branco loiro era fácil de descobrir entre a folhagem escura e as rochas.

Ela se afastou do centro do círculo. Gregor apurou suas pernas até que a alcançou. Então sentiu a presença detrás dele. Desviou sua espada ao mesmo tempo em que se girava para confrontar a seu opositor.

Deteve sua espada a um cabelo de cortar ao Dartayous. Dartayous nunca se moveu. Estava parado tão quieto como uma estátua enquanto seus brilhantes olhos azuis olhavam fixamente ao Gregor.

–Por todos Santos! Poderia te haver matado, –disse Gregor e embainhou sua espada.

–Temo-me que não, meu amigo. Qual é seu assunto com a Moira?

Gregor tinha visto muito desde que tinha chegado ao Castelo MacInnes e ao Vale dos Druidas, mas os Guerreiros Druidas eram diferentes. Sobre tudo Dartayous. Havia algo sobre este guerreiro que fazia que homens como Gregor ficassem de pé e posasse sua atenção neles.

–Quero falar com ela a respeito da Fiona, –respondeu Gregor finalmente.

Dartayous soprou.

–Boa sorte. Está de um humor áspero e suas unhas não se esconderam desde que Fiona chegou. Cuide-te.

Sua advertência surpreendeu ao Gregor. Tinha conhecido a Moira que era o epitome da tranquilidade e a graça. Que Dartayous sugerisse que Moira levantava sua voz era inconcebível.

Para seu completo assombro, Dartayous sumiu sem que o notasse. Isto o incomodou enormemente. Ele, supunha-se, era um grande guerreiro que percebia coisas. Estava perdendo seu talento? Estava sua mente muito ocupada com a Fiona?

O que fora, isto tinha que parar. E talvez Moira podia ajudá-lo.

Não foi difícil encontrá-la. Estava de pé sobre o penhasco onde Conall e Glenna tinham sido casados, dominando o Castelo MacInnes. Era um lugar impressionante.

–Venho aqui freqüentemente, –disse Moira. –Adoro olhar para baixo a Glenna e Conall e saber que eles estão felizes e em paz.

Deu-se volta e o olhou sobre seu ombro.

–Está preocupado.

–estive preocupado durante muitos anos. Nada trocará isso, –disse ele e andou até parar-se a seu lado. –É um formoso lugar.

–me fale de seus problemas.

–Em realidade, vim para falar contigo de Fiona. –Mais que ver a sentiu ficar rígida. –Guarda um montão de raiva dentro de si.

-Isso se deixa ver.

Gregor começava a pensar que deveria ter emprestado atenção ao conselho do Dartayous. Inclusive embora Moira não tivesse levantado sua voz esta se feito decididamente mais fria.

-Necessita algum tempo, -continuou Gregor. -Perdeu aos McDougal e averiguou que você sabia onde esteve todos estes anos. Não tomou bem no absoluto.

-Queria que tivesse uma vida normal. Algo que Glenna e eu nunca tivemos a possibilidade de ter.

-Deveria lhe dizer isso.

Moira riu.

-Não me escutará. O que te faz pensar que ela escutaria algo do que tivesse que dizer?

-Não sei. -Suspirou. -Sei que te está fazendo acontecer um momento difícil, mas quis que entendesse por que.

-Você não me está dizendo isso tudo, verdade?

Examinou seus olhos verdes tão parecidos com os da Fiona e quis lhe contar. Mas não era dele de quem estavam falando. Isso tinha que vir da Fiona.

-A verdade é que não, nem deveria.

-Não importa, -disse. -O que importa é que te obter trazê-la até aqui. Sã e salva, justo como lhe pedi isso. Eu sabia que tinha escolhido ao homem correto.

Gregor inclinou sua cabeça. Gostou do prazer que suas palavras lhe deram. Se só fora um homem tão bom como ela pensava que era, mas sabia que trocaria sua opinião dele se soubesse tudo.

Elevou a vista para encontrá-la olhando-o fixamente.

-se preocupa muito, -disse ela.

-Faço-o?

-Não posso ler seus pensamentos, -assegurou-lhe. -Mas posso te dizer que tem velhas lembranças que enterraste profundamente dentro de ti.

Ele se girou afastando-se e se assegurou que nenhuma emoção se evidenciasse em sua cara.

-Você está adivinhando.

-Não. É claro de ver se a gente souber como olhar. Frang me ensinou isso.

-Não vim aqui para falar de mim.

-Tanta dor, -disse ignorando suas palavras. -Você trata duramente de aparecer afastado e insensível e enganaste a muita gente.

-Mas não a ti, -resmungou.

-Nem a Fiona.

O fôlego do Gregor ficou apanhado em seu peito. Como o tinha sabido?

-Vi o modo em que Fiona lhe olha. Sente sua dor ainda assim quer te manter a braços de distância. Por que é isso?

-É uma Druida. Não peço te entender a ti ou seus caminhos.

Moira riu.

-Boa resposta.

-Foi um engano ter vindo falar contigo.

-Só se não deposita atenção a minhas palavras, -advertiu.

Deteve-se quando começava a dar a volta.

-E que palavras são essas?

-Não mantenha enterradas essas escuras lembranças. Recorda que apesar do que pensa de ti, você é um bom homem.

Assentiu com a cabeça e se voltou para o círculo de pedra. Ele tinha vindo para falar da Fiona, mas ao final Moira tinha girado a conversação ao que ela deseja falar. Deveria havê-lo sabido melhor, antes que tratar de falar com um Druida.

No momento em que alcançou o círculo, Glenna e Fiona estavam sentadas com outros Druidas. Brevemente se perguntou se ela tinha notado sua ausência, mas sabia que só estava fazendo-se danifico com aquela classe de pensamentos.

-Para onde te aventurou? -perguntou Conall quando se parou a seu lado.

-fui falar com a Moira para tratar de lhe dar uma idéia de por que Fiona está fazendo o que está fazendo.

-Trocou-te o tema para ti, verdade?

-Sim.

-Glenna faz isso quando não deseja falar de algo. De todos os modos, esteve bem que o tentasse. Não me dava conta que tinha chegado a preocupar-se tanto pela Fiona.

Gregor apertou os dentes. Maldição. Teria que tomar cuidado.

-Não assumas mais do que és.

-E o que és?

«A verdade? Que eu não posso conseguir tirar a de minha mente, que penso na Fiona constantemente».

-Penso que há muito mais do que me estás dizendo, mas sou um homem paciente. Posso esperar.

-Esperará por uma eternidade então. Não há nada que contar.

Não ajudou quando tudo o que Conall fez foi lhe dar um sorriso conhecedor.

Gregor esfregou seu pescoço enquanto a tensão se instalava ali. Levantou os olhos para encontrar-se que Fiona o olhava. Ela a toda pressa afastou o olhar, mas não antes que Conall o visse.

-Conheço esse olhar.

-Que olhar? -disse Gregor sem evitar suspirar.

-O olhar que diz que ali há muito mais entre vocês dois do que qualquer pudesse dizer.

-Deixa-o passar, -disse Gregor antes de afastar-se.

Conall o alcançou quando abandonava o círculo de pedra.

-Parte-te.

-Tenho que fazê-lo, -disse Gregor.

-Eu realmente poderia usar sua ajuda. Dá algo tempo aqui para descansar. Ailsa não deseja que te parta ainda.

Gregor sabia que se estava ficando ao minuto em que Conall tinha mencionado o nome da Ailsa.

-Você só tinha que usar a Ailsa.

-Sei quanto a adora. Se este for o único modo que posso te manter aqui, então a usarei.

-Um verdadeiro amigo me permitiria partir, -disse Gregor e se deu volta para enfrentá-lo.

Os olhos cinzas do Conall cintilaram.

-Um verdadeiro amigo te faria ficar. Um verdadeiro amigo te mostraria o que ganharia no ficar. Um verdadeiro amigo trataria de te dar a felicidade que ele tem.

\*\*\*\*

Fiona não podia apartar os olhos do Gregor e Conall. Do olhar de resignação na cara do Gregor e a alegria na do Conall, tinha a sensação de que as coisas estavam a ponto de trocar para ela.

-Bem, parece que Conall ganhou, -emitiu Glenna ao lado dela.

Fiona jogou uma olhada a sua irmã.

-O que?

-Conall me disse ontem à noite que tinha o pressentimento que Gregor ia partir mesmo que Conall lhe pediu que ficasse.

Fiona ignorou o brilho de pânico que sentiu para ouvir as intenções do Gregor. Não tinha sentido para ela sentir assim já que se disse a se mesma que não queria ter nada que ver com ele.

Era ela a que se supunha que partiria. Não ele.

–O que lhe fez pensar ao Conall que Gregor quer partir? –perguntou finalmente.

Glenna sorriu amplamente e se encolheu de ombros.

–Suponho que pode ser devido ao modo que Gregor lhe olhe.

Fiona não se incomodou em responder por que Glenna não acreditaria nada do que ela dissesse.

–Não posso acreditar que não vás admitir que o viu te olhar com desejo.

Fiona se encontrou esfregando o pescoço e rapidamente se deteve, mas não antes que os olhos da Glenna seguissem sua mão.

–Gregor olha a muita gente. Eu não sou diferente.

–Admito não conhecer o Gregor tão bem, mas te direi que nunca o vi atuar assim antes.

–Assim como? –Fiona não podia menos de perguntar.

–Como se não pudesse esperar a partir. É como se pensasse que se ele ficar algo passará.

«Algo já passou».

–depois de que Conall e eu nos casamos, poderíamos dizer que ele realmente não queria ir-se. Eu o via olhar ao redor do pátio, às pessoas, especialmente a Ailsa, e ele não podia ocultar seu desejo. Desejaria saber que aconteceu em seu passado.

–Não, não o faria.

Mas quanto às palavras abandonaram sua boca as lamentou. Ela fechou fortemente seus olhos.

–Por favor, Glenna, não pergunte.

Ouviu a Glenna suspirar ruidosamente.

–Está bem. Mas um dia eu gostaria de sabê-lo. Há tanto dor nele.

–Deixou o Vale porque veio a me buscar, –disse Fiona para trocar de tema.

–Sim. Moira pensou que seria o homem perfeito para enviar. Não há muitos clãs nas Highlands interfeririam com o Gregor. Suponho que tem algo que ver com seu estilo de vida. Sendo um mercenário, –terminou pela Glenna.

–Contou-lhe isso?

Fiona assentiu.

–Não ao princípio. Fazê-lo falar de seu passado é como tratar de mover uma montanha.

–É certo. –Riu Glenna e apontou a seu marido. –Conall parece muito agradado consigo mesmo.

–Porque convenceu ao Gregor de ficar?

Não devia ter mantido a decepção em seu tom de voz porque Glenna se girou para ela com a frente profundamente enrugada.

–Eu pensei que você gostava do Gregor.

–Eu gosto, claro.

–Então, por que não quer que esteja aqui?

Por que certamente? Porque se o via outro dia, cederia a seus próprios desejos. Por que se encontrava querendo aliviar a dor dele levava. Por muitas razões que não queria nomear. Nem a Glenna nem a se mesma.

–O que aconteceu a viagem? –Perguntou Glenna-. Fez-te mal?

–Nunca, –respondeu Fiona muito forte-. Simplesmente eu gosto de manter a distância. De todos.

Não era uma pergunta, e sabia que tinha ferido a Glenna. As palavras pendiam entre elas como um muro de pedra.

–Não farejarei outra vez, –disse Glenna antes de levantar-se e ir-se.



Fiona queria chamar de volta a Glenna mas não pôde encontrar as palavras. Desde que tinha chegado se encarregou de ferir todos a seu redor. Não sabia que a fazia atuar desta forma, e parecia que se voltava pior à medida que o dia passava.

\*\*\*\*

Tão perto, e ainda assim tão longe.

A Sombra se movia perto da Moira. Não podia chegar muito perto porque esse Guerreiro Druida estava perto e podia cheirá-lo. Algo não era completamente normal naquele guerreiro. Teria que ver o que podia descobrir para estar seguro de que Dartayous não se cruzaria em seu caminho.

Mas neste momento, só queria jogar uma olhada à beleza da Moira. Fechou os olhos e imaginou tendida nua sobre o chão antes de cobri-la com seu corpo.

-Moira.

Seus olhos se abriram de repente ante o som da voz do Dartayous. Ele estava perto, muito perto.

-Não estou lista para retornar, -disse Moira enquanto permanecia sobre o penhasco olhando.

-Ele está aqui.

Essa simples afirmação a fez dá-la volta, a arena de seu vestido flutuando ao redor de suas pernas.

-Quem?

-Você sabe de quem falo.

A Sombra baixou sua cabeça enquanto os olhos da Moira examinavam as árvores e rochas circundantes. Nenhum deles podia vê-lo, mas o guerreiro era capaz de senti-lo.

Quis gritar de fúria quando Moira rapidamente passou ao Dartayous. A Sombra pensou em segui-la. Até que viu o Dartayous tirar sua impressionante espada.

-Não hoje, -suspirou A Sombra. -Mas um dia, logo, Moira.

## Capítulo 25

Fiona caminhou ao lado da Glenna quando ambas abandonaram o círculo de pedras, e se afastaram do bosque. Pôde ouvir como Conall sussurrava a Glenna que tudo ia sair bem.

Ficou atrasada já que ainda não estava preparada para retornar ao castelo, além disso queria lhes dar privacidade. A uns passos deles, Gregor a seguia.

Cada um a ignorava e ela não podia culpá-los. Sua má língua tinha conseguido machucar a todos até ao guerreiro estóico que lhe tinha salvado a vida e havia a trazido até aqui.

Queria controlar-se e ocultar-se, mas isso seria a saída mais fácil. E não era uma covarde.

-Vejo que conseguiu lhe gostar da Glenna.

Não se surpreendeu pela declaração do Gregor.

-Involuntariamente, mas o fiz.

-Ao menos o admite. O que te invadiu?

Seus olhos ocultaram a moléstia que lhe produziram essas palavras.

-Não sei. Disse-te que não deveria ter vindo.

-Não tinha outra opção que vir.

-Verdade.

Ele se deteve e estendeu uma mão para pará-la.

-São suas irmãs. Não pode as substituir. Isso lhe asseguro. Deixa ir-se o passado.

-Já vejo que dizer essas palavras te resulta fácil. -disse-lhe com uma aguda cólera sobre ela ao pensar no que lhe disse a respeito de deixar atrás o passado -Tem feito o mesmo?

Rapidamente, deu-se a volta e não viu as lágrimas brilhando em seus olhos. Outra vez tinha falado sem pensar antes no que ia dizer, e esta vez tinha ido muito longe.

O que lhe havia meio doido viver ao Gregor, era muito pior que seus próprios problemas.

-Gregor, sinto muito. -disse-lhe girando-se para encontrar-se sozinha. E merecia estar sozinha. Havia lhe machucado à única pessoa que ainda lhe falava, e o dano que lhe infligiu era irreparável.

Não podia retornar ao castelo ainda. Tampouco podia ir junto aos Druidas e arriscar-se a uma confrontação com a Moira. Apesar de sua resolução, ela não podia compreender como não notaram sua ausência.

Tinha prejudicado aos que a rodeavam com suas palavras, odiosas. Tropeçou no bosque ao não fixar-se por onde ia, sem olhar sequer a beleza que a rodeava. Não foi até que chegou a um claro, quando se fixou por onde ia.

-Um nemeton. -murmurou- Um claro sagrado em meio de um bosque.

Helena lhe havia dito que os nemeton eram parecidos com uma fortaleza na natureza, separada do resto do mundo e sagrados para os Druidas.

A magia tilintava ao redor do claro e Fiona compreendeu o que tinha descoberto quando esteve no montão Faerie.

Seu coração se aliviou da pesada carga que tinha em seu corpo, enquanto a magia gotejava através dela. Encontrou-se acalmada pela paz e a tranquilidade que desprendia o nemeton.

Gostaria de ficar para sempre nesse lugar.

Acabava de começar a explorar as árvores e arbustos que rodeavam o nemeton quando o mal açoitou sua alma e a frieza a alcançou. Retrocedeu da árvore espinheiro que estava observando.

Seus olhos exploraram mais à frente da árvore espinheiro, mas não podia ver nada. Ainda assim, seu corpo sentiu o mal perto.

«te afaste agora».

Deu-se a volta e se encontrou ao homem que tinha visto dentro do círculo de pedras. Levava uns braceletes iguais aos do Gregor, mas não eram de couro mas sim de um material nada comum.

Isso era óbvio, ele era um guerreiro, armado com adagas e espadas. Mas o que a cativou foram seus olhos. A intensidade de seus olhos azuis recordou a alguém, mas não podia recordar a quem.

-Não esteja aí de pé, mulher. Escapa. Há algo maligno neste lugar.

-Sei. -Respondeu ela, avançando para ele, o mal se dissolveu até que não o sentiu. Uma vez que ela chegou até o guerreiro, jogou a cabeça para trás e examinou sua cara.

-Ponha detrás de mim.

-Não deveria ter vindo sozinha. -Disse-lhe apoiando sua mão em sua espada e desembainhando.

Os olhos da Fiona se posaram na insólita espada. Da ponta até o punho a espada estava Lisa por um lado e dentada pelo outro. A espada tinha dentes. Seu olhar se posou sobre o insólito anel em sua mão direita e as tatuagens celtas que possuía.

-Pode vê-lo?

-Posso cheirá-lo. -disse-lhe o guerreiro.

Fiona abriu a boca para lhe responder, mas o guerreiro a sossegou.

-Está a ponto de atacar. Quer-te morta. Sugeriria-te que corresse tão rápido como pode ao círculo de pedras. Deterei-o.

Não vacilou, levantou sua saia e correu por sua vida. Chegaram-lhe os sons que se produziram detrás dela, mas se negou a olhar atrás. Se o fizesse poderia tropeçava e cairia e então aonde a deixava isto?

-Mais rápido. -bramou detrás dela, o guerreiro.

-Vai detrás de ti.

Atravessou um grupo de árvores e descobriu o círculo de pedras diante dela, mas justamente quando acreditou que o conseguiria, foi lançada ao chão. O frio se estendeu através de sua pele e ao redor de seu coração.

O fôlego a abandonou em um sopro. Lutando por tentar respirar, esperou morrer aquela noite. Quando agarrou fôlego de novo, abriu os olhos para encontrar-se ao Aimery e a um grupo do Faes rodeando-a. Aimery lhe ofereceu a mão e a ajudou a levantar-se.

-Está bem? -perguntou-lhe.

O calor a alagou de novo.

-Estou bem. Onde está o guerreiro que me ajudou? -perguntou-lhe, olhando a seu redor para encontrar um rosto conhecido.

Segue lutando contra o mal que vai detrás de ti.

A morte por pouco a tinha alcançado, mais tarde agradeceria ao guerreiro o lhe haver salvado a vida.

-Estou feliz de que esteja aqui.

-Viu-o?

A esperança que notou no tom de voz do Aimery lhe deu forças para continuar.

-Mas bem senti ao mal ao mínimo tempo em que esse guerreiro me encontrou por acaso.

-O nome do guerreiro é Dartayous. -Disse-lhe Aimery enquanto a conduzia ao círculo de pedras.

-É o melhor Druida que há e sua missão é proteger a Moira.

-Proteger a Moira? Tem medo de que Moira vá se escapar?

Aimery sacudiu a cabeça e suas largas mechas de cabelo loiro apenas se moveram.

-Você, Moira e Glenna estão em constante perigo desde que tirou o chapéu as profecias. Dartayous é capaz de cheirar o mal.

-Tal e como o senti eu?

-Sim. O Maligno ataca quando te encontra sozinha. Se for com alguém estará bem. Moira se aproximou então, seus olhos verdes revisaram a Fiona.

-Está bem?

Fiona cabeceou insegura da preocupação que mostravam os olhos de sua irmã.

-Isto foi coisa do Maligno. -Disse Aimery

-Foi uma boa coisa que Dartayous estivesse perto. -Declarou Moira olhando para trás. Fiona seguiu seu olhar e descobriu ao Guerreiro Druida. A tensão que saltava entre esses dois era evidente, e Fiona lhe teria gostado de saber o porquê.

Viu como o chamado Dartoyous sacudiu a cabeça, e girou sua cabeça para ver como Aimery suspirava de alívio e fechava brevemente os olhos.

-Talvez ele deveria proteger a Fiona em lugar de me proteger a mim. -Escutou dizer a Moira.

-Não. -disse Aimery. -Dartoyous protegerá a ti.

Fiona olhou como Moira se aproximava do Faerie.

-O que viu? -Perguntou-lhe.

Aimery olhou à distância.

-Nada. Estou bloqueado. Mas meus instintos me dizem que o Maligno está detrás de ti.

-Então porque me atacou? -perguntou Fiona. -Se deseja a Moira porque se molesta em ir contra Glenna ou contra mim.

-O que quer dizer que não viu nada? -perguntou Moira.

Não fez caso a Moira, deu-se a volta e ficou olhando a Fiona.

-Deseja a Moira.

Foi quando Fiona viu a verdade. O Maligno queria a Glenna e a ela mortas, mas ele sempre desejou a Moira. A angústia que lhe causou não lhe sentou bem.

-Responde. -exigiu- Moira ao Aimery.

-Não conheço o porquê. -replicou em voz baixa e perigosa -Isto nunca passou antes.

Fiona escutou atentamente a conversação, mas ao ver o sobrececho franzido do Dartoyous quando Aimery disse que não podia predizer o futuro, provocou algo dentro dela.

-Quem tem a capacidade de predizer então?

-Só o Rei e a Rainha. -disse Aimery. -E eles não decretaram ainda.

Fiona não pôde fazer mais pergunta por que Aimery a agarrou do braço.

-Vêem. -disse-lhe- Te devolvarei ao castelo.

Não desejava retornar ao castelo, mas sabia que não havia outro lugar onde ir. Para sua decepção, o homem tomou o caminho das covas.

Estava escuro e úmido, mas o ritmo frenético que lhe impôs o homem, não lhe deu tempo de olhar a seu redor.

Quando alcançaram o muro exterior ela estava sem fôlego. Deu-se a volta para encontrasse com que Aimery não estava mais com ela. Pensou que nunca se acostumaria ao desaparecimento dos Fae.

Depois de inspirar profundamente, Fiona fez o caminho para o castelo. Ninguém a parou ou lhe perguntou. Não viu por nenhuma parte para a Glenna, ao Conall ou ao Gregor. Decidiu que o melhor era ir a sua antecâmara, assim entrou em castelo e subiu pelas escadas.

Uma vez que se encontrou na segurança de sua antecâmara, fechou a porta e se tombou na cama. Seu primeiro dia neste clã tinha sido um desastre, e isso que somente era o meio-dia.

\*\*\*\*

Gregor levantou a tabela de madeira e a colocou onde Conall lhe tinha designado. Assim que ele abandonou a Fiona, dirigiu-se diretamente a ajudar com a reparação do celeiro. Tinha esperado que o trabalho lhe distraísse mas não tinha sido afortunado.

Estava seguro que enquanto suava sob o sol Fiona estava no interior falando com a Glenna dele. E algo que dissesse de seguro seria muito má. Não sabia por que seguia perto dela se sua só presença o torturava.

Inclusive havia dito ao Conall que solo permaneceria nesse lugar até que o celeiro estivesse acabado. Então o partiria para sempre. Nada lhe reteria nesse lugar, nem sequer a pequena Ailsa.

Quando chegou o meio-dia, tomou um descanso junto ao resto dos homens, e comeu uma comida rápida antes de começar a levantar madeira de novo. O esforço, ao que estava submetendo ao seu corpo, esperava que lhe liberasse da angústia que o acossava de noite. Não suportava as noites intranquílias pensando na Fiona entre seus braços.

Dormiria essa noite, embora tivesse que beber para esquecê-la.

A próxima vez elevou a vista diviso ao sol que se ocultava no horizonte e Glenna caminhava com compridos passados fazia eles.

Em algum momento do dia, Conall se aproximou para trabalhar a seu lado, mas Gregor nunca se precaveu.

-O celeiro hoje avançou. -disse Glenna quando lhes aproximou e posou um beijo nos lábios do Conall.

Conall riu e tomou um sorvo de água.

-Tem razão, querida. Com o Gregor ao nosso lado, trabalhando como um louco, o celeiro estará acabado em um par de semanas.

-Trabalho como qualquer homem normal. -disse-lhes Gregor quando tomou a bota de água.

-Se chamas normal a esse ritmo de trabalho. -Disse Conall rendo-se -Ao final desisti de me dirigir a ti depois de que não me fizesse conta. Deve ter muito em sua mente, meu amigo.

Gregor girou a cabeça. Tinha muitas coisas em sua mente mas isso não significava que não fizesse caso a seus amigos. O problema era que nunca sabia quando Conall estava de seu lado. Esperava não ter ofendido a mais homens esse dia.

-Onde está Fiona? -perguntou Glenna olhando a seu redor.

-Fiona? Ela não está aqui. -respondeu Conall.

Um mau pressentimento se estendeu pelo corpo ao Gregor.

-Acreditei que estava contigo.

-A última vez que a vi foi quando a deixamos no círculo de pedras. -disse Glenna.

Gregor amaldiçoou.

-Discutimos e a deixei no bosque, mas assumi que ela se dirigiria ao castelo.

-Que não estenda o pânico. -disse Conall lhe passando um braço ao redor dos homens da Glenna-. a buscaremos pelo primeiro castelo antes de alertar aos homens para sair em sua busca.

Glenna o olhou com o medo brilhando em seus olhos.

-Poderia estar com a Moira.

-Duvido-o. -disse Conall e caminhou para o castelo.

Gregor se apressou detrás deles. Se algo acontecesse a Fiona, a culpa lhe mataria. Outra vez tinha permitido que suas emoções lhe governassem. Essa era a razão pela que Anna tinha morrido, somente esperava que esta vez não se cobrasse uma vida. Sobre tudo a da Fiona.

Uma vez que alcançaram o castelo, separaram-se e começaram a procurá-la. Gregor não pôde deixar de pensar que não fazia muito que eles procuraram a Glenna para encontrar com que alguém tentava matá-la.

Em cada esquina esperava encontrar-se a Fiona sem vida diante dele. Mas para seu alívio, não a encontrou nesse estado. Então, ao final escutou a chamada da Glenna. Tinha encontrado a Fiona.

-Obrigado. -sussurrou Gregor levantando a cabeça e olhando ao céu. -Obrigado.

## Capítulo 26

Fiona despertou sobressaltada com o som de algo golpeando forte em sua porta. Sentou-se quando o golpe soou.

–Fiona? –suspirou quando escuto a voz da Glenna e se apressou a liberar a porta.

–Aqui estas, –disse Glenna e entrou na antecâmara.

–Estivemo-lhe procurando.

Conall caminhava detrás da Glenna e dedicou a Fiona um sorriso.

–Tinha-nos preocupado a todos.

–estive aqui todo o dia, –disse.

–É por isso que pedi que olhássemos no castelo primeiro, –disse Conall. Aplaudiu- o braço a Glenna–. Vou dar um banho.

–Sim, Já empresta!, –exclamou Glenna com um sorriso.

Fiona não pôde suportar a sensação de apreensão que sentiu em seu coração ao inteirar-se de que justo agora se precaveu que ninguém sabia onde estava ela. Apartou a dor e olhou a Glenna.

–Sinto muito, –disse Glenna.

–Sente-se triste? Sou eu quem deveria desculpar-se, –disse Fiona. –Minhas palavras foram excessivamente duras. Não sei o que me entrou ultimamente.

–É igual. –Glenna adotou um sorriso brilhante.

–Agora, é quase o jantar. Vais estar conosco esta noite?

Fiona não podia acreditar que Glenna lhe desse uma segunda oportunidade depois da forma em que a tinha tratado a ela.

–É obvio, –disse e verdadeiramente o esperava com ilusão.

–Bem. Verei-te dentro de uma hora.

Uma vez que Glenna saiu Fiona se sentou diante da chaminé e destrançou seu cabelo. Passou a escova por seu cabelo e se encontrou pensando no Gregor. Tinha ajudado a procurá-la?

Provavelmente não, decidiu.

O certo é que não importava. Supunha-se que se esqueceu completamente dele a estas datas. Mas se deu conta que isso era muito difícil de fazer. Poderia ter algo que ver com o fato de que ele estava ainda aqui. Ou, poderia ser algo mais.

As palavras do Frang voltaram para ela então. Poderia ter razão ou estava justamente tratando de assustá-la para que aceitasse a seu consorte? De qualquer maneira estava sortindo efeito.

O pensamento de poder viver uma vida feliz como Glenna foi quase suficiente para fazê-la render-se e aceitar ao Gregor. Quase.

Mas o pensamento que ele a abandonaria foi suficiente para sustentar sua decisão de manter-se afastada dele foi firme. Apesar de como o desejava ou como se sentia quando suas mãos e sua boca estavam sobre ela. Manteria-se afastada.

E isso significava viver uma vida solitária.

«Estarei sozinha de todas as formas uma vez que me abandone».

«Mas o que ocorreria se não o fazia?»

«O que ocorreria se o fazia?»

Era a mesma discussão que tinha tido com sigo mesma do primeiro momento em que se precaveu de que Gregor era seu consorte. Nada tinha trocado a pesar que tinha aprendido a confiar um pouquinho nele. Depois de tudo, tinha salvado sua vida. Isso fazia que merecesse um beliscão de confiança.

Só um beliscão, mas era mais do que lhe tinha dado a outra pessoa em sua vida além de seus pais adotivos. Se não tomava cuidado, então lhe daria seu coração para fazer com ele o que quisesse.

O assunto era que estava ainda no Castelo MacInnes e estaria durante algum tempo se Conall se saía com a sua. Com o qual queria dizer que teria que enfrentar-se ao Gregor outra vez, e provavelmente esta noite.

–Posso luzir muito melhor, –disse, enquanto se equilibrava sobre o cofre diante da cama.

Abriu a tampa e encontrou todos os seus trajes recém lavados e dobrados. Em cima estava o traje que sempre tinha sido favorito do Cormag. Seu adotivo freqüentemente lhe havia dito que o verde fazia jogo com seus olhos. Nunca tinha pensado que seus olhos eram remotamente tão bonitos como o verde do traje. O traje estava feito com um verde entre a cor das folhas na primavera e o matiz de uma esmeralda.

Seus olhos eram só um simples verde. Não era tão místico como o traje ou tão precioso como uma esmeralda, nem tão belo para considerar-se como o verde das árvores.

Ainda assim, o traje lhe trazia lembranças carinhosas de seus pais adotivos. Decidiu levá-lo para honrá-los.

Conseguiu um banho e rapidamente se banhou. Uma vez que esteve seca e se vestiu com o traje, sentou-se ante o pequeno fogo da chaminé e se penteou.

Logo, deixou que o fogo secasse seu cabelo enquanto se preparava a si mesma para a noite. Provavelmente Moira estaria ali também.

Apesar de seus sentimentos ia sorrir e lhe fazer acreditar em todo mundo que era feliz. Queria tranquilizar a Glenna, até se isso significava falar com a Moira.

Esse pensamento enviou uma punhalada de preocupação através dela. Gregor tinha estado no certo. Ia ter que dirigir a palavra a Moira tanto se queria como se não. Só esperava manter o controle de sua língua e não repartir golpes a destro e sinistro enquanto estava com a Glenna e Gregor.

Deixou seu cabelo solto ao redor dela e alisou seu traje nervosamente. Deixou seu xale já que não se sentia como se pertencesse a um clã.

Antes de trocar de idéia, apressou-se de sua antecâmara e desceu pelas escadas. Deteve-se no último degrau e examinou a grande sala como era seu costume. Muitas pessoas estavam já ali e sentadas, mas não havia sinal da Moira.

Fiona olhou para o estrado e viu a Glenna lhe fazendo gestos com as mãos. Sorriu e se encaminhou para sua irmã.

–Te vê radiante, –disse Glenna enquanto ela se aproximava.

Fiona sorriu e sob o olhar para ocultar sua vergonha com o inesperado cumprimento, um cumprimento que lhe trouxe uma avalanche de prazer. Talvez se via a metade de bem como dizia Glenna.

–Esta Glenna certa, –disse Conall ficando de pé. –O verde é perfeito para ti. Brilha mais que todos os presente. Exceto para minha esposa, é obvio.

Fiona observou como Conall se inclinava e beijava a parte superior da cabeça da Glenna. Uma punhalada de ciúmes tão afiado e real pulsou dentro dela. Seria tão fácil ter o que compartilhavam. Tão fácil... e tão difícil.

Tomou assento e tratou de não fazer caso que Gregor não estava entre a concorrência.

–Ele estará aqui, –inclino-se e murmurou Glenna.

–Quem? –Perguntou em um esforço por não mostrar-se afetada por sua ausência.

Glenna riu e lhe aplaudiu o braço.

–Não me pode enganar, querida irmã. Esta em seus olhos. Delatam-lhe.

Fiona se dirigiu a Glenna preparada para lhe dizer a ela que não havia nada entre ela e Gregor quando ele atravessou a porta. Seus olhos se deram um festim com ele, igual a todos os olhos das demais mulheres da sala, o qual a incomodou muito mais do que lhe tivesse gostado.

Seu cabelo, nunca livre das duas pequenas tranças, estava afastado de sua cara. Caminhava como um homem crédulo de si mesmo e de sua habilidade, e era isso o que lhe chamava a atenção às mulheres como o mel às moscas.



Fiona encontrou que não podia apartar a vista dele, mesmo que Glenna a chamou. E quando ele sorriu a uma mulher que passava estava assombrada de não sentir inveja por não receber esse mesmo sorriso depois de tudo o que tinham compartilhado.

Sua respiração se acelerou quando advertiu seus olhos vagando pela sala. Esperou que ele a notasse, e logo rezou porquê não o fizesse no mesmo tempo.

Logo seus olhos se posaram finalmente nela.

Ele se deteve e ficou com o olhar fixo sobre ela. Seu fôlego se cravou dolorosamente em seus pulmões enquanto esperava que ele dissesse algo, fizesse algo.

Sua cabeça girou com o som de seu nome. Fiona olhou para baixo para ocultar sua desilusão. Era parvo estar ciumenta de uma menina, especialmente de uma tão doce como Ailsa. Entretanto, quando levantou o olhar e se encontrou ao Gregor olhando a Ailsa com olhos de adoração, não pôde suportar os sentimentos dentro dela.

Apartou a um lado os pensamentos do Gregor e se girou para a Glenna. A comida estava deliciosa assim como a companhia. Riu das histórias que contavam Glenna e Conall sobre seu primeiro encontro e se assegurou de emprestar atenção, a pesar que sua mente e olhar se aventuravam para o Gregor freqüentemente.

–Onde foi hoje? –Perguntou Conall. Fiona recordou o nemeton e os sorvetes dedos de mal que quase a tinham capturado. Em lugar de arruinar a agradável noite com tal conversação horrenda, disse, –dava um passeio.

–O que aconteceu? –Perguntou Glenna.

–Encontrou-te com mais Druidas? O bosque é um lugar maravilhoso para estar, muito belo, tranqüilo.

–Sim. Belo, –disse Fiona e enterrou a memória do nemeton.

Independentemente de quão bem pensava que escondia seus sentimentos, Conall deveu ter visto algo para que perguntará, –Onde exatamente te aventurou?

–Ao nemeton. –assinale Glenna. É um de meus lugares favoritos. Nenhum mal se atreveria a aproximar-se desse lugar.

Fiona não respondeu. Não podia. Mentir a sua irmã e a seu cunhado não era algo que queria fazer, mas tampouco tinha o desejo de lhes dizer a verdade e preocupá-los.

–Algo ocorreu, –disse Conall.

Fiona jogou uma olhada a sua cara e viu o brilho resolvido de seus olhos. Seu olhar se deslizou sobre o Gregor e o encontrou escutando avidamente antes de olhar a Glenna. Tão despreocupadamente como pôde, Fiona tratou de alcançar sua taça e disse, – Parece que o Maligno do que fala Aimery retornou.

–O que? –perguntou Glenna, com voz tremente e baixa como se a atormentará até considerar as palavras da Fiona.

Conall deslizou suas costas da cadeira e cruzou os braços sobre seu peito.

–Acredito que é tempo que nos conte a história inteira.

–Realmente não há muito que contar, – disse Fiona, tratando de lhe tirar importância-. Fui passear e me encontrei com o Maligno. Dartayous chegou e me deu escolta de volta ao círculo de pedra e logo Aimery me guiou de retorno ao castelo.

Glenna se cobriu os olhos com uma mão.

–OH, Fiona, deveria me haver isso dito antes.

–Por quê? –Perguntou enquanto a mesa foi limpa. –Está superado e acabado.

–Tenho a sensação de que a muito mais da história que isso, – falou Gregor pela primeira vez-. Talvez deveríamos enviar pelo Dartayous.

Fiona não queria que fizessem nada, e Gregor sabia.

–OH, por amor de Deus! –disse com um suspiro forte. –Não foi tão mau como estas sugiriendo, que é a razão pela que não desejo contar a história inteira.

–diga-me isso demandou Conall.

Fiona se reclinou e enlaçou as mãos no regaço. Não tinha desejo de pensar o perto esteve da morte, mas parecia que não tinha alternativa.

-Eu estava no nemeton estudando uma preciosa urtiga quando senti algo... frio...mau. Antes que pudesse me mover, Dartayous estava ali me chamando. Uma vez que o alcance, desencapou sua espada e me disse que corresse fazia o círculo de pedra. Estava quase ali quando... -Fechou os olhos enquanto a lembrança da sonolência, a escuridão que a tinha envolto.

-Quando? -Solicito Gregor.

Fiona travou seu olhar com ele, necessitando sua força para terminar.

-O Maligno me apanhou.

Ouviu a Glenna ficar sem fôlego, mas se negava a apartar a vista do Gregor.

-O manto da escuridão e do frio me rodearam. E logo, logo que me tinha golpeado, foi-se. Quando abri os olhos, Aimery e os Fae se encontravam para mim ao redor. O resto sabe.

-Meu deus! -Disse Conall e se passou a mão pela cara.

Gregor simplesmente cravou os olhos nela.

-Agora ficarei perto do castelo e dos Druidas em todo momento, -disse Fiona rapidamente.

Glenna não estava apaziguada. -Mas e se tivesse ocorrido algo?

-Não foi assim, -apaziguo Conall a Glenna.

-Fiona é preparada. Emprestará atenção às coisas agora.

O humor taciturno que se formou foi dissipado pelo gemido da música. Para o deleite da Fiona, as gaitas de fole foram tiradas, assim como também um violino e uma lira.

As mesas e os bancos foram movidos para deixar espaço para o baile, e logo a sala inteira se encheu de música e risada. Ao princípio, Fiona se sentou e olhou aos bailarinos. Glenna e Conall foram um dos primeiros em dançar uma vez que a música começou. Os olhos da Fiona se encontraram com os do Gregor que estava contra a parede falando com uma bela loira. Não teve tempo para estar ciumenta, entretanto.

Conall a levantou de seu assento e dançaram ao redor do quarto uma giga rápida. Ela estava ofegante e renda-se tão forte que logo que podia manter-se, mas se estava divertindo. E quando acreditava que não poderia dançar outro passo de baile, a música terminou. Havia uma estranha luz nos olhos do Conall enquanto continuava dançando com ela de costas para seu assento. Exceto não a levava de volta a sua cadeira.

Em lugar disso, balançou-a longe deles. Fiona não sabia aonde a estava dirigindo até que se chocou com um peito de sólido músculo e sentiu fechar uns firmes braços ao redor dela.

Gregor.

Levantou a cabeça e indagou em seus negros olhos. Não havia emoção evidente em sua cara, e seu sorriso rapidamente se desvaneceu. Antes que pudesse pronunciar uma palavra ele a fez girar em torno a fim de que suas costas estivessem para a abarrotada sala enquanto a dela contra a parede. Isto a deixou oculta para todo mundo, exceto para ele.

Ele alargou a mão e tocou um fio de seu cabelo que se posou no ombro. Enquanto girava em espiral o fio ao redor de seu dedo ele fechou seus olhos e suspirou.

Sabia o que suas ações faziam a ela? A sala e toda a gente deixaram de existir no mundo diminuto no que Gregor os tinha situado.

Quando abriu os olhos e levou uma mão a sua cara não lhe deteve. Manteve o olhar fixo nele, fascinada pela repentina demonstração de emoção.

Seu polegar explorou seu lábio inferior enquanto nas escuras profundidades a dor e a solidão surgiram à superfície para ser vistos por uma pessoa. Fiona.

-Seu sorriso faz que meu coração cante, -disse, com voz baixa e rouca de barítono. - Mas quando vejo seu cenho franzido gostosamente engatinharia sobre meu ventre através dos fogos do inferno por ver a risada outra vez embelezar sua formosa cara.

Ninguém lhe tinha falado nunca com tais palavras, e lhe enchou os olhos de lágrimas. Suas palavras saíram do coração, algo que ele mantinha oculto do mundo.

Uma lágrima lhe escapou e rodou por sua bochecha antes que ela a pudesse deter, mas não lhe importou. Quis que soubesse que suas palavras a tinham afetado.

Gregor queria saborear os doces lábios da Fiona. Tudo o que ele tinha que fazer era inclinar-se. Começou a fazer isso quando algo lhe salpicou a mão. Piscou, inseguro do que era. Logo levantou o olhar até a cara da Fiona.

Os olhos verdes brilhavam com lágrimas não derramadas. Mas por quê? Logo recordou suas palavras, as palavras que só se falou em sua cabeça, mas agora em certa forma se aberto passo até seus lábios.

Retrocedeu um passo.

–te aparte. te aparte agora antes que faça algo que possa lamentar.

Ela negou com a cabeça e ficou onde estava. Não sabia a garota que perto estava de perder o controle de si mesmo? Desejava-a como nunca tinha querido a uma mulher antes. Ela estava perto, mas fora de seu alcance.

Nunca a teria de novo. Tinha-o deixado dolorosamente claro. a ter lhe olhando como se ela quisesse que a beijasse era muito. Era só um homem depois de tudo. Simplesmente muita tortura para poder suportá-la.

Rapidamente se afastou dela antes de levantá-la sobre seu ombro e levar-lhe a sua antecâmara. Somente pensar nisso lhe fez suar com uma necessidade que se tornou insuportável ultimamente.

Um pouco de ar era exatamente o que necessitava, decidiu enquanto se abria passo até as almenas. Foi então que divisou a Moira escondendo-se enquanto olhava por debaixo das escadas fazia a sala de abaixo.

\*\*\*\*

Fiona se umedeceu os lábios e quase chamou o Gregor. Talvez o melhor era que ele a deixasse. Entretanto, não podia menos que perguntar-se por que lhe havia dito aquelas formosas e maravilhosas palavras.

Não era um truque. Não era algo que Gregor faria. Essas palavras certamente tinham saído de seu coração, e se sua expressão alarmada lhe dizia algo era que ele estava tão surpreso de haver dito as palavras.

Olhou ao redor da sala. O baile e a alegria se mantinham. Seus olhos apanharam a vista da Glenna e Conall enquanto sorriam o um ao outro, o amor brilhando em seus olhos à vista de todo o mundo.

Fiona fechou os olhos. Ainda poderia sentir a força dos braços do Gregor ao redor dela, a segurança que seu corpo lhe produzia.

Talvez era a hora de render-se. Talvez Gregor poderia ajudá-la a dissipar a melancolia que a rodeava

\*\*\*\*

Gregor caminho pelas almenas e divisou a Moira. Ela contemplava a lua, suas mãos se agarravam à pedra como âncoras. Ele procurou ao redor ao Dartayous mas não lhe viu por nenhum lado.

–Estou te incomodando?

–Não, –disse sem lhe olhar.

Esperou ao lado dela e olhou as tranqüilas águas do lago.

–por que não uniu a nós para a comida?

–Tinha sido minha intenção até que vi como Fiona estava a gosto. Não tinha o desejo de incomodá-la.

Ele assentiu.

–Onde esta Dartayous? Ele está sempre junto a ti.

Bufou e se voltou cara a ele.

-Está aqui. Posso-lhe sentir. Só que não tem o desejo deixar-se ver neste momento.

-Ah, -disse Gregor.

-Desejo que ela me fale.

Gregor viu sua dor e se deu conta que o tinha escondido de todo o mundo. Tinham muito em comum.

-Fará-o. Dê-lhe tempo.

-Não temos muito tempo.

-Como uma Druida, deveria saber que há muito dentro da Fiona que está em confusão. Limpou-se a cara e ele estava surpreso de ver lágrimas.

-Moira?

-Estou bem, -disse enquanto as lágrimas se derramavam por sua cara.

Sem pensar ele a abraçou para lhe oferecer o consolo o que pudesse.

-Tudo estará bem.

Contemplou-lhe e pôs a mão em sua bochecha.

-É um bom homem, Gregor.

\*\*\*\*

Fiona correu pelas escadas, com o entusiasmo correndo através dela. Sentiu-se bem por ceder ante seu desejo pelo Gregor. Rodeou uma esquina para encontrar ao Dartayous bloqueando seu caminho.

-Não suba até ali, -disse a ela. -Gregor não está sozinho.

-Preciso falar com ele.

Negou-se a mover-se.

-Que espere até manhã.

-O que está mal contigo? A maioria da gente daqui me esteve urgindo para que fale com o Gregor. Isso é tudo o que quero fazer. Agora, por favor te mova.

Por um momento, pensou que se poderia a brigar com ela, logo lentamente se fez a um lado. Quando foi passar diante ele, pô-lhe uma mão no braço.

-Peço-lhe isso outra vez. Espera até manhã.

Por que queria que ela esperasse? Algo não estava bem. Então se fez evidente para ela. Alguém estava com o Gregor. Tiro de seu agarre e subiu à carreira as últimas escadas restantes. Enquanto saiu às almenas, desejou ter escutado ao Dartayous, de pé entre os braços do Gregor não estava outra a não ser Moira.

A cólera e o ressentimento se agruparam em seu estômago. Gregor soltou a Moira e ela se afastou dele.

Como se atrevia Moira a seduzir ao Gregor! Fiona deu um passo para eles para lhe dizer a Moira exatamente o que estava em sua mente. Então, recordou como tinha afastado ao Gregor dela. Consorte ou não, ela não tinha reclamado ao Gregor como dele, e por isso ele estava disponível.

Inclusive para a Moira.

As lágrimas rapidamente se amontoaram em seus olhos. Ela partiu dando meia volta antes que a vissem.

\*\*\*\*

Gregor permaneceu atônito quando viu a angústia na cara da Fiona. Que se alterará por estar reconfortando a sua irmã não tinha sentido para ele.

Partiu em sua busca só para ter ao Dartayous lhe fechando o passo.

-Saí de meu caminho, -disse ao guerreiro.

-Fez bastante danifico esta noite, -disse Dartayous enquanto olhava dele a Moira-. Deixa a Fiona em paz.

Gregor abriu a boca para discutir só que se encontrou com que Dartayous se foi. Olhou por cima do muro exterior de pedra do castelo fazia abaixo e viu a Fiona correndo para as covas. Não passo muito tempo antes que Dartayous a seguisse.

–O que me condene se ele for consolá-la, –resmungou e se lançou detrás deles.

–Não o faça, –disse Moira enquanto se situava diante dele–. Ela não acreditará em ti agora.

Gregor apertou os punhos enquanto seus olhos seguiam a Fiona às covas.

\*\*\*\*

Fiona entrou correndo à escuridão da cova, mas dando a bem-vinda às sombras. Elas distorceram sua dor e suas lágrimas. Atravessou a escuridão, ignorando para onde ia. Só queria estar sozinha algum tempo.

Girou em uma esquina e se encontrou com um comprido lance de cova com seis tochas iluminando o caminho. Sua mente se negava a preocupar-se com encontrar o caminho de volta. Pensaria que isso quando chegasse o momento. Enquanto atravessava a cova, um calafrio repentino a percorreu.

Não havia confusão com a frieza que a envolveu.

O Maligno tinha retornado.

Diminuiu os passos e se concentrou em usar os ouvidos para escutar algo antinatural. Seus olhos examinaram as paredes da cova em sua busca. Logo, as tochas piscaram.

Não só estava sozinha e não tinha uma arma, mas sim não conhecia bem as covas. E o que lhe havia dito Dartayous? Que nunca estivesse sozinha. Entretanto isso era exatamente o que tinha feito.

–Voltamos a reencontramos.

A voz tão fria como a escuridão do inverno a rodeou. Envolveu-se com seus a si mesmo para dar-se calor.

–Acreditava realmente que poderia escapar durante muito tempo? Não há ninguém aqui para te salvar agora.

A voz estava ao redor dela, mantê-la a distância a desequilibrou e confundiu.

–Não necessito que me salvem.

–De verdade? –A voz riu misteriosamente.

Seu instinto lhe dizia que estava junto a ela, muito perto.

–Sou uma poderosa Druida.

–Ah, Sim. Mas carece de uma coisa. A água com a qual usa seu poder.

Fiona refreou o crescente temor e endireitou sua coluna vertebral. Se devia morrer, então não o faria acovardando-se diante de um homem que se negava a deixar-se ver.

Sua risada ressonou através do túnel.

–te acovardando ou não, morrerá.

O túnel estalo com a luz da tocha próxima a ela resplandecendo de vida. Seu olhar se encontrou ao homem. Ele estava situado em um ângulo diante dela. A capa ainda ocultava sua cara, mas ela poderia obter um breve exame dele. Se tinha sorte.

Lentamente, seu braço se levantou para mostrar que ele esgrimia uma espada. E estava apontado a seu coração.

–É tempo de morrer.

O grito se alojou em sua garganta enquanto ele realizava seu ataque. Ela caiu sobre seus joelhos e começou a rodar afastando-se dele. Suas pernas se enredaram ente suas saias e não pôde ficar de pé a tempo.

Ela lutou para deixar livre sua perna assim pudesse chutá-lo, mas soube que tinha falhado quando escutou sua risada. Como podia morrer assim tão facilmente? O Fae a tinha dotado com abundantes poderes especiais. Mas como uma pode derrotar a algo assim de mau quando estava por cima dela?

-Bom intento. Realmente esperava que me desse mais de uma briga, -disse e levanto sua espada para seu coração.

## Capítulo 27

O único pensamento da Fiona, enquanto a espada se precipitava para ela, foi Gregor. Se ela tinha que morrer, seria com a lembrança do Gregor. Fechou seus olhos e recordou a sensação de seus lábios sobre os seus.

Mas não houve dor, só o som de um rugido de ira que encheu essa cova a um grau ensurdecedor. O uivo ricocheteou nas paredes de rocha até que ela teve que cobrir seus ouvidos ou ficaria surda.

Depois de um momento tirou uma mão de sua orelha e ouviu sozinho silêncio. Abriu seus olhos para encontrar ao Dartayous parado sobre ela. Sua espada estava estendida, para evitar que o Maligno a matasse.

-Não tem nada melhor que fazer? -vaiou ao Dartayous.

-Não posso suportar seu fedor.

Enquanto eles combatiam engenhos ela engatinhou lentamente para trás até que Dartayous esteve não muito longe dela. Quando tocou a parede da cova ficou de pé, não apartando nunca seus olhos dos dois homens.

-Não pode me deter. Nada me deterá de ganhar todo o poder, -declarou o Maligno.

-Há um modo de te deter.

-Mas você não sabe qual é, -burlou-se ele.

-Talvez não, mas o posso averiguar.

As tochas outra vez se extinguíram e o frio começou a descender.

-Fiona?

Ela estirou sua mão.

-Estou aqui, Dartayous.

Algo deu com sua mão, e ela tocou o tecido de seu colete. Então, soube que era Dartayous.

Antes que dessem duas passadas as tochas outra vez se acenderam.

-Isto realmente começa a me incomodar, -disse ela.

Não soube que a surpreendeu mais, o sorriso do Dartayous ou ver a Glenna, Conall e Gregor que corriam para eles.

-Está bem? -perguntou Glenna quando os alcançou.

Fiona jogou uma olhada ao Dartayous.

-Estou-o agora.

-Parece que estiveste no lugar correto no momento adequado ultimamente, -disse Conall.

-Parece que estiveste fazendo muito disto ultimamente, -disse Gregor enquanto sua voz gotejava com sarcasmo. -Pensei que seu dever era proteger a Moira?

-Sou um Guerreiro Druida. Ajudo a qualquer Druida que o necessite.

-Fiona, que te fez correr até aqui? -perguntou Conall.

Não olhou ao Gregor.

-Encontre a Moira.

-Já vejo, -disse Glenna.

Fiona sabia que Dartayous queria partir.

-Obrigado. Estarei bem agora.

-Estará-o realmente? -perguntou Dartayous, seus olhos enterrados nos dela.

Seus olhos azuis sustentaram os seu durante um comprido momento. Ele tinha visto o que tinha passado nas almenas, mas não ia compartilhar o com a Glenna e Conall. Ela assentiu e o observou internar-se na escuridão da cova.

A frente do Conall estava levantada quando ela se voltou para eles.

-O que quis dizer?

-Nada, -mentiu. Ofenderia-lhes se dissesse que quero ficar com os Druidas esta noite?

Glenna deu um passo para ela.

-Algo passou. Não me dirá isso?

A bondade nas profundidades marrons de sua irmã quase a desfez. Tragou e tentou rir. Falhou miseravelmente.

-Somente necessito um pouco de paz.

-Encontrará-a dentro do círculo. -A cara do Conall estava enrugada de preocupação, e se encontrou que começava a amar a seu novo cunhado.

Glenna assentiu e entrou nos braços do Conall.

-Talvez é o melhor. Especialmente, depois do atentado contra sua vida esta tarde.

Não se incomodou em lhe contar a Glenna do recente ataque. Não havia nenhuma necessidade de preocupar a sua irmã. Não houve mais conversa quando Fiona os seguiu ao círculo de pedra atravessando as covas. Realmente tinha que recordar esta rota para usos futuros, disse-se.

Quando chegaram, Frang a esperava.

-Dartayous já me informou que o ocorrido.

Ela fez uma pausa quando passou a Glenna.

-É sozinho por pouco tempo, -disse enquanto os braços da Glenna se posavam ao redor dela.

-Está a salvo, irmã, -sussurrou Glenna em seu ouvido.

Fiona olhou para trás para encontrar-se que Gregor já não estava com eles. Seu coração lhe doeu terrivelmente, mas o poria a um lado por agora. Frang envolveu um braço ao redor dela enquanto entravam no círculo. A paz que procurava ainda a evitava, mas talvez não lhe tinha dado suficiente tempo.

-Desejas falar de algo? -Pergunto-lhe Frang.

Sacudiu a cabeça.

-Somente desejo estar sozinha.

-Então, assegurarei-me disso.

Conduziu-a a um quarto feito em um oco de uma das rochas gigantescas que estavam por toda parte do círculo.

Entrou para encontrá-lo mais habitável do que se imaginou que seria. O brilho de um fogo lhe dava a bem-vinda e iluminava o quarto. Uma cama tinha sido esculpida na pedra e muitas mantas estavam postas sobre ela.

-Espero que encontre tudo bem.

Sorriu ao sacerdote Druida.

-Agradeço-te por me fazer sentir bem-vinda aqui, e isto será agradável.

-antes de ir, penso que deve saber um pouco mais sobre o que acontecerá você rechaça a você seu companheiro. Você poderia ser capaz de viver sua vida com o que te hei descrito, mas para seu companheiro, será dez vezes pior. Ambos suportarão cada um sua vida solitária e amarga, nunca saberão o que é o amor. -deteve-se para observá-la um momento. -Que tenha boa noite.

Depois de que Frang saiu, suspirou e se sentou na cama. Era surpreendentemente confortável, não podia acreditar que uma cama feita de rocha fora confortável ainda depois das palavras do Frang. Agora sabia que não poderia dormir esta noite.

\*\*\*\*

Fiona despertou de repente. Sua respiração era laboriosa ainda em seus próprios ouvidos. Olhou ao redor e viu só as brasas do fogo da noite anterior.

Mas o sonho ficou com ela. Sentou-se e se rodeou as pernas com os braços. Não se podia negar que seu sonho tinha sido sobre o futuro. E que triste futuro era.

Ela era cruel e disse coisas ásperas a alguém que tinha vindo a procurá-la. Nada a agradava. Nem as postas do sol, as flores ou o som de risada dos meninos.

Estava sozinha. Para sempre.



Porque tinha afastado a seu companheiro.

A desolação do sonho ainda a reclamava. Tinha pensado que o círculo de pedra e os Druidas lhe trariam paz, mas não havia nenhuma paz que ter.

«Há um modo de ter paz».

Embora o preço era muito alto para pagar por ela. Saiu da cama e se preparou para o dia. Quando saiu de sua pequena habitação o sol já brilhava intensamente sobre o dia.

Ninguém a incomodou, justo como Frang tinha prometido, enquanto caminhava entre os Druidas. Seus pés a levaram para o bosque. De reajo, divisou ao Dartayous.

Ela girou sua cabeça e lhe sorriu. Ele cabeceou brevemente, mas ela não se atreveu a deter-se. Onde quer que estivesse, Moira estaria perto. Até agora, ela tinha tido sorte de manter-se longe da Moira e em não ter que falar com ela.

Com sua mente ocupada em seu sonho, ela não emprestou atenção para onde ia, mas soube que estava sendo seguida. Olhou por sobre seu ombro e descobriu ao Dartayous.

-Não deveria estar cuidando da Moira? -perguntou-lhe.

-Mantém-se dentro do círculo. Você tem ainda que encontrar seu caminho.

Fiona se encolheu de ombros olhou por sobre o penhasco.

-Que formoso lugar. Pode vê-lo tudo.

Silêncio. Respirou o ar limpo e tratou de recuperar algo da calma que havia poseído enquanto estava com os MacDougal.

Quando abriu os olhos tinha ganho um pouco de serenidade. Olhou para baixo para o pátio do Castelo MacInnes e se perguntou onde estaria seu lar.

Não podia ser com a Glenna em tanto Gregor residisse ali, tampouco podia ser com os Druidas devido à Moira. Nem sequer podia ficar só por que o Maligno vagava pelas colinas.

Seria melhor que retornar ao castelo. Ao menos ali poderia não fazer caso do Gregor. Moira não era tão fácil de ignorar. Com sua mente decidida, deu volta e começou a descida ao castelo só para ser detida por uma voz em sua cabeça.

«Farei sua decisão muito fácil».

Ofegou e deu um passo atrás. Imediatamente, Dartayous estava a seu lado.

-O que é? -perguntou ele, com a voz carregada de preocupação.

«Já que não reclamará a seu companheiro, acredito que é momento de que ele mora».

-Não! -gritou e correu para o castelo, sabendo em seu interior que Gregor estava a ponto de morrer.

Dartayous continuou a seu lado quando ela entrou correndo no pátio. Parou-se e procurou o Gregor, mas não podia encontrá-lo.

-A quem busca? Perguntou Dartayous.

-Ao Gregor.

-Está construindo o novo celeiro.

Correu para a parte traseira do pátio só para encontrar-se que estava bloqueada com gente. Não havia tempo que perder, então ela tomou a escada para as almenas. Seus olhos procuraram os homens até que o encontrou sobre o teto. Ela suspirou aliviada de vê-lo são e salvo.

-O que ocorreu? -deu-se a volta ao Dartayous.

-Nada. -Seu olhar encontrou ao Gregor outra vez.

Seus músculos brilhavam no sol de amanhã enquanto baixava o martelo para cravar uma tabela. Lambeu os lábios quando viu os músculos em suas costas e os ombros flexionar-se quando levantava um grande tablón a outro homem.

-Nada, -disse outra vez quando Gregor voltava a martelar. Ela estava por dá-la volta e afastar-se quando um ruidoso choque a deteve.

Gritou o nome do Gregor quando viu o celeiro começar a derrubar-se. Não houve tempo para que ele saltasse do topo do celeiro no momento que o marco se rompeu ao redor dele.

Para consternação da Fiona, o marco se estilhaçou e enviou ao Gregor violentamente ao chão. Passou empurrando às pessoas e correu para o celeiro. Precisava estar com ele. Com a ajuda do Dartayous, fez-o embora a multidão de gente que se formava em volta do celeiro. Homens feridos lotavam o pátio, mas era pelo Gregor pelo que ela estava preocupada. E quando viu o Conall levantar tablones e afastar os de algo, ela sabia que era Gregor.

Seu coração golpeava dolorosamente em seu peito quando viu o Conall e ao Dartayous tratando de alcançar ao Gregor. As lágrimas cegavam sua visão enquanto os gemidos das mulheres quase a ensurdecaram. Caiu de joelhos ao lado do Gregor quando Dartayous e Conall limparam os escombros ao redor dele. Com uma tremente mão ela alcançou seu peito para ver se ele ainda vivia.

Conall colocou um dedo sob o nariz do Gregor.

-Sua respiração é débil. Devemos tombá-lo imediatamente.

-Não conseguiremos levá-lo a castelo. Está muito longe, -disse Dartayous.

Ela levantou sua vista ao Conall que olhava preocupadamente ao Gregor.

-Há uma cabana justo passando a do ferreiro, - disse ele brandamente.

-Não temos tempo que perder, - impulsionou-a.

Os olhos do Conall se posaram nos seus. -Certo.

Graças ao Dartayous e ao Conall, conseguiram levar ao Gregor à cabana vazia.

-Uma viúva vive aqui. Agora mesmo ela está no castelo ajudando a Glenna. Permanecerá ali até...

-Estará bem, - declarou ela enquanto rezava que suas palavras fossem verdade.

-Preciso ver meus outros homens. Tudo o que precisa deveria estar dentro. Voltarei mais tarde.

Com isto Conall se afastou.

Dartayous tocou seu braço.

-Necessita algo?

-Um milagre, -disse-lhe.

-Se me necessitar, só dava meu nome. Ouvirei-te.

-Obrigado, -disse e se deu volta para entrar na choça.

Uma vez dentro, notou que Dartayous tinha preparado um fogo e tinha começado a esquentar água. Suas mãos não podiam parar de tremer enquanto tocava ao Gregor.

Sua cara, braços e peito estavam encostrados em sangue. Com uma tigela de água e um pano limpou o sangue e a toda pressa parou qualquer corte que seguisse sangrando livremente.

Quando chegou a sua cara ela se deu conta que um dos cortes que corria de sua têmpora direita até seu ouvido teria que ser costurado.

Com tanto cuidado como pôde lavou a área e preparou a agulha e o fio. Rezou para que ele se mantivera inconsciente enquanto o costurava. Com cada espetada da agulha pensou que ele despertaria, ainda assim, incrivelmente permaneceu dormido.

Quando estava terminando, seu vestido se aderiu a sua pele, e teve que limpar o suor de sua cara. Acabava de começar a lhe tirar suas botas quando a porta da cabana se abriu.

-Conall acaba de me dizer isso disse Glenna enquanto se apressava a entrar. -Como vai?

-Não sei.

-Moira realmente tem que estar aqui. Não sei o bastante para te ajudar. -Inspeccionou a ferida da cabeça do Gregor. -Bons pontos.

-Obrigado, -disse Fiona.

A esta altura, Fiona lhe teria dado a bem-vinda a Moira com os braços abertos se ela pudesse ajudar ao Gregor.

-Não sei quando Moira poderá baixar aqui já que está ajudando a outros homens feridos, -disse Glenna enquanto seguiu revisando ao Gregor.

-Ocuparei-me dele.

Fiona se deu volta para avivar o fogo, e tratou de recordar cada gota de sabedoria que Helena tinha repartido nela a respeito de curar.

-Acredito que suas costelas estão rotas.

Fiona tragou.

-Sei. Encarregarei-me disso.

Glenna tocou seu braço.

-me deixe te ajudar enquanto estou aqui. Levará-te muito tempo fazê-lo sozinha.

Assentiu com a cabeça, agradecida das mãos extras e o comportamento tranquilo da Glenna.

-Obrigado.

Elas voltaram para a cama. Gregor jazia imóvel vestido só com suas calças e as botas.

-Realmente temos que lhe tirar as calças.

Fiona se mordeu o lábio. Não lhe importava tirar-lhe mas não queria que Glenna o visse.

-Não olharei. Juro-o.

Deu-se volta para sua irmã e sorriu.

-Sei.

Juntas conseguiram lhe tirar as botas e calças sem movê-lo muito.

Fiona o cobriu assim que as calças começaram a baixar e não fez caso do pequeno sorriso da Glenna.

Enquanto Glenna ia em busca de ataduras para suas costelas, Fiona limpou seu peito outra vez com a água quente. Ele não se moveu e não tinha feito nenhum som e isto a assustava.

O que aconteceria alguma vez despertava? Tinha passado antes enquanto ela estava com os MacDougal.

-Quero enfaixá-lo antes que desperte, -disse Glenna quando se aproximou com o braço carregado de ataduras.

Fiona observou a forma imóvel do Gregor.

-E se não o faz?

-Não perca a esperança.

Olhou a Glenna e sorriu através das lágrimas.

-fui uma parva.

-Então pode dizer-lhe quando despertar. Agora, devemos nos dar pressa.

Enquanto Glenna o enfaixava Fiona o fez rodar de um lado ao outro para ajudá-la. Com cada momento que passava sem que ele despertasse, sua preocupação se multiplicava.

Estava cheia de inquietação para o tempo que terminaram, mas rechaçou a idéia de fazer saber a Glenna.

-Farei que alguém venha a verte dentro de pouco. Se necessitar algo me avise.

-Farei-o, -prometeu Fiona com seu olhar fixo sobre o Gregor.

-Tudo irá bem.

Fiona assentiu e se voltou para sua irmã.

-Estará-o? Que há se te digo que o Maligno fez isto?

A boca da Glenna se abriu de repente.

-O que?

-Ouvi sua voz em minha cabeça me dizendo o que ia fazer.

-Frang tem que saber isto.

-Sim, -Fiona esteve de acordo-. Mas agora mesmo tenho que me concentrar no Gregor. Glenna a olhou atentamente durante um momento.

-Bem. Voltarei tão logo possa.

Fiona retorceu as mãos e olhou ao Gregor. Não gostava de estar sozinha e não saber o que fazer.

-Comida, -disse de repente. -Quando despertar vai ter a fome.

Imediatamente começou a revolver na pequena cabana e encontrou os ingredientes para uma sopa simples. Entre cortar as verduras e cuidar do Gregor, a manhã voou com a velocidade de um falcão.

Com a sopa feita e esperando que Gregor despertasse, Fiona se sentou ao lado da cama. Não podia permanecer sentada e olhá-lo, tinha que tocá-lo.

Encheu outra tigela de água quente e baixou a manta até sua cintura. As ataduras foram desde sua cintura até justo debaixo dos ombros. Teria muita dor quando despertasse, pensou.

Depois de que espremeu o pano, Fiona o passou pelos amplos ombros e o pescoço. Inclusive jazendo imóvel, seu poder era evidente. Aquele poder a impactava, sobre tudo porque ele tinha sido tão incrivelmente gentil com ela.

Limpou os braços, cuidadosamente ao redor dos cortes e raspagens que ele recebeu durante a queda. Muito mau era que não tivesse nada para pôr nos cortes.

Então seus olhos se posaram na tigela de água. Se que tinha algo para lhe ajudar. Com os olhos bem fechados tratou de recordar as palavras que Helena lhe tinha ensinado e moveu as mãos em círculo sobre a tigela.

Abriu os olhos para ver a água formar redemoinhos-se e quase deu gritos de alegria por que tinha recordado as palavras corretas. Molhou um pano fresco na água e o passou sobre os cortes.

A água vaiou quando entrou em contato com as feridas, mas ante seus olhos os viu começar a curar-se.

Quando aquela tarefa foi feita se sentou e dobrou as mãos em seu regaço. Não havia nada mais que fazer, salvo esperar. Esperar e rezar para que ele sobrevivesse.

O dia se prolongou com incrível lentidão. Não esperava ver a Glenna ou Conall até o dia seguinte. Eles tinham a seus próprios feridos que atender, mas teria sido agradável ter companhia.

Tinha bicado o pão que tinha encontrado na mesa e tinha provado a sopa. Estava horrível. Inclusive pior que quando ela o tinha tentado onde os MacDougal. Quase a tinha atirado, mas pensou que a comeria mais tarde. Além disso, não desejava desperdiçar nada.

Talvez Glenna traria algum alimento do castelo para o Gregor para que comesse quando despertasse.

Se despertava.

Apartou aquele pensamento negativo.

Ele despertará. Tem que fazê-lo.

Quando a cadeira se fez muito incômoda para ficar um momento mais, levantou-se e passeou pela cabana. Era uma casinha agradável, bastante pequena, mas poda. Imaginou que houve meninos aqui uma vez, sua risada enchendo a casa com amor.

Com muito gosto tomaria esta casinha diminuta e teria a alguém que sempre ficaria com ela em vez de um castelo e toda a riqueza de Escócia. Inclusive deixaria seus poderes como Druida se a dúvida em seu coração partirá.

Mas era um sonho. Era quem era. Nada trocava isto.

Seu passeio a levou a janela. Quando olhou, viu o sol ficando sobre o lago. Era uma vista formosa, quase tão gloriosa como a que ela e Gregor haviam visto juntos.

Se só pudesse voltar até aqueles dias quando eles estavam sozinhos. Poderia fazer as coisas de maneira diferente, se lhe dessem a oportunidade.

-Vãos pensamentos. Deve parar isto, -disse-se.

Tinha que concentrar-se no Gregor, e logo uma vez que ele estivesse bem ela poderia continuar pensando no que deveria ter feito. Até então, isto era uma perda de tempo. Depois que o sol se ocultou e a escuridão começou a aproximar-se, fechou a janela e foi revolver a sopa. Lamentou não ter seus materiais para bordar. Teria mantido ocupados seus pensamentos. Talvez por um momento.

Era ao redor da meia-noite quando algo despertou. Sentou-se na cadeira e percorreu a cabana com o olhar. Deveu ser sua imaginação, decidiu e se voltou para examinar ao Gregor. Foi quando notou sua respiração desigual.

-Não! -gritou e se inclinou sobre ele.

-Gregor, não me deixe. Não assim, -disse enquanto o pânico se apoderava dela.

Limpou-o outra vez, mas nada ajudou a sua respiração. Revisou os cortes para ver se algum estava infectado, mas não havia nada.

A impotência se posou como uma enfermidade não desejada. Nunca tinha tratado nada como isto antes e não sabia o que fazer. Não havia tempo para ir procurar a Glenna, tampouco deixaria sozinho ao Gregor.

Mas recusou sentar-se e vê-lo morrer lentamente, morrer ante seus olhos. Devia haver algo que ela pudesse fazer. Então recordou algo que Helena lhe tinha ensinado.

-Não perco nada tentando, -disse ela.

Ajoelhou-se ao lado da cama e manteve as Palmas de suas mãos sobre o peito do Gregor. Aspirou profundamente e começou a concentrar-se na respiração do Gregor.

-Dou-te minha força, -sussurrou.

Suas mãos começaram a tremer quando a força de seus poderes se reuniu. -Dou-te minha força! -gritou.

Seus olhos se abriram de repente quando seu fôlego a abandonou.

-Dartayous, -sussurrou antes de cair ao piso.

## Capítulo 28

Dartayous avançou dando tombos como se uma flecha lhe tivesse encravado no peito. Fiona o tinha chamado em voz alta.

-Devemos ir, -disse ele enquanto sujeitava o braço da Moira.

-Tenho trabalho que fazer, -respondeu sem lhe olhar. Ele se deu a volta enfrentando-a.

-Fiona te necessita.

Moira registrou sua cara antes de inclinar a cabeça e o seguiu do castelo. Dartayous esteve a ponto de carregar a Moira fora do castelo se ela não tivesse estado de acordo.

Algo atroz devia ter ocorrido para que Fiona o chamasse. Sua pernada era larga e Moira tinha quase correr para estar a sua altura, mas os instintos de lhe diziam que não demorasse.

-O que ocorreu? -Perguntou Glenna enquanto ela e Conall os alcançavam.

-É Fiona.

-Onde esta ela? -Glenna perguntou enquanto olhava ao redor.

Dartayous realmente não tinha tempo para explicações, mas sabia que tinha que as dar.

-Ela me chamou. Está em alguma classe do perigo.

Não mais palavras se disseram enquanto se apressavam para a cabana. Ele atravessou a primeira porta e se encontrou a Fiona tendida sobre o piso ao lado da cama.

Moira o empurrou e correu para a Fiona. Tocou-a e suspirou.

-Coloca-a na cama, -disse ao Dartayous.

-O que há aconteceu? -perguntou Glenna.

Moira revisou ao Gregor enquanto Dartayous colocava a Fiona ao lado dele.

-Deu-lhe sua força. Ele se estava morrendo.

-Estava? -Pergunto Conall.

-Lhe salvou.

Conall se inclinou sobre a Fiona e a olhou estreitamente.

-Mas ela estará bem?

-Sim. Somente precisa descansar, -respondo Moira. Deteve-se sobre o Gregor e fechou os olhos. -As costelas estão quebradas.

Dartayous a observou enquanto percorria com suas mãos o peito do Gregor e murmurava as palavras. Tinha usado a maior parte de sua força no dia de hoje para curar a muitos feridos e sabia que não agüentaria muito mais tempo. Apressou-se a ir a seu lado e a apanhou quando começava a cair.

-Curei-o, mas ainda há um pouco de dor, -disse ao Conall e a Glenna. Separou-se dos braços do Dartayous e caminhou para o outro lado da cama para a Fiona.

Colocou a mão sobre a cabeça da Fiona e se inclinou para baixo para lhe murmurar no ouvido. Dartayous sempre se assombrava com a habilidade de cura da Moira. Alguns podiam dizer que o presente máximo que lhe tinha dado o Fae era o poder sobre vento. Ele diria que era o da cura.

Ele notou as sombras que mostravam sua pele e soube que ela precisava descansar. Imediatamente.

-Terminou?

Assentiu. -Estarão bem depois de um pouco de descanso.

Glenna a abraçou. -Obrigado, outra vez. Fez muito por minha gente no dia de hoje.

-Nunca lhe poderemos recompensar isso disse Conall.

-Só me dê muitas sobrinhas e sobrinhos, -disse-lhe Moira. -Esse é suficiente pagamento.

Dartayous colocou sua mão sobre a espalada da Moira para guiá-la para a porta. Precisava levá-la ao círculo de pedra onde ela poderia recuperar as forças.

-Direi ao Aimery que enviem alguns guardas, -disse ao Conall.

-Bem, -disse Conall. -Estava a ponto de sugerir isso.

\*\*\*\*

Fiona suspirou e estirou os braços por cima da cabeça. Seus olhos se abriram lentamente. Estava descansada e suas costas não lhe doía por estar sentada na cadeira, o qual era estranho. Não foi até que sua mão tocou a manta quando se deu conta de que estava na cama.

Lentamente se incorporou e olhou ao Gregor. Sua respiração era normal e seus cortes se viam como se estivessem quase curados. Como era isto possível? Não era o suficientemente parva para acreditar que ela o tinha feito.

O que deixou uma única possibilidade. Moira.

Dartayous deve ter trazido para a Moira deduziu, e lentamente avançou pouco a pouco fora da cama. Odiava dizê-lo, mas estava em dívida com a Moira, uma grande dívida de agradecimento.

Depois de lavar a cara, tomou seu lugar ao lado da cama. Encontrou impossível manter os olhos abertos, e não passou muito antes que começasse a dormir.

\*\*\*\*

-Estou farto de esperar, -disse MacNeil passeando-se de um lado a outro. Ele era o Açougueiro das Highlands, mas A Sombra o fazia esconder-se no bosque como um covarde.

Não mais. A profecia estava a ponto de começar, e queria a uma dessas garotas a seu cargo agora.

Tirou a espada e caminhou para seus homens, mas não foi longe.

«Detenha, MacNeil».

Estremeceu-se para ouvir essa voz. Durante dias tinha esperado que viesse a Sombra. Agora vinha justo quando estava a ponto de reunir a seus homens.

-terminei contigo, -disse-lhe MacNeil, negando-se a girar-se e a olhá-lo.

-Não acredito. Necessita-me, e sabe.

MacNeil se girou rapidamente para enfrentar-se a ele.

-Crie que não ouvi como tratou de matar ao Gregor? Mas não tiveste êxito.

A Sombra levantou os ombros com um encolhimento deles.

-Possivelmente. Ou possivelmente não. Estou perto. Assim de perto. Está disposto a arriscar a vida por um quantos dias?

MacNeil refletiu sobre suas palavras.

-Darei-te três dias mais. Então, eu e meu exército nos encarregaremos disto nós mesmos.

\*\*\*\*

Fiona despertou sobressaltada pouco antes de golpear-se com o piso. Tirou-se o cabelo da cara e arqueou as costas para esticar as contusões. Quando baixou os braços se deu conta de que os olhos do Gregor estavam abertos.

-Por todos Santos! Está acordado, -disse e tocou seu braço.

-Teria tentado te agarrar, mas não acredito que o tivesse feito a tempo. -Premiou-a com um sorriso indeciso que fez que seu coração se disparasse.

-Como pode brincar quando está ferido?

-É meu maravilhoso encanto.

Ela riu e se alisou o cabelo da frente.

-Me alegro realmente de que esteja acordado.

-Quanto tempo passou do acidente?

-Um dia, mas me pareceu uma eternidade.

Ele sorriu outra vez e cobriu sua mão com a dele.

-Ocupaste-te que mim?

-Sim. Glenna e Conall tinham muito que fazer com os outros feridos. Foi gasto aqui. Sentiu-se incomoda sob seu olhar. Tratava de afundar nela, e não o podia culpar. Depois de mantê-lo a uma distância segura, de repente cuidava dele enquanto estava ferido. Ela estaria cautelosa, também.

-Faminto? -Perguntou-lhe. Algo para romper o contato visual.

-De fato, sim.

Levantou-se de um salto, contente por ter algo que fazer. Até que se deu conta de que não ficava pão e quão único ficava era a sopa.

-Devo ir ao castelo por comida, -disse-lhe e se encaminhou à porta.

-Não é isso ensopa o que cheiro? -Perguntou, detendo-a sobre seus passos.

Pelas tíbias de São Francisco!

Não tinha muita eleição agora. Girou-se e se encaminhou para a chaminé. Seu olhar não se encontrou com a de enquanto lhe servia a sopa em uma tigela e a dava a ele.

-Há algum problema? -Perguntou-lhe.

Ela negou com a cabeça.

-Então me olhe.

Com um suspiro levantou o olhar enquanto se levava o primeiro bocado à boca. Ela tratou de não piscar quando a tragou sem dizer nada, enquanto esperava que lhe dissesse quão horrível estava.

Não feriria seus sentimentos, porque sabia que ela carecia de habilidades para cozinhar. Era algo que nunca tinha entendido.

-Está boa, -disse-lhe e tomou outro bocado.

Ela piscou de novo as lágrimas porque sabia que mentia, mas o fato que lhe tinha importado o suficiente para dizer que gostava de significava muito para ela.

-Não tem que mentir, -disse-lhe.

Ele riu e posou a colher.

-por que crie que mentira, moça?

-Porque sei o que esta horrível.

-Admito que não é a melhor, mas comi piores.

Ela se encontrou com seu olhar e logo ambos se estavam rindo. Como é que ele tinha uma forma de fazer que se sentisse bem?

-Necessitará mais que isso, -disse ela ainda. -Preciso ir ao castelo a procurar um pouco de comida real.

-Preferiria que não saísse.

A risada morreu em seus lábios enquanto outra vez a deixava estupefata com suas palavras. Sabia que ele não tinha medo, por isso poderia ser que quisesse sua companhia?

-Está bem.

\*\*\*\*

-Você molesta algo? -Perguntou Frang ao Aimery.

-Se o Maligno está atacando aos que estão junto à Moira, Fiona e Glenna, então tenho que informar a meu rei e minha rainha. As coisas se desencaminharam.

-Como que extraviado?

-Não tive notícias do rei e da rainha. Isso de por si é extremamente estranho.

Frang esfregou a barba.

-O renegado Druida está causando mais dano do que você esperava.

-Ele é mais que um Druida, -admitiu Aimery e olhou aos Druidas do círculo.

-O que está dizendo?

-Nada ainda. Mantereí alguns Fae perto para que cuidem das moças. Devo comparecer ante o rei e a rainha.



-Está seguro de que é prudente?  
-A terra dos Fae é o lugar mais seguro para estar.  
-É o que me pergunto Este renegado Druida usa magia Fae. Acredito que estaria preocupado se por acaso ele visita sua terra.  
A frente do Aimery se enrugou.  
-Ele não se atreveria.  
Frang tratou de questionar mais ao Aimery, mas o Faerie rapidamente desapareceu.  
Algo estranho ocorria, e não precisava ser um Druida para predizer isso.

\*\*\*\*

Gregor não podia apartar a vista da Fiona. Sua preocupação estava tendo um efeito estranho nele. Cada vez que suas mãos o tocavam, seu coração golpeava ruidosamente. Tinha estado tentado de tombá-la sobre dele, mas o fato que logo que podia tomar uma respiração profunda o deteve. Logo, entretanto, cederia a seus desejos e sofreria em carne própria a dor, com tal de sujeitá-la entre seus braços.

-Preciso comprovar seus pontos.

Estremeceu-se com força com o som de sua voz tão perto dele, então ofegou pela dor. Ela estendeu a mão e tocou seu braço.

-Sinto muito. Não tinha a intenção de lhe sobressaltar.

-Não o tem feito, -falou através dos dentes apertados. -Estarei bem. -Disse com a sobrancelha arqueada quando ela questionou suas palavras.

Ele não se incomodou em dizer mais enquanto suas suaves mãos amavelmente tocaram o lado de sua cara. Não estava preocupado por uma cicatriz, mas se preocupou com a forma em que o olharia ela agora. Retrocederia com repugnância?

-Há algum problema? -Perguntou.

Esperou até que ela terminou sua inspeção antes que dizer, -Não.

-Os pontos deveriam sair logo. Esta cicatrizando bastante bem.

-Graças a ti, -disse e tratou de alcançar sua mão. -Obrigado por cuidar de mim.

Agachou sua cabeça e ele poderia ter jurado que se ruborizou.

-Não o fiz todo eu. Moira ajudou a te curar com seus poderes.

-Mas é você quem está aqui agora.

Seus olhos se moveram bruscamente pela cara dele. Quando os lábios delas se separaram ele afogou um gemido. Ela não tinha nem idéia da desolação que deixava a seu passo.

-Posso-te perguntar algo?

Ele esperou, assustado do que lhe perguntaria, mas com a segurança de que lhe responderia. Sem importa o que fora.

-Sim.

-me diga o que acontecer com sua irmã.

Suspirou e apartou o olhar. Talvez já era hora que o dissesse. Então lhe abandonaria e lhe permitiria esquecer-se dos sonhos que não podia sustentar.

-Disse-te que Anne era muito bela? -Perguntou-lhe e aplaudiu a cama para que Fiona se sentará.

Negou com a cabeça e entrecruzou os dedos com os dele depois de sentar-se a seu lado.

-Foi. Até a essa idade os moços a perseguiram. Mas não queria nada de parte deles. -riu com suas velhas lembranças. -Perguntava-me que era o pensava de alguns deles. Se eu não gostava, então não lhe dedicava um segundo pensamento.

-Adorava-te.

Assentiu.

-Esse dia me tinha pedido que a levasse no bote. Eu não queria, mas me tinha implorado isso, e nunca lhe pude dizer que não.

Deteve-se, inseguro de se poderia continuar. Então, Fiona lhe dedicou um sorriso.

–Meti-a no bote, mas então uma jovem moça que tinha chamado minha atenção se aproximou. Anne disse que ficaria no bote enquanto eu falava com a moça durante um momento. Nunca pensei que Anne realmente fizesse um intento e remaria ela mesma o bote.

–Não havia nada que tivesse podido fazer para detê-la, –disse Fiona.

–Não devia ter ido falar com a moça, –rugiu. Fechou os olhos e sacudiu a cabeça com a dor de suas costelas e de sua estupidez por não ficar com a Anne. –Levante a vista quando ouvi a moça ofegar. Anne tinha remado e tinha perdido um dos remos. Ela não podia retornar.

Respirou profundamente e lutou por respirar quando as lembranças desse dia se estrelaram contra ele.

–ficou de pé e começou a me gritar. Entrei correndo na água lhe dizendo que se sentasse ou se derrubaria o bote. Não me podia ouvir, e antes que me precavesse ela estava na água.

–Não sabia nadar?

–Sim. Ensinei-a eu, mas ao princípio não me preocupei. Sabia que podia me aproximar dela a tempo. Até que ela não saiu à superfície. Logo recordei quão fortes são correntes correm através de nosso lago. Muitos dos membros de meu clã tinham morrido por causa dessas correntes. Era pelo que Anne não tinha permissão de aventurar-se muito longe.

–O que aconteceu? –Perguntou Fiona brandamente.

–Mergulhei debaixo da água. A corrente não a tinha levado longe, mas se tinha enredado com as algas aquáticas. Ela não podia soltar-se, e não importa com quanta força tratei de liberá-la mas não se soltava.

–Ninguém veio a te ajudar?

–A moça deveu ter pedido socorro, mas para então já era muito tarde. Anne morreu em meus braços, e eu também estava apanhado.

–Tudo ocorre por uma razão, Gregor. Deve saber isso. Foi como seu pai disse, um acidente.

Examinou seus belos olhos verdes belos.

–Matei-a. Por que deveria estar vivo eu e não Anne?

–Em primeiro lugar, não a matou. Tratou de salvá-la, e quase morre você. Isso não é suficientemente castigo?

Não lhe respondeu. Seu castigo era viver enquanto que Anne estava clandestinamente. Tinha estado tão cheia de vida e beleza. Deveria ter vivido para casar-se e ter meninos, não morrer nos braços de seu irmão.

–me olhe, –exigiu Fiona.

Levantou a vista para ela.

–Eu não estaria aqui sem ti. Glenna não estaria com o Conall sem ti, e Ailsa não estaria aqui sem ti. Paraste-te a pensar sobre isso?

–A dor não desaparecerá nunca. Não posso deixar.

–Por quê? Porque pensa que esquecerá a Anne se o fizer?

Como tinha obtido ela tirar claro isso?

Levantou-se da cama e pôs as mãos nos quadris.

–Esperava algo melhor de ti. Você, de todas as pessoas, deveria saber que pode levar luto pela perda de alguém sem te castigar a ti mesmo por isso.

Observou como ela começava a golpear ligeiramente o dedo do pé com a irritação. Se não fora uma situação tão grave, então riria.

–Não acredito que Anne lhe tiver gostado que vivesse assim. Acredito que lhe tivesse gostado que fosse feliz.

–Crie que sim?

Ela jogou uma olhada à habitação e se umedeceu os lábios.

-Sim.

-Quer me fazer feliz?

Sabia que a pergunta a tinha sobressaltado, e por sua frente sulcada de rugas se precaveu que meditava como lhe responder. Não esperava que lhe respondesse realmente, mas gostou de vê-la retorcer-se.

-Como?

O fato de que lhe respondesse completamente assustada foi um inferno para ele.

-Como, Gregor? -Perguntou-lhe e se moveu mais perto da cama. -O que é o que te poderia fazer feliz? Alguma vez foi feliz da morte da Anne?

Sua garganta se negou a cooperar e tentou tragar. Fiona se tinha sentado sobre a cama e começou a mover um dedo por seu peito.

-Sim, fui feliz.

-Quando?

Decidiu que se existia uma oportunidade, embora remota, de ter a Fiona em sua vida tomaria agora.

-Quando está em meus braços.

Os olhos verdes se moveram rapidamente por sua cara. Olhou-se profundamente em seus olhos e se inclinou para frente. Seus lábios se separaram enquanto seus seios se pressionavam contra o peito dele.

Isto era a forma mais pura de tortura. Agarrou-se pela manta para não abraçá-la. Ao menos isso era sua intenção até que seus lábios tocaram os dele, então ele se esqueceu de tudo exceto dela.

## Capítulo 29

Fiona deixou de tentar resistir ao Gregor. Não havia razão para isso. Quando lhe disse que era feliz quando a tinha entre seus braços se quebrado um fragmento de sua defesa.

Agora, enquanto ele a abraçava e ela saboreava seus lábios, perguntou-se porque sempre tratou de evitá-lo. Ele tocava seus lugares mais profundos, como só um companheiro podia fazê-lo.

Gemeu quando sua mão encontrou seu peito.

–Está ferido.

–Sobreviverei. Tenho que estar dentro de ti, –sussurrou contra seu pescoço–. Sinto como se me estivesse morrendo sem ti.

Deixou-o rodar sobre ela até que esteve em cima. Olhou para baixo, e ela não pôde negar os sentimentos que brilhavam em seus olhos. Seria tão fácil lhe dizer ao Gregor que lhe tinha carinho.

«Carinho? Tem-lhe muito mais que carinho».

Isso era certo, mas não estava lista para admitir o que realmente sentia. Nem sequer ante se mesma.

–Desejas parar? –Perguntou ele.

Ela sacudiu a cabeça e rodeou seu pescoço com os braços.

–Já terminei de correr para me afastar de ti.

–Maldita boa coisa, mulher, porque não podia suportar muito mais disto.

Riu, mas rapidamente foi interrompida quando sua boca cobriu a sua. Este era um beijo de reclamação, para lhe recordar que lhe pertencia só a um homem. Ao Gregor.

Tirou-lhe a manta e a separou da cama. Não podia obter suficiente dele. Percorreu-lhe as costas e os ombros com as mãos enquanto ele a beijava até que ficou sem fôlego.

Retirou-se e colocou um dedo sobre sua boca quando ele começou a falar. Depois se saiu de debaixo dele, levantou-se da cama e começou a despir-se.

O olhar na cara do Gregor enquanto se tirava seu vestido alimentou sua própria paixão. Quando esteve de pé nua diante dele, Gregor lhe ofereceu a mão.

–Não pude resistir a ti a primeira vez que te vi assim. Sabia então que nunca seria capaz de te rechaçar.

Suas palavras trouxeram um sorriso embevecido a seus lábios. Estava segura que atuava como uma moça com seu primeiro amor, mas não lhe importava. Seu coração se sentiu mais ligeiro e livre do que se sentou em meses.

Com cuidado o empurrou sobre a cama e subiu em cima dele.

–Com suas feridas não quero que faça um esforço excessivo.

–Não quereríamos isso, –disse enquanto as mãos cavavam seus peitos–. Deus, mulher, não tem ideia o que me faz.

Seu coração revoou ante suas palavras. Baixou a cabeça e colocou beijos em cada um dos cortes que tinha recebido no acidente.

–Necessito-te, Fiona, –gemeu.

Entendia seu desejo, e estava mais que lista. Elevou-se e se situou. Então, deslizou-se sobre sua virilidade até que a teve completamente dentro. Um suspiro escapou dela.

O ter profundamente dentro fez que já não se sentisse sozinha. Quase como se ela fora a metade de algo que finalmente estava completo.

Começou a mover os quadris de um lado a outro. Ele gemeu e a agarrou pelos quadris.

Já a tensão aumentava. Baixou a mão entre seus corpos e começou a acariciá-la.

–Gregor, –gritou justo antes que o mundo paralisasse ao redor dela.

Ela o ouviu grunhir e agarrar seus quadris em um agarre apertado e soube que a tinha seguido. Sustentou-se com os braços aos lados dele enquanto sua respiração voltava a normalizar-se.

Ele elevou uma mão e apartou o cabelo que tinha cansado ao redor deles como uma cortina.

–Você foi feita para ser amada, –disse antes de beijá-la no queixo–. Mas só por mim.

\*\*\*\*

Estava cansado de esperar. Ele, Alisdair MacNeil, não era um homem paciente. Independentemente do que a Sombra lhe havia dito, ele moveria a seus homens. Seus espiões tinham visto quão vulnerável era o castelo do Conall, e se se movia no momento oportuno poderia desfazer-se do Gregor lenta e dolorosamente.

Então, poderia matar a Fiona e não teria que preocupar-se da profecia.

–Vão, –ordenou a quatro de seus homens. Eles seriam os vigilantes, e se viam uma possibilidade para atacar, então lhe avisariam.

Isto estaria terminado logo. O tempo da profecia estava muito perto para deixar os assuntos nas mãos de um homem que não tinha um nome.

Se ele fosse realmente um homem.

\*\*\*\*

Aimery entrou na sala do trono mas não encontrou a ninguém. Isso explicava porquê não tinha sido capaz de contatar com seu rei ou sua rainha, mas não explicava onde estavam.

Seus instintos lhe diziam que corresse, mas seu juramento aos soberanos deteve qualquer pensamento de fuga. Eles estavam em perigo e apostaria seu novo arco feito de carvalho encantado que o irmão do rei tinha uma mão nisto.

Todos eles tinham sido uns parvos pensando que ele não se aventuraria de retornou à Terra dos Fae.

–Fomos uns idiotas –resmungou e continuou procurando na habitação qualquer pista.

Quando terminou de revisar o salão do trono e as outras três habitações detrás deste, pela quarta vez, caminhou para sair da habitação com a intenção de revisar o resto do castelo quando uma voz o deteve.

–Sempre odiei as cores daqui.

Lentamente Aimery se girou e enfrentou o trono de seu soberano. Parada entre as duas sólidas cadeiras chapeadas havia uma figura encapuzada.

–Bem, isso explica a ausência de meu rei.

A figura deu um rápido passo para o Aimery.

–O trono deveria ter sido meu, –rugiu.

–Mas você não pôde esperá-lo, então matou a seu próprio pai. Diga-me, qual é seu verdadeiro nome?

Uma risada misteriosa encheu a habitação, –Você gostaria de saber? Arrumado que meu irmão ou sua esposa lhe poderiam dizer isso. E com um sinal da mão Aimery olhou para cima e viu duas figuras sendo descidas do teto. Estavam atados com as mãos sobre eles.

Aimery se precipitou para eles, mas foi arrojado para trás aterrissando com um ruído surdo sobre o mármore branco. Levantou os olhos para a figura encapuzada.

–Teria pensado que você sabia que não te deixaria te aproximar deles. Haviam-me dito quão inteligente é, –disse ao Aimery. –Obviamente fui mal informado.

Aimery ficou de pé.

–Quanto tempo pensa mantê-los assim? –perguntou apontando a seu rei e a sua rainha.

–Tanto como me tarde em me fazer carregado do mundo, –gabou-se ele–. Fala, Theron.

O rei se voltou para o Aimery.

-Não se preocupe por nós. Deve salvar a outros.  
-Esperava tais palavras de ti.  
Theron se girou para a figura encapuzada.  
-Te mostre, Lugus. Por que te oculta detrás de uma capa?  
Aimery olhou como Lugus abria os braços e a capa desaparecia. O cabelo loiro escuro e os olhos azuis do Fae encontraram seu intenso olhar.  
-Satisfeito? -Perguntou Lugus a seu irmão. Baixou-os até que penduraram a polegadas do piso.  
Aimery se manteve quieto enquanto observava ao Lugus caminhar para sua rainha. Quando Theron tratou de falar, Lugus levantou uma mão levando-a voz do rei.  
Mas, Lugus, pareceu haver-se esquecido dele no momento enquanto olhava fixamente a rainha Faerie.  
-Ah, Rufina. Supunha-se que você teria sido a minha noiva. É uma pena realmente, mas ao final encontrei a alguém muito mais merecedora que você para governar o mundo a meu lado.  
Aimery tinha visto bastante e quando Lugus tocou a cara de sua rainha. Atacou ao Lugus, mas foi elevado e mantido no ar.  
-Você não pensou que te tinha esquecido, ou sim? -Perguntou Lugus-. Tenho grandes planos para ti. -tamborilou-se o queixo enquanto Aimery continuava pendurado no ar.  
-Agora, Onde deveria te pôr?  
Aimery tratou de liberar-se de seu afeto, mas o poder do Lugus era muito forte. Com um último esforço concentrou toda sua magia e a propulsou para o Lugus.  
Funcionou para romper o agarre pelo Lugus e Aimery se estrelou contra o piso.  
-Corre! -disse-lhe Rufina.  
Aimery ficou de pé e correu para a porta. Pôs suas mãos na porta para abri-la quando foi arrojado para trás e sustentado no ar diante do Lugus.  
-Não crie que eu deixaria Ao Nobre ir-se livre, verdade?  
Aimery olhou a seu rei e rainha quando compreendeu. Ele era O Nobre, e sem ele Lugus tomaria o mundo.

\*\*\*\*

Gregor despertou com o sentimento mais delicioso do mundo. Fiona estava dormindo entre seus braços, sua cabeça sobre o peito. Estava contente e feliz pela primeira vez em sua vida.  
Ela se moveu e inclinou sua cabeça para trás para olhá-lo.  
-Dormiu bem?  
-Melhor que nunca. -O que era certo. As únicas vezes que parecia dormir em realidade eram quando ela estava entre seus braços. -E você?  
-Maravilhosamente.  
Sua risada iluminou seu dia ainda quando o sol não se elevou.  
-Como pode me fazer sentir um homem invencível?  
Ela riu e percorreu com um dedo seu peito.  
-Não sabia que tinha esse poder.  
-Sim, mulher, me sinto como se pudesse matar um dragão com minhas mãos nuas com somente saber que posso voltar para ti.  
Ela suspirou e o fôlego quente sobre sua pele lhe enviou calafrios pelo corpo.  
-Isso seria bastante difícil desde que não há dragões na Escócia.  
-Como pode dizer isso? Não faz muito que você não sabia que os Fae existiam. Quem sabe que mais se oculta de nós.  
Ela se sentou e tudo o que ele pôde fazer foi manter os olhos sobre sua cara e não em seus peitos gordinhos, cheios. Deu-se por vencido e lhe agarrou um peito. Correu seu polegar através do mamilo e viu que se endurecia.

Riu quando ela tirou a mão e juguetonamente o beliscou na perna.

-O que acontece? -perguntou-lhe-. Você não gosta de meu toque?

-Eu gosto tanto que não posso pensar quando me está tocando, e desejo falar.

Ele se sentou apoiando-se contra a parede e a puxou para ele. Não lhe fez caso à dor de suas costelas. A última coisa que queria era que ela soubesse que ainda tinha dor, porque imediatamente se desceria da cama.

-Então fala, mas faz-o rápido. Tenho desejos de estar dentro de ti outra vez, -disse ele e moveu a mão por seus escuros cachos de cabelo.

Ela gemeu e se acomodou contra seu peito.

-Então me assegurarei de fazê-lo rápido.

-Isso espero.

-Agora, me conte de seus dragões.

Ele se encolheu de ombros.

- Não estou seguro de por que isso é importante. Eu tive um sonho sobre eles ontem à noite. Eram formosos.

-Como se viam? -perguntou e inclinou sua cabeça para olhá-lo.

-Eram todas de cores diferentes. Uns eram vermelhos, uns negros, outros verdes, e outros brancos. Todas as cores que possa imaginar.

-Eram bons?

Ele passou uma mão por seu ombro nu.

-Uns eram bons, outros maus. Justo como os homens.

-O que aconteceu em seu sonho?

-O céu estava cheio de dragões enquanto Faes, Druidas e homens combatiam sobre a terra.

Ela se elevou e tocou sua cara.

-Acredito que seu sonho te estava dando uma visão do que está por vir.

Ele a beijou e sorriu.

-Foi sozinho um sonho. Não significa nada.

Ela levantou seu magro ombro.

-Se você o disse.

-Agora, paremos de falar.

-O que tinha em mente? -perguntou ela, sua voz baixou uma nota.

-Isto, -disse ele e deslizou sua mão por seu corpo até que tocou a união de suas coxas. Suspirou quando os dedos sentiram sua umidade.

-Desejo-te, -disse ela e lhe chupou o lóbulo de sua orelha.

-Nunca fui dos que rechaçam a uma senhora. -colocou-se sobre ela ignorando o puxão em suas costelas. Queria amá-la devagar esta vez, e o faria apesar de qualquer dor.

Beijou-a profundamente e quase se perdeu no beijo. Antes que ela o abraçasse, moveu-se para baixo e beijou seus peitos. Sua boca se desfrutou sobre seus peitos amadurecidos até que ela empurrou os quadris contra ele.

Sua boca arrastou beijos desde seu estômago até suas coxas onde a gracejou com sua língua. Aproximaria-se de sua feminilidade, mas não a tocara.

A respiração da Fiona era irregular e lhe sujeitava os braços com um apertão de morte, movendo-se debaixo dele. Até que sua língua estalou através de seus lábios íntimos e ela ficou rígida.

Fiona desfrutou de do prazer que Gregor lhe dava. Não tinha pensado que sua boca poderia fazê-la sentir assim de bem, até que a beijou em suas partes femininas.

O prazer puro e delicioso a transpassava enquanto Gregor a levava mais e mais perto de sua realização. Este a golpeou de repente e ele sustentou seus quadris quando se estremeceu com cada espasmo que a sacudia.

Quando o clímax passou levantou a vista para encontrá-lo inclinando sobre ela. Sorriu e tomou sua virilidade.

-Devolvo-te o favor?

-Hoje não. Agora mesmo quero te sentir ao redor de mim.

Guiou-o e suspirou quando a encheu até que tocou sua matriz. Quando ele começou a mover-se surpreendeu encontrando a excitação crescendo de novo.

-Vêem comigo, -insistiu-a enquanto acelerava o ritmo.

Rendeu-se enquanto o mundo se derrubava a seu redor uma vez mais. Viu o Gregor jogar a cabeça para trás e rugir enquanto também culminava. Caiu sobre a Fiona e ela o envolveu com seus braços.

Tinha sido uma idiota por evitá-lo. A paz estava outra vez em sua vida.

«Ele é seu companheiro».

Sim, era seu companheiro. Admitiria isso agora. Mas só isso.

Foi seu gemido ao movê-lo que conseguiu chamar sua atenção.

-Dói-te.

-Só um pouco, -disse e tratou de sentar-se-. São só machucados.

-De todos os modos, é hora de tirar os pontos, -disse e se levantou da cama para vestir-se.

-Agora?

-É um momento tão bom como qualquer outro.

Rriu quando ouviu seu gemido.

-Eu preferiria comer algo.

-depois de que te atenda.

Alcançou as tesouras e começou a tirar os pontos. Quando o último ponto tinha sido tirado se tornou para trás e olhou a ferida. Ela soltou o fôlego que não sabia que sustentava.

-Está assim de mau?

Sua pergunta a assustou.

-vê-se melhor do que pensei que estaria. Estava preocupada de danificar essa tua formosa cara, -brincou.

-Não te dói me olhar?

Sua insegurança lhe doeu.

-Gregor, -disse e lhe girou sua cara para que a olhasse. -É o homem mais formoso que vi alguma vez. Esta cicatriz só te acrescenta beleza, não a opaca. Isto mostra ao mundo o grande guerreiro que é.

-Não me preocupo com o que o mundo pense de mim, mulher, -disse, mostrando ansiedade em seus negros olhos. -Preocupa-me o que você pensa quando me olha.

-Então não tem nada de que preocupar-se, porque tudo o que eu vejo é um homem que poderia conquistar o mundo.

Os olhos do Gregor sustentaram os seu durante um momento antes de apartar o olhar e rir em silêncio.

-Sempre sabe o que dizer?

-Não, -respondeu e se inclinou para beijá-lo na bochecha perto da ferida. -Digo o que meu coração me diz. -Saltou da cama antes que a pudesse agarrar. -É hora de comer.

-Bom. Estou esfomeado, -disse e se levantou da cama.

-Com cuidado, -advertiu quando ele começou a colocar as calças.

-Quem me despiu?

Ela não pôde encontrar-se com seu olhar enquanto procurava a comida pela cabana.

-Glenna e eu o fizemos.

-Glenna? -perguntou, sua voz sustentava uma nota de histerismo.

Não podia agüentar a risada.

-Está bem. Eu não tinha nenhum desejo que ela te visse e te cobri com uma manta antes que suas calças caíssem.



-É uma coisa boa, também. Não tenho nenhum desejo de que Conall saiba que sua esposa me viu nu. Poderia começar a perguntar-se por que ela começava a me cobiçar. A risada da Fiona encheu a cabana.

-Sua vaidade não conhece limites.

O sorriso do Gregor lhe iluminou o dia. Tinha rido mais durante em dia passado que todo o tempo desde que ela o conhecia. Ela também manteve um sorriso sobre sua cara até que compreendeu que não havia nada de alimento na cabana exceto a sopa.

Deu-se volta para o lar e revolveu a panela de sopa.

-Tudo o que há para comer é a sopa.

Fortes braços vieram a rodeá-la.

-Não está tão ruim como cria.

-Provei-a, Gregor. Sei que tão ruim está.

-Não para mim, -disse e fuçou em seu pescoço.

Olhou-o sobre o ombro tendo a intenção de lhe dizer que lhe estava mentindo outra vez quando um golpe soou na porta.

## Capítulo 30

Fiona e Gregor se deram volta para a porta quando esta se abriu e encontraram ao Frang, Moira e Dartayous. Fiona se soltou dos braços do Gregor.

–Perdão pela intromissão, disse Frang passando primeiro e tomando as mãos da Fiona, entre as suas.

–Viemos para falar contigo sobre o que aconteceu.

–Refere-te ao acidente do Gregor, –disse ela–. Você quer saber o que ouvi.

–Ouvido? –perguntou Gregor.

–Por favor, sentem-se, indicou-lhes Fiona. Como Gregor continuou olhando-a fixamente ela o levou a cabeceira da mesa. –Sente-se–, disse ela e o empurrou fazendo-o abaixar.

Ela tomou assento entre o Gregor e Dartayous. À frente estavam sentados Frang e Moira–.Como o averiguou?

–Glenna, –disse Moira.

Fiona assentiu com a cabeça. –Não há muito que contar. Fui ao penhasco que domina o castelo quando ouvi pela primeira vez a voz em minha cabeça. Eu sabia que era o Maligno.

–Por que não era a primeira vez que ele te tinha falado, –declarou Dartayous.

–O que? –perguntou Gregor. A cólera em sua voz era evidente.

Ela pôs sua mão sobre seu braço para tranquilizá-lo. –Ele me enfrentou nas covas depois que eu te vi e... –Ela não pôde terminar. Ainda lhe doía saber que ele queria a Moira também.

–Segui-a, –seguiu Dartayous–. Ele tratou de matá-la, mas foi detido.

–Por ti, –disse Gregor. Suas mãos apertadas e seus zangados olhos negros advertiram a Fiona que ele estava a ponto de explorar.

–Isso não tem importância.

Gregor baixou a vista à mesa. Ela sabia que eles tinham muito de que falar uma vez que seus visitantes partissem.

–Continua, –disse Frang.

Fiona se passou a língua por lábios. –A voz em minha cabeça me disse que ele mataria ao Gregor. Corri ao castelo, mas não o alcancei a tempo antes do acidente.

Ela olhou quando Frang se levantou da mesa e começou a passear-se. –Suas palavras me preocupam, –disse ele–. Está passando muito mais que isso, e me preocupa. O fato que Aimery não pode ser encontrado é o mais preocupante de tudo.

Fiona ofegou ante suas palavras. –O que?

–Sim, é certo.

–Não estamos conseguindo respostas, se não mais perguntar, –disse Dartayous.

Os instintos da Fiona lhe disseram que eles não tinham visto o último do Mau ou do MacNeil. –Então o que fazemos depois?

–Esperar, –disse Frang–. Quero a alguém contigo em todo momento, –disse-lhe.

–Gregor, você deveria ser capaz de dirigir essa tarefa de bom grau. Como vai a cura?

–Devagar, mas segura, –respondeu Gregor–. Protegerei a Fiona com minha vida.

Frang assentiu. –Como sabia que o faria.

–Deixaremos-lhes então. Se necessitar algo, você sabe onde ir.

Fiona lhes acompanhou à porta, então se voltou para o Gregor. –por que te zanga que Dartayous me tenha salvado?

Ele fechou de repente suas mãos sobre a mesa e ficou de pé. –Por que deveria ter sido eu.

–Você estava ocupado, –disse ela enquanto a cólera a envolvia–. Pelo que lembrança, Moira estava em seus braços.

-Eu a estava consolando.

-por que você? Por que não Dartayous? Depois de tudo, ele é seu guardião, -discutiu ela.

Ele caminhou para ela. -Não sei onde estava Dartayous. Subi às almenas e encontrei a Moira ali.

-Não é suficiente que ela me tenha abandonado? Tem que te ter a ti, também?

O silêncio reinou e ela lentamente levantou seus olhos ao Gregor. Tinha falado muito.

-Eu acreditava que você não me queria, -disse ele brandamente.

-Estava equivocada.

Ele a atraiu a seus braços. -Isso é tudo o que precisava ouvir.

\*\*\*\*

A reunião com a Fiona e Gregor preocupou a Moira. Uma vez que eles tinham retornado ao círculo de pedra, ela foi se caminhar. Sabia que era melhor que pensasse que estava sozinha. Se olhasse para trás ela encontraria ao Dartayous.

E não lhe incomodava que Dartayous estivesse ali agora que sabia que o Maligno tinha tratado de matar a Fiona. Primeiro Glenna e agora Fiona. Seria ela a próxima?

-Moira?

Ela se voltou para a voz e viu o William caminhando para ela. Cada vez que tinha querido caminhar a sós William a tinha encontrado. -Olá, - exclamou ela e seguiu andando.

Não era que não gostasse de William. Ele era muito doce, mas era uma espécie de peste. Ele seguia seus passos como um mosquito não desejado e sempre procurava falar com ela.

Ela tinha estado aliviada quando ele tinha ido a uma pequena peregrinação por outros círculos de pedra.

A verdade era que não tinha esperado que ele retornasse tão logo. A toda pressa se castigou por sentir-se assim para outro Druida.

-Quero te mostrar algo, -disse ele.

Moira olhou ao Druida maior. Desde fazia algum tempo ela sabia que ele queria que fosse algo mais que amigos, mas não tinha coração para lhe dizer que não. Ele era amável, inclusive se era molesto de vez em quando.

Seu cabelo loiro escuro, cinzento nas têmporas só um pouco, levava-o comprido.

Era o que outros chamariam formoso, e ela realmente encontrava sua cara agradável de olhar. Por um momento ele pareceu algo mais que um simples Druida, mas afastou esses pensamentos.

-Realmente não tenho o tempo hoje, -disse-lhe ela.

Ele tomou sua mão e a pressionou sobre seu coração. -Por favor.

Como faz um para dizer não a isto?

-Está bem, mas só por um momento.

Seus olhos, normalmente avermelhados pareceram mais azuis hoje. Quase o mesmo tom que os do Aimery. Que estranho isso era, pensou.

-Vêem então, -disse William e a levou por um caminho para o bosque.

Moira pensou em olhar para trás para ver se Dartayous os seguia, mas sabia que ele o fazia. Ele sempre estaria perto, ao menos até que a profecia fora cumprida. Então, ela o perderia para sempre

-É justo por aqui, -disse William.

Ela olhou ao redor. -Eu não vejo nada.

-Sei, -ouviu ela justo antes de perder a vista.

\*\*\*\*

Dartayous sabia que algo andava mau. Moira simplesmente não desaparecia. Isso o fazia um Fae, e ela certamente não era um Fae.

–Onde diabos está ela? –grunhiu enquanto percorria o bosque em vão.

Não foi até que passou a mesma árvore três vezes que soube que estava caminhando em círculos. Ele era um menino do bosque e poderia rastrear algo. Havia só uma razão para que ele pudesse falhar agora.

–Magia Fae. –nunca antes tinha falhado, e o único momento em que o fazia era o mais vital. O Maligno tinha a Moira. Não havia dúvida sobre isto.

O qual explicava por que ele não podia seguir sentindo-a.

\*\*\*\*

Quando a porta da cabana se abriu e apareceu Conall, Gregor se alegrou da companhia. Ele se havia sentido só quando Fiona se foi ao castelo por comida

–Como estão seus homens? –perguntou ele depois de aplaudi-los braços e sentar-se à mesa.

–Melhorando graças a Moira. Pensei que queria tomar um pouco de cerveja.

Gregor tomou a garrafa e serve uma taça para cada um.

–Obrigado. Necessitava-a.

–Ouço que as coisas entre você e Fiona melhoraram. Está disposto a me dizer agora o que há entre vocês?

Gregor permaneceu com a vista fixa na mesa por um momento. –Imagino que é inútil ocultá-lo. Quero-a. A quis desde o momento em que a vi no pátio do MacDougal.

–O que te detém? –perguntou Conall. –Vi-te ao redor das mulheres, meu amigo. Você não tem problema para levar a qualquer delas em sua cama.

Gregor riu. –Fiona não é somente qualquer mulher. Pela primeira vez desde... –Ele se calou. Fiona era quão única sabia da Ana.

–Desde? –Conall incitou.

–Desde que deixei meu clã, ela me tem feito desejar coisas que não tinha sonhado nem pensado.

Ele elevou a vista e viu o sorriso do Conall. –Ah, conheço esse sentimento. Foi o mesmo com a Glenna. E agora?

Gregor se encolheu de ombros. –Não estou seguro. Tantas coisas estão acontecendo neste momento que realmente não tivemos tempo para falar.

–Então se preocupa por ela. Isso está bem. Mas, a amas? Está disposto a lutar por ela?

Gregor olhou os olhos chapeados do Conall. –Eu lutaria por ela.

–Mas você a amas?

Ele tragou. Amor? Era isso o que fazia que seu coração palpitasse mais rápido quando Fiona estava perto e o fazia sentir como se seu coração estivesse sendo arrancado quando pensava que ele nunca a teria. –Nunca amei a uma mulher como você diz.

–Suficiente com isto, –disse Conall e baixou de repente sua taça sobre a mesa. –Parece bastante apto para mim. Quer sair desta cabana e usar sua espada outra vez?

Gregor olhou ao redor. Gostava de ter a Fiona esperando-o e ocupando-se de suas necessidades, mas já estava muito melhor. Além disso, com as ameaças a sua vida ele tinha que usar sua espada outra vez.

Ele ficou de pé e alcançou sua espada perto da porta. –depois de ti, – disse ao Conall.

\*\*\*\*

Fiona caminhava ao lado da Glenna quando o inconfundível som de espadas brigando alcançou seus ouvidos. Elas empreenderam uma carreira para a cabana onde ela e Gregor tinham estado ficando.

Quando a casinha apareceu à vista e ela divisou ao Gregor e Conall praticando, não podia acreditá-lo. Era muito logo para que Gregor estivesse fazendo esta classe de exercício.

Ela e Glenna permaneceram fora da vista, mas o suficientemente perto para ver o que estava acontecendo.

-Ele está dolorido, - disse ela quando viu o Gregor estremecer-se.

-Conall vai devagar com ele. Isto fará bem ao Gregor.

-Não quando ele se estremece cada vez que levanta seu braço, -disse Fiona. Ela não podia estar parada para vê-lo sofrer. -E se lhe abre a ferida na cabeça? Não tenho nenhum desejo de costurá-lo outra vez.

-Ele é um guerreiro, -disse Glenna, mas Fiona não escutava. Ela se meteu em meio dos homens e confrontou ao Gregor.

-O que está fazendo? Você não está preparado para isto. -Gregor inclinou sua cabeça para um lado e lhe deu um sorriso para deter o coração. -Isto não dói.

-De verdade? Então por que faz uma careta quando levanta seu braço? -perguntou ela. Ele deu um passo para ela e se inclinou perto. -Necessito isto. Sou um guerreiro. Estive na cama durante muito tempo.

Ela odiava quando ele tinha razão. Sob o sol e o ar fresco ele tinha revivido outra vez. A cor tinha entrado em sua pele e o vento que soprava por seu cabelo o fazia parecer quase bastante bom para comer.

Com uma cabeçada, ela deu volta para entrar na cabana quando sua mão a agarrou. Ela se voltou para ele e encontrou um brilho malicioso em seus olhos.

-Reconforta-me que se preocupe tanto, -disse ele.

-Não é preocupação, se não que não desejo reparar mais dano, -replicou ela.

-Empregada descarada, -ele disse e a aplaudiu por detrás com a folha de sua espada.

Antes que ela pudesse lhe responder as risadas da Glenna e Conall a alcançaram. Ela estava um pouco envergonhada que eles tivessem visto a brincadeira entre ela e Gregor, mas então outra vez ela tinha admitido que ele era seu companheiro. O fato que o tivesse admitido só para não lhe importou nenhuma pingo.

-Não há nenhuma necessidade de olhá-los treinar, -disse Glenna-. Por que não vamos nadar?

-Isso sonha maravilhoso, -disse Fiona. Mas o cenho na cara do Gregor a deteve.

-O que acontece?

-Se deseja nadar, acompanharei-te.

-Estarei bem. Não esqueça que posso controlar a água. Não me afogarei. -Isso pareceu aliviar em algo seus medos e ela se afastou rapidamente antes que ele encontrasse algo mais que discutir.

Antes que ela e Glenna alcançassem o lago alguém chamou a Glenna.

-Não se preocupe, -disse-lhe Fiona. -Posso chamar o Gregor se for necessário.

E na verdade ela estava impaciente de ter um pouco tempo a sós. Tinha passado tempo desde que tinha ido nadar. Apressou-se a chegar à água e rapidamente se desfez de tudo exceto sua camisa.

Caminhou na água e suspirou quando se formou redemoinhos ao redor dela. Não se deteve até que a água lhe chegou ao pescoço. Inundou-se para molhar o cabelo e começou a nadar.

Que pena que Gregor não estivesse aqui, pensou.

\*\*\*\*

Gregor não podia concentrar-se. No único que podia pensar era Fiona na água. Apesar do que ela disse, ele não podia menos de preocupar-se.

-O que acontece? -perguntou Conall depois de que esteve a ponto de cortar o peito do Gregor.

-Preciso me assegurar que Fiona esta bem.

-É mais que isso, verdade?

Ele suspirou e se esfregou o pescoço. -Minha irmã se afogou.

-Isso é tudo o que preciso saber -disse Conall-. Entendo seu medo. Vê pela Fiona então.

Gregor sabia que Conall poderia ter tirado a história inteira dele, mas não o fez.

-É bom te ter como amigo.

Conall riu e o empurrou para o lago. -te divirta. Mantereí a todos longe para que possam ter alguma intimidade.

O sorriso morreu na cara do Gregor assim que se afastou do Conall. Ele não estaria satisfeito até que visse a Fiona com seus próprios olhos.

Chegou ao topo da colina e a viu nadar graciosamente pela água. Houve um tempo em que lhe tinha gostado de muito a água, refletiu enquanto se apoiava em sua espada.

Quis lhe dar um pouco de tempo a sós antes de lhe fazer saber de sua presença e se sentou perto de uma rocha para ter onde apoiar-se e observá-la.

Ela ainda vestia sua camisa. Que lástima, pensou. Por um breve momento pensou em reunir-se com ela na água, mas sabia que se envergonharia a si mesmo. Não via provável que chegasse o dia em que entrasse em água e que lhe chegasse além das coxas.

Um movimento nos mastreie detrás da Fiona captou sua atenção. Levantou-se e tratou de gritar a Fiona quando viu um homem encapotado, mas se encontrou incapaz de falar de repente.

Fiona!

\*\*\*\*

Fiona emergiu e se secou a água dos olhos. Estava verdadeiramente desfrutando de seu banho e não podia esperar por que Gregor lhe reunisse.

Divisou-o saltando acima e abaixo perto do lago, mas não pôde imaginar que queria.

Então, ela sentiu a frieza da maldade e soube que estava a ponto de morrer.

Não havia tempo de lhe dizer ao Gregor que o amava. Ela abriu a boca para gritar-lhe quando a dor explorou em sua cabeça e o mundo se voltou negro.

## Capítulo 31

-Não, gritou Gregor quando sua voz retornou repentinamente. Baixou correndo pela colina sem preocupar-se das rochas ou da dor nas costelas que apenas lhe permitia respirar.

Tinha que salvar a Fiona.

Enquanto corria, via-a flutuar sob a superfície. Poderia seguir ao Maligno ao bosque, ou salvar a Fiona. O Maligno teria que esperar porque Fiona o necessitava.

Seus pés golpearam a água e não se deteve. Nem sequer quando o medo ameaçou tomando-o. Nada importava, a não ser Fiona.

O pânico se apoderou dele, como sempre fazia, quando a água alcançou suas coxas. Tratou de seguir avançando, mas seus pés não se moviam.

-Não agora! -gritou quando o terror se apoderou dele.

Imaginou as algas envolvendo-se ao redor da Fiona como tinha ocorrido com a Anne e estalou. Rugiu para o céu e se mergulhou na água.

Assim que a água golpeou sua cara perdeu o controle. Começou a agitar-se na água tratando de alcançar a superfície. Seus pulmões ardiam por respirar, e soube que esta vez morreria. E falharia outra vez sem salvar a alguém que amava.

Sim, amava-a.

«Então não te renda».

Abriu-se caminho pela superfície da água e respirou profundo. As costelas lhe doíam, mas não lhe importou. Tomou ar e se afundou outra vez. Esta vez para salvar a Fiona.

Sua camisa branca atraiu sua vista. Não estava longe dele, rapidamente a alcançou e a levou a superfície. Assim que sua cabeça saiu da água começou a gritar pelo Conall.

Gregor a levou a bordo da água e a tendeu sobre a areia. Inclinou-se sobre ela e viu que não estava respirando.

-Não me faça isto, Fiona. Prometeu que tudo estaria bem!

Conall e alguns de seus homens chegaram e se ajoelharam ao lado dela. Conall pôs sua mão sobre o peito da Fiona e suspirou.

-Ela se foi, Gregor.

-Não! -rugiu Gregor-. Não a deixarei morrer. Ela não me pode morrer! -disse e empurrou sobre seu peito- Respira! Respira, maldição!

Seguiu empurrando seu peito, inconsciente das lágrimas que corriam por sua cara. Finalmente tinha encontrado alguém a quem podia amar, alguém que fez desaparecer a dor, e a tinha perdido.

Conall quis alcançar suas mãos, mas Gregor o empurrou longe.

-Não posso me render! -disse e pôs a cabeça sobre seu peito. -Fiona-, disse e lhe cobriu a boca com a sua-. Volta para mim, -sussurrou e lhe introduziu seu fôlego na boca.

Endireitou-se quando ela começou a tossir. Com cuidado, sentou-a e a sustentou enquanto ela vomitava a água que tinha tragado. Sorriu através de suas lágrimas, sem lhe importar o que Conall e seus homens vissem.

-Fiona, -disse e girou sua cara para ele.

Ela sorriu fracamente.

-Olá.

Tratou de ficar de pé e levá-la ao castelo, mas suas costelas lhe recordaram que não estava curado ainda.

-Vêem aqui, -disse Conall-. Eu a levarei.

Gregor se elevou sobre seus pés, mantendo os braços ao redor de suas costelas, e correu detrás o Conall e seus homens. Quando eles alcançaram o pátio Glenna já esperava por eles.

-Já tenho a habitação preparada, -disse ela.  
Gregor os seguiu até que a reclamasse. Ainda não podia acreditar-se que estivesse viva, e queria ficar a seu lado para assegurar-se. Começou a ajudar a Glenna enquanto tratavam de tirar a Fiona de sua camisa molhada.  
-Onde está Moira? -perguntou Conall.  
Glenna elevou a vista de atender a Fiona.  
-Não sei.  
-O que? -perguntou Gregor.  
-Estive chamando-a, -disse Glenna e cobriu a Fiona com uma manta. -Nem ela nem Dartayous vieram.  
-Algo anda mau.  
-Exatamente, -disse Conall.

\*\*\*\*

-Já é a hora, -disse MacNeil a seus homens reunidos -. Engordamos e nos havemos posto preguiçosos. Os homens que cavalgam comigo estão necessitados e famintos de batalhas. São vocês esses homens? -gritou.  
Um sonoro -Sim -estremeceu o ar.  
-Então ataquemos. Recordem, -recordou-lhes-. Gregor é meu.  
-O que tem que A Sombra? -perguntou alguém.  
-Ele nos abandonou. Nós podemos fazer isto por nossa conta. Somos guerreiros!

\*\*\*\*

-Meu Laird, -disse um homem entrando na habitação da Fiona.  
Gregor elevou a vista e se encontrou um homem trocando de um pé ao outro. Gregor se girou para o Conall e o observou ir para o homem.  
Depois de umas palavras apressadas, Conall se girou para ele.  
-Espero que esteja curado.  
-Por quê? -perguntou Gregor enquanto ficava de pé.  
-MacNeil retornou. Ele te quer.  
-Então lhe deixe começar.  
-Esperem, -Glenna os deteve. -Não podem ir. Os Fae estão desaparecidos e não sei onde estão Moira e Dartayous.  
-Que é exatamente pelo que devemos ir, -disse-lhe Conall.  
-Poderia ser uma armadilha.  
Gregor se inclinou e colocou um beijo sobre a frente da Fiona.  
-Então posso sugerir que jogue um olhar da janela e assim poderá nos ajudar de ser necessário?  
Glenna assentiu com a cabeça e correu aos braços do Conall.  
-Tome cuidado.  
-Terei-o, embora não acredito que vá importar. MacNeil veio pelo Gregor, não por mim.  
-Não pode matá-lo, -advertiu- ela ao Gregor.  
-Ao inferno que não posso, -disse Gregor. -Ele causou suficientes problemas.  
-Se você o mata então a profecia nunca se cumprirá.  
-Pede o impossível, -disse e saiu antes que ela reclamasse.

\*\*\*\*

Moira tratou de não entrar em pânico. Sabia que a magia Fae tinha sido usada nela, mas isso não eliminava o terror de não ser capaz de ver.  
E onde estava Dartayous? Supunha-se que ele a protegia. Tinha sido parte disto? Certamente não, pensou. Seria uma traição muito grande.



-Não há realmente nenhuma necessidade de ter medo.  
Deixou de lutar contra suas ataduras e permaneceu quieta.  
-Quem é?  
Ele riu perto de seu ouvido.  
-Você me conhece como o Druida William, também como a figura encapuzada que tratou de matar a Glenna e Ailsa.  
Um fôlego estalou de seus lábios para ouvir isto. Não podia ser verdade.  
-Mas, -seguiu-. Chegará a me conhecer como o assassino da Fiona e o amo de Escócia.  
Escutou como ele se moveu ao outro lado. Quando se inclinou ao lado dela, Moira não pôde menos que sobressaltar-se.  
-Entretanto, só me recordará como seu marido.  
Ela dobrou a cabeça e tratou de analisar suas palavras. Sentiu-se como se tivessem empurrado um aríete em seu estômago.  
-Ah, Sim, Moira, cobicei-te. Tive muitas vontades de tomar, e tive muitas possibilidades.  
A respiração sobre seu pescoço fez que lhe doesse o estômago.  
-O que fez com o Dartayous?  
William riu.  
-Pode esquecê-lo. Se não estar já morto, logo o estará. Como um guerreiro Druida nunca falha, ele tomará sua própria vida para compensar seu fracasso.  
-Mas ele não falhou. Você usou a magia sobre ele como o tem feito comigo.  
Sua mão se arrastada pela mandíbula da Moira.  
-Tão inteligente. Por isso é o que quero a meu lado quando governar a Escócia e o resto dos seres humanos.  
-Nunca.  
-OH, você trocará de idéia. Não tema, -disse e beijou sua bochecha.  
-Isso será difícil de fazer já que a profecia nunca se cumprirá sem mim e minhas irmãs realizando a cerimônia.  
O silêncio encontrou suas palavras.  
-Outro Druida pode tomar o lugar da Fiona.  
-Não. Está na profecia. Se a tivesse lido saberia.  
Um assobio e uma maldição alcançaram seus ouvidos antes de ficar tudo em silêncio.

\*\*\*\*

Fiona abriu os olhos lentamente.  
-Gregor?  
-Fiona, -disse Glenna e se inclinou sobre ela. -Graças a Deus. Estive tão preocupada.  
-Onde está Gregor? -perguntou enquanto olhava ao redor da habitação e divisou ao Frang. -O que passou?  
Glenna e Frang trocaram um olhar.  
-Muito passou, -respondeu finalmente Frang.  
Fiona poderia dizer por seu tom que o que era não estava bem. Sentou-se e se agarrou o peito. Queimava-lhe como se tivessem vertido fogo por sua garganta.  
Então recordou o que tinha passado.  
-Gregor está bem?  
-Está bem, -disse Glenna. -Salvou-te de te afogar.  
-Onde está agora?  
-Lutando contra MacNeil.  
Isso não era o que ela tinha esperado ouvir.  
-Devemos lhes ajudar, -disse a Glenna.  
-Você não está em condições de sair dessa cama, -aconselhou Frang.  
-Não posso perdê-lo, -discutiu Fiona.

-Por quê? -Perguntou Frang. -me dê uma boa razão para te permitir sair dessa cama e deixar o castelo.

-Amo-o.

Ele sorriu.

-Já era hora, -disse. -Glenna, ajuda a sua irmã a vestir-se de modo que as duas possam evitar que Gregor mate ao MacNeil.

Fiona se lambeu os lábios e quis rir. Tinha confessado em voz alta que amava ao Gregor. Seu coração se sentiu como se pudesse voar. Era livre, livre das ataduras que a tinham encadeado durante anos.

E tinha que dizer-lhe ao Gregor. Ela não permitiria que a oportunidade passasse dela outra vez.

\*\*\*\*

Gregor dobrou sua mão e tratou de tomar um profundo fôlego. Era ainda doloroso, e ele terminou por tossir.

-Você não está preparado para isto, -disse Conall a seu lado.

-Isso não importa. A batalha está lista para mim.

-Cuidarei-te as costas, -disse Conall enquanto saíam pelas portas.

Gregor divisou ao MacNeil imediatamente.

-Está preparado para morrer?

MacNeil riu forte.

-Vim por sua cabeça, Gregor MacLachlan.

-MacLachlan, -disse Conall.

Gregor chiou seus dentes. - Mais tarde. Contarei-lhe isso tudo.

-Tomarei a palavra, meu amigo, -advertiu Conall-. Se tivesse sabido que foi um MacLachlan te teria pressionado mais para saber o que aconteceu.

Gregor soprou e se deu volta para seu adversário.

-Suficiente conversação, MacNeil, -gritou-. Saca sua espada.

MacNeil fez o pedido e taloneou seu cavalo em uma carreira. Gregor olhou ao redor e viu a rocha ao lado do Conall. Ele empurrou ao Conall do caminho e rapidamente saltou sobre a rocha justo quando MacNeil o alcançava.

Com um rugido saltou da rocha e agarrou ao MacNeil tombando-o do cavalo. Ambos aterrissaram com um ruído surdo e rodaram sobre seus pés, prontas as espadas.

Gregor riu.

-Sua idade se deixa ver, ancião. Espero que haja mais nesta luta que isto.

MacNeil deu um passo e baixou sua espada para a cabeça do Gregor. Gregor facilmente o bloqueou, e esfaqueou o peito do MacNeil. MacNeil se atirou para trás e viu a magra linha de sangue.

-Pagará por isso, -disse-lhe e carregou outra vez.

\*\*\*\*

Moirá ouviu o ruído de espadas que chocavam ao mesmo tempo em que William.

-Matarei-o eu mesmo, -assobiou William.

-A quem? -Perguntou ela.

Não lhe respondeu e sentiu que se afastava. Tratou outra vez de afrouxar suas ataduras, mas a corda não era parecida com nada das que ela alguma vez tivesse encontrado.

Onde estava Dartayous?

O medo por suas irmãs e os Druidas quase a tinha tragado. Sempre tinha sido forte, mas encontrava difícil permanecer impassível apanhada pelo Maligno.

Como podiam ter estado tão cegos e não ver o que era William? Tudo tinha sentido agora. William se tinha partido para sua peregrinação pouco tempo antes que Glenna chegasse, e não havia tornado até agora.

-Dartayous, -sussurrou-. Por favor me ouça. Necessito-te.

«Por favor não permita que matem a Fiona».

\*\*\*\*

Gregor deu um passo de lado e levou sua espada para baixo e ao redor para bloquear ao MacNeil. Ele brandiu sua espada, mas MacNeil saltou fora do caminho antes que mais sangue pudesse ser vertida.

Sem vacilação, Gregor levantou seu braço sobre sua cabeça e baixou sua espada. MacNeil conseguiu bloquear o talho que teria talhado sua cara. Mas Gregor não foi dissuadido. Usou a força para empurrar ao MacNeil à direita. Então usou sua mão esquerda para agarrar o ombro do MacNeil, chutou-lhe os pés e o tombou.

Antes que tivesse a possibilidade de afundar sua espada no MacNeil, o envelhecido Laird conseguiu afastar-se rodando e ficar de pé. Gregor sorriu abertamente quando viu a cólera nos olhos do MacNeil, porque homens zangados não pensavam claramente.

\*\*\*\*

Lugus não podia acreditar o que viam seus olhos. MacNeil estava a ponto de morrer à mão do Gregor, e isso não podia passar.

-Pagará por isso, MacNeil, -prometeu-se Lugus. Ele podia conservar a Moira ou salvar ao MacNeil já que não podia trocar de lugar aos Druidas como podia induzir aos outros. Além disso, se ia tomar Escócia, tinha que salvar ao MacNeil.

Apertou as mãos e sentiu o impulso de matar. Finalmente tinha conseguido apanhar a Moira, e agora ia ter que liberá-la. Tudo porque MacNeil não podia escutar uma ordem.

Com um pensamento somente, liberou a Moira.

Gregor viu o MacNeil balançar um tortuoso talho para seu estômago e deu um passo dentro para apanhar o braço da espada do MacNeil. Gregor então empurrou ao MacNeil abrindo um talho em seu ombro direito.

MacNeil se agarrou forte o braço que sangrava e deixou cair sua espada. Gregor inclinou sua espada e rodeou ao MacNeil.

-Você não merece a morte de um guerreiro, -disse-. Depois dos estragos com que infestaste as Highland, morrerá sem sua espada.

Gregor sabia que era o maior insulto que podia dar ao MacNeil. Um guerreiro queria morrer como um guerreiro, a qualquer custo. Ele conseguiu a reação que procurava quando MacNeil bramou e lançou seu punho para sua cabeça.

Fiona, com a Glenna a seu lado, observou como Gregor dava um passo adiante e tomava o braço do MacNeil com sua mão esquerda. Então enviou seu cotovelo à mandíbula do MacNeil antes que voltasse a golpeá-lo com o punho.

MacNeil ficou assombrado, mas rapidamente atacou ao Gregor outra vez. Esta vez ele golpeou de lado na mandíbula do Gregor. Gregor subiu o braço esquerdo para bloqueá-lo e enviou um murro à mandíbula do MacNeil. Fiona esteve a ponto de usar seus poderes, mas se deteve quando compreendeu que Gregor não necessitava sua ajuda. Tinha ao MacNeil justo onde o queria. Mas os soldados do MacNeil estavam a ponto de interferir.

Levantou a mão e uma parede de água do alto de uma árvore grande se elevou do lago. O som alcançou os ouvidos de quão soldados retrocederam afastando-se do Gregor e MacNeil. Era o que Fiona queria, mas ela manteria a parede de água levantada se por acaso caso um deles tratasse de ajudar ao MacNeil.

-Gregor não pode matar ao MacNeil, -disse Glenna.  
-Não acredito que alguém possa detê-lo. Inclusive Conall só está de pé detrás dele, - advertiu Fiona.  
-Frang não deixou que Conall matasse ao MacNeil. Não importa qual seja a razão, a profecia deve cumprir-se. MacNeil deve sobreviver até então.  
Fiona olhou de sua irmã ao Gregor.  
-Não lhe deixarei matar ao MacNeil, -prometeu.  
Então seu olhar se encontrou com o Dartayous que vinha correndo para o Gregor e Conall.  
-Se ele estiver ali, então onde está Moira? -Os olhos marrons da Glenna estavam cheios de ansiedade quando se deu volta. -Ele nunca abandonaria a Moira.  
-Então isso deixa só uma conclusão. Ela se foi.  
-Não posso aceitar isso, -disse Glenna.

\*\*\*\*

Moira piscou e viu rodeada de árvores. A toda pressa procurou ao redor, mas não encontrou nenhum rastro do William ou a Sombra, ou qualquer fora seu verdadeiro nome.

Não se perguntou pelo retorno de sua vista, nem tampouco se sentou a esperar que ele retornasse. Ficou de pé e correu para o castelo. Seus pés voaram ainda mais rápido quando ouviu o som da batalha.

Com o estômago na garganta correu pelo bosque e descobriu a luta. Seus olhos exploraram a multidão até que viu o Gregor, Conall e Dartayous brigando. Seu olhar então voou ao castelo e ali divisou a Glenna e a Fiona.

O alívio a encheu. Fiona não estava morta. As lágrimas encheram seus olhos. Assim se atrasasse outras três vistas lhe daria o tempo que Fiona necessitasse para sanar.

\*\*\*\*

Enquanto Gregor tinha ao MacNeil enviou outro feroz murro a seu nariz. O sangue brotou por toda parte quando o osso se esmagou sob seu punho.

MacNeil se dobrou e gritou de dor. Gregor deu um passo para ele e fechou de repente um punho em seu ombro antes de tomá-lo do pescoço para mantê-lo quieto enquanto lhe atirava uma joelhada na cara. MacNeil caiu ao estou acostumado a agarrando-a cara.

A raiva do Gregor se cozia a fogo lento a um nível apenas controlável.

-É tempo para morrer, - disse-lhe e tomou o pescoço do MacNeil para rompê-lo.

No seguinte instante ele estava atirado sobre suas costas incapaz de mover-se. Abriu seus olhos pela força e divisou ao Maligno levando-se ao MacNeil.

E logo, tão rápido como tinha vindo, foi-se. Gregor se sentou para encontrar-se só ao Conall e a seus homens rodeando-o enquanto os soldados do MacNeil cavalgavam já longe. Então viu o Dartayous.

-Onde está Moira? -perguntou-lhe enquanto ficava de pé.

Dartayous olhou abaixo para o chão.

-falhei. O Maligno a capturou. Usou a magia Fae para ocultar a de mim.

-O que? -Conall e Gregor perguntaram ao unísono.

Frang falou enquanto se aproximava, -Você não falhou, Dartayous. O Maligno liberou a Moira. No momento. Não pode transportar a um Druida devido aos poderes que o Druida possui.

Todos se deram volta para ver a Moira, a Glenna e a Fiona que corriam para eles. Gregor nunca tinha estado mais feliz de ver a Fiona. Envolveu seus braços ao redor dela e a balançou ao redor.

-Pensei que te tinha perdido, -disse quando a deixou de pé.

Fiona sorriu através de suas lágrimas.

-Nunca. Compreendi quando fui golpeada na cabeça que eu não te havia dito nada.

-Não importa. Está viva. Isso é o que me importa.

-Somos companheiros, -disse e pôs seu dedo sobre seus lábios. -Eu sabia quase desde o começo, mas tratei de negá-lo. Não mais. Quero que o mundo saiba que estamos unidos. a partir de agora até a eternidade. Amo-te, Gregor.

-E eu te amarei sempre.

Ela esqueceu tudo e a todos quando seus lábios a reclamaram em um beijo que só um companheiro poderia dar. Isto tocou sua mesma alma e lhe deu a paz que ela tinha estado procurando. Tudo estava bem com o mundo agora.

Os sons da ovação irromperam em seu mundo. Ela e Gregor se separaram e foram envolvidos pelos abraços do Conall e Glenna.

Fiona se deu volta e descobriu a Moira. Era hora de deixar o passado atrás. Cortou a distância que as separava.

-Sinto muito. Eu nunca devi te tirar de minha vida.

Moira se encolheu de ombros e sorriu.

-Foi ferida. Entendo-o. Nunca devi te deixar essa noite, tampouco devia me manter longe todos estes anos.

-Isso não importa agora, -disse-lhe Fiona-. Estamos juntas. Por fim. Mamãe e Papai estariam orgulhosos, -disse e puxou a Glenna para ela.

Abraçaram-se umas às outras. Três irmãs, benditas pelos Fae e protagonistas de uma profecia, finalmente estavam juntas.

A felicidade afligiu a Fiona e seu olhar encontrou a do Gregor. Com seu amor podia fazer algo, e com suas irmãs a seu lado se sentiu completa.

-Pela eternidade, -moveu os lábios Gregor.

-Pela eternidade, - jurou ela.

## Capítulo 32

A festa continuou toda a noite. Fiona e Gregor não se separaram um do outro em nenhum momento.

–O que é o seguinte? Perguntou-lhes Conall.

Gregor lhe tinha crêdulo suas costas durante a batalha e isso lhes tinha unido mais em sua amizade.

–Devo me ocupar de meu pai.

–A profecia ditou novos caminhos, ainda há tempo –lhes disse Fiona.

Conall cabeceou.

–Assumirá o papel do Laird?

–Se o clã me aceitar.

Fiona riu com força. –Eles lhe aceitarão. Necessitam-lhe.

A chegada do Frang esfriou os bons ânimos de todos. Fiona e o resto o seguiram até chegar ao solar.

–O que aconteceu?

Frang suspirou profundamente e pareceu envelhecer ante seus olhos.

–O bastardo que tentou matar a Glenna e a Ailsa, é um Fae, conhecido como Guillermo. Tomou detento ao Aimery.

–O que significa isto segundo a profecia? –perguntou Gregor.

–Isto significa... –Frang lhe começou a dizer contemplando a Moira –Que deverá encontrar a chave que lhes permitirá entrar no mundo das Fae e liberar o Aimery.

A frente da Moira se enrugou de confusão.

–por que eu?

–Glenna e Fiona tiveram que fazer uma viagem para chegar aqui, e seu também. Se Guillermo estiver aqui quando ocorrer a profecia então ele assumirá todo o controle.

–Controle do que? –perguntou Glenna.

–De toda Escócia, do mundo inteiro. Por isso ele não deve ter êxito.

Todos se giraram e olharam a Moira.

–Então me partirei imediatamente.

–Com o Dartayous. –disse-lhe Frang.

Moira e Dartayous compartilharam um breve olhar.

Fiona correu para a Moira para abraçá-la. –Sei cuidadosa. Se nos necessitar...

–Sei. –Moira riu e abraçou a Glenna.

–Partam a ver o pai do Gregor. Ele esperou por muito tempo sua volta, sobrevivendo graças à esperança de voltá-lo para ver. Não o façam esperar mais.

Fiona assentiu e se aproximou do Gregor e se abraçaram.

–Dartayous a cuidará. –disse-lhe Conall enquanto Glenna se aproximava até ficar ao lado deles.

Olharam como Moira e Dartayous se internaram no bosque caminho ao Círculo de pedra. Depois de reunir as provisões começariam seu comprido viaje.

–Glenna sabe a que chave se refere Frang? –perguntou-lhe Fiona.

–Não. Não sabia que se necessitasse uma chave para entrar no mundo das Fae. Pensei que nos tinham a entrada proibida.

Gregor e Conall assentiram lhe dando a razão.

–Frang disse que nós tivemos que fazer uma viagem. –disse Fiona– Nossas viagens conduziram a nossos Companheiros.

–Então também deve ser o mesmo para a Moira. –esteve de acordo Glenna

–Dartayous. –disseram ao unísono.

## Epilogo

Fiona ia montada a cavalo ao lado do Gregor quando entraram pelas portas do castelo MacLachlan. A gente se aproximou deles, mas a mulher que baixava com pressas as escadas do castelo atraiu a atenção do Gregor. Com uma risada em sua cara Fiona olhou ao Gregor saltar do Morgane e girar a sua mãe ao redor em um abraço feroz. Fiona se deslizou de seus arreios e logo se encontrou outra vez em seus braços. Finalmente tinha uma família, e uma casa a que podia chamar própria.

-Mãe eu gostaria de te apresentar a minha esposa. -disse Gregor.

Helena riu calorosamente. -Sabia-. Disse enquanto beijava a Fiona na bochecha.

-Bem-vinda à família. Agradeço-te que salvasse ao Beathan.

-Então ele segue com vida? -perguntou Gregor.

-Sempre, filho. -respondeu Helena- Venham a vê-lo.

Eles logo que tinham entrado em castelo e estavam subindo as escadas, Helena conduziu ao Gregor para o vestíbulo.

-Bem, sabe o que tem que fazer. -disse-lhe ela tirando do braço a Fiona.

Fiona entrou na antecâmara onde se encontrava Beathan recostado sobre a grande cama.

Sorriu-lhe. - Sabia que voltaria. -Disse-lhe-. Retornaste para ficar ?

-Sim, meu Laird.

Ele agitou uma mão lhe subtraindo importância a suas palavras.

-Nada disso jovem. É da família.

Fiona sentiu o coração alagado de felicidade. Ela esteve a ponto de lhe dizer o feliz que havia lhe jogado suas palavras quando o Laird ficou olhando com a boca aberta a porta de entrada à antecâmara.

Ela seguiu seu intenso olhar e ali estava Gregor vestindo o tartán do clã MacLahlan.

-Com kilt! -disse-lhe levantando a cabeça para lhe olhar aos olhos.

Depois de receber seu beijo, lhe disse.

-Eu gosto com kilt.

Ele riu com força e se aproximou para ver seu pai. Fiona e Helena abandonaram a habitação deixando-os sozinhos.

Já haveria tempo para divertir-se, mais tarde. Anos de fato.

Fim



Prepare-te para a próxima história romântica do Vale dos  
Druidas da Donna Grant

Amanhecer nas Highland

Noite nas Highland

